NO COMPASSO DO CORAÇÃO



Autora do *best-seller Em rota de colisão*

BAL KHABRA

Alt


DU

BAL KHABRA

NO COMPASSO DO CORAÇÃO

Tradução
Leticia Zumaeta

Alt

Bal Khabra é uma escritora canadense, entusiasta de romances e amante de livros. Antes de decidir mergulhar no oceano da escrita, ela passava seu tempo falando sobre livros nas redes sociais. Quando a inspiração bate, ela é encontrada enchendo seu bloco de notas com ideias para romances. Bal adora ler sobre o amor, assistir a filmes sobre o amor e, agora, escrever sobre esse sentimento. Realmente não há muito mais que faça seu coração vibrar como os "felizes para sempre" fazem. Ela se apaixonou pela escrita e espera continuar a viver seus sonhos de autora por bastante tempo. Pela Alt, já publicou *Em rota de colisão* e *No ritmo do jogo*.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Playlist

Dedicatória

1. Dylan

2. Sierra

3. Dylan

4. Sierra

5. Dylan

6. Sierra

7. Dylan

8. Sierra

9. Dylan

10. Sierra

11. Dylan

12. Sierra

13. Dylan

14. Sierra

15. Sierra

16. Dylan

17. Sierra

18. Dylan
19. Sierra
20. Dylan
21. Sierra
22. Dylan
23. Dylan
24. Sierra
25. Dylan
26. Dylan
27. Sierra
28. Dylan
29. Sierra
30. Sierra
31. Dylan
32. Sierra
33. Dylan
34. Sierra
35. Dylan
36. Dylan
37. Sierra
38. Dylan
39. Sierra
40. Dylan
41. Sierra
42. Sierra

43. Dylan
44. Sierra
45. Dylan
46. Sierra
47. Dylan
48. Dylan
49. Sierra
50. Dylan
Epílogo. Sierra
Agradecimentos
Créditos

PLAYLIST

SEX, DRUGS, ETC. – Beach Weather
MAKING THE BED – Olivia Rodrigo
IN THE FLESH? – Pink Floyd
I KNOW ? – Travis Scott
THE GREATEST – Billie Eilish
MIRRORBALL – Taylor Swift
BACK TO BLACK – Amy Winehouse
WONDERING WHY – The Red Clay Strays
LAY ALL YOUR LOVE ON ME – ABBA
COLD – Chris Stapleton
THE WALLS – Chase Atlantic
SPORTS CAR – Tate McRae
I WANNA BE YOUR SLAVE – Måneskin
STARRY EYES – The Weeknd
NOTHING'S GONNA HURT YOU BABY – Cigarettes After Sex
THE SPINS – Mac Miller and Empire of the Sun
COMING DOWN – The Weeknd
SOMETHING THAT I WANT – Grace Potter
IMPERFECT FOR YOU – Ariana Grande
BLOOM – The Paper Kites

Para todos que já precisaram
juntar os caquinhos e se reconstruir,
mesmo quando as peças não
se encaixavam mais.

1

DYLAN

— Deu ruim no seu antidoping.

Merda.

Com o celular no ouvido, abaixo a cabeça até encostar no volante, sentindo o couro frio marcar minha testa e resistindo à vontade batê-la até me esquecer de tudo que deu errado desde que coloquei os pés no campus ontem.

O semestre na Universidade Dalton começou pra valer. Bom, as aulas podem ser só a partir da semana que vem, mas o hóquei com certeza está à toda. Diferentemente dos outros treinadores, o Kilner insiste em fazer todas as apresentações de uma vez e livrar-se disso logo, determinado a não perder nenhum segundo precioso de treino. Imagino que ele acorde no susto todo dia, suando frio, obcecado em manter o recorde de vitórias consecutivas no Frozen Four.

Então, ouvir essas fatídicas palavras de Vik Chopra, do curso de medicina, pelo telefone às seis da manhã me deixa tão sem chão que a minha ressaca até diminui. Ressaca esta que eu nem deveria ter, pra começo de conversa.

Vik, que faz trabalho voluntário no Hospital Universitário, é o primeiro a saber de qualquer coisa relacionada à saúde no esporte. Ele foi um dos candidatos à Kappa Sigma Zeta ano passado, e o ajudei a entrar na nossa fraternidade. Essa ligação é como se fosse uma forma dele me retribuir o favor.

A festa da semana passada, logo antes de fazermos os exames antidoping pré-temporada, foi basicamente corpos suados, álcool e maconha. A típica experiência universitária — muito embora as festas que

dei tenham sido muito mais insanas —, mas não me lembro de nada a não ser de duas garotas, uma de cabelo preto e outra de cabelo cor-de-rosa, que queriam muito me mostrar o quarto delas. Foi ótimo, como sempre, e ninguém dormiu naquela noite. Foi por isso que acordei no meio da tarde, com o sol na minha cara e marcas de cordas nos punhos.

Tenho só alguns lampejos de memória, mas acho que é melhor não lembrar direito de como fiquei bebaço e se ingeri alguma coisa além de uísque e cerveja, o que claramente aconteceu.

Mas uma coisa de que me lembro — muito bem, inclusive — é da chamada de vídeo com meus pais logo antes de sair de casa. Desliguei na cara deles, e foi quando Tyler Sampson, nosso capitão substituto, me mandou uma mensagem chamando para a festa. Se eu não estivesse tão irritado por causa da ligação, teria tido o mínimo de bom senso e recusado. Deveria ter percebido que esse semestre tinha começado mal quando vi que estava indo para uma festa de *Yale* por vontade própria.

— Você consegue dar algum jeito? — pergunto.

Em outras palavras: *Abafar o caso*.

É pedir muito de Vik, ainda mais porque ele é bolsista e a cota filantrópica da fraternidade. O cara organiza campanhas de arrecadação de fundos e supervisiona festas só porque é gente boa. É o tipo de pessoa a quem você confiaria em deixar seu drinque, enquanto eu sou a pessoa que acabaria *bebendo* seu drinque. O cara é um maldito santo. Já a irmã dele, por outro lado… Bom, digamos que ela é o motivo de eu estar no estacionamento do dormitório da Casa Iona às seis da manhã, mas eu que não vou dizer isso a ele.

— Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, Dy — responde Vik com um suspiro pesado. — Mas até mesmo um teste inconclusivo poderia levantar suspeitas. De qualquer forma, o diretor esportivo e seu treinador iam receber e-mails a respeito. — Ouço uma série de cliques em um teclado. — Posso deixar seu resultado confidencial por enquanto e depois ver o que dá pra fazer.

— Obrigado, mano. Qualquer novidade me avisa.

Deixo o celular cair no console central do carro. Se isso vazar, estou ferrado. Minha convocação para Nova York no mês passado não vai significar porra nenhuma, porque ainda não assinei o contrato. Nada como um toxicológico positivo para te jogar de volta à realidade.

O sol ainda está nascendo quando saio do estacionamento e me afasto da Casa Iona. Ontem à noite, Mehar — a irmã de Vik, que faz parte do time de natação — me chamou para a festa de pré-temporada deles. Segundo Mehar, eu a lembrava de Nicolas Vasquez, um jogador de futebol que ela adora. Não me incomodei nem um pouco quando ela me convidou para seu quarto. E não foi o nome de Nicolas que ela gemeu quando passou as mãos pelo meu corpo e enganchou as pernas na minha cintura.

Quando entro na casa do hóquei — meu refúgio fora do campus, porque me recuso a ficar na fraternidade —, encontro Kian estatelado com a cara no chão da sala de estar. Há um livro didático aberto na mesinha de centro e uma cumbuca de cereal de aveia com leite já molengo.

Kian Ishida e eu somos amigos desde a segunda série. Na época eu ainda achava que ele era o aluno novo quietinho, recém-chegado do Japão para morar com a tia em Connecticut. A partir daí já ficamos de detenção tantas vezes que perdi a conta e entramos raspando em Dalton.

Ontem, havíamos prometido que aquela seria nossa última festa e que a gente não ia ficar de zoação neste semestre. O anterior tinha sido pesado: o treinador Kilner nos torturou a temporada inteira, porque Yale vandalizou nosso campus depois que os convidamos para uma festa. Então, muito embora Kian tivesse arrasado no karaokê noite passada, ainda assim ele se arrastou da cama com toda a ressaca do mundo para ler os textos que precisava antes do início das aulas.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Só dando um tempinho aqui no chão. — Suas palavras saem abafadas pelo tapete persa.

— Esse tapete tá imundo. — Já estava aqui *antes* de nos mudarmos, e as festas que rolaram desde então certamente contribuíram para o zilhão de bactérias que devem morar nesse troço.

— Eu também tô — responde ele. Então, de uma só vez, fica de pé e tateia em busca do celular. — Perdi a hora do grupo de estudo? — Kian suspira alto quando percebe que ainda é cedo.

Na cozinha, vasculho a geladeira, já sabendo que ali é um cemitério de sobras questionáveis. Potes de condimentos pela metade, leite, um pedaço de pão velho e um pouco de suco de laranja.

Kian entra na cozinha.

— Por que acordou tão cedo? O treino é só à tarde, embora Sebastian e Cole já estejam no rinque. Eles não querem irritar o Kilner de jeito nenhum.

Isso explica por que nossos outros dois colegas de casa, que já estão no último ano, não estão por aqui. A casa parece vazia. É o primeiro semestre de volta desde que Aiden Crawford (nosso antigo capitão) e Eli Westbrook (ex-defensor) foram para a liga de gente grande. Se Kian e eu não tivéssemos passado os últimos quatro anos de enrolação, na expectativa de sermos recrutados mais cedo, estaríamos junto com eles. Em vez disso, estamos empacados aqui no último semestre, porque adiamos as negociações livres caso a convocação não desse certo pra gente. E que bom que deu, mas mesmo assim ficamos para trás e temos que completar o curso antes de entrarmos para o time no ano que vem.

— Acabei de chegar. — Tomo o restante de uma caixa de suco de laranja pela metade. Seria idiota da minha parte dar qualquer pista a Kian de que acabei de ferrar minha vida e a do time. Ele fica obcecado em resolver tudo para todo mundo, e com certeza não preciso disso agora.

— Estava com a Crystal? Vocês dois não se desgrudaram ontem à noite.

Não me lembro de absolutamente nada além de ter acordado com alguém que com toda certeza não se chamava Crystal. Contudo, tenho alguns lampejos bem vívidos de Kian arrancando a camiseta porque estava em chamas, e depois de todo mundo pulando na piscina. Isso explica por que estou vestindo uma camiseta que não é minha. Devo ter pulado na piscina também.

— Tá tudo bem? — pergunta Kian diante do meu silêncio.

Ele está me observando com olhos de águia, esperando que eu diga algo que explique por que voltei para casa tão cedo. Depois da mensagem de Vik pedindo para ligar para ele, escapuli da Casa Iona para o carro.

— Por que não estaria?

— Só tô perguntando. — Ele dá de ombros. — Aliás, chegou isso aqui pra você.

Kian me entrega um envelope branco e, no momento em que vejo o brasão familiar pretensioso dos Donovan, quase amasso o papel.

— Valeu — murmuro.

— Parece chique. O que é?

Tensiono a mandíbula ao lembrar da chamada de vídeo, do sorriso de cada um deles — o fraco da minha mãe e o amarelo do meu pai —, tão juntinhos na tela, como se os dois estivessem tentando se enganar. Eles falaram sobre recomeçar, sobre fazer tudo voltar a ser como antes, como se nada tivesse acontecido. Desliguei antes de terminarem.

Como minha mãe conseguia fingir que esqueceu todas as noites sem dormir, os dias sem comer? Ou que tive que alimentar ela e Ada nos dias em que ela não conseguia nem olhar para minha irmãzinha?

— Nada importante.

Vou para o meu quarto antes que ele faça mais um monte de perguntas. Jogo o envelope em cima da mesa, e ele cai atrás de um porta-retrato com uma foto minha e de Ada na nossa última competição de patinação em dupla. A gente amava aqueles momentos juntos, até percebermos que só minha mãe ia nos assistir.

Entro direto no chuveiro, ansioso para tirar aquela roupa manchada de cerveja e cheirando a erva. Meu quarto não tem nada de especial, mas meu chuveiro é meu santuário. Quando os avós de Aiden compraram esta casa para ele no primeiro ano da faculdade, ele não hesitou em abri-la para todos nós, sem cobrar aluguel, muito embora eu tenha insistido inúmeras vezes. Fico muito grato, ainda mais porque sou tecnicamente um membro ativo da Kappa Sigma Zeta.

Eu não tinha planejado ficar tão bêbado durante aquela semana a ponto de me candidatar sem querer, mas fui aceito na mesma hora. Kian, por outro lado, tentou mas não conseguiu. Passei semanas ouvindo a ladainha.

Entro debaixo do jato, sentindo a água encharcar meu cabelo e a espuma do sabonete deslizar pelo meu corpo. O latejar na minha cabeça — com a notícia de Vik, a ligação dos meus pais e a bebedeira irresponsável da noite passada — vai se dissolvendo com a água que desce pelo ralo. Este é o único lugar em que consigo respirar e fingir que tenho minha vida sob controle; ninguém nunca esteve aqui comigo, e é assim que eu gosto.

Quando estou terminando de me vestir, Kian bate na porta.

— O treino mudou de horário! — grita ele. — Te espero no carro.

O som agudo do apito do treinador atravessa minha dor de cabeça de ressaca feito uma lança.

— Isso parece um time da Divisão A pra vocês? Puta merda, até a galera do Juvenil jogou melhor hoje.

— Olha, o Juvenil é bom pra caramba — digo.

— Dá uma colher de chá pra gente, treinador. Acabamos de voltar das férias. Sabe como é. — Kian pisca e vai patinando até Kilner para dar um soquinho brincalhão em sua barriga.

O treinador Kilner pode até ser mais lento hoje em dia, mas com certeza faria um estrago em qualquer um no mano a mano. Ele ignora a brincadeira e, graças aos céus, não quebra a mão do nosso ala-direita.

— Vocês têm muito trabalho pela frente, então no próximo treino quero ver todo mundo chegando aqui sem essa cara de quem ficou na gandaia o verão inteiro. O novo capitão vai se certificar disso, não vai, Dylan?

Hein?

— Você quer dizer Sampson, né?

Tyler Sampson, nosso capitão substituto depois que Aiden saiu, balança a cabeça. Apesar de ter passado quase todos os dias do verão ao lado de Sampson, nossas conversas raramente iam além do papo de boteco. Era simples: a gente enchia a cara e depois fazia tudo de novo.

— Estou renunciando — diz ele, e todos ficam muito quietos. — Com o curso de Direito, não tenho mais tanto tempo livre, então não posso ser o capitão que esse time precisa. A gente votou e elegeu você.

Eleição? Quando foi que a gente votou, cacete?

— Quem não vota abdica de seu direito à democracia — diz o treinador Kilner.

Kian patina para trás, trombando comigo.

— Lembra o aniversário do Aiden, semestre passado? Você perdeu o treino do dia seguinte. Foi naquele dia que a gente votou.

Relembrar isso me dá um nó no estômago. Foi em fevereiro, bem quando minha mãe ligou chorando por causa do meu pai. Porque ele nunca estava presente e ela estava farta de tudo aquilo.

Eu me viro e vejo os caras me olhando como se fosse a coisa mais normal do mundo, então cai a ficha de que a maior parte desses idiotas estão em fraternidades. Em uma tentativa de me envolver mais com o time e minha própria fraternidade, meio que acabei virando o mentor de alguns.

Eles treinavam comigo individualmente, mas não achei que ia dar *nisso*. Virei um maldito santo para eles.

— Viva o seu novo capitão, Dylan Donovan!

Os gritos de comemoração ecoam pelo rinque, mas ainda nem terminei de processar essa merda. *Capitão?* Mas nem fodendo.

— Treinador, você não tá falando sério.

— Eu não controlo a votação. É isso que seus colegas de time querem. E, levando em conta que você vai pra Nova York ano que vem, talvez seja uma boa aprender sobre liderança e disciplina, pra variar.

Puta merda, eu vou passar mal. As palavras são como um alfinete em um balão já meio murcho.

— E eu não posso opinar?

— Tá na hora de assumir responsabilidades, Donovan. Acabou a bagunça.

Preciso falar para ele sobre o toxicológico. Preciso falar *alguma coisa*, mas uma parte de mim ainda tem esperança de que Vik vai dar um jeito e vou me livrar dessa confusão.

— A nova escalação vai ser postada até o próximo treino. Estão dispensados — finaliza Kilner.

No vestiário, os caras cantam "DD! DD!" quase ao ponto de eu dar uma surtada. Tiro o equipamento, sentindo a frustração borbulhar enquanto encaro minha camisa. Há muito tempo, podia até ver o *C* costurado ali, mas aquele sonho morreu no momento em que fui rotulado de "irresponsável" e "agressivo" por todos os árbitros e comentaristas.

Kian se aproxima com um sorriso tímido.

— Eu votei em você, mas foi de zoeira.

— É? Bom, sua maldita zoeira virou minha realidade.

Ele desaba no banco ao lado do meu armário.

— É só um semestre. Não deve ser tão ruim assim.

Quando já não aguento mais, vou para o escritório de Kilner, desviando dos caras me parabenizando na saída. Mas, assim que estou prestes a irromper pela porta, eu paro.

A cara de decepção de Kilner é pior do que qualquer coisa que eu já tenha enfrentado. E não posso dizer para ele por que esse negócio de capitão é uma péssima ideia, não até ter resolvido a questão do exame antidoping.

Me afasto da porta, e na mesma hora Kian esbarra no meu ombro, me trazendo de volta à realidade — na qual ninguém sabe o tamanho da merda que fiz. Ainda.

Kian levanta os olhos do celular.

— Sei que a gente devia se comportar — sussurra ele —, mas vai ter festa da Beta Phi hoje.

Eu sei que não deveria, não com tudo em risco assim, mas que se foda. Esse é um problema para amanhã.

— Tô dentro.

2

SIERRA

Quando minha cabeça bate no gelo, ouço meu crânio rachar antes de a minha visão escurecer.

O grito de pânico da minha mãe ecoa em meio ao caos, sua voz se misturando a uma cacofonia de sons ao meu redor. Sinto meus patins pesarem como se fossem feitos de chumbo. Estou deitada no gelo, imóvel, o corpo inteiro dormente. Perco e recobro a consciência. Ouço o uivo agudo e contínuo de uma ambulância…

— *Sierra.*

Desperto bruscamente da escuridão do meu pesadelo como se tivesse acabado de romper a superfície de um lago congelado. Respiro com dificuldade, provocando ruídos, meu fôlego preso sob o impacto das lembranças manchadas de sangue.

— Sierra. — A cadência de uma voz familiar me traz de volta, seguida por um toque frio no meu pescoço, me ajudando a levantar. — Está tudo bem, já passou. Você está segura.

Você está segura.

As palavras ecoam, abafadas pelo zumbido nos meus ouvidos, mais altos que as sirenes. Arregalo os olhos e me sento na cama.

O abajur banha meu quarto com um suave brilho amarelado. Scarlett está sentada do meu lado, seu cabelo vermelho-cereja amarrado em duas tranças frouxas. Ela coloca uma bolsa térmica na minha nuca e uma gota de água gelada escorre pelas minhas costas, me trazendo de volta ao presente. Abraço os joelhos, puxando o cobertor junto e abaixando a cabeça.

— Desculpa — sussurro, tentando me concentrar na respiração.

Respirar. É algo tão automático e, ainda assim, preciso me lembrar de fazê-lo. Que patético.

Estou acordando desse jeito toda noite desde que voltamos para o campus, três dias atrás. Normalmente, consigo me recuperar sozinha, mas hoje Scarlett deve ter me ouvido pelas paredes finas do dormitório.

Ela me oferece um copo de água e, com a mão trêmula, eu o pego e bebo tudo de uma só vez. O líquido faz uma onda gelada viajar pelo meu corpo, relaxando minha postura tensa.

Scarlett passa a mão nas minhas costas, fazendo os vários pingentes em sua pulseira tilintarem.

— Nervosa com o dia de hoje?

Hartford, em Connecticut, é o lar da Universidade Dalton. Vivi nesta cidade minha vida inteira. A primeira vez que patinei foi na arena da universidade. E quando o programa de patinação artística de Dalton se tornou elegível para a União Internacional de Patinação, sabia que iria me matricular.

Hoje é, oficialmente, meu primeiro dia de volta ao rinque desde o acidente. As seis semanas que passei no Hospital Geral de Hartford, ano passado, parecem ter sido há uma eternidade — e, no mundo da patinação, foi mesmo. Desde então, fiz de tudo: acrobacias no solo, academia, pilates, balé, natação… Uma parte de mim sabe que toda essa preparação para voltar ao gelo é só um jeito de me distrair, mas não dá mais para fugir. Antes do rinque ter se tornado cruel e imperdoável, era o meu lar, e já estive longe por tempo demais.

— Deve ser só meu corpo se preparando pra ouvir os gritos da Lidia por duas horas — digo.

— Se tem alguém no mundo que dá conta disso, é você, Si. Mas odiaria te ver se colocando tanta pressão assim, depois de tudo. É pra ser divertido. Todo esse estresse não vai te ajudar a se recuperar.

— Faz mais de um ano. Já me recuperei.

Scarlett levanta as sobrancelhas, e caio de novo na cama. Minhas agulhas de tricô, que enfiei em um novelo de lã amarela mais cedo, rolam perto dos meus pés.

— Sério, eu tô ótima. Só quero que as coisas voltem a ser como eram antes.

Quando eu podia fazer o que quisesse, sem meu cérebro me impedir. Quando eu não tinha medo.

— Que bom, porque as meninas do quarto da frente perguntaram se a gente quer carona pra festa.

Quase solto um grunhido. Tem aquela famosa festa de boas-vindas da Beta Phi, a antiga sororidade de Scarlett. Minha melhor amiga é a última pessoa que alguém imaginaria fazer parte de uma sororidade de Dalton, com todas as tatuagens e o cabelo colorido, mas ela foi uma ótima irmã. Sei disso porque, quando ela renunciou, as companheiras dela me encheram de mensagens implorando para que eu a convencesse a voltar.

Scarlett pegou aulas online naquele semestre e ficou do meu lado enquanto eu assistia distraidamente a qualquer coisa que passasse na televisão do hospital. Em alguns dias, eu implorava para ela ir embora, para não se afundar na amargura junto comigo, mas ela nunca ligava. Nem mesmo quando, com raiva, eu disse várias coisas das quais me arrependo até hoje. Scarlett nunca me deixou. Ela ia me buscar em toda sessão de terapia e foi num desses trajetos para casa que conversamos sobre voltar ao campus e morar em um dormitório juntas no último ano. Até agora, isso quer dizer um teto com manchas de umidade e a possibilidade de pegar pé de atleta no banheiro comunitário.

— É uma festa neon e os drinques de lá são sempre ótimos — diz ela, realmente começando a me convencer.

— Só se você me emprestar aquela sua saia branca — respondo, cedendo.

Ela se ilumina toda com um sorriso contagiante. É a primeira vez que ela olhou para mim com animação de verdade desde aquelas nuvens soturnas que pesaram no ano passado. Preciso fazer isso por ela.

— Claro! Mas, só pra constar, você poderia ir de moletom e camiseta velha e ainda assim ficar gostosa.

Ela desliga o abajur, mas se detém à minha porta para piscar para mim.

Dou risada, mas é inútil contra o nó de ansiedade que se forma na minha garganta.

— Você que manda nesse rinque — digo a mim mesma, encarando o espelho retrovisor do carro.

O exercício de respiração não me fez tirar as mãos do volante, os nós dos dedos brancos de tanta força. Já estou no carro há meia hora, observando o time de hóquei sair da arena como se fosse uma stalker. A música que toca no sistema de som me dá impulso, e, antes que possa mudar de ideia, passo a bolsa de ginástica por cima do ombro e pulo para fora.

Vapt-vupt, Sierra. Uma nostalgia sombria recobre meu corpo como piche quando vejo a arena. Engulo em seco e dou um passo hesitante para a frente e depois dois para trás. Se tiver alguém me olhando, deve achar que sou doida. Às vezes, parece que sou mesmo.

Meus pés continuam plantados no chão enquanto tento lutar contra a enxurrada de lembranças me arrastando de volta ao ano passado, mas todo o esforço é inútil — elas sempre conseguem ressurgir das profundezas.

Então as portas se abrem com um barulho. O cara que sai de trás delas é tão grande que toma a moldura inteira. Parece perdido em pensamentos, mas quando me nota, segura a porta aberta para mim. Ele é enorme, de ombros largos. Deve ser do hóquei, a julgar pela bolsa gigantesca de equipamentos. Seus cabelos castanhos e ondulados estão bagunçados, como se ele tivesse passado a mão neles milhares de vezes. Ele é o tipo de jogador da NCAA, a Associação Atlética Universitária Nacional, que você vê em todas as redes sociais, com vários perfis de fã-clube e um contrato incrível da Liga Nacional esperando por ele.

Nervosismo à parte, fiquei esperando no carro justamente para evitar esse tipo de interação, mas, olhando pelo lado bom, agora eu *tenho* que entrar. Depois de sussurrar para mim mesma algumas afirmações positivas, percebo que ele ainda está me encarando, os olhos escuros esquadrinhando meus lábios. Deve achar que estou lançando um feitiço ou algo assim.

— Você vai entrar? — pergunta, com uma voz grave e rouca.

Ele abre ainda mais a porta, como se eu não estivesse ouvindo direito. A visão do corredor azul faz meu coração bater como uma bomba-relógio, ameaçando me fazer encolher em posição fetal. Meu Deus, imagina a vergonha que seria!

— Se eu soltar, a porta vai trancar — diz ele, mais suave dessa vez.

Só consigo piscar.

— Eu não mordo, se é disso que você tá com medo. — Seus lábios se curvam em um sorrisinho presunçoso. — *Prometo*.

Ele fala como se quisesse que eu fosse lá descobrir se é verdade. A antiga Sierra teria uma réplica na ponta da língua para o jogador de hóquei convencido, mas não sou mais ela há um bom tempo. Passo por ele e entro no prédio.

— Divirta-se — comenta, de um jeito casual, deixando as palavras ficarem no ar como um eco.

Sigo para o vestiário, amarro os patins e me encosto no armário, murmurando mais afirmações. Não demora muito para que eu comece a viajar de novo.

As lembranças manchadas de sangue agora me fazem de refém. O rosto da minha mãe, banhado em lágrimas, e o desespero na voz dela me chamando de novo e de novo…

— *Devushka*.

Volto ao presente com um sobressalto e bato a cabeça no armário. A lufada de ar frio e o cheiro de cloro me envolvem de uma só vez. Olho para cima e encontro a treinadora Lidia Orlov. Cabelos castanho-escuros, sobrancelhas arqueadas e lábios apertados em uma linha fina de preocupação.

Merda. Está acontecendo de novo. De manhã, tentei todas as minhas técnicas de relaxamento: respiração, contagens, exercícios de controle emocional, tricô… Se bem que essa última é um exagero, agora que já tricotei cachecóis suficientes para uma família inteira.

— Se hoje não der, se for demais, podemos tentar de novo na semana que vem — diz Lidia.

O sentimento de pena dela é como um soco no estômago. Ela está até com a mesma cara que todo mundo faz desde o acidente, como se eu tivesse virado uma coisinha frágil, *fraca* demais para voltar a ser o que fui. A pessoa não pode nem abrir a cabeça no gelo, cair em cima dos patins de seu parceiro e sofrer um colapso pulmonar que todo mundo começa a te tratar diferente.

— Eu tô pronta, só não dormi muito bem noite passada. — Ou noite nenhuma, mas não conto isso a ela. Não aceito mais uma pessoa desistindo de mim.

— Como é que tá aqui? — Lidia indica a própria testa, me analisando com olhos de águia.

Minha cabeça? Ah, tá uma bagunça.

— Como uma máquina — digo, em vez disso. Se essa máquina for jogada no chão e despedaçada em várias partes minúsculas. E se então espalharem essas partes por todo o estado de Connecticut e as deixarem lá esperando que eu vá buscar e remontar, uma por uma.

Com isso, coloco o protetor de lâmina dos patins e me levanto do banco de uma vez, ajeitando a legging e sentindo o peso familiar da minha tornozeleira. Nem sei por que ainda a uso, já que foi meu ex-parceiro que me deu. Mas é um amuleto de boa sorte, e na única vez em que esqueci na mesa de cabeceira do hotel, foi o dia em que caí. Vai entender.

É o gelo que tem que ter medo de você. Minha abordagem mais agressiva na sessão de hoje é graças ao propranolol. O comprimidinho cor-de-rosa que tomei hoje de manhã é a única razão para minhas pernas não terem cedido. Não sinto aquele aperto no peito e também não surtei. Nem vou. Hoje, não.

— Faça só o que estiver segura — aconselha Lidia quando piso no gelo. Essa mulher é conhecida por ser tão fria quanto o inverno russo, mas agora está passando a mão na minha cabeça. Sua voz do passado ainda soa alto na minha mente: "O gelo não vai te morder, Sierra." "Nesse ritmo, o Zamboni vai te atropelar."

Dou uma primeira volta confiante, ou pelo menos finjo que sim, mas no segundo em que tento um salto básico, tudo dá errado. Minha aterrissagem é tosca, sem firmeza, nem um pouco como a de uma ex-atleta Olímpica. O próximo salto que dou quase não tem altura, uma tentativa patética que só faz o nó em meu estômago se apertar e meus olhos arderem. *Sem chorar.*

Mais ou menos uma hora se passa nesse festival de amadorismo, de bancar o Bambi no gelo enquanto me forço a não deixar as lágrimas de frustração rolarem. Meu primeiro treino de volta e todas as promessas que fiz para Lidia já começaram a cair por terra.

Mas, para minha surpresa, ela não parece estar com raiva. Nem um pouquinho.

— É um bom começo. Nada que alguns treinos não resolvam. Desde seu hiato… — Acho que é melhor do que chamar de *experiência de quase*

morte, né? — … tenho trabalhado em algumas performances solo…

— Vai ser em dupla. — Venho competindo em dupla desde que larguei o individual, aos dezesseis anos, quatro anos atrás. Não vou regredir.

Lidia inclina a cabeça.

— Não sabia que você tinha um parceiro novo.

É, então, o negócio de sofrer um acidente bizarro capaz de acabar com uma carreira é que, depois, ninguém mais quer fazer dupla com você. Depois que meu ex-parceiro, Justin Petrov, me largou como uma batata quente (no sentido literal e figurado), virei mercadoria avariada na comunidade de patinação.

Quando escolhi competir em dupla, escolhi Justin porque ele era bom e só se associava com quem estivesse à altura. Nunca mudei por ninguém, mas por ele, sim.

— Não tenho — respondo, e ela faz uma careta. — Mas estou procurando!

Muito embora minha busca online só tenha resultado em esquisitões tentando me atrair para seus porões e patinadores que queriam me pegar, mas não fazer dupla. Sabia que a galera da patinação era supersticiosa, mas parece até que estou amaldiçoada.

— Lembra do Acampamento dos Campeões? Tinha muita gente interessada em fazer dupla comigo. Você não consegue entrar em contato com os treinadores deles?

O Acampamento dos Campeões era para os patinadores de nível sênior com as classificações mais altas do país.

Lidia começa a piscar depressa. Ela só faz isso quando tem más notícias.

— Sierra, encontrar um parceiro novo a essa altura é praticamente impossível. Não podemos contar com uns gatos pingados de seis anos atrás. A Dalton exige que todos estejam registrados muito antes da primeira apresentação para se qualificar para qualquer evento da Federação Estadunidense de Patinação Artística.

— Eu sei, acredite. Tenho procurado por conta própria também, mas preciso da sua ajuda — imploro. — Não posso desistir. Além do mais, a gente não precisa que seja permanente. Se eu conseguir pontuar o suficiente pra me qualificar pro Grand Prix, a gente procura outra pessoa ano que vem.

Ela arregala os olhos.

— O Grand Prix? Como é que você espera conseguir isso? Mal tem tempo de treinar. As sequências, os levantamentos, a química. Leva meses, às vezes anos, até ficar perfeito. Seu parceiro precisa ter a mesma agenda de treino. Não é só você. É preciso ter confiança, entender o movimento um do outro. Construir esse tipo de parceria em tão pouco tempo já é difícil.

— Eu penso nisso há meses, Lidia. No hospital, na fisio, na terapia de dessensibilização, na academia. Nem estaria aqui se não fosse por esse sonho.

Minha terapeuta, a dra. Toor, disse que a melhor forma de superar essa barreira é pulando por cima dela. Estou determinada a fazer isso.

— Não vai ser como seu treinamento anterior. Tem certeza de que está pronta para isso?

— Tenho que estar — respondo, a voz falhando. — Tenho que provar que ainda consigo. *Por favor*, Lidia.

Estou ficando desesperada, mas pelo menos ela assente. Uma sensação de vitória se espalha pelo meu peito. Dessa vez, vou conseguir; enfim vou ser suficiente.

— Se fosse qualquer outra pessoa, eu não ia nem cogitar. — Ela balança a cabeça quando vê meu sorrisão. — E não vai dar pra ficar escolhendo muito…

— Não vou. Prometo! — disparo, apressada. — Você não vai se arrepender.

— Eu sei — diz ela. — Agora, faz aquela sequência de novo. Pra valer, dessa vez.

A vitória deve ter me dado uma injeção de ânimo, porque desta vez a pista de gelo parece um pouco menos assustadora. Meus movimentos ainda estão péssimos, e meu coração ainda está martelando como se fosse pifar, mas a possibilidade de chegar àquela final e mostrar para todo mundo que não tem maldição nenhuma aqui está dançando na minha frente como uma isca em uma vara de pescar.

3

DYLAN

No instante em que atravessamos a porta da casa Beta Phi, somos recebidos com jatos de tinta disparados por arminhas de brinquedo. As luzes negras lá dentro fazem as cores se destacarem contra minha camiseta branca e mancharem meu jeans. Lanço um olhar irritado a Kian, que se esqueceu de mencionar que era uma festa neon. Surpreendendo um total de zero pessoas, ele puxa a camiseta pela cabeça e faz menção para que as garotas o cubram com mais tinta. Kian está exibindo as tatuagens, adorando toda aquela atenção. Quando elas terminam, ele está coberto de rosa-choque e verde fluorescente, e, quando chega minha vez, não tenho escolha a não ser tirar a camisa também. O jato de tinta é imediato.

As garotas estão de minissaias e top brancos, a pele exposta toda pintada. Reconheço vagamente uma delas de outra festa, na qual fomos parar em algum banheiro, e agora ela pinta minhas mãos e então as coloca em seus peitos. A impressão das minhas mãos grandes agora estampa a parte de cima do seu biquíni, e depois ela carimba as próprias mãos na parte de trás do meu jeans.

Na cozinha, há uma fileira de shots de gelatina, que também brilham no escuro. Uma onda de imprudência me persegue como um enxame de abelhas. E eu sei o porquê, sei que não é só por ser o novo capitão ou o resultado do antidoping. É porque abri o envelope dos meus pais.

Acabou que era um convite para a renovação de votos que vai acontecer em poucos meses, o que significa que isso vem sendo planejado há algum tempo. Meu pai sabia que eu tentaria convencer minha mãe a desistir. E ele está certo, eu faria isso se tivesse a chance de questioná-la, de tirar qualquer véu ou lente que ele colocou diante dela de novo. Então, as

mesmas pessoas que finalmente estavam se divorciando há alguns meses vão se casar. De novo. Inacreditável uma merda dessa.

Alguém grita:

— Seguraí!

E me joga um latão. Mas não bate aquele instinto de furar o fundo da lata para abrir e beber por baixo, porque vejo Vik Chopra do outro lado da sala. Quando nossos olhares se encontram, sua expressão me dá um nó no estômago.

— Já volto — digo a Kian, que mal presta atenção, trocando pulseirinhas da amizade com as garotas da Beta Phi.

— Novidades? — sussurro, levando Vik para uma área mais escura da festa. Corações verdes foram pintados em suas bochechas, e ele tem um colar de balada neon em volta do pescoço.

Ele balança a cabeça.

— Não deu, cara. Aquela merda não tinha uma brecha. Estava torcendo pra você aparecer pra eu poder te avisar.

Suas palavras são como veneno no meu estômago.

— O resultado vai sair amanhã. Sinto muito, Dy.

Sinto o peso físico da minha vida desmoronando em cima de mim.

— Sem problemas, cara. Obrigado por tentar.

Nunca, em toda a minha vida, tive medo de consequências. E por que teria? Quando se é o cara do campus que todo mundo quer ser ou ter, as regras não se aplicam. As pessoas fazem vista grossa, abrem exceções, facilitam tudo, mas tenho a impressão de que isso não vai se resolver tão fácil. Não sem tirar tudo o que puder de mim.

Preciso de ar.

Alguém chama meu nome, mas não dou atenção. Em vez disso, sigo para o corredor. Tenho uma fama de desaparecer de festas. Costumo ser puxado para um quarto ou banheiro e reaparecer todo desgrenhado horas depois. Subo as escadas dois degraus de cada vez e abro a primeira porta que vejo pela frente. O quarto cor-de-rosa tem um pôster enorme de *Crepúsculo* acima da cama e um abajur de lava meio fálico ligado na tomada. Estou prestes a fechar a porta, quando ouço meu nome.

— Dylan! Meu bem! — A garota que me pintou de neon vai entrando com tudo. Ela me empurra contra uma parede aleatória e gruda os lábios

no meu pescoço. É o único lugar que ela consegue alcançar, mesmo de salto. — Estava torcendo pra te achar aqui.

— Ah, é? — Tento fazer *aquela* parte minha funcionar. A que sabe falar sacanagem, levantá-la com um braço só e prendê-la contra a parede até ela começar a implorar. Mas preciso dar o fora, e isso não é o que o Dylan que ela quer diria. Não sei se estou disposto a me separar dele ainda. — Vamos pegar alguma coisa pra beber.

— Ou então… — Ela abre uma latinha cor-de-rosa com baseados. — Você gostou do último.

— Do último?

Ela dá uma risadinha.

— É, lá em Yale. Não lembra?

— Ah é — resmungo. Claramente, tudo foi ladeira abaixo depois que a conheci lá. A latinha aberta que ela oferece diante do meu rosto é a última coisa de que preciso agora. Eu a afasto e começo a recuar devagar.

Desço as escadas, atravessando a casa sem hesitar. Quando finalmente estou no corredor que dá na porta da frente, Tyler Sampson me interrompe com uma das mãos no meu peito.

— Ei, ei, ei. Vai aonde, Capitão? — pergunta ele.

Sabia que aquele título maldito ia voltar para me assombrar.

Sampson coloca uma cerveja na minha mão.

— Bebe aí, cara. Tem umas garotas fazendo pintura corporal.

Se fosse qualquer outra noite, eu já teria topado. Porra, se fosse *ontem* eu teria topado, mas hoje… hoje parece que estou sendo torturado por coisas que nem me lembro.

— Eu já tô metendo o pé — digo, colocando a cerveja em uma mesa.

Sampson olha o relógio.

— Não é nem meia-noite ainda. O que deu em você?

Antes que eu possa dar uma desculpa meia-boca, a porta da frente se abre e parece que o mundo inteiro congela. A música — "In the Flesh?", do Pink Floyd — fica abafada nos meus ouvidos, e minha agonia de ir embora se dissipa momentaneamente.

Todas as cabeças se viram quando ela entra na festa e a luz acima da porta ilumina sua silhueta. Os caras do time de basquete, que estavam jogando pingue-pongue, deixam a bolinha cair sem rumo e rolar pelo chão, até pousar perto de seus sapatos brancos.

O cabelo preto sedoso, a pele clara e os lábios vermelhos a fazem se destacar. A saia branca abraçando suas curvas, atraindo meu olhar para a pele macia de suas pernas definidas. Quando encontro seu rosto, os olhos cor de esmeralda penetram os meus. Puta merda!

É então que a reconheço como a garota que vi no rinque hoje cedo, falando sozinha enquanto eu segurava a porta. Ela parecia tão… perdida lá. Mas agora… Que espetáculo!

Acho que eu disse algo a ela, alguma coisa sobre morder. Ela deve estar pensando a mesma coisa, porque seus olhos faíscam, até que sua amiga ruiva a puxa consigo para outro cômodo.

Encrenca.

O alerta na minha cabeça geralmente é minha deixa para segui-la imediatamente, mas hoje estou me comportando muito bem.

— Ah, fala sério. Você não vai embora. Conheço essa cara — diz Sampson, bloqueando meu caminho. Ignorando-o, eu me afasto, mas não sem antes ouvi-lo gritar para mim: — Buuu!

Faço um sinal para Kian de que estou indo embora, porque se eu o largar lá, vou passar dias ouvindo reclamação.

— Nãooo — choraminga Kian. — Não vai agora! A gente vai jogar Jenga bêbados.

— Joga você. Te vejo em casa.

Ele me abraça, seu abdômen grudento esfregando no meu. Se eu estivesse doidão, não teria dado a mínima, mas no momento só estou desesperado para tomar um banho.

Logo quando penso que posso escapulir pelos fundos sem esbarrar em mais ninguém, a maconheira lá de cima me impede. Ser popular é bem legal, até não se conseguir um minuto de paz. Ela sopra fumaça no meu rosto e depois coloca o baseado na minha boca. Os alertas estão gritando na minha cabeça, e nunca tinha me dado ao trabalho de ouvi-los até agora.

Isso é novidade, e é irritante pra caramba.

Sem dar nenhum trago, tiro o cigarro da boca e o devolvo. Ela me encara, surpresa por eu não ter fumado. Nem mesmo quando de repente lembro exatamente quem ela é — vendas, mordaça e um bocado de corda. Que ótimo, agora até as boas memórias estão começando a ficar amargas.

Vou afastando as pessoas amontoadas nos degraus da varanda e sigo adiante, meu olhar focado no portão lateral. Na pressa, acabo trombando

com alguém, mas não desacelero. O ar do fim de agosto ainda é ameno, então estar sem camisa e pintado não me incomoda.

— Ei, babaca! — alguém grita atrás de mim. Não me viro para ver quem é o pobre coitado com quem estão gritando.

Será que o portão está trancado? Ou vou ter que pular essa cerca podre para acabar logo com essa noite? Estou na metade do gramado cheio de copos descartáveis quando uma mão pequena agarra meu bíceps e me puxa em sua direção.

— Ei! Tô falando com você. — A voz é ligeiramente rouca e confiante demais para a tentativa fraca de me frear.

Eu me viro e vejo cabelos escuros, olhos verdes e lábios vermelhos. *Encrenca.*

— É comigo?

A garota me encara furiosa, com as mãos na cintura, como se pudesse me encher de porrada. Como se fosse *ela* quem tivesse quase dois metros de altura.

— Você trombou na minha amiga e sujou ela toda de bebida — acusa ela.

— Amiga? — Faço uma cena, olhando em volta. — Você é daquelas pessoas que tem amigos imaginários? Desculpa, não tô bêbado o suficiente pra fazer de conta hoje.

Para alguém que estava indo embora, estou gostando demais disso. Os olhos verdes furiosos correm de volta para a varanda e não encontram nada além de pessoas bebendo e um casal se pegando perigosamente perto da fogueira.

— Tá bom. — Suspiro e olho para o espaço vazio ao lado dela. — Oi, meu nome é…

Ela dá um tapa na minha mão estendida antes que eu possa me apresentar à sua *amiga*.

— Eu não sou doida. Você esbarrou na minha amiga de verdade, lá atrás.

— Em vez da amiga de mentira que tá aqui do seu lado? Acho que ela tá com sede, pega lá uma bebida pra ela.

— Presumo que não ensinem boas maneiras na fraternidade — diz ela, impassível.

Inclino a cabeça para o lado.

— Olha, se você queria falar comigo, não precisava inventar desculpa. Você é gostosa o bastante. — "O bastante" nem começa a definir, mas, *puta merda*, como eu gosto do jeito que os olhos dela faíscam com o comentário.

Foco. Preciso sair daqui.

Ela dá um muxoxo.

— Não tô aqui pra *falar* com você. Dá pra achar pelo menos uns dez do seu tipo lá dentro.

— Meu *tipo*? Foi você que atravessou o gramado só pra chamar minha atenção.

— Pra você pedir desculpas. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Mas, pelo visto, seu ego é grande demais pra isso.

Quando ela se vira para ir embora, não me aguento.

— Desculpa.

Ela me lança um olhar cético, de cima a baixo, se demorando no meu tanquinho coberto de tinta e no elástico da minha cueca que desponta por baixo da calça jeans. Por algum motivo, a distância entre nós parece impossível de resistir, e eu me aproximo até tocar a ponta dos meus sapatos nos dela. Seu cheiro é doce, como cerejas.

— Como posso me redimir com sua amiga? — pergunto.

Ela inclina a cabeça.

— Você quer se redimir?

— Mal posso esperar.

Ela passa a língua na parte interna da bochecha.

— Acho que ela vai preferir te dizer depois.

Franzo a testa.

— Como assim?

— É que agora você deve uma a ela — explica. — Mal não faz ter um favor a cobrar de um atleta. Acho que vai ser bem útil pra mim.

— Você?

— *Ela* — corrige.

— Certo. — Meu sorrisinho de lado cresce a níveis desmedidos. Nem me importo com o tom que ela usou. — Me avise então quando *ela* quiser cobrar.

— Pode deixar. — Ela mantém a postura firme, de braços cruzados.

— Eu não deveria saber seu nome? Você garantiu um favor muito poderoso, afinal — pergunto, quando ela já está a meio caminho da varanda.

Ela não se vira, mas responde:

— Se tiver sorte.

— Não quer saber o meu?

Dessa vez, ela espia sobre o ombro.

— Acho que *babaca* combina bem.

Ela some por trás das portas corrediças de vidro. Estou com um sorriso no rosto quando finalmente passo pelo portão destrancado, mas ele morre no momento em que vejo meu carro preso na vaga da garagem.

Fui moleque.

4

SIERRA

Uma coisa é certa, não senti a menor falta das festas da Dalton.

Se quisesse um monte de gente bêbada e com tesão esbarrando em mim, iria a uma festa de fraternidade. Sororidades não deveriam ser mais arrumadinhas e prudentes? Se sim, ninguém avisou à Beta Phi, porque a nuvem de maconha deixa o ar pesado, e o chão está grudento de bebidas variadas. A julgar pelo número de corpos suados, diria que o corpo discente inteiro da universidade está presente.

Além de tudo, perdi minha melhor amiga. Scarlett insistiu que essa festa ia ser uma boa ideia depois do meu desastre no rinque com Lidia e a vergonha que me consumiu. Eu estava curtindo a fossa e tricotando no sofá de nosso dormitório, ouvindo a voz do apresentador do Canal do Tempo, Dale Thunderman, quando Scarlett jogou a saia branca em mim e mandou que eu me arrumasse.

Por alguma ilusão, até tentei me encaixar. Minissaia, cropped, batonzão vermelho. Parecia uma chance de me redescobrir depois que o esporte que amei a vida inteira me mastigou e cuspiu só o bagaço. Às vezes parece que ainda estou lá deitada no gelo, inconsciente e ensanguentada.

O que eu não esperava era ver *aquele* meu lado aparecendo.

O lado combativo, cheio de opiniões, meio malicioso, que enterrei muito tempo atrás. Mas aquele jogador de hóquei fez esse lado aflorar com muita facilidade.

Não foi só a visão de sua calça de cós baixo: elástico branco da cueca Calvin Klein contrastando com sua pele bronzeada. Ou como a luz suave da lua fazia uma fina camada de suor brilhar em seu peito. Foi a marca das mãos — coloridas, borradas, carimbadas como memórias em sua pele,

como se todo mundo quisesse deixar sua marca nele. Como se já tivessem deixado.

Mas todos aqueles pensamentos desapareceram no segundo em que ele abriu a boca. Ou quando ele sorriu, e a menor das covinhas apareceu. Já vi aquele tipo antes — o cara alto e popular, lindo demais para não saber disso, que faz rodízio de ficantes como se fosse pizzaria. O pai de Scarlett nos alertou para ficar longe de caras assim. Mas mesmo estando plenamente consciente que esse é o último tipo que eu quero para mim, não consegui impedir meu coração de acelerar quando seus olhos cor de âmbar percorreram meu corpo.

— Si!

Me viro para encontrar Scarlett à pia da cozinha, usando outro top. É uma regata curta, que revela as tatuagens intrincadas que cobrem seus braços e lombar.

— Onde você arranjou sabão e outro top?

— Eu morava aqui, muito tempo atrás, lembra? — brinca ela. — Onde você foi parar? Achei que estava logo atrás de mim quando entrei.

— Ah, hum. Eu estava… — Scarlett detesta quando tomo suas dores, mas ela também vive tentando agradar todo mundo, e nunca deixei ninguém a tratar mal. Na segunda série, um menino roubou a caneta preferida dela e mentiu a respeito, então ameacei passar sapinho para ele, até que ele confessou.

— Você foi brigar com o cara que esbarrou em mim, não foi?

— Talvez — respondo, e ela levanta uma sobrancelha. — Tá bom, eu fui. Mas ele foi um mal-educado arrogante e super mereceu. Além do mais, agora ele nos deve uma.

— Ah, mas é claro.

Scarlett torce o top molhado e o enfia dentro da bolsa. Quando ela enrosca o braço no meu para andarmos juntas, sinto o peso dos olhares de novo. *Eles sabem quem você é.*

O negócio de cair em um torneio de renome internacional é que o acidente foi filmado, postado em todas as redes sociais e veiculado em todo canal de notícias, para o mundo inteiro ver. **QUEDA QUASE FATAL DE PATINADORA NO GELO ESTADUNIDENSE EM PALCO OLÍMPICO FODE TUDO**. Tudo bem, essa não foi a manchete oficial, mas foi a que ficou girando na minha cabeça. Hoje, os olhares são mais observadores, mas é o esperado

em festas assim. Você pega e não se apega. Nunca fiz isso, mas às vezes queria poder.

Um cara loiro com o braço ao redor de uma garota pisca para mim.

— Acho que aquele cara está querendo te fazer de marmita — sussurra Scarlett.

Eu me encolho.

— Que sorte a minha.

Scarlett pega duas latinhas de um isopor embaixo da mesa e me entrega uma. Um barulho alto chama minha atenção para o outro lado da sala, onde peças de Jenga se esparramam e um cara bêbado joga as mãos para o alto em derrota. Mas sua chateação não dura muito, porque ele logo se inclina para sussurrar na orelha de uma garota. Ela faz um carão e, quando sai desfilando em direção à escada, os olhos dele percorrem famintos as curvas de seu corpo.

Uma onda inesperada de inveja surge em mim. Muito embora tenha passado a vida inteira me apresentando, nunca tive muita confiança fora do gelo para pensar que alguém um dia me olharia *daquele* jeito.

Talvez seja porque nunca liguei muito para o que os garotos pensam. No ensino médio, alguns até se aproximavam, mas depois Scarlett descobriu que era porque eles tinham apostado em quem conseguiria pegar as meninas mais gostosas do nosso ano. Foi nojento. Então, pulei a fase do tesão adolescente. Dei meu primeiro beijo aos dezenove anos e perdi a virgindade aos vinte. Nenhuma dessas ocasiões foi muito memorável. Só quis passar logo por elas para que ninguém dissesse que abri mão da minha vida inteira pela patinação — muito embora, lá no fundo, eu saiba que abri mesmo.

E talvez seja por isso que sempre me senti diferente, como se não vivesse à altura das experiências que todo mundo parece valorizar. Como se eu não fosse desejável ou interessante.

Até hoje, quando vejo alguém percorrendo meu corpo com o olhar, fico quase desesperada para saber no que a pessoa está pensando.

— Socorro! — Scarlett agarra meu braço, mas depois é puxada para uma partida de *beer pong*. A derrota é brutal. Só se passam dez minutos e ela volta para meu lado, meio altinha. — Odeio esse jogo.

Ela enfia um copo vermelho descartável na minha mão. Viro o conteúdo de uma vez antes de ela me puxar para a pista de dança

improvisada. Quando nossa música começa a tocar, fico presente no momento com ela, em vez de presa na minha própria cabeça. E, só por um momento, eu me solto. Nem me incomodo com o bêbado invadindo meu espaço. Mas quando a mão dele encosta na minha cintura e começa a passear debaixo da minha camiseta, tomo um susto e a tiro na mesma hora.

A questão sobre sofrer uma lesão quase fatal são as cicatrizes. Eu esperava a da cabeça, pela fratura com afundamento do crânio, mas não esperava a do abdômen. O colapso pulmonar, cortesia da costela quebrada depois que caí na lâmina dos patins de Justin, deixou suas marcas. Quando tomei o primeiro banho sozinha no hospital, vi meu reflexo no espelho. Uma linha vermelha e grosseira entalhada na minha barriga e o buraco da toracostomia. Foi então que me dei conta de tudo pelo que tinha acabado de passar. Foi a primeira vez que vi algo tão permanente, tão diferente de meus hematomas fracos, tão *indesejável*. Fui escorregando até o chão do banheiro aos soluços, tremendo, até minha mãe entrar e me envolver em um abraço.

Uma mãozinha delicada me puxa de volta à realidade e vejo Scarlett fazendo uma cara feia para o rapaz. Até a cara feia dela é educada. Dou risada, mas quando ela me gira, toda essa alegria estoura como uma bolha de sabão.

Porque meu ex-parceiro, Justin Petrov, está dançando do outro lado da sala de estar.

O Justin que eu conheci não bebia e jamais estaria perto de fumaça de erva. Ele é muito rigoroso quanto a manter o corpo no auge do desempenho, mas agora dança despreocupado com sua nova parceira, Julia Romero. Ele nunca teria ficado assim comigo.

Conheço Julia há anos, não pessoalmente, mas do rinque. Ela é talentosa, mas parece que nunca o suficiente para vencer. Quando eu pegava o primeiro lugar no pódio, ela vinha em segundo. Sempre me viu como rival, sempre tentou me superar. É como se tivesse espelhado a carreira dela na minha. Quando saí da categoria individual depois de anos de tormento, achei que ela fosse ficar feliz. Mas pelo jeito não, porque agora, com Justin, ela tem uma chance real de vencer nas duplas.

Minha garganta trava com lembranças da traição e um anseio por uma parte de mim da qual sinto tanta falta. Então, como estacas de gelo, seu

olhar azul captura o meu, e esqueço como se faz para respirar.

— Ei, o que foi…? *Eita* — diz Scarlett. — Quer que eu jogue minha bebida na cara dele?

— Não antes da minha mão — resmungo, seguindo minha amiga e desviando dos corpos suados.

— Sierra — cumprimenta ele, quando chega até nós. — Scarlett. Quanto tempo.

Já vi esse sorriso nele antes. É o sorriso que dava aos nossos concorrentes antes de virar e falar mal deles pelas costas na cara de pau. Se o assunto for cultura tóxica da patinação, Justin é um ótimo exemplo.

— Ah, é? Culpa de quem? — retruca Scarlett, pegando meu braço para me guiar.

— Espera, Si. Vamos conversar. — Justin me impede ao segurar meu ombro com força, e lanço um olhar furioso para sua mão até que ele a puxa, como se eu o tivesse queimado. Quem me dera.

— Não vão, não — diz Scarlett.

— Mas…

— Não tenho nada pra falar com você. — Minhas palavras o fazem recuar, e sigo Scarlett. Minha garganta está irritada de tanto engolir o que quero dizer a ele há meses.

Na cozinha, Scarlett começa a preparar drinques.

— Você vai ficar bem?

O olhar que ela me dá me faz sentir frágil, e odeio que Scarlett me veja assim. Mais ainda, odeio que eu realmente me sinta assim. Já faz mais de um ano; eu estava preparada para isso.

Tinha dezesseis anos quando me juntei a Justin na dupla. Foi logo depois de ter ganhado ouro na patinação individual. Todos ao meu redor — meus pais, os treinadores, o time dos Estados Unidos — estavam radiantes com a vitória, mas a medalha parecia uma forca. Tinha chegado no ápice de minha carreira solo e, mesmo assim, ainda não era suficiente. Em vez disso, parecia que tinha atingido um teto de concreto. Foi quando Justin apareceu e despertei novamente. Eu seria o suficiente para ele, porque nunca acabei sendo para mim mesma.

— Vou, sim — respondo, tentando sorrir, mas sem ser muito convincente. Para minha sorte, umas garotas da Casa Iona acenam para nós e nos incluem em uma rodinha de conversa. A música está alta, mas

não consegue abafar as lembranças. Não quando a causa delas está no mesmo cômodo.

Não consigo lidar com o calor se espalhando pelo meu peito.

— Scar, eu sou péssima, desculpa, mas…

— Vambora — interrompe ela. — Essa música é péssima e os drinques nem estão bons.

Quando estou prestes a dizê-la para ficar, pois odiaria estragar sua única noite de folga, ela não deixa. Scarlett pede um Uber, e esperamos em silêncio na calçada. Ela não me deixa pedir desculpas, nem pagar pela corrida, e não solta minha mão uma única vez.

5

DYLAN

Manhãs pós-festa são sempre um inferno, mas esta é ainda pior, porque não bebi nem uma gota de álcool e minha cabeça dói como se eu estivesse de ressaca. Por que estou sendo punido? Já dei a muita gente a melhor noite de suas vidas para ser tratado desse jeito. Levanto a cabeça e vejo o sol da manhã estampar uma sombra quadrada na porta do meu armário.

As lembranças da noite passada são meio vagas, mas tem uma que se destaca. Talvez por causa de seus olhos verdes intensos, os lábios vermelhos ou a minissaia que mostrava um par de coxas nos quais eu adoraria que ela me sufocasse… Mas aquela garota não era o que eu estava esperando. Quando se derrama o drinque de alguém em uma festa, a resposta é um *vai se foder* e um dedo do meio. *Não* uma patinadora no gelo irritada que te cobra um favor sem nem mesmo dizer seu nome.

Olho as horas no celular. Ainda é bem mais cedo do que eu estaria disposto a acordar, mas o calor emanando do outro lado da cama acaba com a névoa de sono e preguiça.

Mas que porra?

Vasculho as memórias esburacadas, procurando por alguém que eu possa ter trazido para casa noite passada. *Foi ela?* Um fogo irrompe no meu estômago, mas morre rápido, porque lembro que fiquei preso por outros carros na garagem e voltei andando. Pelo resto daquela noite patética, fiquei assistindo qualquer outra coisa que não fosse hóquei, e, quando pedi uma pizza, me lembro vagamente de perguntar para o entregador se ele queria entrar e ver um filme. Ele topou.

Eita, *será* que é o entregador de pizza?

Meu coração congela ao me virar na cama em direção ao corpo enrolado sob o cobertor. Com cuidado, levanto uma ponta, mas quando avisto quem é o idiota capotado do meu lado, solto o ar de alívio.

— O que você tá fazendo na minha cama?

Arranco o cobertor de Kian, que ainda está coberto de tinta. Quando ele nem se mexe, eu o empurro para fora do colchão, e ele cai com um baque surdo e um grito agudo.

Ele pisca para mim, incrédulo, estatelado no chão. Pelo menos ainda está de cueca, muito embora seja a do Ken.

— Bom dia pra você também — resmunga ele. — É assim que você trata as visitas?

— Minhas *visitas* geralmente são muito mais gostosas que você e me acordam agradecendo pela noite passada.

Ele põe a mão no peito e se faz de ofendido.

— Não vou vender meu corpinho só porque preciso de um lugar pra dormir.

— Tá, tá, fica com seu corpinho, Ishida — respondo. — Qual é o problema do seu quarto, afinal?

Suponho que ele tenha encontrado alguém transando lá ou algo igualmente desconfortável para escolher meu quarto como um espaço seguro alternativo. Ainda tem dois cômodos vazios na casa, que são de Aiden e Eli, mas não nos demos o trabalho de colocar mais ninguém lá, já que os caras vivem dizendo que virão visitar. Ou pelo menos gostamos de pensar que sim.

Eu me sento, encostando na cabeceira, bem quando Kian dá um suspiro dramático:

— Estava muito longe.

Meu amigo agarra o travesseiro que jogo nele e o abraça junto ao peito. Ele tem sorte que não tenho energia para mais nada.

Horas mais tarde, estou jogando fora a caixa vazia de pizza quando Kian vem cambaleando até a cozinha, esfregando os olhos de sono.

— Tem o que pra comer? — pergunta ele.

Mostro o saco de pão mofado, e Kian faz uma careta antes de pegar uma caixa de cereal. Depois, liga um rádio antigo que comprou numa venda de garagem na semana passada e se senta na bancada, cumbuca na mão, me observando limpar. Então a tela do meu celular acende.

Vik
Se liga. O resultado saiu tem uma hora.

Puta merda. Essa sim é uma lembrança que chega com tudo. O *maldito* teste. Achei que ia ter mais tempo. Nem ouço o barulho do celular escorregando da minha mão e caindo no chão com esse zumbido nos ouvidos.

— *Caralho, caralho, caralho.*

Ando em círculos na cozinha e pego o aparelho do chão. Ainda não recebi nenhuma mensagem ou e-mail de Kilner, o que é assustador.

— Que foi? — pergunta Kian de boca cheia.

Posso dizer que foi um brownie batizado, que estava tudo misturado e comi sem querer. É, talvez cole.

— Dy, o que rolou? Tá tudo bem?

Ou então digo que sou um caso raro de fumante passivo.

— *Dylan.*

— Quê? — retruco.

Kian toma um susto com a minha patada. Toda essa situação é uma grande merda colossal, e a culpa é inteiramente minha.

— Meu exame toxicológico deu positivo pra THC — explico.

Ele pula da bancada, boquiaberto. Com uma única frase, cometi dois erros dos quais já me arrependo profundamente. Primeiro, deixar minha roupa suja exposta para todo mundo ver, e segundo, contar a Kian um problema que ele não pode resolver para mim. O complexo de salvador dele deve estar batendo forte agora.

— Deve ter dado um erro. Vamos pedir pra refazer — diz ele, simplesmente.

Achei que tinha sido esperto, pelo menos com o timing de quando me soltar em alguma festa, mas com tudo o que rolou no último semestre e neste verão, devo ter errado o cálculo. Não me ocorreu que os exames de pré-temporada seriam logo em seguida. Naquela semana, tinha tanta coisa acontecendo que nem titubeei antes de entregar minha amostra. Só conseguia pensar na ligação dos meus pais e na maldita renovação de votos.

— Você vai ser expulso do time — sussurra Kian. — A gente tem que pedir pra refazer. Tá errado.

— Não tá, não.

O silêncio que se estende é insuportável, e não consigo me forçar a encará-lo.

— Mas você nunca faria isso. — Sua voz falha, trêmula, e aquelas palavras quase estilhaçam minha fachada. Mas como eu poderia sequer explicar? Que venho lidando com as merdas dos meus pais há tanto tempo, que aquela ligação foi a gota d'água? Que estava tão desesperado para fugir, que nem pensei duas vezes, e deixei dois tapas num baseado custarem minha carreira?

Meu celular toca, e nos entreolhamos, o medo irrompendo entre nós. Então vejo o identificador de chamada. Técnico Kilner.

Engulo em seco. É agora.

— Alô?

— No rinque. Agora — diz ele, e encerra a chamada. Encerrando também qualquer esperança que eu ainda tinha.

— Espero que essa seja a sua carranca de "boas notícias" — digo, quando vejo o treinador nas arquibancadas.

— Sabe, às vezes acho que escolhi a carreira errada — pondera Kilner, encarando a pista de gelo vazia. — Devia ter sido professor de pré-escola. Aí, pelo menos, as crianças iam me ouvir.

— É, não tem nem como argumentar.

Ele me lança um olhar fulminante.

— Quando é que você ia me contar?

— E isso importa? Você descobriu de qualquer jeito.

Kilner fecha as mãos em punhos, e percebo que ele realmente precisa daquela bolinha antiestresse que vive esmagando.

— Eu gostaria de ter ficado sabendo do exame toxicológico por você. De preferência, com uma explicação.

Dou de ombros, de cabeça baixa.

— Pode ficar aí sentado fingindo que não dá a mínima, mas eu não compro esse showzinho. — Kilner solta o ar profundamente. — Não vou

te forçar, Donovan, mas nós dois sabemos que você tem perdido a linha este ano.

— Acredite em mim, treinador. Esqueci completamente do exame. Sempre sei me cuidar.

— Ah, claro que sabe, porra. Vocês, moleques, sempre acham que sabem — retruca ele. — Você vai levar uma suspensão do time, e a NCAA já foi notificada. Também vai ficar numa lista de espera da Liga. O diretor da Atlética pode te banir. O reitor Hutchins pode tomar uma decisão ainda mais severa considerando o tanto que ele vem implicando com as festas. Você vai ficar solto, sem nenhuma liga te considerar quando se formar. Que merda você tem na cabeça, moleque?

Não tenho nada a dizer em resposta.

— Você tem noção da seriedade disso tudo? — insiste o técnico. — Tudo o que eu queria era que você atingisse seu potencial, mas você desperdiçou tudo em festas. É esse o legado que você quer deixar pra trás?

— Bom, deixei um puta legado nas fraternidades — brinco. Ué, é verdade. Ninguém vai a festa alguma na Dalton sem perguntar antes se eu vou. Na metade do tempo, eu mesmo sou a maldita festa, mas a fala do treinador dói mais do que eu jamais o deixaria perceber. Não consigo me forçar a pedir desculpas, quando tudo o que eu fiz na Dalton já ia dar em merda de qualquer jeito. Era só uma questão de tempo.

— Acredite ou não, tem gente que quer ver o seu sucesso, Dylan.

— Ah, tá — zombo. — Tipo meu pai, que vai soltar fogos quando souber que não posso mais jogar hóquei e finalmente vou fazer algo que valha a pena, como ele sempre quis. O mesmo cara que ameaçou me deserdar depois de toda a merda que fez a gente passar — digo, com amargura. — Hóquei era a única coisa que eu tinha, e fui lá e fodi tudo, como ele disse que eu faria. É pra isso que sirvo. Pra estragar coisas boas.

Kilner põe a mão no meu ombro.

— Não precisa ser assim. Você pode construir seu próprio caminho, contanto que seja com um pouco de amor-próprio.

Deixo a cabeça cair nas mãos.

— Você leu isso em algum para-choque de caminhão? — resmungo.

— Numa porcaria dessas de "como ser um líder melhor". Funcionou?

Enfim, levanto a cabeça para encará-lo.

— Treinador, o diretor de esportes não vai gostar de mim quando meu arquivo cair na mesa dele. Você conhece meu histórico no gelo, não é exatamente o de um santo. Por mais que todo mundo queira que eu pare de farra, é a única coisa que deixa minha vida suportável.

— Isso é porque você não tentou nada diferente. — Ele suspira. — Vou falar com o reitor, mas… — Kilner fica de pé para descer os degraus da arquibancada. Não entendo por que ele ainda quer me ajudar. — Você vai ter que tomar jeito. Entre para um clube de debate, ou tricô, tanto faz. Só faça alguma coisa pra mostrar a eles que você não é assim.

E se eu for?

Quando ele se vai, fico sozinho, encarando o gelo vazio. Meu celular vibra no bolso, como vem fazendo o tempo todo desde que cheguei aqui. Trinta notificações piscam na minha tela, todas justamente sobre aquilo que eu estava tentando evitar.

Aiden
Que porra é essa que fiquei sabendo de um toxicológico positivo? Me liga.

Sampson
Puta merda, te pegaram no antidoping? Mano, a gente não pode perder nosso melhor ala-esquerda.

Kian
Posso ter deixado escapar que seu exame deu positivo. FOI SEM QUERER.

Paro de ler depois disso, porque não pretendo responder nenhuma. Exceto Kian, em quem vou descer a porrada por ter dado com a língua nos dentes. Estou prestes a fazer exatamente isso quando uma música preenche a arena, e o som de lâminas deslizando no gelo rouba minha atenção.

6

SIERRA

Drogas são fantásticas. Bem, as prescritas. É quarta-feira à tarde, o que significa que não tem treino do juvenil nem de hóquei, e o rinque está maravilhosamente vazio. Lidia está por aí tentando encontrar um parceiro para mim, então vou treinar sozinha. Depois de todos os sonhos que despedacei no ano passado — os dela, os meus, os de todo mundo —, preciso estar pronta.

Só que errei o mesmo salto seis vezes. O Salchow foi ainda pior. Sinto que estou desalinhada. Despenco com tudo, raspando o gelo. Depois, tento de novo, e de novo, e de…

— Tá fazendo errado. — Uma voz ecoa em algum lugar atrás de mim.

Congelo no lugar. Odeio reconhecer essa voz — grave, rouca e convencida. Espio por sobre o ombro, e, sim, é aquele babaca da festa. Ele está inclinado no painel, o olhar castanho-âmbar fixo no meu.

Viro de costas. *Nada de distrações*. Especialmente ele. Respirando fundo, me lanço em um movimento no qual sempre fui boa: o giro triplo. Mas ouço um muxoxo de desaprovação que perturba meu salto e me tira do eixo. Pouso de um jeito atrapalhado e, com essa imperfeição, um incêndio começa a queimar sob minha pele. Vou patinando na direção dele até ficarmos cara a cara, separados apenas pelo portão da pista. Ele ainda é bem mais alto que eu, mesmo de patins, mas me recuso a deixar aquela diferença de altura diminuir minha confiança.

— Não era pra você estar bebendo cerveja de cabeça pra baixo em algum lugar? — pergunto.

— Só estou te dando um conselho de amigo, princesa.

— Acho que, pra isso, a gente teria que ser amigo. Além do mais, não aceito dicas de patinação de jogadores de hóquei — retruco. — Nem de caras de fraternidade que passam a noite com o corpo coberto de tinta.

— Pra mim, parece que você adorou ficar *admirando* meu corpo coberto de tinta. — Ele chega mais perto com um sorrisinho de canto de boca insuportável. — Pode olhar, mas se quiser tocar vai ter que ser mais boazinha.

— Por quê, eu sou demais pra você? Nunca conheceu uma garota que pudesse botar um patins de gelo na sua garganta?

Uma covinha aparece. Uma maldita covinha.

— Nunca, mas acho que eu ia gostar de qualquer coisa que você fizesse comigo.

Quando o olhar dele me percorre, quase bate aquele desespero de saber o que se passa em sua mente. Ele é como uma montanha-russa que você sabe que não deveria entrar, mas entra mesmo assim.

— Vou me esforçar pra te surpreender então. — Abro o mais falso dos sorrisos.

Ele dá uma risadinha; é grave e rouca, como sua voz.

— Vou deixar a porta aberta.

— Certeza que sempre deixa.

Se eu não estivesse observando tão de perto, não teria notado o sorriso dele falhar.

— Talvez seja melhor você ficar de patins. Tá parecendo que precisa praticar.

Ele não está errado, mas eu nunca iria admitir. Dar razão a um homem? De jeito nenhum!

— Você não sabe nada de patinação artística.

— Seu salto Salchow teve pouca rotação e o pouso foi fraco. E aquele giro triplo? Super fora do eixo.

Fico parada, piscando, como uma idiota. A fala dele acaba com qualquer réplica, porque é exatamente o que eu estava criticando em mim mesma.

— Te falta confiança — continua ele, só para fechar com chave de ouro.

— Claramente, não te falta cara de pau. Não pedi sua opinião. Você nem seria capaz de fazer qualquer um desses movimentos.

Ele estreita os olhos e, por um momento, é como se estivesse considerando provar que estou errada. Fico preocupada que ele realmente vá fazer isso, e eu tenha que viver com o fato que um *jogador de hóquei* sabe patinar melhor que eu. Em vez disso, ele dá um passo para trás. Nossa competição de quem pisca primeiro se desintegra na frieza do gelo.

— Foi o que pensei. — Dou um sorrisinho. — Talvez, se eu jogar um disco na pista, você possa ir atrás como um bom garoto.

Um brilho retorna ao seu olhar.

— É isso que você quer? Que eu seja um bom garoto?

Fecho as mãos em punhos.

— Quero que você saia da minha arena.

— *Sua arena?*

— Meu *horário* — corrijo entredentes. — Pode bater a cabeça com tudo nos painéis o quanto quiser depois.

— Não mais — murmura ele, e então começa a se afastar. — Por sinal, a Dalton tem um programa que ensina a patinar. Talvez te ajude.

Mostro o dedo do meio para ele.

— Babaca!

Jogo minha bolsa em cima da mesa da sala de estudos. Todos os prédios no campus fecham às dez da noite às quartas-feiras, mas tem uma sala de estudos particular que funciona até mais tarde, que Scarlett descobriu no primeiro ano e sempre usa. Tipo, à meia-noite de um dia de semana, para estudar com o quadro-branco. Hoje, no cabeçalho em negrito que ela escreveu, leio Proctologia.

— Quase! Na verdade, é a parte interna do cólon. — Scarlett aponta para a imagem em seu livro didático, olhando para mim por cima dos óculos. Seu cabelo está trançado em duas marias-chiquinhas, uma mais alta que a outra. Ela costuma fazer tranças quando está estudando no desespero. — Que foi, você encontrou com Justin de novo ou algo assim?

— Pior.

— Pior que Justin?

— Tá bom, não foi pior, mas igualmente irritante — digo. — Aquele jogador de hóquei lá da festa.

— Aquele com quem você quase saiu na porrada? — Ela ri quando lanço um olhar de soslaio. — Desculpa, é o que todo mundo tá dizendo. Você foi arranjar treta com *o* gostosão do hóquei na primeira festa do semestre. Claro que a fofoca ia se espalhar.

— Ah, por favor, não é possível que as pessoas se importem tanto.

— Se importam, porque é Dylan Donovan, o amado ala-esquerda de Dalton. Ou devo dizer *capitão*. Tipo, por 24 horas, antes daquele rolo do toxicológico positivo. — Ela faz uma pausa. — Desculpa, é que meu pai anda estressado, então tive que ouvir todos os detalhes de "um dia na vida do treinador Kilner".

Toxicológico positivo? Mas que porra, quem é esse cara?

— Isso explica todo o tempo livre que ele tem pra me irritar. Deve ser o homem mais convencido do planeta.

Scarlett solta uma risadinha abafada:

— Feitos um para o outro.

Quando faço cara feia, ela ri alto, ficando de pé para apagar o quadro-branco.

— É só que você é a mulher mais convencida que eu conheço. Digo, não ultimamente, mas você sabe que é boa e não tem medo de mostrar isso. É uma característica admirável.

— Eu não sou *convencida*.

Só Scarlett mesmo para achar isso algo bom. Tentei esconder todo esse meu lado com Justin, mas isso não impedia a alcunha de *rainha do gelo*. "Dá um sorriso de vez em quando." "Assim, você dificulta pros jurados gostarem da gente." "É só não ser você, Sierra." Suas palavras se alojaram fundo dentro de mim, enterradas sob cada expressão forçada, cada esforço para ser mais agradável.

— Saber que você é boa em alguma coisa não é defeito nenhum — diz Scarlett.

Faço cara feia.

— Tá, beleza, sou só um pouquinho convencida, mas ele passa de qualquer limite.

— Nisso eu acredito — brinca ela. — Mas pelo menos você não vai mais esbarrar nele no gelo. Quase certeza de que vai ser suspenso.

Talvez ela esteja certa, mas tenho a impressão de que Dylan Donovan não segue as regras.

7

DYLAN

Estou oficialmente expulso do time de hóquei.

Eu já esperava, mas hoje de manhã recebi um e-mail do Conselho Disciplinar detalhando minhas novas restrições: não posso participar dos treinos, não posso ir aos jogos, não posso nem entrar no gelo sem a aprovação do diretor Alan Reed. A realidade fica ainda mais clara quando chego na Clínica Esportiva Universitária e vejo a manchete bem na minha cara.

DEU RUIM: GALÃ DO HÓQUEI DE DALTON EXPULSO DO GELO APÓS SER PEGO NO ANTIDOPING

Summer Preston, namorada de Aiden e minha única amiga que não é de nenhum time ou fraternidade, está na fila do balcão, fazendo cara feia para o exemplar mais recente do *Dalton Royal Press* antes de amassar o papel e jogar no lixo. Ela tinha mandado uma mensagem mais cedo me pedindo para encontrá-la aqui antes de nossa sessão de estudos na biblioteca. Foi logo depois que recebi o e-mail sobre a suspensão.

— Estão me chamando de galã? Acho que alguém nesse jornal tem um crush em mim — brinco.

Summer balança a cabeça.

— Queria que tivesse me contado, Dy. Meu pai conhece o reitor, podia ter ajudado.

É, duvido muito disso. Lukas Preston me odeia. Mais até do que odeia Aiden, o que é bastante coisa, já que é o Aiden que come a filha dele. Mas no mês passado, quando visitamos Toronto, eu não estava preparado para o tanto que a mãe de Summer era gost… *linda*. Não consegui parar de dar em cima dela, ainda mais depois de tomar umas. Aiden me chutou um

monte por baixo da mesa, mas fazer aquela mulher rir foi como ganhar aquelas estrelinhas douradas que a professora do jardim de infância costumava dar. Então, pedir ajuda a Lukas Preston, lenda da Liga Nacional, estava fora de cogitação.

— Bom, agora já foi — comento, indicando o exemplar amassado na lixeira.

— Não se preocupe, roubei todas as cópias. — Summer passa o polegar em uma montanha de jornais empilhados na beirada do balcão.

Deixo escapar um sorriso.

— Valeu, mas tenho certeza de que o fofoqueiro do Kian já espalhou pra todo mundo.

Ouço alguém grunhir. É Kian, carregando outra pilha de jornais.

— Acabei de sair de uma palestra de filosofia de duas horas e depois rodei esse campus inteiro procurando mais cópias. Por favor, não grita comigo. — Ele os larga com um baque seco perto do lixo reciclável.

Summer ri, e então se volta para mim.

— Bom, boa sorte ao falar com Aiden quando ele voltar pra casa, amanhã.

Merda. Quando Aiden ainda estava em Dalton, não só me dava as broncas de capitão, mas também se preocupava como amigo. Sua cara de decepcionado era pior do que qualquer palavra. Agora, enquanto se recupera de uma lesão na panturrilha, vai voltar para descansar e ficar com Summer.

Os olhos de Kian brilham:

— Eita porra! O Capitão tá vindo! A gente tem que dar uma geral no quarto dele e no resto da casa.

— O quarto tá limpo. Eu tenho dormido lá — diz Summer.

— Ah, é. Adoro ouvir suas *conversas* com Aiden do outro lado do corredor. São as melhores historinhas pra dormir — rebate Kian, sem qualquer emoção. — Mas vai ser como antigamente, ainda mais se ele ficar pro aniversário de vocês.

O lembrete do meu aniversário faz meu estômago embrulhar. Neste ano, Summer e eu vamos comemorar juntos, já que nosso aniversário cai bem no Halloween. Todo mundo está animado.

Todo mundo, menos eu.

Depois da semana de boas-vindas, toda festa é um lembrete gritante do meu exame toxicológico positivo. E com a insistência de Kilner para que eu encontre alguma coisa que valha a pena, para provar que não sou só um drogado, pretendo me comportar muito bem. Porque eu me doei inteiramente ao hóquei com a certeza de que iria me levar a algum lugar concreto, só para ver tudo desaparecer tão rápido quanto a fumaça do baseado.

— Podemos ir agora? — pergunta Kian, já na porta. — Tô precisando estudar.

O cara sentado na área de espera parece estar com o pé na cova e resmunga para Kian fechar a porta, porque está com frio.

— Só um segundo, preciso falar com dra. Müller primeiro.

Summer se afasta, e Kian vai ao banheiro. É bem nessa hora que meu celular toca. A notícia do exame toxicológico se espalhou como um incêndio. Meus pais provavelmente já sabem e estão tentando falar comigo, mas desta vez é o nome de Ada que aparece na tela.

— Do nada, virei a garota mais popular da escola — diz minha irmã.

— Ficou sabendo? — *Boa, que ótimo exemplo, Dylan*. Embora isso não seja muito uma preocupação, porque Ada Donovan é uma gênia prodígio. Aos dezesseis anos, já está estudando biologia numa academia em Boston focada em STEM.

Ada ri, e o som é tão parecido com a risada da minha mãe que dói feito arame farpado.

— Que meu irmão ganhou fama de maconheiro? Aham. Mamãe até ligou, e tentei convencer ela de que estava tudo bem, mas tem um tempão que a gente não se vê, Dy. O que tá rolando?

— Tá tudo bem. Foi um deslize idiota, não vai acontecer de novo.

— Teve alguma coisa a ver com a última demonstração de afeto totalmente falsa do papai?

Tá vendo? Ela é esperta demais.

— Mamãe parece ter topado, mas não importa. Eu não vou — respondo. Se minha mãe quer mesmo ficar com ele, não vou mais impedir. — Mas vou te ver durante o recesso, Ada, prometo. Só preciso dar um jeito nessa bagunça.

— Tá bem — diz ela, meio tristonha. — Sabe, às vezes sinto falta de patinar com você, porque a gente passava tanto tempo juntos treinando

para as competições. Se bem que eu preferia esquecer quando aquele olheiro perguntou se *você* queria me largar e seguir carreira solo.

Faço uma careta.

— Você era boa, ele que foi idiota.

Ada e eu fizemos patinação artística em dupla, na adolescência. Até que dávamos para o gasto, mas quando encontrei o hóquei e ela encontrou seus livros, deixamos de lado.

— Mentira. Eu era péssima, e você era tão bom que chegava a irritar. Eu *odiava* patinar, só fazia isso por causa da mamãe. — Ela ri. — Você ainda patina? Eu sei que você come e dorme e *vive* pensando em hóquei… mas e só patinar assim, pra relaxar, sem ser no jogo?

— Não tenho tido muito tempo — respondo. A patinação sempre foi natural para mim, acho que nunca deixei isso totalmente para trás, mas recebo uma cara feia do Kilner quando brinco no gelo e faço um showzinho para a plateia.

— Bom, agora você tem todo o tempo do mundo — comenta ela. — Talvez até tempo pra me ligar, de vez em quando. Estou sempre aqui se precisar desabafar ou contar de todas as festas do campus…

— Ah, tá.

— Não custava nada tentar — murmura ela. — Ah, e diga a Kian que não me esqueci dele. Ele me mandou mensagem dizendo que eu estava de favoritismo com meus irmãos.

— Ele só tá sensível.

— Quer dizer, ele *é* sensível?

Dou risada:

— Exato.

Assim que Ada desliga, sinto um braço roçar no meu quando alguém chega perto do balcão.

— Retirada no nome de Sierra — diz ela, e a farmacêutica lá no fundo sorri e acena. Mas eu não teria notado nada disso se não fosse a patinadora artística de cabelos escuros assinando seu nome em uma folha de controle.

O indício de um sorrisinho de canto de boca se forma nos meus lábios.

— Sierra, hein?

Ela congela e arregala os olhos, mas então aquela centelha irrompe quando ela olha para mim.

— *Dylan*, hein?

Não esperava gostar tanto assim do som do meu nome na boca dela.

— Tô vendo que fez seu dever de casa. Me stalkeou na internet depois que saiu da arena, foi? — pergunto, me inclinando no balcão da recepção. — Achou alguma foto bonita?

— Ah, sim, achei a foto perfeita. Prendi bem do meio de um alvo de dardos.

É muito ruim que isso me deixe com tesão? Desde aquele comentário dela sobre a lâmina dos patins, acho que sonhei com aquilo mais vezes do que gostaria de admitir, mas pode ser só porque estou na seca.

— Sabe, aposto que você faria seus saltos direitinho se passasse menos tempo me admirando.

Ela contrai a mandíbula, olhando impaciente para a farmacêutica.

— Ótimo papo, treinador. Vamos não fazer isso de novo, nunca mais.

— Eu meio que gosto que você me chame de treinador.

— Ah, é? É isso que te deixa animadinho? — rebate ela na mesma hora. — Ser tratado como um quarentão?

— Kilner não é quarentão.

— Nunca falei do Kilner, mas é bom saber que ele é o cara das suas fantasias. — Ela ergue uma sobrancelha perfeitamente delineada.

— Você nunca viu ele na academia então.

— Pode parar. — Ela estremece. — O cara é tipo um pai pra mim.

— Acho que você quer dizer "daddy".

Sierra se engasga.

— Ele é o pai da minha melhor amiga. Então, não, certamente não quero dizer "daddy".

Paro por um minuto. Não fazia ideia de que Kilner tinha uma filha em Dalton. Mas logo afasto o pensamento, preferindo focar na careta que Sierra faz.

— Isso nunca foi impedimento pra ninguém. Acho até que deixa mais divertido.

— Tá falando com base em experiência pessoal? Dormiu com vários pais de amigos, né? — Ela sorri, se achando muito engraçada.

Fico encarando a boca dela por um tempo absurdo. Absurdo demais, até para mim.

— Você tá sorrindo, Sierra. Tá gostando da minha companhia?

— Era isso ou me sentar do lado do cara espalhando a peste bubônica na sala de espera.

O rapaz doente geme alto quando dou uma olhada em sua direção.

— Estou lisonjeado.

— Não fique — rebate ela. — Vou machucar seu ego frágil, vai ficar roxo.

— Ah, você faria muito mais estrago do que só um roxo, baby.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Tá dando em cima de mim?

— Estou. — Sorrio. — Tá funcionando?

— Senhorita Romanova, aqui está sua medicação. — A voz da recepcionista corta o olhar irritado de Sierra. Ela pega os remédios, evitando contato visual ao guardar o saquinho na bolsa.

— Te vejo por aí, *Romanova*.

— Vai à merda, *Donovan* — rebate ela cantarolando e dando um sorriso falso afiadíssimo por cima do ombro.

Ainda estou rindo quando a porta fecha atrás dela. É quando Summer volta, carregando uma pilha de livros didáticos, os quais me empurra na maior cara de pau.

Ela olha para mim, curiosa.

— O que te deixou sorrindo tanto assim?

8

SIERRA

— Você não deveria patinar sozinha, *dochen'ka* — diz meu pai, assim que volto da pista que fica a alguns quarteirões da casa deles. No inverno, eu costumava patinar no lago do nosso quintal, mas depois do meu acidente, eles nunca mais o deixaram congelar. Foi a maneira deles de lidar com a tragédia, mas às vezes sinto saudade daqueles momentos silenciosos, tarde da noite. Da sensação de sair da casa e ir para meu lar.

Noite passada eu dormi feito um passarinho enjaulado no meu antigo quarto e não pude evitar me perguntar por que me dei ao trabalho de voltar para casa. Mas é porque fui obrigada. Meses atrás, quando toquei no assunto de retornar ao campus com Scarlett, meus pais hesitaram. Precisei de muito para convencê-los e até prometi visitá-los toda semana. Uma promessa da qual me arrependo amargamente agora.

Meu pai se afasta de nosso abraço para que minha mãe possa vir me esmagar em seguida. Tive que me acostumar com essa mais nova violação de espaço pessoal desde o acidente. Não resisto mais a eles desde que me disseram o quanto era difícil não poder me abraçar. Minha mãe dizia que caminhava pelo hospital enquanto eu estava em cirurgia, sem perceber que aquela ala era da maternidade. Sempre que um bebê nascia, eles tocavam música; ela contou dezesseis vezes. Dezesseis novas vidas vieram ao mundo, enquanto ela achou que estava perdendo a própria filha.

— Lidia nem sempre está disponível — explico. — Tenho que praticar, pai. Vocês dois sabem disso melhor do que ninguém.

Para uma filha de patinadores, era de se esperar que eles facilitariam o meu retorno, mas os dois amoleceram. Eles dão aulas de patinação para crianças, então ficam de folga em dias aleatórios da semana. Só assisti a

algumas poucas apresentações deles, uma delas em Aspen, aos quatro anos. Foi naquela viagem que fiquei obcecada por patinação. Não pelos competidores, mas por ver meus pais patinarem juntos no gelo vazio após o campeonato, a paixão entre eles palpável e quase sufocante.

Quando nasci, machuquei a pélvis da minha mãe de um jeito irreversível. Ela começou a sentir dor ao patinar, então se aposentou, e meu pai não hesitou em fazer o mesmo. Então, prometi a mim mesma que, já que eles abriram mão da patinação artística por mim, eu faria esse sacrifício valer a pena. Eu valeria a pena, para eles.

— Você não devia ir pro gelo sem ela, Sierra. Não sem capacete, pelo menos — diz minha mãe.

Não uso um capacete há séculos, e começar a usar agora só iria corroborar o argumento deles.

Vou para a mesa da cozinha, deixando o meu pai me servir de sopa. A temperatura cai alguns graus, e minha mãe entra no modo proteção total e pega minha mão.

— Por mais que a gente queira te enrolar em plástico-bolha, eu te conheço. Você é minha filha e, assim como eu, só quer provar que está certa. — Sinto uma pontada de culpa. — Mas você tem que ter cuidado. Não se cobre tanto assim.

— Não estou.

Eu só acordo gritando às vezes. Não tem cobrança nenhuma.

— Então estamos animados para te ver de volta no gelo — acrescenta meu pai.

Sinto meu estômago revirar. As expectativas estão aumentando, e me preocupa que o meu corpo não esteja apto a performar, ou que minha mente não permita. Preciso confiar neste corpo mesmo que não consiga sequer olhar para ele. O Transtorno de Estresse Pós-Traumático e a ansiedade vêm me perseguindo — estigma atrás de estigma. Não consigo apenas ser eu mesma sem esses rótulos, como se fossem ajudar o resto do mundo a entender se eu sou "demais" ou "o suficiente".

De repente, minha mãe se anima toda.

— Ah! Esqueci de te falar: esbarrei com Justin ontem.

Paro com a colher a meio caminho da boca. Uma bola de ansiedade, dura feito pedra, afunda bem no meu estômago. Tinha tantas maneiras de estragar essa visita, mas *essa* só acaba com meu humor.

Justin Petrov tem algum tipo de feitiço, lavagem cerebral ou sei lá o que sobre minha mãe, não é possível. Não é bem culpa dela, porque nunca contei sobre a rapidez com que ele me largou. Ainda estava no pós-operatório, me recuperando da cirurgia, e ele já estava treinando com Julia. Foi assim que Lidia descobriu, e então disse que conhecia gente que poderia dar um sumiço nele. Falei para ela se limitar a ler romances sobre a máfia Bratva, em vez de ir fazer negócios com eles. Então, nunca contei a meus pais como Justin me passou a perna. Não podia partir os corações deles também.

— Ele soube que você ia voltar aos rinques e quer ajudar. Sei que a mudança de dupla tem sido difícil pra você, mas a gente sabe como esse mundo da patinação é acirrado. Acho que você devia ouvir o lado dele.

— Estou bem, mãe. Não preciso de ajuda — respondo.

Meu pai lança um olhar a minha mãe. Fica evidente que eles já conversaram sobre isso antes. Ele provavelmente tentou impedi-la. Minha história com Justin a faz lembrar de como conheceu meu pai: ele mudou para a competição em duplas e precisava de uma parceira, e ela tinha acabado de se mudar para Connecticut. Foi o destino, e pensei que Justin fosse o meu também.

— Ela precisa de um parceiro. A pobrezinha da Lidia está procurando dia e noite — diz ela para meu pai. — Ele a conhece melhor do que ninguém. Seria tão fácil.

— Mila. Chega. Ele só vai fazê-la se lembrar daquela noite. Sierra não precisa disso. Deixe o passado onde está.

Quero concordar, mas chega a ser constrangedor que eu não consiga sequer ouvir o nome de Justin sem meu cérebro pensar que é um tiro.

— Preciso ir — interrompo, me levantando da mesa. — Tenho um trabalho da faculdade pra fazer e não trouxe o notebook.

Eles não me impedem quando saio pela porta, deixando suas vozes sussurradas irem morrendo no ar. Mas, mesmo no trajeto de volta para o campus, não consigo me livrar da sensação de que, não importa o quanto me afaste de Justin, ele sempre estará fora do meu alcance, mas sempre perto o bastante para me assombrar.

Na manhã seguinte, acordo com uma mensagem de texto de Lidia, me dizendo para treinar fora do gelo, já que ela está atolada de reuniões tentando encontrar um parceiro que consiga se qualificar junto comigo. Então, naturalmente, sigo para o rinque. Mas parece que tenho um para-raios de encontros indesejados, porque Justin e Julia estão aqui.

O que fazer quando se vê a pessoa que você mais despreza no mundo deslizando graciosamente pelo gelo, sendo que deveria estar soterrada debaixo dele?

É a primeira vez que os vejo patinar e isso parece rasgar algo dentro do meu peito. Odeio perceber as pequenas coisas, como o fato de Justin sempre ser muito específico com relação ao gelo, mas agora patinar com ela em uma pista áspera e arranhada. Ou que ele removeu as iniciais que escrevemos no tornozelo de nossos patins. Eu pintei os meus com esmalte.

Ainda estou observando os dois quando um corpo eclipsa o meu no espaço entre o corredor e as arquibancadas.

— Quem é que a gente odeia?

Perceber sua presença ali faz minha pele arrepiar.

— Ninguém — murmuro.

A voz grave de Dylan soa perto demais de mim.

— Que bom. Não quero mais ninguém roubando sua atenção.

Me seguro para não revirar os olhos e me viro para ele. Está usando um conjunto de jaqueta e calça de exercício que se molda aos músculos do seu corpo.

— Você não foi banido do rinque?

Dylan dá de ombros.

— Proibido é sempre mais gostoso.

Quase reviro os olhos outra vez.

— Tem pelo menos umas trinta pessoas aqui. Não acha que ninguém vai te dedurar? — Assim que faço essa pergunta, um grupo de garotas acena para ele antes de sair da arena. Ninguém parece ligar para o fato de ele estar quebrando as regras.

Seu olhar desce para meus lábios.

— Por quê? Quer algo em troca de guardar segredo?

— Sim, uma medida restritiva.

— É você que sempre aparece onde estou, Romanova. Se está a fim de mim, é só dizer. Podemos pular todo esse jogo de gato e rato.

— E eu seria o rato, nessa analogia?

— Seria a gata, com certeza, mas é assim que eu gosto. Com garras e tudo. — Ele pisca. Ele real oficial pisca para mim.

— Seu…

— Você tá indo muito bem, Ju. Confia, a gente vai conseguir. — A voz de Justin viaja pelo corredor.

Nem chego a pensar, só agarro a parte da frente da jaqueta de Dylan e o puxo para baixo das arquibancadas. Ele tropeça atrás de mim, e logo ficamos cara a cara naquele espaço espremido.

— Não sei se estou mais no clima. Você foi meio grossa.

— Shh! — Cubro a boca dele com a mão.

— Ah, não. Eu gosto de fazer barulho. — A voz dele sai abafada, mas ainda consigo sentir a porcaria do sorrisinho de canto.

Assim tão perto dele, cercada pelo seu cheiro inebriante de roupa limpa, chego a ficar um pouco tonta. Ele é tão grande, e não se incomoda nem um pouco em ocupar espaço, se amontoando em cima de mim, forçando meu peito a encostar no dele a cada respiração entrecortada. Meu coração começa a martelar enquanto o dele permanece estável, provavelmente porque se espremer com uma garota em um espaço escuro e apertado não é novidade nenhuma para ele.

— Não se preocupe. A gente consegue. Você tá tomando o que eu te dei, né? — A voz de Justin continua, e tenho um vislumbre dele fazendo carinho nas costas de Julia. Ele nunca falou desse jeito tão gentil comigo. Aquilo só me faz voltar para aquela noite, no quarto dele. Quando pensei que, finalmente, eu era o bastante.

Tomo um susto quando Dylan roça o polegar no canto do meu olho e seca uma lágrima. Tiro a mão da boca dele, completamente paralisada de vergonha. Ele franze as sobrancelhas e quando olha para a saída, pela qual Justin acabou de passar, faz uma cara de quem está montando um quebra-cabeças. Fico esperando pena ou compaixão, mas Dylan não me olha desse jeito. Ele me olha com curiosidade.

Quase tropeço nos pés dele na pressa de sair.

— É melhor você ir embora antes que alguém te veja.

Ele parece perceber minha tentativa de mudar de assunto pelo que realmente é.

— Não consegue guardar segredo, princesa?

A tensão no meu peito não está dissipando.

— Me chame de *princesa* de novo pra ver só.

Giro nos patins, indo direto para o banheiro, os protetores de lâmina estalando contra o chão. Só preciso murmurar afirmações, fazer um exercício de respiração e tomar mais um comprimido para evitar um ataque de pânico.

Mas quando finalmente volto para lá, já tem alguém patinando. No *meu* gelo.

Ao ver o pouso sincronizado, o sibilar de um giro e outra sequência de movimentos avançados, fico boquiaberta. Durante todos os três minutos da coreografia, não consigo acreditar nos meus olhos.

Dylan Donovan faz *patinação artística*. Tipo, muito, muito bem. *Mas que merda?*

— O que é que ele *não* domina? — comenta uma aluna da aula aberta de patinação passando por ali.

— Não sei, mas tomara que eu seja a próxima. — Suas amigas dão risadinhas ao sair da arena.

Tudo bem, muita gente pode entrar na pista e fazer uns giros, mas ele não está só girando. Ele fez um salto Lutz e um Axel. Como se não fosse nada. Fico até meio enojada.

Dylan Donovan é um patinador fenomenal.

Nunca vou dizer isso em voz alta. De jeito nenhum vou inflar seu ego. Ele se concentra e se prepara para saltar em outro giro. A resposta imediata do meu corpo é perigosa e nada bem-vinda: meus ouvidos palpitam com um pulso que faz meu sangue descer pelo corpo. *Ah, não*.

— Que jogo de pés mais desleixado — provoco do portão, quando não consigo engolir o gosto amargo na boca. — E aquele triplo parecia mais um duplo.

Tá bom, agora parece até que estou com inveja.

Está, mesmo.

Quando ele se vira, entro no gelo e visto as luvas que terminei de tricotar noite passada.

— Ainda por aqui… — Ele pisca, olhando muito atentamente para meus olhos vermelhos.

— Você acha mesmo que eu ia abrir mão do gelo livre só pra você estragá-lo com esses truques mequetrefes? — Não foram truques, muito

menos mequetrefes. Eu sei disso. Dylan sabe que sei disso.

Quando ele desliza para a frente, me concentro em escolher uma música no meu celular, mas então Dylan chega tão perto que se agiganta em cima de mim. Ele abre a jaqueta, e o som áspero e metálico parte o silêncio.

— A inveja te cai bem, Sierra, mas talvez você devesse canalizar um pouco dessa raiva para acertar no pouso dos seus giros. — Ele se inclina mais perto. — Ou então, quem sabe, posso te dar uma aulinha particular.

Ele ainda está perto demais quando tira a jaqueta e a joga por cima dos painéis. A camiseta dos Baleeiros de Hartford é surrada e curta demais, se agarrando ao peito e revelando o músculo em forma de V que desaparece por baixo da calça.

Engulo em seco.

— Não acho que ia me ajudar muito ter aulas com um cara que ainda usa uma camiseta do time de hóquei do ensino médio. Foi lá que você aprendeu a patinar assim?

Ele olha para mim como se eu tivesse um único neurônio.

— Então, tem esse esporte chamado hóquei, que jogo desde criança.

— Aquilo foi patinação artística. Hóquei não ensina isso.

— Impressionada?

— Indiferente.

— *Invejosa* — decide ele, com um sorriso satisfeito.

Eu já não tenho toda a paciência do mundo normalmente, agora então… Deslizo para longe dele, tentando não prestar atenção no arranhar dos patins que me seguem.

— Competi em dupla com minha irmã por alguns anos — revela Dylan. — Mas aí voltei pro hóquei.

Isso me faz parar.

— Por quê?

— Pegava mais mulher. — Ele observa cada reação minha, como se as estivesse estudando. — E você? Ou você só diz que patina pra se esgueirar dentro da arena e ficar espiando os outros por trás da arquibancada?

Percebo que esta talvez seja a nossa primeira conversa de verdade, mesmo que ele tenha acabado de me pintar como stalker.

— Meus pais eram patinadores artísticos profissionais. Praticamente nasci pra fazer isso.

— Mas você quis?

A pergunta me bate de um jeito estranho e invasivo, e me dou conta de que ninguém nunca me perguntou isso antes. Acho que ninguém sequer quis saber se eu queria dedicar minha vida ao gelo. Sinto uma onda de algo que faz meu estômago contrair, mas depois assinto, porque sempre desejei patinar. Só que agora é uma questão de poder ou não.

Me afasto dele para começar o aquecimento, mas é difícil me concentrar quando ele fica exibindo suas habilidades feito um maldito pavão.

Deve ser o meu lado competitivo, mas vê-lo executar movimentos que eu costumava fazer tão facilmente me motiva a ir além. Por algum milagre, acerto o pouso do meu primeiro giro duplo e dou um gritinho de surpresa. *Puta merda.*

Na patinação, é bom encerrar um treino com um sucesso, mas sempre me pressiono até não aguentar mais. Meu celular toca "Back to Black", da Amy Winehouse. Começo a coreografia que fiz para uma edição do festival Fogo & Gelo, que me convidou lá atrás, quando ainda estava no individual. Minha apresentação foi descrita como "sombria e intensa", "arte no gelo", e, mesmo agora, me transformo em outra pessoa. Uma versão mais desleixada, mas ainda assim, *outra pessoa*.

Entro em rotação contínua no meio da pista, descendo para um giro sentado e sentindo a queimação nas pernas de três Axels consecutivos que até que deram pro gasto. Saio ofegante, mas sentindo um quentinho no peito. Orgulho, talvez. Aperto os lábios, me recusando a libertar o sentimento. *Não foi nada de mais.*

— Impressionante! — exclama Dylan, e depois executa outro Lutz. *Que exibido!*

— Você devia melhorar o seu. Ainda tá sujo — alfineto.

Ele me dá um sorriso convencido dessa vez.

— Acha que dá pra me acompanhar, vaga-lume?

Ergo uma sobrancelha com o apelido.

— Tá tentando me convencer a patinar com você? Não sou tão fácil assim.

— Ah, eu sei, mas sempre gostei de um desafio.

— Não sei qual é o fetiche que você tá tentando satisfazer, mas não conte comigo.

Ele sorri de canto, se aproximando só um pouquinho.

— Você com essa roupa já está ajudando muito.

Quando eu me afasto, Dylan me segue. Ficamos cara a cara, com ele patinando para a frente e eu, para trás.

— Você curte essa dinâmica de filhotinho ou vai tentar algo novo? — pergunto.

— Tentar algo novo.

— Donovan! — alguém exclama antes que eu consiga dizer qualquer outra coisa.

Olho para o portão da pista, de onde Alan Reed, nosso diretor esportivo, encara com uma expressão irritada. Dylan xinga em voz baixa.

— Proibido patinar depois do expediente, senhorita Romanova, mas vou deixar passar dessa vez, já que é uma regra nova — avisa ele.

— Desculpe — digo encabulada, deslizando até sair do gelo, enquanto Dylan se aproxima com relutância de Alan.

Não consigo ouvir o que eles estão dizendo, mas o clima pesa. Os dois discutem, e então a expressão de Dylan fica completamente neutra ao sair pelo portão. Com uma cara satisfeita, nosso diretor o segue até a saída.

Pela primeira vez, chego a me sentir mal por ele. Sei o que é estar fora do gelo. Crescer amando a patinação e ser impedida pelo seu corpo é pura tortura, mas ser proibido por outra pessoa é ainda pior.

9

DYLAN

Em quanta encrenca a mais eu me meteria se tacasse ovos no carro do diretor esportivo?

Aquele insuportável estava de olho no rinque e, quando me viu no gelo, ficou lá parado perto dos painéis com aquela cara de que tem um cabo de vassoura enfiado no rabo. Normalmente, é Kilner quem aplica as regras, mas o treinador não falou nada quando me viu passar por seu escritório mais cedo. Não sei se fez vista grossa ou se está puto por ter que fazer hora extra com o lance da minha suspensão.

Outra coisa que não consigo tirar da cabeça é Sierra. Se fosse qualquer outra situação, a gente estaria no banco de trás do meu carro em cinco segundos, no máximo. Mas ela me olha como se não quisesse me ver nem pintado de ouro. É meio doentio o quanto isso me dá tesão. Ela é cabeça-dura e marrenta, mas lá debaixo das arquibancadas algo se partiu em seu olhar cor de esmeralda, e lá estava: uma única lágrima. Ela estava observando um casal, também de patinadores, e a expressão em seu rosto quase me fez ir atrás do cara para saber por que essa garota aparentemente fria feito gelo estava chorando por ele.

Eu a vi patinar também. Foi diferente da primeira vez que a vi no gelo. O cabelo estava preso e as roupas, justas — exceto pela saia esvoaçante —, e ela foi veloz como nunca. As lâminas de seus patins riscavam o gelo, afiadas e brutais. Ela não acertou o giro Lutz triplo que tentou, mas conseguiu um Axel raso. A dor parecia ainda se fazer presente em seus olhos vermelhos, mas ela estava determinada, vingativa e um pouquinho assustadora. Foi muito sexy.

De repente, o metal de um molho de chaves me acerta bem no abdômen. Ainda estou dolorido da academia, porque ser expulso do rinque depois de só vinte minutos não foi atividade física suficiente. Kian vem até a sala e para na frente da TV depois de me agredir com as chaves do carro.

Estava assistindo a uma série que Summer me indicou. Não é uma novela turca, ainda bem, senão ela me faria traduzir tudinho. Aparentemente, sou um péssimo amigo por não ter dito a ela que minha mãe é turca ou que falo o idioma. Agora, sempre que estou por perto quando ela está assistindo, sou intimado a conferir se as legendas estão certas. E não adianta nada Aiden estar em videochamada, porque ele também espera que eu traduza cada palavra para Summer. Um episódio pode ter até três *horas* de duração.

Jogo as chaves de volta para Kian.

— Tá bom, eu dirijo, mas vai se arrumar. A gente vai buscar o Capitão — avisa ele.

Merda. Quase tinha esquecido que Aiden ia voltar para casa e descansar até a lesão na panturrilha sarar completamente e ele voltar a jogar na temporada regular.

— Achei que Summer ia com você.

Não é que eu não esteja animado com a chegada de Aiden, mas é que sei que ele vai ficar me vigiando feito uma maldita águia. Só espero que se distraia o suficiente para esquecer minha fase festeira e irresponsável do último semestre. E das férias. E da semana passada.

— Ela vai, mas não quero ficar de vela pra um casal que não se vê há mais de um mês.

— Se der sorte, eles vão só ficar de picuinha até em casa.

Kian dá um gemido.

— Aí é pior, isso é tipo preliminar pra eles. Você vem junto.

Ele vai até o quintal para cobrir a surpresa de Aiden com um lençol branco. Já tínhamos nos esquecido dela, até o caminhão de entrega aparecer na semana passada.

Lá fora, um som alto e desagradável atrapalha a paz da rua vazia. Summer está sentada no banco do carona, esticada para meter a mão na buzina feito uma maníaca.

— Credo. Eu estava sendo prestativo e pegando um lanchinho pro *seu* namorado. — Kian senta-se no banco do motorista e joga uma caixinha em

Summer.

— Não sei se ele está a fim de… — Ela segura o pacote entre os dedos para examiná-lo. — … bolinho açucarado de recheio duplo no momento.

Kian arranca o doce da mão dela e resmunga algo sobre conhecer o melhor amigo. Quando finalmente saímos com o carro e pegamos o sentido do aeroporto, passamos em frente à arena e não consigo deixar de olhar para ela. Um senso de pavor se acomoda no meu estômago, quase como uma sensação de que nunca mais voltarei a jogar hóquei naquela pista.

— Tudo bem aí atrás? — Summer abaixa o volume do rádio.

Faço que sim com a cabeça, mas ela continua com a testa franzida. Sigo com o olhar perdido janela afora, mas não deixo de perceber a cara que Kian faz para mim pelo espelho retrovisor.

De uma hora para outra, me vejo desesperado para sair desse estado mental. Saco o celular e mando uma mensagem para Sampson antes que consiga pensar melhor.

Dylan
Onde, hoje?

Sampson
Yale, mas você sabe como é lá. Nunca dá bom.

Sampson
Aliás, Aiden não chega hoje?

Dylan
Não importa. Que horas a gente sai?

Sampson
Te busco em uma hora.

Normalmente, eu nunca pisaria no campus de Yale, mas nesta semana Dalton está passando por uma seca de festas. Talvez porque todos os times da Associação Atlética Universitária tenham passado por exames antidoping surpresa.

Dez minutos depois, chegamos na área de desembarque. Coloco o celular no bolso enquanto Summer e Kian discutem sobre onde estacionar.

Sigo o olhar dos dois até Aiden Crawford, caminhando em direção ao carro. Kian é o primeiro a reagir. Ele estaciona onde com certeza é um local proibido e sai correndo do carro. Depois, joga os braços ao redor de Aiden e dá o abraço mais apertado do mundo. Sigo Summer, que não parece se lembrar da existência de mais nada além de seu namorado. Ela se aproxima lentamente, então dou um cutucão em Kian para se afastar e um abraço rápido em Aiden.

— Não sei o que deu nele pra ficar assim. A gente se viu tem um mês — digo.

— *Dois* meses, otário. São oito semanas inteiras — responde Kian.

Summer ainda está parada no meio da passagem, o que faz Aiden abrir um sorriso.

— Tá esperando o quê, Preston? — pergunta ele, largando a mochila no chão.

Basta isso para que ela saia correndo e pule direto em seus braços. Kian os observa com cara de bobo, e reviro os olhos enquanto pego as coisas de Aiden para colocar no porta-malas. Nunca fui muito de relacionamentos, mas ver meu melhor amigo olhar para sua namorada daquele jeito, com um afeto suave no olhar, me acerta no peito como uma flecha bem na mosca. Mas não dou muita trela para a sensação. Em vez disso, a esmago rapidamente.

Dessa vez, vou no banco do carona, e, quando damos partida de novo, Kian joga a caixa de bolinhos em Aiden, que dá um grunhido de agradecimento e começa a devorá-los no mesmo instante.

Kian dá um sorrisinho presunçoso para Summer pelo retrovisor.

No resto do caminho para casa, fico esperando o sermão que tenho certeza de que vem por aí. Mas, se tiver sorte, já estarei a caminho de Yale antes que Aiden consiga me encurralar.

Sebastian e Cole saem dos quartos para receber Aiden quando chegamos em casa.

— Temos uma surpresa pra você — anuncia Kian.

Aiden nos lança um olhar suspeito, e então olha para Summer, procurando uma explicação. Ela só dá de ombros. Já foi difícil o suficiente fazer Kian guardar segredo, considerando o quanto os dois se falam.

— Vem com a gente — chama Kian, praticamente saltitando enquanto nos conduz pela sala de estar até a porta de correr que dá acesso ao

quintal. — Fecha os olhos.

— Não mesmo — diz Aiden.

— Bora, fecha. Vai dar bom, confia em mim.

— Nunca que vou confiar nesse seu sorrisinho sinistro, Ishida.

Summer dá uma cotovelada em Aiden.

— Quanto antes você obedecer, antes vai poder dar um soco nele pelo que está prestes a ver. — Agora é a vez de Summer sorrir, e Kian revira os olhos.

Aiden assente com um grunhido.

— Se for alguma coisa escrota, juro que vou…

— Pode abrir!

O rosto de Aiden fica completamente sem expressão ao encarar a enorme banheira de hidromassagem diante dele, no quintal. É gigantesca e deve dar para oito pessoas e ainda sobrar espaço. Tivemos que fazer uma planilha bem detalhada para ver se os benefícios valiam a pena. Até tentamos ser responsáveis, mas durou poucos minutos até decidirmos que *precisávamos* dela.

Aiden pisca várias vezes, e seguro a risada enquanto Cole grava a reação a uma distância segura.

— Que merda é essa? — pergunta ele, lentamente.

— Uma hidro. A gente ganhou no concurso da Slink. Conseguimos convencer todas as sororidades e a fraternidade de Dylan a participarem pra ajudar a gente a ganhar, contanto que eles pudessem usar de vez em quando. Maneiro, né?

— Tá, mas por que diabos tem a minha cara nesse negócio?

A banheira é ainda melhor ao vivo do que na foto no site. É imensa, preta e toda plotada com a foto da antiga propaganda de Aiden para a Slink. O sorriso de calouro e a lata de energético açucarado que ele segura casualmente tomam toda a circunferência.

— Uma hidro comunitária? — Summer faz cara de nojo. — Achei que fosse só da casa.

— Kian prometeu que um monte de gente poderia usar. Ele mesmo vai desinfetar depois — digo.

— Sim, senhor, Capitão — brinca Kian com um tom alegre, mas a piada perde a graça quando todos os olhares caem sobre mim. — Quer dizer… não mais. É, deixa pra lá, eu…

— Amor, vamos subir. Você precisa descansar — desvia Summer, discreta, interrompendo Kian.

Aiden nos observa conforme Summer o leva para longe.

— A gente precisa conversar — diz ele para mim.

— Mal posso esperar — resmungo.

Meu celular vibra na minha mão, mas antes que consiga olhar para a tela, uma buzina ecoa lá da rua. Sampson chegou. Graças a Deus.

No segundo que chegamos em Yale, percebo que coloquei muita fé na minha tendência à farra. Os caras trazem bebida e oferecem erva como se eu não tivesse acabado de ser pego no antidoping. Passo o resto da noite no sofá, bebericando uma única cerveja, que nem termino. O que me torna o motorista da rodada, para meu azar. Levo vários universitários irritantemente bêbados para casa e me pergunto de quem foi essa maldita ideia de jerico.

Quando finalmente chego em casa, tomo um banho rápido. Ao sair, acabo clicando na notificação que aparece na minha tela, reproduzindo sem querer uma mensagem de voz.

— *Seu pai quer pedir desculpas pelo comportamento dele. Eu quero me desculpar também,* kuzum. *Não deveria ter te contado da festa por telefone. Por favor, vem pra casa esse fim de semana, vou fazer aquela comida que você gosta…*

A porta do meu quarto se abre de súbito e pauso a mensagem, a voz de minha mãe ainda ecoando nos meus ouvidos. Pego a toalha na beira da cama e a enrolo ao redor da cintura.

Era de se esperar que, depois de morarmos juntos por quatro anos, os caras teriam a noção de bater na porta antes de entrar no meu quarto. No entanto, quando Aiden entra, não espero nada menos. Ele já me viu de jeitos muito piores do que só de toalha, mas ao me encontrar sozinho, solta o ar aliviado.

Por que ele ainda tá acordado? Achei que pudesse adiar isso até amanhã, pelo menos. Da última vez que conversamos, ele perguntou se estava tudo bem e me pediu para dizer caso não estivesse. Não consegui contar para ele na época — não quis trazer mais um problema além de tudo o que ele estava carregando.

Aiden se apoia na minha escrivaninha, tamborilando os dedos na madeira, como se estivesse tentando se conter para não gritar comigo. Ele

nem disse nada ainda e já está me fazendo questionar tudo.

— Falei com Kilner.

Eu me sento na beirada da cama, olhando para qualquer outra coisa que não seja o meu melhor amigo.

— Sobre?

— Sei que você não me contou por que estava fumando aquela noite — começa ele. — E não sei se vai contar, mas mesmo assim ainda acho que você não faria isso sem motivo. Especialmente com tudo o que está em jogo.

Conta pra ele. As palavras arranham minha garganta, doidas para sair e tirar de meus ombros o fardo que vem pesando em mim há anos. De que meus pais não aceitam que nossa família nunca mais será a mesma, de que meu pai arruinou o casamento, de que aquela renovação de votos é uma farsa. A erva ajudou a aliviar toda aquela merda. Por, tipo, dez segundos.

Quando não consigo me forçar a dizer nada, Aiden assente para si mesmo.

— Kilner anda conversando com Reed para te reintegrar. Não vai ser fácil, mas falei com o reitor também.

— Falou?

A expressão em seu rosto me diz que ele está de saco cheio das minhas merdas, mas, por alguma razão, ainda está disposto a me aturar.

— Você não merece ser deixado de lado por causa de um único erro. Vou deixar bem claro pro reitor quanta gente acredita em você.

Suas palavras causam algo estranho no meu peito.

— Você faria isso por mim?

— Não — diz Aiden. — Tô fazendo pela outra versão de você. Porque ele é o meu melhor amigo.

10

SIERRA

— Oi, rainha do gelo — diz Justin.

Eu já devia saber que o dia ia ser uma merda quando quase peguei sem querer minha jaqueta das Olimpíadas hoje de manhã. Aperto o passo, mas Justin me alcança mesmo assim. Ele arrumou o cabelo, e está de jeans e moletom. Vê-lo desse jeito, com as bochechas rosadas e essa carinha de bom moço, é estranhamente nostálgico. Como nas vezes em que a gente se encontrava em frente ao rinque antes do treino.

— Você estava naquela festa no outro dia, né? — Ele curva os lábios em um sorriso. — Fico feliz de te ver nos rolês de novo, Si. Você merece.

Faz a superior, Sierra.

— Valeu, Justin.

O silêncio não é só a ausência de som. É algo vivo, inchado com o peso de soluços abafados em travesseiros encharcados de lágrimas e palavras que ecoam na minha mente há meses.

— Andei ensaiando o que diria pra você, se a gente se encontrasse de novo — diz ele. — Mas agora que você tá aqui, nada do que pratiquei parece ser bom o bastante.

É só pedir desculpas.

Tinha convencido a mim mesma que não precisava daquelas palavras. Porque como eu poderia ficar com raiva dele por ter priorizado a si mesmo? Por que esperar que ele estragasse a própria vida também, só porque a minha estava arruinada? Não tinha o direito de pensar que ele ficaria do meu lado, acreditando que eu poderia me curar, sendo que não podia.

Justin me observa com um olhar que antes me ajudava a manter os pés no chão, mas que agora parece atrair minha raiva para a superfície, como

um farol.

— Sierra, eu não tive escolha.

As palavras se vão com o vento, de tão inúteis que são. Como se *eu* tivesse tido uma escolha. Como se o gelo, implacável e sólido sob meu corpo enquanto meus ossos amoleciam debaixo da minha pele, tivesse pedido minha permissão. Nunca mais tive o controle de nada desde aquela queda — nem dessa vida fragmentada, nem da raiva, nem mesmo do aperto no peito que sinto sempre que olho para meus patins.

— Não preciso de uma explicação sua, Justin. Nós éramos só parceiros — respondo, minha voz desprovida de emoção conforme a mentira flutua no espaço entre nós.

Ele olha para mim como se eu o tivesse estapeado, e sei que se lembra daquele dia. Horas antes de nossa apresentação, ele foi ao meu quarto no hotel e disse que precisava confessar o que sentia por mim. Então, ele me beijou e, embora não tenha retribuído o beijo imediatamente, eu relaxei. *Finalmente*, depois de quatro anos, eu tinha conseguido. Eu o tinha feito feliz. Naquele dia, ele disse que eu era a única para ele e que, depois de vencermos aquele troço, a gente ia comemorar juntos.

— Só parceiros? — repete ele, parecendo magoado, como se não tivesse imaginado que eu iria me tornar essa versão de mim mesma, tão fria e *má*. — Como você pode dizer uma coisa dessas? Você nunca foi assim, Sierra. Achei que já teria superado a essa altura.

Estanco no lugar tão abruptamente, que ele nem percebe que parei de andar até estar alguns passos adiante.

— Superado o quê?

Ele franze a testa.

— Oi?

— Superado. O. Quê? — repito. — O que era pra eu ter superado, Justin?

Nunca havia falado com ele desse jeito. Em todos os anos da nossa parceria, era ele quem comandava, e eu obedecia sem questionar. Mas, depois do acidente, algo duro e áspero abriu caminho no meu peito e se acomodou ali. E deixo esse sentimento me consumir, porque prefiro raiva às lágrimas em qualquer ocasião.

— Você me entendeu. Já faz um ano, Sierra. Você agir assim, como se a gente não fosse nada, machuca. — A voz dele falha, e suas sobrancelhas se

curvam em dois apóstrofos tristonhos. Talvez no ano passado isso teria funcionado, mas agora só me faz querer arrancar as sobrancelhas da cara dele.

Depois desse tempo todo, ele não considerou uma única vez que *eu* me machuquei dez vezes mais do que ele com meu silêncio. Foi ele quem tomou a decisão de me largar e encontrar uma nova parceira. O sonho dele de levar o ouro foi muito maior do que qualquer coisa que construímos nos últimos quatro anos. Foi tudo uma grande mentira.

Não quero mais ninguém, rainha do gelo.

— Acho que você tá esquecendo que foi *você* que me largou, Justin. Eu nunca teria feito o mesmo com você.

Seu olhar faísca antes de suavizar como sempre, quando ele sabe que está errado, mas ainda assim não vai admitir.

— Sinto saudade de patinar com você.

— Você tá com a Julia — eu o lembro. Não é possível que ele tenha dito isso pra valer.

— Por enquanto. — O olhar que ele me dá faz minhas orelhas esquentarem. — Só lembra que eu tô aqui pra você, Sierra. Sempre.

Quero carimbar *mentiroso* bem na cara dele.

Onde é que você estava quando chorei no quarto do hospital até minha garganta parecer em carne viva? Onde estava quando eu quis que tudo aquilo acabasse? Onde. Você. Estava?

Mas deixo esses gritos trancados sob minha expressão calma, mostrando apenas o que quero que ele veja. Porque, ainda que esteja me agarrando a fragmentos da minha versão passada, me recuso a deixá-lo levar o crédito por me tirar do eixo.

Então, assinto, tomando o rumo da arena e calçando os patins para outra sessão de treino individual. Mas eu deveria ter previsto no segundo em que coloquei os pés na pista. *De novo, não.*

— Cem, noventa e sete, noventa e quatro, noventa e um… — começo a contar.

Meus dedos formigam, uma sensação de dormência se espalhando conforme minha linha de raciocínio se perde. Minha respiração falha, e um peso começa a afundar no meu peito, me sufocando.

— Merda — sussurro com a voz fraca. Com as mãos trêmulas, faço menção de pegar o celular… que deixei em cima do banco. — Não, não,

não.

Tinha ficado confiante demais e decidido pular a medicação de hoje. Tentei me convencer de que não ia precisar da ajuda.

Hoje, o rinque está deserto. Ainda falta um bom tempo até o horário dos treinos regulares, e estou com medo de essa dor demorar a passar. Desesperada, agarro a gola do casaco e puxo, segurando o tecido afastado do peito para tentar respirar antes que eu desmaie. Gotas de suor se acumulam na minha testa e cobrem cada pedacinho da minha pele, como se estivesse no meio de um incêndio.

É só quando fecho os olhos e tento me concentrar em alguma coisa — *qualquer coisa* — que ouço o rangido do portão e o arranhar de sapatos sobre o gelo, antes de sentir um par de mãos quentes segurando meu rosto.

— Ei. Ei, o que foi?

Dylan.

Meu rosto deve estar pálido, suado e todo contorcido. E é o idiota do Dylan Donovan que me encontra desse jeito. Se eu pudesse, abria um buraco nesse gelo e caía lá dentro.

— Respira. Fala comigo, Sierra — pede ele, de um jeito tão gentil, tão cuidadoso, como se achasse que eu fosse me espatifar.

Minha pele parece ainda mais quente, e o constrangimento se agarra nela como se fosse o suor frio e pegajoso da ansiedade. Que fosse qualquer outra pessoa, mas ele não. *O que ele tá fazendo aqui?*

Durante meses, consegui lidar sozinha com minhas crises de pânico — exceto por Scarlett, que já viu muito mais do que eu gostaria. E sempre são em lugares que parecem bem abertos, mas depois encolhem. Tipo meu dormitório, onde sinto as paredes se fechando ao meu redor ao tentar me convencer de que não estou morrendo. Ou daquela outra vez no parque — estava sentada em um banco, tricotando, e o pânico me consumiu a ponto de quase enfiar a agulha de tricô no meu peito, para que o objeto afiado forçasse meus pulmões a inflarem.

— *Sierra* — Dylan chama de novo.

— Eu… eu… — As palavras se perdem na agonia de respirações entrecortadas e no ardor das lágrimas quando arregalo os olhos. Isso não pode estar acontecendo. Hiperventilar é uma coisa, mas *chorar* é muito pior.

— Tá tudo bem. Não precisa falar nada. Só continua respirando.

Seus olhos castanhos são tão doces, de um jeito que eu nunca tinha visto antes, que quase me distraem.

Dylan esquadrinha o rinque vazio, e, quando faz menção de se mover, agarro os punhos dele com mais força. Se estivesse em pleno controle do meu próprio corpo, morreria de vergonha desse meu desespero frenético, mas, de alguma forma, Dylan entende o pedido silencioso. Suas mãos permanecem no meu rosto, exatamente onde preciso que estejam.

Mesmo com seu toque, meus pensamentos vêm com tudo, afiados como cacos de vidro. *Deveria ter ficado em casa. Todo mundo tinha razão. Agora, você é uma fraca.*

Quando Dylan baixa as mãos para meus ombros, eu me assusto, mas ele não me solta. Devagar, vamos deslizando até o painel de proteção. Tenho certeza de que ele está arrependido de ter vindo para cá. Deve ter coisa muito melhor para fazer, tipo sair com alguma garota da qual realmente goste.

É uma onda, vai passar. É temporário.

Fico repetindo as palavras da dra. Toor várias e várias vezes. Assim que alcançamos o portão, um soluço entrecortado sai rasgando do meu peito. Perco o equilíbrio e tropeço no batente da pista e, no mesmo segundo, Dylan passa o braço ao redor da minha cintura e me puxa contra si.

Então eu desisto e solto todo o meu peso, me deixando cair e trazendo Dylan junto comigo. Acabo batendo o cóccix no chão emborrachado com um baque surdo, e Dylan cai sentado atrás de mim com um grunhido. O gancho de metal do portão deve estar fazendo pressão em suas costas, mas nem assim ele me solta. Nem assim me deixa sentir a ausência do seu toque. Em vez disso, suas pernas envolvem as minhas em um casulo protetor, e ele me puxa contra si, de forma que minhas costas ficam apoiadas contra seu peito.

— Presta atenção aqui, tá sentindo meu peito subir e descer? Respira junto comigo, Sierra. — Sua voz grave me traz de volta e me estabiliza, como a gravidade.

Quando seus braços envolvem meus ombros, me permito segurar firme em seus antebraços com as veias bem marcadas e afundo ainda mais nele. Ele puxa o ar profundamente, e eu o imito, segurando juntos por quatro segundos e então soltando devagar. Posso sentir seu coração batendo atrás

de mim e, com cada respiração, sem nem perceber, tento sincronizar meu compasso ao dele.

— Isso. Assim mesmo — sussurra ele ao pé do ouvido. — Desse jeitinho. — Seu hálito quente recai como um cobertor sobre minha pele. — Consegue abrir os olhos e me dizer cinco coisas que pode ver?

Sua voz é melodiosa e me faz abrir as pálpebras pesadas de novo. Ele está fazendo um daqueles exercícios de regulação emocional que aprendi na terapia. Um pensamento errante passa ligeiro em algum lugar da minha mente caótica, e me pergunto como é que ele sequer sabe disso.

— O mostruário de troféus, sua bolsa de equipamento — começo, ofegante. A bolsa azul-escura com o símbolo da Dalton e o número 21 ficou esquecida no chão perto das arquibancadas, como se ele simplesmente tivesse corrido para cá, sem nem pensar. — A arquibancada, uma latinha vaz-zia, seus tênis — listo, um pouco mais rapidamente agora.

— Boa garota — sussurra ele, causando arrepios no meu pescoço. — Agora, que tal quatro coisas que você consegue sentir?

Não dou ouvidos à voz na minha cabeça dizendo para eu me afastar. Dou ouvidos a Dylan.

— O chão de borracha, meu pingente — digo, sentindo o acessório na pele do tornozelo, dentro dos patins. — Seus braços e… seu coração.

Também estou sentindo o suor encharcar meu corpo, mas não compartilho esse detalhe.

— Três coisas que pode ouvir?

— O zumbido das luzes. — Me concentro para perceber outra coisa, mas o único som que quero ouvir é o da voz dele. — Sua voz e… hum… não consigo ouvir mais nada — admito, e ele dá uma risadinha. Dessa vez, os arrepios que correm pela minha pele são resultado direto da proximidade, e não do pânico.

— Tudo bem. Me diz do que sente o cheiro.

— Você — respondo, rápido demais.

Sinto seu sorriso contra minha têmpora. Estamos tão perto um do outro, e cada partezinha do meu cérebro e corpo parecem focar nesse detalhe. As outras sensações vão embora para dar boas-vindas a seja lá que merda é essa. Algo familiar e ainda assim tão estranho. A escuridão no meu peito vai dissipando à medida que passo mais tempo aqui, presente

neste momento, no chão úmido, com ele. Mas ainda é *ele*, e isso não é algo que fazemos.

— Acho que já tô bem — digo. O silêncio é quase sufocante conforme me afundo de novo em mim mesma. Ninguém quer ficar preso remendando algo que não quebrou, muito menos um jogador de hóquei famosinho. Dylan não veio para cá para passar o dia emaranhado na minha ansiedade. Eu mesma mal consigo fazer isso.

Mas, quando tento me mexer, ele me abraça apertado. Odeio o tanto que meu corpo gosta disso.

— Falta uma. Fala uma coisa que você fez e te deixou orgulhosa hoje.

A pergunta me pega de surpresa. Me viro para encará-lo, mas ele só me olha tranquilo, paciente.

— Tô orgulhosa de… ter acordado na hora?

Dylan me lança um olhar seco.

— Ah, não. Tenta de novo.

— Mas é disso que eu tô orgulhosa — argumento.

— Você está se esquivando. Foi seu despertador que te acordou na hora. Tenta de novo.

Na verdade, foram os flashbacks horríveis das Olimpíadas, mas não conto isso a ele.

— Tá bom — resmungo. — Tô orgulhosa de…

As palavras se demoram na minha língua, arrastando o silêncio por tempo demais. Dylan faz um muxoxo. Quando olho, ele balança a cabeça.

— Ridícula, você.

— Quê? Como assim?

— Não consegue dar *uma* resposta significativa?

— Eu estava pensando!

— Por dois minutos? Não devia levar esse tempo todo. — Ele se ajeita, e tenho certeza de que está tão desconfortável quanto eu neste tatame de borracha. — Sierra, estou orgulhoso de você por ter subido no gelo hoje, e nos outros dias, até tarde da noite quando não deveria. E estou orgulhoso de você por ter aceitado minha ajuda.

Não consigo falar nada. Dylan deve perceber, porque depois de examinar muito bem minha expressão, ele se aproxima até pôr as mãos nos meus patins. Eu me sobressalto e recuo para não esbarrar meu nariz em sua bochecha. Seus dedos compridos desamarram os cadarços, e ele

descalça o primeiro pé. E agora não sei se meu rosto está quente por causa da crise de pânico ou das minhas meias verdes com estampa de camaleão.

— Belas meias — sussurra ele.

— São pra dar sorte — rebato.

Ele solta um murmúrio divertido e dá uma apertadinha no meu tornozelo antes de pousar meu pé sobre o chão emborrachado. Não consigo evitar o suspiro de alívio e me relaxo toda, soltando o peso enquanto ele tira o outro pé do patins, me apertando do mesmo jeito, observando a tornozeleira balançar.

— E isso, é amuleto da sorte também? — pergunta Dylan, tocando o pingente minúsculo.

— Costumava ser. Foi presente do meu ex-parceiro — explico.

Ele só assente com a cabeça, e ficamos em silêncio por um minuto — ou talvez uma hora —, mas ainda parece pouco tempo quando ele se levanta e me puxa consigo. Eu giro para ficarmos frente a frente, ainda envolta em seus braços, com ele se agigantando sobre mim. Tento me manter paradinha, sem querer forçá-lo a ficar ainda mais tempo aqui comigo.

Estou orgulhoso de você por ter aceitado minha ajuda.

Dylan baixa o olhar para minha mão, ainda agarrada ao tecido do casaco. Seus dedos pairam sobre o zíper, pedindo permissão. Faço que sim com a cabeça. Lentamente, ele o abre, depois me ajuda a tirar, revelando a regata cavada por baixo.

— Valeu. — O agradecimento sai ofegante.

Seus lábios se curvam num sorrisinho.

— Não sabia que essa palavra existia no seu vocabulário.

Reviro os olhos.

— Ai, cala a boca.

Desta vez, a gargalhada dele ecoa e quase me faz sorrir junto.

— Olha ela aí.

Quando faço menção de dar um soquinho no peito dele, Dylan captura meu punho, gentil. Sua expressão suaviza, a provocação acolhedora se transformando em algo mais pesado.

— Você vai ficar bem? — pergunta ele, a voz baixa.

Há algo de tão vulnerável naquela pergunta que bate pesado no meu peito. Tanto, que não consigo engolir o nó na garganta. Baixo o olhar,

porque sei que é só uma questão de tempo até ver aquela expressão no rosto dele. Pena.

Ele nunca me olhou daquele jeito, e talvez seja por isso que, não importa o quanto tenha treinado para me encolher, nunca consiga fazer isso com ele. Eu cedo às suas palavras todas as vezes. Então, agora, quando ele provavelmente está olhando para mim como todo mundo, sei que não vou conseguir aguentar.

Até tento evitar, mas a aspereza escapa mesmo assim:

— Eu tô ótima. Não precisava ter feito tudo isso.

Uns três segundos de silêncio se passam, longos e constrangedores. Ainda evito olhar para ele.

— Tá falando sério? Parecia que você estava sofrendo.

Ainda estou.

— Não sou responsabilidade sua, Dylan.

— Eu nunca disse que era. — Sua voz é baixa, carregada com alguma emoção que não consigo definir muito bem. Então, outras vozes ecoando pela arena chamam nossa atenção, e Dylan se afasta. — Melhor eu ir.

Ele desaparece corredor afora. Afundo de novo até o chão, me sentindo uma completa e absoluta merda. E desta vez não é por causa da crise de pânico.

11

DYLAN

Summer Preston deve ser a própria Dona Morte disfarçada de estudante de Psicologia Esportiva.

— Não é tão ruim assim. Para de choramingar — reclama Summer.

Ela se refere à trilha de quase dez quilômetros para a qual me arrastou nesta manhã de setembro mais fria que o normal, assim que raiou o dia. Desde que soube da minha suspensão, ela encasquetou que eu fizesse pelo menos alguma atividade todos os dias. Algo a ver com não me deixar me abater pela situação atual. E é difícil à beça não fazer isso, já que a única coisa na qual tenho talento me escapuliu por entre os dedos por causa de uma única escolha ruim. É tão cansativo tentar equilibrar o novo estilo de vida e ainda ter que prestar atenção às aulas.

Ontem, Summer me enganou com uma falsa emergência e foi me buscar na caminhonete de Aiden, mas quando estacionamos em frente ao Centro Aquático de Dalton, me recusei a entrar. Ela teve que me arrastar pelas portas de vidro automáticas até a aula de hidroginástica na qual nos inscreveu. Deve achar que a gente é da terceira idade ou alguma merda assim. As senhorinhas adoraram a minha presença, mas, apesar do meu passado, não sou muito de pegar coroas. Desde então venho dando um perdido em Summer, mas hoje de manhã ela invadiu meu quarto (pelo menos, entrou de olhos fechados) e fez chantagem emocional até eu topar vir nesta trilha. Acho que ainda está me dando o troco por eu não ter contado sobre minha ascendência turca.

— Acho que você é uma sádica — digo.

— Fico lisonjeada — responde Summer, antes de quase torcer o tornozelo em uma pedra se não fosse pelo meu apoio. — Mas chega de

reclamar. Te levo no Lola depois daqui.

— Não dá pra me subornar com comida, Sunny. Não sou o Kian — retruco.

— Ah, eu sei. Kian não fica choramingando quando a gente faz trilha juntos.

Dou risada.

— É porque o cara é incapaz de dizer não.

— Não tem nada a ver com o complexo de super-homem. Ele gosta de estar ao ar livre.

O único ponto positivo desta caminhada é que, desta vez, não estou de ressaca. Mas mesmo os exercícios de respiração quadrada e os alongamentos não são o bastante para me distrair desse vazio existencial.

Se eu não jogar mais, que porra eu vou fazer? O distintivo de "honra" de pegador e festeiro do campus perdeu a graça muito rápido. Agora que não tenho mais o hóquei, é como se estivesse vendo atrás da cortina pela primeira vez. Se não sou Dylan, o ala-esquerda que garante uma boa farra, sou só motivo de pena.

O que fazer quando se perde a única coisa que sempre amou?

A resposta não está nesta trilha cansativa nem na vista decepcionante — nublada, mormacenta e anticlimática, exatamente como era de se esperar. Não há muito a se ver em Hartford.

O silêncio da caminhada só me faz repassar a manhã de ontem na cabeça, quando fui para o rinque falar com Kilner, mas dei de cara com Sierra tensa e paralisada no meio do gelo. Ela estava tendo uma crise de pânico. Sei disso porque, no primeiro ano, quando Kian recebeu a notícia de que seu pai tinha morrido, eu o encontrei no banheiro sem conseguir respirar. Levei-o para o pronto-socorro, e lá explicaram o que era um ataque de pânico e nos ensinaram algumas técnicas de regulação emocional. Só que Kian precisava de espaço para respirar quando teve o dele, já Sierra não queria que eu a soltasse.

— Valeu a pena? — pergunto a Summer, ocupada tirando fotos da vista medíocre.

— Sempre vale a pena ver você desse jeito.

Ela tira uma foto minha e ri zombeteira, e espio por cima do penhasco, pensando se deveria só pular logo dali e evitar mais uma hora de sofrimento.

Kilner
Meu escritório. Amanhã.

Dylan
Não pode me falar logo o que é?
Suspense me dá urticária.

Kilner
Que bom. Pode se coçar a noite toda.

Já recebi essa mesma mensagem dele tantas vezes que estou pensando em mandar bordar em uma almofada.

Depois de voltarmos da caminhada, decidi que estava na hora de abrir os livros. No momento, estou sentado no Aquário, a área de estudos toda envidraçada que fica bem ao lado do pátio, tentando fazer exatamente isso, quando uma garota de cabelo cor-de-rosa se senta no braço da minha poltrona, tirando minha atenção dos resumos sobre as aulas de Capital de Risco e Capital Privado.

— Achei mesmo que era você! Quanto tempo.

Vasculho minha memória procurando alguma referência a cabelo cor-de-rosa e, ao que parece, um par de piercing nos mamilos espremidos contra a camiseta. Eu não transo há muito tempo — bom, muito tempo para mim —, e meu cérebro parece estar tentando pegar no tranco.

— Ooi… Becca?

O sorriso dela não vacila nadinha.

— É Carly.

— Ah, sim — respondo, me recostando na cadeira.

— O time de futebol vai dar uma festa de início de temporada, você vem? Vou levar minha amiga de Harvard.

Ah. Cabelo cor-de-rosa. Piercing nos mamilos. *Ménage*. Daquela noite eu me lembro muito bem, e ela está oferecendo de novo, e o fato de eu hesitar por um segundo que seja me faz querer reavaliar minha vida inteira. Mas não fico com ninguém mais de uma vez. Muito risco de virar dependência. Deixo essas regras muito claras e não mudo os termos por ninguém.

— Vou ver e te aviso — respondo. Sampson até me mandou mensagem sobre essa festa mais cedo, mas não respondi.

— Se mudar de ideia, sabe onde nos encontrar. — Carly chega mais perto para me puxar para um abraço, esmagando os peitos em mim. — Vou levar a corda.

— Donovan — aquela voz rouca chama, monótona.

A garota de cabelo cor-de-rosa se afasta e desvia de Sierra, que está parada de braços cruzados, os olhos verdes cravados em mim. Ela nem sequer olha de relance para… Como era mesmo o nome dela? Realmente, já fui melhor.

O cabelo escuro de Sierra está enrolado e fixo no lugar por uma presilha, e duas mechas soltas emolduram seu rosto como uma aura suave. Ela traz a bolsa cor-de-rosa com o equipamento de patinação no braço e usa uma saia preta com um suéter de mangas longas.

— Eu? — Pisco os olhos de um jeito inocente.

— Não torne isso mais difícil do que já é — murmura Sierra, sua voz tensa. Ainda assim, alguém pede silêncio, e ela pressiona os lábios. — Vim aqui dizer…

Mais um "shh" a interrompe, a tentativa de sussurrar engolida pela irritação em sua voz. De supetão, ela agarra meu pulso e me arranca da poltrona. Meu livro cai no chão, mas a deixo me levar para onde quiser. Não sinto esse frio na barriga desde que ela gritou comigo naquela festa.

Sierra me enfia entre duas prateleiras que abrigam vários notebooks carregando. Sem os patins, sou lembrado do quanto ela é mais baixa do que eu. Estamos tão próximos, que se eu chegasse só um pouquinho mais perto, poderia sentir ainda mais o aroma suave de gloss de cereja.

Seus olhos verdes estão alertas, quase elétricos, e ela morde o lábio inferior como se estivesse nervosa. Quase culpada.

— Por acaso você tem fetiche em lugares apertados? É a segunda vez que você faz isso comigo.

— Olha, minha cabeça não estava muito boa lá no gelo ontem, e fui grossa quando você só quis ajudar. Minha amiga acha que eu poderia ter me machucado, se não fosse por você. Então eu queria… pedir desculpas. Não devia ter falado contigo daquele jeito, afinal, você estava me ajudando.

Caramba, o dia hoje está saindo bem melhor do que o esperado.

— Continue.

Ela pisca.

— Já acabei. Só vim pedir desculpas por ter sido grossa.

Balanço a cabeça.

— Você é péssima nisso, Romanova. Mas é fácil falar. Eu te perdoo, com uma condição.

— Quer saber, pensando melhor, acho que consigo viver com esse pequeno peso na consciência. — Ela tenta ir embora, mas bloqueio sua saída. De tão estreito, o espaço mal comporta meus ombros.

— Não tem nada pequeno a meu respeito. Vai ser um grande peso na sua consciência… alguns diriam até enorme. Não vai conseguir dormir sem ver esse rostinho inocente. — Faço um biquinho.

Sierra troca o peso de um pé para o outro, e seu olhar dispara para um relógio de parede ali perto. Depois do treino de hóquei, o rinque fica vazio por um breve período, então essa conversa está tomando seu precioso tempo de patinação. Mesmo assim, ela ainda está aqui.

— Tá bom, o que você quer? — pergunta.

— Um beijo.

Ela se sobressalta, quase batendo contra a prateleira, abrindo e fechando a boca enquanto tenta achar as palavras.

Puta merda, como eu amo isso.

— Não precisa ficar toda nervosa. Quis dizer na bochecha. — Toco o meu rosto. — E aí tá perdoada.

Ela abafa uma risada.

— Mas de jeito nenhum que vou chegar perto do seu rosto.

— Por que não? Ouvi dizer que é bem agradável.

— Então é assim que você pega todas as garotas. Falando do seu rostinho lindo.

Abro um sorriso.

— Eu nunca disse que era lindo. Isso aí foi você.

Ela suspira e então olha em volta, os ombros tensos e movimentos incertos ao se aproximar. Fico completamente imóvel, e, depois de hesitar por um momento, ela fica na ponta dos pés, seus lábios roçando o canto da minha boca em um rápido, quase assustado beijo na trave. Antes que eu possa reagir, ela recua, como se tivesse se queimado.

— De verdade, me desc… — Ela desvia a atenção para um dos estudantes, que pega um livro de uma prateleira inferior.

— Não precisa pedir desculpas, Sierra. Tá tudo bem.

— O beijo foi pra que, então?

Dou de ombros.

— Eu gosto de ver você se contorcer.

— Babaca — resmunga ela, escapulindo do espaço apertado.

— Pentelha — retruco.

Ela lança um olhar fulminante sobre o ombro antes de sair do Aquário. Com um sorriso grudado no rosto, volto para minha poltrona, mas é bem difícil estudar ainda sentindo a pressão dos lábios dela na minha pele. Sendo assim, arrumo minhas tralhas e vou para casa.

A última coisa que espero ver quando entro pela porta da frente é uma reunião de todos os meus amigos, sentados à mesa de jantar, esperando por mim. A tensão no ar é quase palpável, como se todo mundo tivesse prendido a respiração no momento em que entrei. Sinto meu estômago se contorcer em um nó de pavor ao perceber que tem alguma coisa estranha aqui. Todos estão me olhando, mas não com os sorrisos fáceis de sempre, e sim com preocupação, até decepção, e parece que levei um soco.

Summer está sentada no colo de Aiden em uma cadeira, com Kian ao lado deles e o notebook virado para mim, no qual Eli e Sage fazem uma cara séria na videochamada, apesar das máscaras embaixo dos olhos, e, por fim, Cole e Sebastian estão quase dormindo, mas mesmo assim presentes.

— Que merda é essa? Uma intervenção? — Dou risada, mas o riso soa falso até para meus ouvidos. Vou até a cozinha, com esperança de que o movimento vá me distrair da tensão sufocante. Volto com um isotônico, mas, quando levanto o olhar, todos ainda estão lá me encarando. É como se eu estivesse no tribunal.

— É, sim — diz Summer em voz baixa, mas parece um tapa na cara.

Antes que possa perguntar do que ela está falando, Aiden acrescenta:

— A gente tá preocupado com você, Dy.

— Seu estilo de vida não é sustentável. — Agora, é Eli.

— Queremos te mostrar que estamos aqui pra você. Tá todo mundo do seu lado, do jeito que você precisar, porque sua saúde é importante — diz Kian. Parece alguma baboseira que ele leu em um panfleto.

É uma emboscada, isso sim.

Lanço um olhar fulminante para ele, de óculos escuros e segurando uma bolsa de gelo na cabeça. É o sujo falando do mal lavado.

Cole se empertiga:

— O hóquei não é o mesmo sem você.

— Kilner não deu um sorriso desde que você foi suspenso — acrescenta Sebastian.

— Kilner nunca sorri. — Solto um muxoxo. — Não sei por que todos vocês resolveram perder tempo, mas não preciso disso. Não bebo nada além de cerveja desde que descobri do exame, e a maconha foi só aquela vez. Aliás, Kian encheu a cara tanto quanto eu, e ninguém teve problema algum com isso.

Suas expressões sérias continuam iguais. *Mas que porra está acontecendo?*

— Não se trata da bebedeira nem da maconha, a gente não tá aqui por causa disso. Estamos aqui porque estamos vendo o quanto não jogar está te afetando, e não queremos que você se isole — explica Summer.

Sei que ela está preocupada comigo. Todos estão. Mas essa dinâmica que temos é importante para mim, e não quero estragar tudo revelando esse meu lado problemático, agora que já é tarde demais. Ninguém quer uma pessoa quebrada por perto. É por isso que beber me ajuda a juntar os cacos, para que eu sempre possa ser o Dylan que eles querem — o cara que nunca pesa mais no fardo que todos já estão carregando. Tentei ser um amigo, uma fuga para todo mundo, mesmo que signifique que eu mesmo nunca possa escapar. Tem sido assim desde sempre, porque é disso que as pessoas precisam. Não de outro motivo para se deprimirem. Não de mais um peso.

Cerro a mandíbula, sentindo a pressão crescer no peito. Não posso deixá-los me verem desse jeito.

— Bom, maravilha, mas não quero nem saber. — Sabia que isso ia acontecer. Cantei essa maldita pedra. No momento em que parei de fingir, veio a realidade e me deu uma voadora.

— Ah, mas vai ter que querer — declara Aiden. — O treinador acha que pode conseguir que você volte, mas não vai poder botar tudo a perder dessa vez, Dylan.

Eu me sinto soterrado sob o peso de tanta expectativa. Engulo em seco com força, tentando segurar a onda, mas não sei mais por quanto tempo

consigo fingir que está tudo bem.

— Não vou fazer isso — respondo.

— Mas já fez, cara — rebate ele, mais ríspido dessa vez. — Você vai ter que dar um jeito na sua vida de uma vez por todas.

Summer se afasta de um Aiden nervoso para me entregar um cartão de visitas branco, que traz o nome de uma terapeuta que trabalha na clínica esportiva.

— Se não puder falar com a gente, fala com outra pessoa. Alguém que possa ajudar. Sem cobrança, sem pressão.

Pego o cartão e resmungo um agradecimento sem um pingo de sinceridade. No entanto, ninguém me obriga a ficar lá. Eles me deixam ir, e vou direto para o chuveiro.

Aqui, não preciso fingir que tenho tudo sob controle.

Quando eu era criança, sempre que meu pai voltava de uma viagem de negócios, minha mãe corria para me levar para o banheiro e ligava o chuveiro. "O vapor faz bem pra pele", ela dizia, sua voz uma mistura de urgência e aconchego. "Pode fazer todo o silêncio ou o barulho que quiser aqui." Então ela prometia que voltava logo, e fechava a porta atrás dela. Depois de um tempo, entendi o que ela estava fazendo e me pegava voltando ao chuveiro mais vezes. Quando saía, meu pai já tinha ido embora, e minha mãe ficava na sala, chorando e escondendo o rosto nos punhos cerrados.

Não sei se o cartão que jogo em cima da escrivaninha pode ajudar a resolver tudo isso, ainda mais quando não sei se "tudo isso" sequer acabou, mas sei que não vou deixar meus amigos se preocuparem comigo. Vou fazer tudo o que puder para me restabelecer.

12

SIERRA

Quando Lidia me disse para encontrá-la de manhã, achei que fosse conhecer meu novo parceiro, não ir parar no escritório do treinador Kilner, vendo-o folhear uma papelada e atender ligações com "sim" e "não" rápidos.

Mas então alguém bate na porta, e Kilner solta os papéis e dá a volta na mesa. Estou tentando ser paciente, mostrar a Lidia que vou ter disciplina no treinamento rigoroso que teremos pela frente. Mas quando me viro para ela, seus olhos piscam rapidamente. Que estranho.

Estou contando quantas bolinhas antiestresse Kilner tem no escritório quando ouço uma voz que faz meu estômago dar uma volta.

— Já te disse que você tá com um semblante jovial esses dias?

Dá para ouvir claramente o sorrisinho na voz dele.

Espio sobre o ombro e encontro Dylan se apoiando com uma das mãos no batente da porta.

— Senta a bunda aí, Donovan — resmunga Kilner, acabando com qualquer esperança de que isso fosse uma alucinação.

Na verdade, é um pesadelo, e Dylan Donovan é meu demônio da paralisia do sono.

Só que em vez de uma silhueta esquelética e dedos longos e assustadores, é um corpo de bíceps grandes e ombros largos, desfilando confiante de calça de moletom cinza e camiseta preta, justa ao redor dos braços, e cabelo mais ondulado que o normal, como se ele tivesse acabado de sair da cama.

Acorda, Sierra!

— Sierra? — Olhos cor de âmbar encontram os meus, e ele para. — Eu estava brincando quando te chamei de stalker antes, mas isso tá ficando meio esquisito.

— Vocês dois se conhecem? — pergunta Kilner.

— Uhum…

— Não — disparo ao mesmo tempo. Fecho as mãos em punhos ao lado do corpo, e não consigo tirar os olhos daquele idiota, me encarando como se estivesse se divertindo.

Quando Dylan se joga na cadeira ao meu lado, sinto seu cheiro de sabonete e roupa limpa. Aquele aroma refrescante, tão característico seu, no qual fiquei imersa debaixo da arquibancada e no Aquário. Ele esparrama as pernas, totalmente sem noção, e seu joelho encosta no meu. Por reflexo, eu me afasto, e ele repete o movimento com um sorriso nos lábios, como se estivesse se segurando para não rir. Como é que ele pode achar graça nisso?

— Que ótimo — diz Lidia. — Porque vocês vão patinar juntos.

Isso não pode estar acontecendo comigo. Viro a cabeça com tudo na direção de Lidia.

— Tá de brincadeira?

— Treinador, pensei que isso fosse sobre meu retorno — protesta Dylan.

— E é — responde Kilner, com o tom firme. — Eles vão deixar você voltar pro rinque, mas com uma condição: que você faça parte de um programa oficialmente aprovado.

Dylan franze a testa, cético. Fico olhando de um para o outro, confusa. Mas então Lidia interrompe, e é aí que cai a ficha de vez — que isso não é uma piada doentia ou pesadelo. Do jeito que as coisas têm ido para mim, eu já deveria saber.

— Sierra precisa de um parceiro antes do prazo do torneio — explica ela, sua voz entrecortada. — E, a essa altura da temporada, não tem mais ninguém disponível. Precisamos de alguém que a ajude a se qualificar para o ano que vem, e já que ela ganhou tanto prestígio em nome de Dalton, fizeram uma exceção.

Ou seja, a Federação Estadunidense de Patinação Artística não conseguiu achar ninguém para formar equipe comigo. Ou pior, ninguém quis. Minha última centelha de esperança acaba de escorrer pelo ralo.

— E… — continua o treinador Kilner — … já que você está suspenso e precisa mostrar que tem disciplina, o reitor aprovou a parceria. Você vai formar uma dupla com Sierra para ajudá-la a se qualificar, e, em troca, vai trabalhando na reintegração e ainda mantém seu tempo no gelo. Você vai passar por exames toxicológicos recorrentes e, junto com seu comportamento, isso vai determinar se você está elegível para voltar à Associação Atlética e sair da lista de espera da Liga Nacional antes da formatura.

Dylan se recosta na cadeira, como se essa fosse a última coisa que ele esperava ouvir.

Não quero dar escândalo na frente de Kilner nem que ele pense que não estou grata por sua ajuda, mas isso é um absurdo. Não é possível que eu esteja *nesse* nível de desespero.

— Mas ele é jogador de hóquei! — deixo escapar. Na minha visão periférica, posso ver Dylan olhando para mim.

— Na verdade, estou suspenso — comenta ele, sem emoção.

— Você me entendeu. Não vai conseguir acompanhar meu ritmo.

— Ah, é? Quer testar minha resistência, princesa?

— Dylan — censura o treinador, e ele cala a boca. Minhas bochechas estão queimando, e alterno o olhar entre Kilner e Lidia.

— Não temos muito tempo. Sim ou não? — pergunta Lidia, e sua franqueza me pega desprevenida.

— De jeito nenhum.

— É claro — diz Dylan.

Viro a cabeça com tudo para encará-lo. Seus lábios estão tensos, reprimindo uma risada, mas o jeito que seus olhos brilham divertidos o denunciam.

Lidia me faz congelar com um olhar assustador. Da última vez que levei um desses, foi porque estava treinando no meu dia de folga.

— Não é hora de ser exigente, Sierra. Você prometeu.

— Eu sei, mas…

— Sierra. — A voz de Kilner é calma e estável. — Eu entendo o quanto isso é importante pra você, e Lidia está ciente da experiência de Dylan. Ainda assim, fique à vontade para pedir um teste e decidir depois.

Ele está com aquele olhar paternal que já me deu tantas vezes, e não consigo fazer nada além de assentir. Então ele olha para Dylan com uma

cara assustadora — um silencioso *não estrague tudo*.

Dylan ergue as mãos como se estivesse se rendendo, mas o sorrisinho permanece intacto.

Fico alternando o olhar entre um e o outro. Não consigo deduzir nada de Dylan para além disso, ou encontrar qualquer falha na forma que ele exibe a autoconfiança de um deus.

— Amanhã, às seis da manhã em ponto. Vamos ver do que você é capaz.

Dylan me lança um olhar breve.

— Fechado.

— Mas, Lidia, e aquelas pessoas que você entrou em contato? — Preciso perguntar.

— Eu fiz ligações, postei em todos os fóruns e perguntei a colegas. Até agora, ninguém demonstrou interesse, e estamos ficando sem tempo. Se atrasarmos mais, corre o risco de você perder o período de qualificação e ter que adiar sua temporada inteira.

Então é mesmo verdade. Ninguém me quer.

Ela deve ver pela minha expressão que cheguei a essa conclusão.

— Não tem ninguém disponível a tempo para o que você precisa. A não ser que esteja tudo bem pra você não participar dessa temporada.

Pisco várias vezes para afastar a queimação nos meus olhos.

— Faça o teste e aí tire o resto do dia para pensar a respeito — sugere Kilner.

Assinto, e quando somos liberados Dylan já passou pelas portas duplas da arena. Acabo tendo que correr atrás dele no caminho até seu carro.

— Donovan — chamo, e ele para a meio caminho de abrir a porta do veículo. Ele se vira, inclina a cabeça e sorri. — Nem pense em aparecer amanhã — digo. Não tenho motivo para ser sutil. Ele foi suspenso por uso de drogas, e conheço sua reputação no campus. Como posso confiar em alguém assim, quando tenho tanto em jogo? Preciso me esforçar mais para achar alguém eu mesma. — Isso aqui não é brincadeira, e não vou deixar ninguém estragar as coisas pra mim.

Ele se aproxima, entrando no meu espaço pessoal.

— Você precisa de um parceiro, Sierra. E eu estou suspenso. Não é como se tivesse nada melhor pra fazer.

— Pô, brigada. Você sabe mesmo fazer uma garota se sentir especial — reclamo, sarcástica. — Mas ainda que eu precise de um parceiro, nunca vai ser você.

As palavras pairam entre nós, afiadas e ásperas, mas ele não vacila. Em vez disso, sua expressão fica mais séria, um quê de competitividade brincando em seu olhar. É quando vejo seu lado jogador de hóquei, aquele que todo mundo chama de "perigoso" e "brigão".

— Olha, nós dois sabemos que eu patino bem pra cacete…

— Você é razoável — interrompo.

— E você precisa de um parceiro cuja agenda permita um plano de treino intensivo.

Odeio o quanto isso faz sentido.

— E é pra eu acreditar que você realmente tá a fim disso?

Ele suspira com a minha teimosia.

— Você estava lá também, Sierra. Por acaso parecia que eu tive escolha?

Sinto um aperto no peito. A última coisa que quero é estar em uma parceria forçada. Depois de Justin, parece impossível voltar com tudo e confiar em alguém totalmente novo, sobretudo alguém cujo estilo de vida é tão diferente do meu. Dylan joga hóquei, mas o esporte não é a vida inteira dele. Patinação é a minha, e ele nunca vai entender isso.

— Não vá amanhã.

Dylan ergue uma sobrancelha.

— Isso é uma ameaça?

— Aham.

— Não devia ter dito isso, Sierra. Mal posso esperar pra ver como é sua vingança.

— Você não vai querer descobrir — retruco.

Por um instante, ele só me encara, seus olhos castanhos brilhando com alguma coisa que não consigo identificar. Me preparo para alguma réplica convencida, uma alfinetada irritante que vai fazer meu sangue ferver. Mas em vez disso ele recua, confiante de um jeito enlouquecedor, e destranca o Range Rover preto.

Antes de se sentar, com uma das mãos na porta, ele chega mais perto — só o suficiente para chamar minha atenção.

— Até amanhã, princesa.

Então ele se vai, o ronco do motor desaparecendo à distância, me deixando lá de punhos cerrados e um calor se espalhando pela minha nuca.

13

DYLAN

Teve torta de climão para o café da manhã na casa do hóquei, bem aquele tipo de constrangimento que fica no ar muito depois de seus amigos organizarem uma intervenção na mesa de jantar. Depois daquilo, o silêncio na casa era ensurdecedor, quebrado apenas pelo rádio antigo e meio assustador que Kian garimpou num brechó, semana passada. Ele toca exclusivamente música country, mas tenho certeza de que isso é só o jeitinho dele de cair nas graças de Aiden. Pelo visto, não fui o único que levou um sermão. Otário.

Mas depois da minha reunião com o treinador Kilner e Lidia Orlov, sei que esse é o único jeito de me provar. Mesmo assim, eles devem estar malucos para acharem que eu e Sierra faríamos uma boa dupla. Mas vê-la se contorcer daquele jeito? Puta merda, me fez imaginar o que ela faria quando eu pusesse as mãos nela, a centímetros de distância, naquele gelo.

— Olha ele aí! — exclama Kian, ao entrar em casa. — Nosso patinador artístico!

Eu tinha acabado de me sentar para estudar quando meus amigos irrompem pela porta. Estão usando óculos de plástico, com pequenas hélices de cada lado, uma das lentes decorada com a letra *Dy* e a outra com a letra *S*.

Ah, pronto. Começou.

— Como você soube disso?

— Tenho ouvidos em todo lugar, meu caro. E Aiden nos contou. — Kian larga uma caixa enorme de papelão com um baque surdo em cima da mesa, bem onde eu estava tentando estudar, e abre um sorrisão para mim.

Então reparo que ele usa uma camiseta estampada com a minha cara e a de Summer.

— Que negócio é esse? Tá formando uma seita?

— Tá mais pra fã-clube — responde ele, ainda sorrindo. — Fizemos os convites do aniversário!

Summer coloca outra caixa em cima da mesa.

— Só que Kian não estava prestando atenção. Eu disse que era pra mandar fazer quinhentos convites, ele imprimiu *mil* e quinhentos. — Ela se volta para a porta da frente, provavelmente para ir buscar outra caixa, mas Aiden entra carregando outras duas enormes.

Ele põe uma na mesa e se vira para Summer.

— Amor, eu disse que pegava.

— Você tá contundido, e sou mais forte que você, Crawford. Sou princesinha do pilates agora. — Ela sorri.

O olhar dele desce pelo corpo da namorada.

— Eu sei.

— Aff, já deu, não basta o que tive que aturar no carro. Acho que prefiro vocês me dando bronca por causa do erro dos convites — reclama Kian. — Pelo menos agora vai vir uma galera, e a gente bem sabe que Dylan gosta de uma festa animada.

A piada soa sem noção, visto que eles acabaram de fazer uma porcaria de intervenção e cá estou eu estudando, certamente *não* em uma festa, muito menos animada.

Kian acha que é disso que gosto, e durante um tempo era mesmo, mas a última festa foi para ele. Agora que os caras estão na liga profissional, não costumam vir muito para casa. No aniversário de Kian, estávamos só nós dois, e não quis que passasse em branco. Organizei aquele festão para mostrar a ele que as coisas ainda podiam ser como antigamente.

— Esse era o Dylan da semana passada. O Dylan de hoje lê… — Summer estende a mão para ler a capa do meu livro. — … *Anatomia de uma fusão* em seu tempo livre.

— Ou pelo menos estaria lendo, se vocês não estivessem me distraindo — acuso.

Aiden me olha com cuidado, como se estivesse na dúvida se essa nova versão minha é de verdade mesmo. Kian solta uma risada abafada.

— Com grande beleza, vêm grandes consequências com que todos temos que aprender a conviver. Mas tudo isso aqui é pro seu aniversário, então você deveria agradecer.

É difícil me sentir grato por algo que não pedi, mas jamais diria isso em voz alta. Não só porque é também aniversário de Summer, mas, além disso, eles estão planejando essa festa há semanas. Vai ser a primeira vez em meses que estaremos todos juntos, e prometi para mim mesmo que não ia estragar as coisas. Que seria o Dylan que todo mundo quer por perto.

De repente, a sala fica ainda mais abarrotada. Quando Cole se joga em uma cadeira, ele saca o celular e vira a tela em nossa direção.

— Vocês viram o que o mascote de Yale fez com o nosso? O coitado levou uma surra do buldogue. A gente não vai deixar isso barato, né?

— Pensei em sequestrar o mascote deles — Sebastian se intromete. — Aí eu quero ver.

Kian dá mais uma risada que parece um ronco.

— Eu e Dylan já fizemos isso no segundo ano. Que tal se nesse…

— A gente não fizer nada? — interrompo.

Aiden nos observa com atenção. Kian volta o olhar para mim.

— Ah, sim, era exatamente isso o que eu ia dizer.

Sebastian e Cole fazem uma cara como se eu não estivesse em sã consciência.

Aidan ri com o braço ao redor de Summer, enquanto ela coloca óculos escuros no rosto dele.

— Vocês acham mesmo que eu ia cair nesse migué? Conheço vocês, seus idiotas. Só não sejam pegos.

Os caras comemoram, e por um momento tudo parece normal de novo. Mas então um pensamento intrusivo se esgueira, tóxico, o mesmo que fico ruminando na maioria das minhas noites insones: essa não é mais minha equipe. Pelo jeito, patinação artística é minha única chance de sequer ser considerado apto a voltar. Se não conseguir, o hóquei vai ser só uma memória distante.

Me levanto da mesa, pegando as chaves, e ignoro o olhar cortante de Aiden.

— Valeu, até mais tarde.

Kian agarra meu punho, de testa franzida.

— Mas e o mascote?

— Vocês se viram.

Me solto do meu amigo e sigo adiante. O peso de seus olhares me segue até a porta, mas não olho para trás.

— Nem chama! — exclama Kian quando bato a porta da frente.

Quando entro no carro, não sei para onde vou, mas, contanto que seja longe daquela casa, pode ser qualquer lugar.

Quinze minutos mais tarde, estou na antiga fraternidade. Os irmãos da Kappa Sigma Zeta ficam mais do que felizes em me receber, porque parece que o lance do antidoping não afeta minha filiação. A puxação de saco ficou totalmente fora de controle. Outra coisa fora de controle? A festa que está rolando aqui. Eu tinha acabado de pegar no sono no meu quarto, no andar de cima, quando a vibração da música começou.

Percebo bem rápido que festas de fraternidade são muito chatas quando se está sóbrio. Essa é a terceira vez que alguém tenta me subornar a plantar bananeira no barril. Da segunda vez, Kian — pois é, ele me seguiu — perguntou se eu seguraria o cabelo dele caso ele vomitasse na privada. O cabelo dele mal passa das orelhas. E pela primeira vez desejei que as festas acabassem às dez da noite.

O álcool deixa tudo melhor, ou pelo menos mais fácil de ignorar. Estou jogado em um banquinho na cozinha, vendo casais bêbados se atracando contra qualquer parede disponível. Só ter que me esquivar deles já é quase um esporte de contato. Mas quem sou eu para julgar? Com certeza dessa água já bebi.

Estou rolando a tela do celular, distraído, quando uma notificação de e-mail aparece. É a assistente do meu pai pedindo para confirmar presença na renovação de votos. Enfio o celular de volta no bolso, escorrego do banquinho e volto para a sala de estar.

Antes de chegar, porém, Mehar Chopra para bem na minha frente. A mão dela roça no meu peito, e tento ligar o botão, virar o cara que estava com ela naquela noite. Só para manter aquela versão minha viva, muito embora a gente só tenha ficado uma vez. Como sempre. Mas a voz dela é só estática, sua risada ecoando em algum túnel distante.

Ela balança a cabeça e me dá uma latinha antes de ir embora. É uma bebida alcoólica frutada. Sigo para a porta dos fundos, meus dedos coçando para abri-la, mas deixo em cima de uma mesa.

Então, como tivesse acabado de tirar fones de cancelamento de ruído, ela entra em foco. Cabelos pretos, olhos verdes, lábios vermelhos. Sierra está empoleirada em uma cadeira enquanto o grupo ao seu redor brinda e gargalha alto o bastante para balançar as paredes. Sua amiga ruiva — Scarlett, acho — dá um tapa em sua perna, se dobrando de rir, mas o sorriso de Sierra se esvai no segundo em que a amiga desvia o olhar.

Não sei dizer por que ando até ela, mas já parei de tentar entender por que só faço merda quando a vejo. *Tipo concordar em ser o maldito parceiro dela*.

— DD! — grita um dos caras do grupo.

Não tiro os olhos da garota, que fica completamente tensa. Scarlett dá um cutucão na amiga, mas Sierra só esvazia sua latinha. Inclino a cabeça, com um sorrisinho divertido, enquanto Scarlett me lança um olhar curioso.

— Meus manos lá de Waterfell não ficaram muito felizes depois do último jogo com vocês — diz o loiro à frente de Sierra, chamando minha atenção. Não faço a menor ideia do que ele está falando. O semestre passado é um borrão, e não tenho a menor vontade de reviver aqueles jogos. Fui um jogador irresponsável, violento, e só queria descer o soco em qualquer coisa em cima daquele gelo. Os comentaristas me nomearam o jogador mais brigão de Dalton, o que me deixou puto.

— Que manos? — pergunto, minha voz monótona de tédio.

— Bom, pra começar, os defensores que você atropelou — responde ele.

Ah. Aquele jogo. Tinha sido logo depois de uma ligação da minha mãe, que falou que meu pai não ia em casa há dias. Não foi o meu melhor momento, mas não atropelei ninguém. O defensor deles era enorme, os olhos brilhando, e veio para cima de mim tanto quanto fui para cima dele. Os capacetes voaram, teve lábio e nariz sangrando, e até consegui rasgar a camisa dele, revelando uma tatuagem em espiral que parecia uma daquelas pinturas de Van Gogh.

— Jogo é jogo, cara. Certeza que a gente terminou numa festa na casa dele depois.

Eu só me lembro disso porque fiquei tão bêbado que acordei em um quarto que não reconhecia.

Me afasto daquela memória e vejo Sierra deixar sua segunda lata vazia em cima da mesa e então pedir licença em voz baixa. Um aroma sutil de

cereja permanece no ar quando ela passa por mim.

Como um cão farejador, eu a sigo até a outra sala. Ela encontra um sofá vazio perto da janela e se joga nele, aliviada. Caio na almofada bem ao seu lado, e seu corpo enrijece. Ela está segurando outra latinha com força, uma que nem a vi pegar. Não consigo evitar me perguntar por que ela está bebendo, e se é por causa de hoje de manhã.

Sierra faz um muxoxo audível, revirando os olhos do jeito que já me acostumei até demais. Ela resmunga algo sobre ficar lá só por causa de Scarlett.

— Não consegue me deixar em paz? — pergunta ela, com um tom de voz irritado.

— Sou incapaz disso — respondo.

Seus lábios vermelhos se estreitam em uma linha fina.

— Primeiro, você quer ser meu parceiro, e agora está me seguindo por aí. Acho que é você quem está obcecado.

Eu me reclino no sofá.

— Nada, só gosto de saber quando é que o circo vai estar na cidade.

Seu olhar fica ainda mais cheio de ódio.

— Que engraçado, achei que você era o ato de abertura, *Capitão*.

— Parece que você andou perguntando sobre mim por aí. Tá querendo conhecer seu parceiro novo ou só gosta de me chamar de *capitão*?

— Não estou nem um pouco impressionada. Só quem te elogia são as garotas de sororidade ou seus irmãos daqui. — Sierra gira sua lata pela metade enquanto um grupo adentra a segunda sala de estar, menos barulhenta. — Suas fãs estão te admirando — zomba ela.

Me viro para ver uma das garotas acenando para mim, e aceno de volta.

— Isso é tipo seu bat-sinal ou alguma coisa assim? Ela vai arrancar sua calça agora?

— Eu só dei oi. Você que quer arrancar minha calça.

Ela indica a garota com a lata.

— Então ela não é sua próxima conquista?

— *Conquista* implica que eu precisaria ganhar o coração dela. E posso apostar que isso já tenho.

Sierra olha para a garota novamente, antes de voltar hesitante ao meu olhar.

— E por que ela? O que a faz digna de Dylan Donovan?

Dou de ombros.

— Ela parece divertida.

Seus olhos verdes suavizam, provavelmente por causa do álcool.

— E como é que você determina isso?

— Não é uma coisa assim concreta. É meio que a vibe dela — explico. — Quer saber qual é a sua?

Nem sei se consigo entendê-la na maior parte do tempo, mas no momento a vibe dela é quente, como gelo fino craquelando sob o peso dos patins.

— Não, mas talvez você queira ir atrás dela antes que ela te coma completamente com os olhos.

Inclino a cabeça.

— Acho que não vou, não.

— Mas não é esse o seu lance?

— Meu *lance*? Falando assim parece que sou um depravado. É só sexo. Totalmente consensual e divertido para todos os envolvidos. Sem compromisso, sem climão. — Meu olhar corre para o lábio que ela morde. — E com certeza sem sentimento.

— Estou bem ciente de como é a prática sexual dos universitários. Não precisa se defender.

— Não tô me defendendo. — Minha resposta sai mais na defensiva do que eu queria.

Sem mais nenhuma palavra, ela se levanta do sofá para ajeitar a saia, mas acaba tropeçando e cai de novo. Quase totalmente no meu colo.

— Eita — resmunga ela, se ajeitando para sentar direito no sofá. — Levantei muito rápido.

— Ou então bebeu muito rápido. Eu sou tão insuportável assim, Sierra, que te levo a beber?

Seus olhos se fixam nos meus, tão astutos que me fazem engolir em seco. Ela se ajeita para me encarar, e parece ter um zumbido no ar quando ela põe a mão na minha coxa, o calor de sua pele passando pelo tecido da calça jeans. *Puta merda*, estou sóbrio demais para isso.

— É, tipo isso — responde ela.

Sem pensar muito, coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Ela engole em seco, a garganta delicada ondulando antes de, seja lá o que

for que sempre a faz se segurar, parecer desintegrar com a ajuda da bebida em sua mão.

— Por que você quer me ajudar? — pergunta ela com a voz suave, me apertando ainda mais. Cada pressão de seus dedos quentes e macios na minha perna deixam uma carga elétrica em seu rastro.

— Já te disse, Sierra. Vai ser pra ajudar nós dois.

O ar fica ainda mais carregado, e fixo meu olhar nela. Quando ela se levanta para ir embora, reajo por instinto, meus dedos envolvendo seu punho sem fazer força. Não sei por que, mas a ideia de ela ir embora me dá um nó no estômago.

Sierra fica de pé entre minhas pernas. Então levanta a mão para pentear meu cabelo para trás. Ela passa os dedos entre os fios devagar, de um jeito quase hipnótico, inclinando a cabeça e avaliando minha reação com aqueles olhos verdes. Eu quase fecho os meus, e quando ela roça o polegar pelos meus lábios, dou uma mordidinha fraca em seu dedo. Ouço seu arfar de susto antes de ela tirar a mão dali. O ar entre nós faísca. Sierra me estuda com atenção antes de oferecer sua lata a mim.

— Não tô bebendo hoje — respondo.

Ela solta um murmúrio e continua a passar os dedos pelo meu cabelo, e luto contra a urgência de puxá-la para o meu colo e deixá-la fazer isso a noite toda. Sierra chega ainda mais perto, suas coxas resvalando o tecido do meu jeans, acendendo algo primitivo e dormente.

— Nem assim? — pergunta ela, tomando um gole da latinha, a bebida se acumulando em sua boca.

Meu coração para quando Sierra se inclina e afunda os dedos no meu cabelo, um pulso acordando no meu abdômen quando ela puxa minha cabeça para trás com tudo. Mal consigo conter um grunhido, meus lábios entreabertos ao olhar para cima, para ela.

Eu sabia que ela ia ser assim, que ia gostar de uma pegada mais forte. Poderia dar a ela tudo que quisesse, do jeitinho que quisesse. Mãos atrás das costas, a bunda contra minha cintura, meus dentes mordiscando sua orelha até ela gozar comigo dentro dela.

Sierra levanta uma sobrancelha, um desafio silencioso pairando no ar conforme espera minha resposta.

Eu só pisco. Então, faço que sim com a cabeça uma, duas, várias vezes até ela morder o lábio vermelho para refrear o sorriso, ainda esperando por

algo.

— Sim — digo, enfim.

Sierra deixa a bebida morna pingar da boca dela para a minha, um amargor doce se espalhando por minha língua. É então que concluo que jamais beberia sozinho de novo, se pudesse beber daquele jeito para sempre.

Ela abaixa a cabeça, seu nariz roçando no meu.

— Engole.

E eu obedeço.

Ela é delicada e irresistivelmente linda. Deixaria ela me afogar em qualquer coisa que me permitisse provar de seus lábios.

Sierra se mantém perto de mim, a ponto de eu sentir seu hálito na minha pele, e ficamos assim, como se nenhum de nós pudesse decidir se deveríamos nos afastar ou quebrar a distância entre nós.

— Te achei, finalmente! — exclama Kian quando entra cambaleando na sala de estar. — Seb e Cole pediram pra você dar carona. Eu vou ficar aqui. Os caras disseram que posso dormir no seu quarto hoje.

Sierra se afasta, mas eu não solto o punho dela. Quando ela faz menção de dar mais um gole, tomo a latinha dela e a coloco no chão. O que acabou de acontecer entre nós foi culpa do álcool, e prefiro mil vezes que ela teste essa valentia toda em mim do que em algum outro otário nessa festa.

— Se não estiver bebendo, é claro. — Kian estreita os olhos, que pulam de mim para Sierra.

— Tô de boa — digo ao me levantar. Muito embora um único gole daquela boca carnuda vermelha tenha me deixado tão inebriado quanto umas seis doses de vodca na minha corrente sanguínea.

Kian dá um joinha duplo e desaparece. Sierra fica bem quietinha ao meu lado. Não sei o que está passando pela cabeça dela, ou o que foi aquilo no sofá, mas não quero que acabe.

— Você…?

— Não vá amanhã — diz ela abruptamente, antes de sair quase correndo da sala de estar.

Não consigo nem pensar direito, mas quando Cole e Sebastian me chamam, sou obrigado a ir embora em vez de ir atrás dela. Ser o motorista da rodada daqueles dois é irritante à beça. Quando eles se recusam a sair

do carro, eu os largo lá mesmo. Os dois podem entrar com as próprias pernas.

Na cozinha, me vejo sedento por uma bebida, mas qualquer álcool parece sem graça depois de hoje. No entanto, percebo que a garrafa de vodca que guardei no congelador desapareceu. Vou matar Sebastian. Ele roubou de mim de novo. Se bem que talvez seja até bom.

— Porra, Dylan. Acende a luz, pelo menos — reclama Summer.

Viro a cabeça e a encontro no batente, com uma camiseta enorme do Toronto Thunder.

— Oi, Sunny.

— Ah, esqueci de perguntar. Deu tudo certo na reunião com Kilner? Vai fazer patinação artística agora?

— É, vai ser ótimo. Vou me reintegrar — digo, mesmo sem acreditar muito.

Summer bate a porta da geladeira e fica na minha frente.

— Não vem com esse papinho pra cima de mim. Sei que você tá sofrendo, Dylan. Só conversa comigo quando precisar.

— Pode deixar.

Summer suspira, mas aperta meus ombros antes de abrir a geladeira de novo, pegar um tubo de chantilly lá de dentro e sair correndo da cozinha evitando contato visual.

É, que puta noite esquisita.

14

SIERRA

Já mencionei que faço merda quando estou bêbada?

Tanto que, mesmo com o álcool no sangue, o sono se recusou a vir quando eu e Scarlett voltamos para o dormitório trocando as pernas na noite passada. Em vez disso, fui para a cama, e minha mente ficou repassando os eventos da festa em detalhes vívidos: dedos longos envolvendo meu punho, a rouquidão na voz, o pomo de adão subindo e descendo quando ele engoliu a bebida que tomou da minha boca.

Não faço a menor ideia de onde saiu aquela versão minha, mas a energia de Dylan é contagiante. Me fez lembrar bastante de uma Sierra mais corajosa, que não tinha tanta coisa a perder. Foi por isso que fiquei me revirando debaixo das cobertas noite passada, meus dedos brincando sob o elástico do pijama. Não consegui mais me masturbar desde o acidente, nunca tentei, nunca *quis*. Mas só um toque suave dos meus dedos já faz minha excitação aumentar, voltando à vida como o motor de um carro antigo. Tudo o que ouço e sinto são a voz dele, as mãos, suas coxas e braços me envolvendo. Assim que aquele sentimento de eletricidade começa a faiscar pelo meu corpo e penso que enfim vou gozar, o orgasmo iminente morre na praia. A euforia desaparece instantaneamente no meio de meus pensamentos intrusivos, limitantes. Se apaga como a chama de uma vela.

Seja por vergonha ou culpa, sei lá, mas me impediu de chegar a um orgasmo que, com certeza, me faria gemer um nome que eu não deveria.

Então, hoje de manhã, acordei um pouco frustrada e sentindo aquela dor de cabeça de tensão. Agora, sentada na arquibancada da arena, faltam exatamente três minutos para as seis e ainda estou rolando a tela do

celular, olhando os fóruns, procurando parceiros em potencial. Talvez Lidia tivesse deixado alguém passar. Talvez eu não tenha visto algum diamante bruto.

Paro em um perfil, passando pelas fotos do patinador e lendo sua biografia.

— Última e derradeira? — A voz grave de Dylan atravessa meus pensamentos, me puxando de volta ao presente. — Soube que ele tem gonorreia.

— Vou me lembrar disso quando for transar com ele no meio do programa longo.

Dylan bufa.

— Duvido que ele aguente isso tudo.

Dou um olhar de esguelha, examinando-o detalhadamente bem aqui, às seis em ponto, e desconsiderando minha ameaça.

— Eu já devia saber que você não faz o que te mandam.

— O que posso fazer? Gosto de ser punido.

— Bem submisso da sua parte — comento secamente.

— Ah, é? Você curte isso? Porque eu posso ser, a depender da recompensa.

Meu Deus, como ele é desconcertante! Tento não prestar atenção nas reações do meu corpo e focar na tela do celular.

Dylan espia sobre meu ombro.

— Olimpíadas e Harvard? Exibido.

Me viro para olhar para ele, e então me afasto quando meu nariz quase encosta em sua bochecha.

— Fui pras Olimpíadas e estudo em Dalton. Está me chamando de exibida também?

— Não, você é impressionante. *Ele* é exibido.

— Você só tá com ciúmes porque tem gente melhor pra ser meu parceiro do que você.

— Só dá pra escolher um, Sierra. E eu sempre saio na frente.

Ficamos nos encarando por tanto tempo que quase dá para vê-lo lembrar de ontem à noite. Por algum milagre, ele não menciona nada. Não fala das minhas mãos afundando no cabelo dele, penteando as mechas como se tivesse o direito. Ou do momento em que deixei minha bebida

escorrer da minha boca para a dele, como se fosse algo que sempre fizéssemos.

— Pense nas crianças, Sierra.

Dou um olhar sem expressão a ele.

— Quer dizer, as que você deixou escorrer pelo ralo, hoje de manhã?

— Dylan! — chama Lidia. — Era às seis em ponto no gelo. Não tô vendo você pronto.

Ele se vira para mim.

— Ela é sempre assim?

Dou de ombros, fazendo cara de inocente. Dylan patina até o centro da pista. Ele está com uma camiseta de mangas compridas com um logo de caixa de seleção concluída no centro, justa ao redor dos braços. Ele fala alguma coisa com Lidia e ela *dá risada*. Não consigo ouvir nada, então desço da arquibancada, chegando mais perto da borda do gelo, com os olhos grudados nele.

— Achei vídeos de apresentações antigas suas, com sua irmã. Não fazia ideia que vocês competiram na União Internacional de Patinação duas vezes. Muito impressionante — diz Lidia. Enfim, Dylan se posiciona, e ela começa a orientar: — Primeiro, comece com um trabalho de eixo, até um avanço — instrui ela, seus olhos atentos ao observá-lo. — Agora, um giro combinado.

Fico assistindo, balançando uma perna, esperando ele errar alguma coisa.

O Axel triplo dele me faz segurar o celular com força. É muito bem executado para alguém que não faz isso profissionalmente. Não é justo.

Lidia se vira para mim, encontrando meu olhar de lá do meio da pista. Volto a olhar o telefone depressa, fingindo vasculhar os fóruns diligentemente.

Quero que ele escorregue, só um pouquinho. Alguma coisa, qualquer coisa que me lembre o porquê de não querer formar essa dupla. Mas, por dezesseis minutos, ele faz tudo que ela pede, e faz bem demais. Porém, no último Salchow, ele não aterrissa no eixo certo e se atrapalha todo.

Rá! Fico me vangloriando na minha cabeça até Lidia gesticular para que ele pare, mas ela está sorrindo.

— Bom, posso dizer que estou realmente surpresa, meu filho. Temos muito trabalho pela frente considerando as competições, mas foi um

excelente começo.

— Mas aquele Lutz foi brutal. Não me admira que tenha empacado no hóquei — tripudio, ao me aproximar.

Lidia só pisca.

— E a pesquisa, deu certo?

Murcho.

— Não.

— Eu diria que é uma escolha bem simples. Isso é, se os dois concordarem com a parceria e Dylan fizer o exame físico e toxicológico. Completamente limpo. — Ela olha para Dylan e enfatiza essa última parte. Ele ainda está com aquela expressão arrogante de sempre. Sinto vontade de dar um murro naquela fuça. — Me deem um retorno até hoje à noite. Não temos tempo a perder.

Ela vai embora e, quando está longe o bastante, sibilo:

— Ela te chamou de *filho*?

— Filho. Melhor patinador que ela já viu. Tão lindo que chega a ser ridículo. Não consegui dar conta de ouvir tudo.

Minha resposta fica presa na garganta quando percebo quem vem para o gelo. Dentre todos os patinadores, sempre tem um que faz minha garganta fechar. Justin está conversando com seu treinador na ponta oposta da pista.

— Você é bem melhor que ele — comenta Dylan.

Quase dou risada. A coisa que Justin mais fazia questão de enfatizar era o quanto ele era mais forte e mais habilidoso do que eu. Sempre que a gente treinava, cada escorregão ou movimento errado era culpa minha. Isso me fez melhorar como patinadora com o passar dos anos, mas mesmo assim nunca era o suficiente. *Você não seria capaz de fazer o que eu faço, Sierra.*

— Eu sei — minto.

Ou Dylan percebe minha meia-verdade, ou só gosta muito de ouvir o som da própria voz, porque acrescenta:

— Claro, ele pode até jogar a outra garota pra cima, mas você tem mais habilidade. Você não só decora os passos, e sim os incorpora. É isso que separa os bons dos ótimos.

— E o que você sabe disso, afinal?

— Pelo jeito que você não tira os olhos de mim sempre que patino, diria que sei bastante, até.

— Eu só estava te imaginando coberto de lama. — Cruzo os braços. — E ali foi só um treininho bobo. Você não chega nem perto dos profissionais.

— Talvez não, mas… sou o que tem pra hoje?

Fico na defensiva.

— Nada disso. Se eu pedisse, tenho certeza de que *ele* diria sim em um piscar de olhos. — Indico Justin com o polegar, antes de me dar conta. *Eu realmente disse isso em voz alta?*

Dylan ergue as sobrancelhas, e meu estômago se revira.

— Ah, é? Aceito o desafio — diz ele, os olhos brilhando.

— Como é?

— Vai lá, pergunta — provoca ele. — Se tá botando tanta fé. Bora, esfrega na minha cara que não precisa de mim. Aí eu vou ficar feliz em largar do seu pé e falar pro Kilner e pra Lidia que você tem razão.

Meu coração acelera. Merda, merda, *merda*.

— Beleza — respondo.

— Beleza? — Ele arqueia uma sobrancelha, claramente surpreso.

— Beleza — repito entredentes.

Então, pego cada resquício de dignidade que tenho e enterro bem, bem fundo. A cada passo que dou, parece que estou atravessando areia movediça, o peso do que estou prestes a fazer grudando nos meus tornozelos, tentando me puxar de volta.

Arrasto os pés até o outro lado da pista e chamo:

— Justin.

Ele se vira, e aquele sorriso familiar e faceiro se espalha em seu rosto.

— Rainha do gelo — cumprimenta. O apelido soa áspero nos meus ouvidos. Por tanto tempo deixei que me definisse. Eu era mesmo aquela patinadora artística irritada, chata, *fria*. Foi como levei o ouro aos dezesseis anos e como chegamos às Olimpíadas. Mas estou tão cansada disso. Queria ser o aconchego de alguém, para variar.

— Como você já deve saber, voltei a patinar.

Justin assente com a cabeça, ávido. Por um segundo, olho para trás, esperando alguma espécie de estímulo, mas o banco está vazio. Dylan já foi embora. Quando me volto para Justin, os flashes de memória batem com

tudo. O “eu te amo” pressionado contra meus lábios, o “pro que der e vier” antes de começarmos a coreografia, e “a gente se desqualificou por causa dela?” depois de eu ter caído.

Em vez de cumprir o desafio, solto um:

— Deixa pra lá.

E vazo.

No vestiário, olho os fóruns de novo, mas não adianta. Ninguém tem um calendário compatível com o meu nem se dispõe a treinar metade do que eu treino. Eu tenho algo a provar; eles não.

Levanto o olhar da tela do celular e vejo o meu armário. Tem uma foto minha com Scarlett aos quatro anos, indo para nossa primeira aula de patinação, meu sorriso largo e animado. Quero ser aquela menina de novo. Sei que vou ter que engolir meu orgulho pelos próximos três meses. Porque só existe uma outra pessoa que tem algo a provar. Acontece que ele é um jogador de hóquei suspenso.

Quando chego até a casa do hóquei, quase dou meia-volta. Já está escuro, porque precisei caminhar até a lojinha de conveniência e comprar um pacote de chocolates com pasta de amendoim para criar coragem. Mas só de ter o doce em mãos já tem gostinho de recompensa. Kian Ishida, um dos companheiros de time de Dylan, abre a porta para mim. Cabelos escuros, olhos escuros, camiseta cortada e tatuagens espalhadas pelo pescoço, abdômen e coxas musculosas. Não fosse pela tiara de unicórnio que ele usa, seria de se intimidar.

Mas o motivo para minha covardia repentina? Dylan Donovan sem camisa, vestindo só uma calça de pijama tão soltinha que posso ver o músculo em formato de V que desce até… *não*. Para piorar tudo, ele está de *óculos*. De armação preta, emoldurando as sobrancelhas, de arrasar o juízo de qualquer pessoa. Que tipo de oftalmo doentio aprovaria uma coisa dessas?

Dylan está apoiado no arco que divide a sala e a cozinha, assistindo TV e segurando uma cumbuca de cereal com uma das mãos e uma colher com a outra. Ele mexe o maxilar devagar, cada mastigada roubando minha atenção. A luz que vem da sala lança um brilho forte sobre sua pele

bronzeada. Ele é todo musculoso, mas de pele macia. Imagino como seria a sensação do corpo dele sob minhas mãos. Quente, firme, suave…

— Tem visita pra você, Dy — avisa Kian, dispersando meus pensamentos.

Uma bolinha de golfe perdida sai rolando para perto dos meus pés. Pisco, absorvendo a cena de outros dois caras jogando minigolfe no corredor. Eles acenam para mim.

A interrupção faz Dylan mudar de foco. Seu olhar encontra o meu, e vejo algo faiscar ali que faz meu estômago se contorcer. Malícia, percebo.

Um dos rapazes passa por mim, atrás da bolinha arremessada do corredor, me deixando a sós com Dylan, e apenas a voz do comentarista esportivo na TV servindo de distração.

Se ele está tentando me deixar desconfortável, está acertando em cheio. Seu olhar me recobre inteira, lento e deliberado, como se estivesse mapeando cada centímetro meu de uma maneira estranhamente íntima. Se bem que pode ser porque eu estava com a mente poluída ontem à noite. Estou totalmente coberta — jeans largo, camiseta preta de mangas longas e suéter xadrez azul e branco que eu mesma tricotei com todo o esmero durante o verão —, mas mesmo assim seus olhos parecem arrancar todas as camadas, queimando a pele abaixo. É desconcertante. E ninguém me desconcerta assim.

— A gente pode conversar? — pergunto enfim, quebrando o silêncio, porque claramente ele se contenta só em ficar me encarando até o próximo século. — Tipo, no seu quarto ou sei lá?

Dylan ainda olha para mim enquanto dá a última colherada no cereal e larga a colher na tigela com um tilintar exagerado.

— Não sei se me sinto seguro em um ambiente fechado com a garota que me ameaçou de morte.

— Foi só uma piadinha amigável — respondo.

— Você fala pra todos os seus amigos que adoraria vê-los coberto de lama?

— Tá bom. A gente conversa aqui, então. — Respiro fundo. — Eu topo.

Dylan para, processando minhas palavras com uma lentidão enervante. Ele faz menção de pegar a caixa de cereal, coloca mais na tigela, dá uma colherada e mastiga alto, cada gesto bem deliberado.

— Topa o quê? — pergunta ele, de boca cheia.

— Formar dupla com você.

Ele levanta uma sobrancelha, divertido.

— Se bem me lembro, você disse que conseguia qualquer um, inclusive seu ex-namorado perfeitinho, que pareceu mais do que feliz em preencher a vaga — diz ele, com a voz firme, mas o maxilar tenso. — E agora você me quer? O jogador de hóquei desleixado? Não sou segunda opção, princesa.

As palavras dele ficam no ar, permeadas com um quê de desafio.

— Primeiro, Justin é meu *ex-parceiro*. Segundo, tecnicamente, você não é jogador de hóquei este semestre. Terceiro, você é um bom patinador artístico e sabe disso.

— *Bom?*

— Ótimo — corrijo.

— *Ótimo?*

Estreito os olhos até virarem fendas, me recusando a morder a isca.

— Se estiver cavando mais elogios, não vai conseguir comigo, mas eu vir aqui e pedir pra gente formar uma dupla deveria ser o suficiente.

Ele inclina a cabeça, com um sorrisinho juvenil.

— Mas você machucou meu ego frágil com aquele seu chilique lá no escritório do Kilner. Talvez eu possa ser persuadido…

Solto um risinho pelo nariz.

— Na verdade, acho que é você quem deveria me compensar. Esqueceu daquele favor? Estou cobrando.

Ele balança a cabeça, como se eu estivesse redondamente enganada.

— Aquilo foi pra sua amiga, não pra você.

— Ela super usaria pra mim — rebato. Ele é tão arrogante! Como eu queria só dar meia-volta e deixá-lo falando sozinho. Mas preciso dele, e o pior é que ele sabe. — Kilner e Lidia estão esperando a resposta. Se for meu parceiro, posso te colocar de volta no gelo. Você pode mostrar pro diretor esportivo que não tá de brincadeira e voltar pro time. E aí, sim ou não? Acho que tô começando a me empolar só de ficar aqui nesta casa muito tempo.

— Ah, é? Você tem alergia a jogador de hóquei, por acaso? — zomba ele.

— Tenho alergia a essa sua marra.

— Acredite em mim, você ainda não viu nada. — Ele inclina a cabeça. — Acho que não gosto dessa hostilidade toda. Pergunta de novo.

— É sério que você vai me fazer implorar? Você nem tem escolha. — Sou eu que estou com a carreira dele nas mãos, então por que diabos é ele quem está com a vantagem?

Ele só pisca.

— Ainda soa frígido pra mim.

O idiota acabou de me chamar de *frígida*.

— Seja meu parceiro — peço entredentes.

— *Com jeitinho*, Sierra.

— Seja meu parceiro… — Engulo o nó que impede as palavras de saírem. — *Por favor*.

Ele para, como se estivesse contemplando se vai me torturar um pouco mais. Mas então olha para meus punhos cerrados, coloca a cumbuca na mesa e sai pelo corredor escuro, provavelmente para o quarto. Não ouso ir atrás dele.

Fico para trás, olhando os músculos se mexendo em suas costas quando ele diz:

— Te vejo no gelo, princesa.

O apelido faz meus ouvidos sangrarem.

— Babaca — resmungo.

— Pentelha — rebate ele, e fecha a porta do quarto.

15

SIERRA

Química.

Deve ser a palavra que mais odeio na vida.

— Assim como em qualquer tipo de dança, os parceiros precisam ter química. — Lidia continua seu discurso da beira do rinque, mais longo do que eu me lembrava, mas deve ser porque acha que Dylan e eu não vamos levar isso a sério.

Compreensível, visto que passamos os primeiros cinco minutos do ensaio nos acotovelando para ver quem passaria pelo portão e subiria no gelo primeiro. Eu ganhei, óbvio.

Mas Lidia fica fazendo uma cara para mim o tempo inteiro, e isso não ajuda. É porque, quando Dylan chegou hoje de manhã, não consegui tirar os olhos dele. A camiseta justa abraçando cada músculo, e a calça de malhar apertada que deixa pouco para a imaginação. Com certeza, minha treinadora me viu secando a bunda dele. E agora, com o perfume fresco de Dylan pairando no ar entre nós, estou lutando para prestar atenção no discurso dela.

Não era assim com Justin. Nosso treino era todo profissional, formal, obediente. Nenhum de seus olhares deixava minhas bochechas pegando fogo. Justin é forte e esguio, claro, mas Dylan é… *grande*. Ele é mais parrudo, seus ombros são mais largos e os braços devem ser maiores que minhas coxas — o que é grande coisa, porque tenho coxas bem fortes. Mas, com tudo isso, ele também é mais irritante.

— Tá nervosa, Romanova? — sussurra ele, chegando mais perto.

— Por você. Só espero não te cortar sem querer, *Capitão*. — Mas adoro o jeito que o maxilar dele fica tenso quando menciono o título passageiro.

— Vocês vão aprender o timing um do outro, as deixas; vão antecipar os movimentos; vão estar sincronizados. Fluidos. Unidos — Lidia se arrasta.

— Parece uma sentença condenatória — resmunga Dylan.

— Ah, você já deve ter sido algemado antes.

Ele solta uma risadinha baixa.

— Só na cabeceira da cama.

— É pra ouvir com os ouvidos, não com a boca — reclama Lidia, levantando o olhar da prancheta. — Sierra, se estiver confortável, era bom discutirmos sua lesão para Dylan poder ajustar a pegada.

Eu me sinto como a aluna nova na escola, forçada a dizer três fatos sobre si. Só que os meus são todos traumas.

— Não é nenhum segredo, Lidia. Ele já sabe que eu caí. O vídeo continua na internet, então ele pode ir lá assistir como todo mundo. — Um bolo de pavor afunda no meu estômago.

— Como foi que você caiu? — pergunta Dylan.

Ele nunca viu?

— Fiz besteira no laço invertido — respondo sem olhar para ele.

Posso sentir que ele está me encarando, mas Lidia deve perceber meu desconforto, porque bate palmas duas vezes.

— Beleza, chega de papo. Quero ver voltas ao redor da pista.

Achei que essa parte tivesse acabado, já que passamos duas horas no gelo fazendo isso sozinhos, mas logo virou uma competição. E quando percebi que Dylan talvez seja mais rápido que eu, dei tudo de mim para ganhar velocidade. Lidia ainda estava gritando "É com vontade!" pela centésima vez, e senti aquela resistência de anos atrás voltando para meu corpo, como adrenalina. Mas não deu certo: ele ainda estava duas voltas na frente.

Então, desta vez, não espero o sinal dela; só avanço.

— Como dupla! — exclama ela. — Lado a lado, de mãos dadas.

Fico firme, me recusando a desacelerar. Em vez disso, estendo a mão com a palma para cima, oferecendo-a a ele. Ouço o raspar de suas lâminas atrás de mim antes de sua mão tomar a minha, o frio de sua pele atravessando o calor da minha luva.

— Você não tá de luva — percebo. — Suas mãos estão geladas.

— Ah, é? Normalmente, não fico segurando a mão dos caras no treino de hóquei.

Reviro os olhos.

— Você realmente deveria usar luvas quando não estivermos treinando levantamentos.

— É desconfortável pra você, princesa? — pergunta ele, sua voz transbordando uma preocupação fingida.

Patino para a frente, e ele me acompanha, perfeitamente sincronizado. O rinque está silencioso hoje: nada de música, só o arranhão ritmado das lâminas dos nossos patins no gelo. Mesmo em *crossovers* simples, nossos movimentos são fluidos de um jeito até surpreendente. O silêncio de Lidia me diz que estamos fazendo alguma coisa direito.

Na última volta, eu a vejo conversando com alguém perto do corredor. Dou uma cotovelada em Dylan, e ele está prestes a retribuir quando aponto na direção deles.

— Não é o Reed? Que te expulsou do gelo semana passada? — pergunto.

Dylan encara os dois.

— Deve estar vindo ver se não estou violando a suspensão. — A tensão na voz dele é quase imperceptível, mas eu percebo. E odeio isso.

Saio na frente de novo, mas ele me alcança com facilidade.

— Tentando fugir de mim?

Eu jamais admitiria, mas duvido que consiga patinar mais rápido que ele.

— Tipo isso.

— Então acho que não deveria ter me implorado pra ser seu parceiro, Romanova.

— Eu não implorei coisa nenhuma. Provavelmente, teria sido muito mais legal contigo, se fosse o caso, mas você não tem vantagem alguma aqui, Dylan. Você precisa de mim tanto quanto preciso de você.

— Fala isso de novo — pede ele. — A parte de precisar de mim. Mas mais devagar, e enfatiza bem o *precisar*.

Reviro os olhos.

— De novo, não implorei por nada.

— É, agora que você tocou no assunto, acho que eu gostaria disso. Muito.

— Acha que eu ligo pro que você quer?

— *Preciso* — corrige ele. — E acho que você deveria ligar bastante.

— Por quê? Vai me deixar cair? Já tô gata escaldada, Donovan — brinco, mas a piada sai áspera.

— Como é? — Ele joga a cabeça para trás de leve, sem achar a menor graça. O jeitão todo relaxado dele desaparece num instante. — Sério que você acha que eu ia te deixar cair? Depois de tudo que você passou, acha que existiria algum mundo em que eu te deixaria encostar no chão sem te pegar antes?

Eu nunca tinha feito piada sobre quedas antes. Esta foi a primeira vez que deixei o trauma pincelar uma conversa assim, tão facilmente. Mas, mesmo tendo brincado, pareceu um pouco cedo demais. Acho que sempre vai ser.

— Sierra — insiste ele.

— Não. Não acho. — *Agora*, então, não acho mesmo. Ele ficou tão sério que nem dá pra confundir a sinceridade com outra coisa. Não tinha me tocado até agora do quanto deixei a queda com Justin começar a atrapalhar nossa parceria.

— Que bom. Porque não vou.

O apito de Lidia soa de novo.

— Já deu de aquecimento. Bora pro colchão.

Ugh.

A sala é do tamanho daquele dormitório da Casa Iona que ninguém quer. No fim das contas, parece que Lidia ficou meio confusa com a tecnologia e não conseguiu reservar um espaço de treino decente. Passamos por uma sala que também é estúdio de yoga, já ocupada por outros alunos.

Então, agora, temos que nos contentar com um cubículo tão pequeno que, se entrar mais uma pessoa, a gente sufoca. Além disso, faz ainda mais calor aqui, por causa do tanque da caldeira no canto. Tem uma janela que Lidia pediu para Dylan abrir, mas está emperrada. Não sei nem se temos permissão para treinar aqui, mas com todos os outros espaços de treino ocupados, não temos escolha.

Quando olho para os colchonetes de impacto, me lembro de quantas vezes caí de cara neles. Já fiz isso com Justin inúmeras vezes, mas não era nada memorável. No entanto, hoje vai ser intenso. Ou pelo menos é a

impressão que tenho, já que meu parceiro é ninguém menos que Dylan Donovan.

Uma gota de suor escorre pelas minhas costas enquanto Lidia tenta ligar um ventilador de mesa mais velho do que ela. Dylan tira o suéter, e a regata branca que ele usa por baixo sobe, revelando uma faixa de pele macia. Desvio o olhar imediatamente. Estou desesperada para tirar minha própria malha, mas estou só de top por baixo, e sabendo que Dylan vai ter que pôr a mão no meu abdômen, não quero exibir as cicatrizes.

— Podem chegar mais perto — instrui Lidia, desistindo do ventilador. — Mais perto, Sierra.

Tento manter a compostura, já sabendo que Dylan está com aquele sorrisinho insuportável na cara.

— Tá bom, hoje vai ser o básico. Vamos começar com um levantamento de ombro.

Fico na frente, com as costas viradas para Dylan, que passa o braço ao redor da minha cintura, plantando a mão com firmeza no meu abdômen para me erguer e sustentar meu peso completamente em seu ombro.

— Agora, gire Sierra antes de colocá-la no chão, para que vocês fiquem de frente um pro outro.

A mão de Dylan cobre quase meu tronco inteiro, e ele me levanta como se eu não pesasse nada. Não esperava que esse exercício desse uma sensação diferente, mas dá. Ele não força nem precisa ajustar a pegada, só executa o movimento, como se fosse fácil. Como se eu fosse fácil.

— De novo. Mais fluido, dessa vez — comanda Lidia assim que piso no chão.

E repetimos de novo, de novo e de novo. Lá para o nono levantamento, Dylan começa a respirar mais forte, mas nem assim ele reclama.

— Abdômen ativo. Acione essa musculatura.

"Deixe o toque ir guiando cada movimento.

"De novo. Dessa vez, em sincronia.

"Relaxe os braços. Relaxe. É pra *relaxar*!"

Esse último grito sai com a mais pura frustração, a raiva bem presente na voz. Mas a irritação dela não chega nem perto da minha, borbulhando sob minha pele. Meu peito sobe e desce com cada respiração sofrida, e a malha gruda na minha pele encharcada de suor. Já sei que minha barriga vai ser um mar de hematomas amanhã.

A intensidade do olhar de Dylan invade o meu como um raio de sol, e nem mesmo essa sensação que queima me faz desviar. Lidia grita uma sequência de movimentos: levantamento de quadril, berço, troca de mãos. E executamos todos eles. As mãos de Dylan são firmes na minha cintura, deslizando por todo o meu corpo quando ele me levanta em seu quadril e giramos. O ritmo dele é perfeito, fluido como água. Há um quentinho no meu estômago que eu ignoro quando ele me levanta só um pouco acima da cabeça. Fico esperando meu coração acelerar, ou parar, ou ter dificuldade para respirar, mas, em vez disso, me sinto normal.

— Como está se sentindo, Sierra? — pergunta Lidia. Ela parece bem mais feliz do que antes.

Me sinto uma criança, mas entendo a preocupação dela.

— Confortável. — E sufocando. A dicotomia me deixa zonza.

Os passos são simples, e sei que Lidia não está forçando nenhum levantamento de verdade, mas desse jeito não vamos ganhar nada. Os jurados não gostam muito de apresentações "zona de conforto".

— De novo! — exclama ela. — Observem o que o outro está fazendo. Fiquem em sintonia.

As palavras chegam abafadas nos meus ouvidos quando a música volta para o início e as mãos de Dylan deslizam pelo meu corpo — do meu rosto, descendo pela curva do meu pescoço e pelos meus braços, onde seu polegar encosta na lateral do meu seio. Perco o fôlego e desvio o olhar do dele na mesma hora.

— Olhe pra mim, Sierra — repreende ele.

Tudo parece tão ousado e perigoso. Ter que manter contato visual com Dylan só deixa as coisas ainda mais intensas. Cada um de seus dedos longos escorrega sobre o tecido da minha malha, até minha cintura, onde a barra da peça sobe e expõe uma faixa de pele nas minhas costas, e desce mais ainda, até ele descansar a palma da mão no meu quadril. Uma trilha de fogo vem no rastro do toque, e agora não consigo tirar os olhos dos dele, que me prendem no lugar, firmes e inabaláveis.

Tudo o que ouço, tudo o que *sinto*, é meu coração batendo loucamente sob minha pele, que parece eletrizada. O ar daquela sala fica denso quando Lidia corrige nossa postura, nos forçando a ficar ainda mais perto e dar as mãos.

Desta vez, quando Dylan me coloca no chão, tropeço no pé dele e caio de cara no colchão. É, ainda tem o mesmo gosto horrível.

— Valeu, ô mão furada — resmungo.

— Nem vem, você caiu sozinha — rebate Dylan. — Provavelmente porque tá dura feito uma tábua.

Cerro os dentes.

— Sua pegada que está muito frouxa. Desse jeito, nunca vai conseguir me levantar por tempo suficiente no gelo.

Minha treinadora assente com a cabeça, encarando o colchão pelo que parece uma eternidade.

— Boa. Crítica construtiva faz bem. — Só aquela frase me diz que, na verdade, não está *nada* bem. — Mas são probleminhas pequenos que uma dupla consegue contornar porque confiam um no outro.

Dylan bufa, e viro a cabeça em sua direção, o que só me deixa ainda mais puta da vida.

Seu cabelo castanho e ondulado cai perfeitamente sobre a testa, e ele sequer está suando — como se me jogar para cima pela última hora não fosse nada de mais. Enquanto isso, estou nojenta, os músculos queimando, e só consigo pensar em como ele faz tudo parecer fácil. É de deixar qualquer um com sangue nos olhos.

— Dylan, coloque as mãos na cintura dela, e Sierra, empurre os ombros quando ele te levantar. Vocês têm que focar em controle e contato visual… — O telefone de Lidia toca. — Vou ali atender. Não se matem.

Meus olhos voam até a porta, e eu suspiro.

— Tá, deixa que eu lidero.

— Assim que eu gosto — responde Dylan.

Eu o ignoro, evitando encontrar seu olhar. Suas mãos envolvem meu abdômen, que já está dolorido, mas não reclamo.

— Lidia falou especificamente de contato visual. Por que você não olha pra mim? — pergunta Dylan de repente, quebrando o silêncio.

— Tô olhando — respondo, com a voz monótona.

— Você tá olhando pra tudo, menos pra mim.

Meu peito aperta conforme me forço a olhar em seus olhos.

— Satisfeito?

Os olhos dele percorrem meu rosto, se demorando na minha boca, traçando a curva das minhas bochechas.

— Extremamente.

— Dá pra gente acabar logo com isso?

— Tem certeza? Pra isso, você vai ter que continuar me encarando. Não quero te incomodar, Sierra. Talvez eu possa colocar um saco na cabeça.

Meu lábio se contrai.

— Por favor. Isso resolveria metade dos meus problemas.

— Ah, é? Tem pensado muito nesse meu rostinho? Sonhado comigo, talvez?

Fico tensa.

— Uhum. Sonhado bastante, até.

Ele levanta as sobrancelhas, interessado.

— É mesmo? E o que a gente faz nesses sonhos? Tenho que saber, já que você está se apropriando de minha imagem para suas fantasias. Pode ser ilegal.

Sustento o olhar, me recusando a vacilar.

— Então, normalmente eu cavo bastante.

O sorrisinho desaparece. Sem aviso, ele me gira com tudo, e então me puxa abruptamente contra seu peito. A retaliação me faz perder o fôlego, e solto um grunhido, quase perdendo o equilíbrio e agarrando seus bíceps para compensar.

Meu olhar se demora nas veias dos antebraços dele, mas logo o arranco dali, tentando obrigar o calor nas minhas bochechas a desaparecer.

— Quase que mete a cara no colchão de novo. Tá tudo bem? — pergunta ele. — Você parece distraída.

— De boa. — A resposta não sai nada convincente.

— Certeza? — insiste Dylan, fingindo preocupação ao colocar o dorso da mão na minha testa. — Parece que você tá queimando de febre.

Dou um tapinha para espantar a mão dele dali.

— Deve ser meu corpo rejeitando seu toque.

Um sorrisinho convencido se espalha pelo rosto dele, e seu polegar traça a curva do meu maxilar. Uma explosão de calor se alastra com o contato.

— Não diria que é rejeição. Tá parecendo mais uma *reação*.

— Ah, sim, uma reação alérgica.

— Não sabia que você nutria tantos sentimentos por mim, Sierra.

Bufo, tentando manter a compostura.

— Não sinto nada por você.

— Nada? — Ele sorri, seu olhar fazendo o meu de refém.

É aí que cometo meu primeiro erro.

Dou um empurrão em Dylan por puro instinto, fazendo-o se desequilibrar. Ele se atrapalha e eu avanço, e, como resultado, ele cai para trás. Dylan solta um "uff" baixinho quando acabo caindo por cima dele. Estico os braços para levantar o tronco de imediato, assustada com a batida tranquila do coração dele.

— Machucou? — pergunta ele de um jeito tão gentil que parece quebrar algo dentro de mim.

Meu cabelo se soltou da presilha, caindo para a frente e emoldurando meu rosto. Minhas mãos ainda estão em seus ombros, agora agarradas no tecido da regata. Dylan suaviza a expressão quando baixa o olhar e me vê praticamente montada nele. O calor da salinha já estava insuportável antes, mas assim tão perto dele parece que vou virar cinzas.

Ele levanta a mão, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha com todo o cuidado do mundo, seus dedos acariciando meu maxilar. Umedeço os lábios, e o gesto captura sua atenção e todas as segundas e terceiras intenções.

Então, ser alvo de atenção masculina tão intensa que parece quase predatória é assim. De alguma forma, sei sem sombra de dúvida que não seria assim com outra pessoa. Tão completamente inflamável e estupidamente irresponsável que me faz querer ainda mais.

É quando cometo meu segundo erro.

Colo minha boca na dele e, contrariando qualquer expectativa, Dylan hesita. Eu quase recuo de vez na mesma hora, mas então, como se estivesse pensando melhor, ele agarra minha nuca e me puxa contra si, até meu peito encostar no dele.

Ele põe a outra mão no meu quadril, e, quando separa os lábios, deixo minha língua deslizar entre eles. Dylan não perde tempo e faz o mesmo, chupando minha língua antes de me dar a dele. Tão macia, tão molhada, tão… *Dylan*.

Ele é tão bom nisso que me faz tremer inteira. Dylan me deixa beijá-lo como se minha vida dependesse disso. Então fica ávido e desesperado, dentes abocanhando meu lábio antes de se afastar, me deixando sem

fôlego. Seus lábios percorrem uma trilha no meu pescoço, mordiscando meu maxilar, deixando escapar sons baixinhos.

Quando ele descobre um ponto específico abaixo da minha orelha, ofego, mas ele captura minha boca de modo a engolir qualquer som.

Meus quadris balançam contra seu toque firme, e não consigo em sã consciência impedir que meu corpo reaja dessa forma. Ele é todo musculoso e de pele macia, e seu beijo não deixa nenhuma dúvida. Ele solta um gemido baixo do fundo da garganta, e deixo escapar um choramingo em resposta. Aquilo faz um verdadeiro incêndio irromper no meu corpo, se alastrando dos dedos das mãos até os dos pés. É quase demais para suportar.

Depois ele sobe a mão para minha cintura, tentando deslizar por dentro da malha, quando a névoa na minha cabeça e corpo se dissipam e o calor desaparece lentamente. Coloco minha mão em cima da dele, e ele a tira de lá na mesma hora. Dylan recua, os olhos pesados, sobrancelhas franzidas. Então, de uma só vez, sua expressão muda.

— Sierra, a gente…

A porta se abre e pulo de cima dele, me jogando no colchão assim que Lidia volta para a salinha.

— Descul… — Seus olhos alternam entre nós dois, e ela pigarreia. — Tudo bem cair. É pra isso que tem o colchão. Bora, de pé.

Nos levantamos meio atrapalhados, mantendo quase um metro de distância e completamente tensos. Parecemos um casal de estranhos, e não duas pessoas que estavam se pegando loucamente.

Lidia percebe, e seja lá a conclusão que tirou, apenas bate palmas duas vezes.

— Tá bom, já deu por hoje. Tá um forno aqui.

Nem me diga.

Solto o ar e deixo os ombros caírem, mas não protesto. Posso sentir o olhar de Dylan fixo no meu perfil, mas não me atrevo a retribuir. Uma onda de constrangimento faz minha pele coçar. Não sei o que ele estava prestes a dizer antes de Lidia entrar, mas tinha muita cara de rejeição.

Engulo em seco, a malha grudando desconfortável na minha pele. Saio pela porta antes de cair na tentação de sequer olhar para Dylan. Do lado de fora, a chuva chia contra minha pele quente.

16

DYLAN

Acho que preciso ir ao neurologista. Deve ter alguma coisa errada com meu cérebro, para ter me afastado de uma garota que beija melhor do que muita gente fode — e olha que eu sei bem sobre o assunto. Depois que Sierra saiu correndo da salinha, fiquei sem saber o que fazer. Lidia só ficou me encarando com os olhinhos miúdos, até eu pegar minhas coisas e vazar.

Mas quando Sierra se afastou e aqueles olhos verdes caíram sobre os meus, percebi que não estava com qualquer garota aleatória que eu poderia comer e depois nunca mais conversar de novo. Era Sierra. Minha *dupla*.

Não posso fazer merda, nem mesmo se seus lábios forem rosados e carnudos e estiverem entreabertos por gemidos que vou ouvir nos meus sonhos. Nunca me senti assim antes. Nunca quis alguém tanto assim, ainda mais completamente sóbrio.

— Essa aqui é perfeita! — exclama Kian, apontando para uma caixa na prateleira.

Como foi que vim parar na loja de material de construção com Kian para escolher uma estante? Não faço ideia. Só sei que ainda consigo sentir o movimento do quadril de Sierra contra o meu. Ela se encaixava tão perfeitamente em mim, montada em mim, *se esfregando* em mim. Juro que dava para sentir a pulsação entre suas pernas. Ela estava com aquela cara. A cara que eu já vi as mulheres fazerem mais vezes do que quero admitir. É o calor do momento, decisões impulsivas, o tipo de desespero silencioso que leva alguém a fazer coisas sem pensar nas consequências. Se fosse qualquer outra pessoa, eu a teria beijado de novo na mesma hora e deixado

a doçura molhada de sua boca me consumir, até não ligarmos para onde fôssemos parar — meu carro, o dela, a parede.

Mas nada a respeito de Sierra Romanova é como as outras. Ela é a garota mais determinada, esforçada e impressionante que já conheci, e eu nunca tiraria essa chance dela. Não vou fazer besteira só por não conseguir manter o pau dentro das calças.

— Precisam de ajuda? — pergunta a funcionária. Ela olha para mim, sorrindo como se me conhecesse. — Oi, Dylan.

Tá bom, ela com certeza me conhece.

— E aí? — cumprimento, mesmo sem lembrar seu nome.

Kian começa a perguntar mil coisas sobre a estante, e eu me afasto, porque no mesmo instante lembro quem ela é: uma garota da Beta Phi. Repasso alguns momentos da noite em que "casei" com ela numa festa das nossas fraternidades. Ninguém lembra muito bem daquela noite, ainda bem, porque o pouco que eu lembro — meu strip-tease pós-cerimônia e de chegar aos finalmentes com a pessoa errada — é melhor deixar quieto.

As garotas do campus me cumprimentam com sorrisos doces, sussurram meu nome para as amigas ou flertam comigo nas festas com olhos brilhantes, ávidos. É uma massagem no ego, sei lá. Também é vazio. Acabou definindo minha experiência universitária, mas depois de quatro anos, relembro tudo e percebo que nada daquilo foi de verdade. Não fiquei com nenhuma delas mais de uma vez, ninguém passou a noite — não que eu tenha pedido — e não falei com nenhuma enquanto estava sóbrio.

Mesmo ao ver meus amigos em relacionamentos saudáveis e felizes, não sinto inveja. Vejo o esforço, a concessão constante, e parece tão cansativo. O amor é uma bagunça — já vi o bastante com meus pais — e exige mais do que estou disposto a dar. Mas tesão? Tesão é simples. Sem compromisso. Não pede nada além do momento. Não se prende, não se arrasta. É exatamente aquilo que precisa ser. Até agora.

— Pensando em redecorar?

Uma mulher na seção de tintas começa a me falar sobre a promoção. Só consigo pensar que ainda posso sentir o gosto de Sierra. Minha mente continua voltando para aquela cara que ela fez logo antes do beijo — a hesitação, o calor, o jeito que a respiração dela falhou. Será que ela me viu naquele momento? Ou viu o cara convencido e charmoso que consegue levar qualquer uma para a cama sem nem tentar?

Um aperto no peito me diz que é o último caso. Ela só quer o Dylan que mostrei a ela e a todo mundo. O Dylan que nem sequer existe.

Não sei o que deu em mim, mas depois de deixar Kian no treino de hóquei, dirigi até Manhattan. Agora, com o elevador subindo até a cobertura, não tem como fugir.

Pela primeira vez em meses, algo me leva a visitar minha mãe. Pode ser a leve crise existencial pela qual estou passando, mas precisava pensar em outra coisa.

As portas do elevador mal se abriram e já ouço a voz dela.

— Você chegou!

Ela é alta, mas quando me abraça, chega só na altura do meu pescoço. Seu perfume familiar de rosas me envolve e me faz lembrar de sentir o cheiro dela quando eu era criança.

— Oi, mamãe. Quanto tempo.

— Tempo demais — responde ela, me puxando para dentro. — Fiz *halva*. Você adorava quando era criança.

O ar tem cheiro de manteiga derretida e a doçura das tâmaras da sobremesa turca. Minha mãe se esforça para fazer este apartamento de cobertura frio e impessoal emanar o mesmo aconchego da nossa casa em Connecticut, mas ela nunca deveria ter vindo parar aqui. Nossa família nunca deveria ser assim.

— Cadê meu pai? — pergunto.

Ela fica tensa ao servir a *halva*.

— Trabalhando, mas ele vai vir assim que estiver livre.

Quero acreditar nela, mas nossa realidade paira no ar como uma fumaça densa. Nós bem sabemos que, às sete da noite de uma sexta-feira, não há nada que ele possa estar fazendo de produtivo no escritório, mas evito falar qualquer coisa. Toda vez que mencionava, só fiz machucá-la.

Ela passa uma tigela para mim.

— Temos tanta coisa pra conversar. Quer me contar algo primeiro?

Me concentro totalmente na minha sobremesa.

— Não tenho nada pra contar, mas isso aqui tá uma delícia, mãe.

Ela joga a carta de Dalton na frente da minha tigela. Bem quando eu acho que vai vir a raiva, ela coloca a mão sobre a minha.

— Pode se abrir comigo, *kuzum*. Não estou zangada, mas preciso saber que você está bem.

O carinho em sua voz e olhar me faz voltar a uma época em que ela me confrontava quando eu perdia um treino ou ficava de detenção. Ela sempre estava presente; meu pai, não.

— Eu tô bem, mãe. Sério. Foi uma besteira, mas eu já tô resolvendo.

Pela cara que ela faz, dá para ver que está preocupada, mas não insiste. Em vez disso, me conta que Ada liga para ela todos os dias. Diferentemente de mim. Porém, quanto mais ela fala, mais me pego olhando para o relógio. Cada mordida da *halva* amarga mais conforme esperamos por qualquer sinal do meu pai. Quando ela menciona sentir saudades do jardim na nossa casa antiga, chego no meu limite.

Eu me levanto arrastando os pés da cadeira no chão polido, interrompendo a história do dia em que meu pai a surpreendeu com uma estufa. Ela olha para a tigela pela metade.

— *Ne oldu?* Não gostou?

— Preciso ir. — Faço menção de pegar as chaves do carro. — Tenho que estudar muito.

— Mas seu *baba*…

— Meu pai não vem. E a julgar pelo eco deprimente nesse apartamento, ele não vem em casa já faz um tempo. — Minha voz falha, a frustração escapando.

Minha mãe vem correndo atrás de mim.

— Não é isso. Ele só está atrasado. Ele quer pedir desculpas por termos jogado a notícia da renovação de votos assim, sem avisar. Ele quer que você entenda o lado dele.

— Não é pra mim que ele deveria pedir desculpas — comento, me coçando para ir embora. É como se os segredos encrustados nestas paredes estivessem zombando de mim. — Eu implorei pra você largar dele, mãe. Você disse que ia, e eu acreditei. Acreditei que você ia finalmente tomar uma atitude, porque a gente sabe bem o que acontece quando eu tomo. Então, desculpa, mas aquela ligação da renovação de votos não era a boa notícia que eu estava esperando.

Ano passado, cheguei a procurar apartamento. Kilner até me arranjou um emprego em um bar, falou com o gerente, que concordou em me deixar trabalhar lá mesmo não tendo idade legal. Eu cuidei de tudo,

mesmo sabendo que minha mãe provavelmente ficaria confortável com metade da fortuna do meu pai. Mas não quis que ela passasse por um divórcio longo só por causa de dinheiro. Na minha cabeça, era simples: ela ia se separar dele e ser feliz de novo. O que mais poderia querer?

— Ele mudou — insiste ela, sua voz falhando.

Balanço a cabeça.

— Você pode não merecer as coisas que tô te dizendo, mãe, mas com certeza também não merece o que ele tá fazendo. Não faça de mim o vilão só porque sou a única pessoa na sua vida que tá falando a real.

Normalmente, eu me odiaria por fazê-la chorar, mas deixei tudo isso para trás no momento em que ela escolheu ficar com ele. De novo. E estou cansado de tentar consertar algo que nunca foi inteiro.

Ela fica na frente do elevador.

— Fica. Faz tanto tempo que você não tá em casa.

— É, você também.

Entro no elevador, e ouço o sussurro baixinho de *seni seviyorum* — eu te amo — antes de as portas se fecharem e eu voltar para o único lugar que é o mais perto de um lar que posso estar.

Ao que parece, fiz um belo estrago na loja de materiais de construção. Percebo só quando descarrego as coisas do carro, depois de voltar do apartamento dos meus pais. Duas latas de tinta, todos os pincéis que, segundo a vendedora, eu precisava, uma mesinha de cabeceira, escrivaninha e uma planta que já está murchando.

Já pintei metade do quarto quando meu telefone toca. A foto da minha mãe acende a tela.

Está tarde, mas ela ainda está acordada. Esse pensamento só me faz sentir pior por todas as coisas que disse a ela. Eu deveria ter deixado para lá. Deveria ter fingido que não me afetava. Às vezes, acho que minha mãe só ficou com meu pai para não dar o braço a torcer. Ou que, se eu não tivesse manifestado como ele é um merda, que ela teria terminado tudo por conta própria. Eu prolonguei a situação. Quanto mais se cava, mais provável de estourar um cano.

— Jesus amado, abre a janela!

Kian entra correndo no meu quarto. Enfio o celular de volta no bolso assim que ele abre a janela e põe a cabeça para fora, sugando o ar como se estivesse sufocando.

— O ventilador tá ligado, relaxa. — Uso o dorso da mão para limpar a tinta do meu rosto. Minha tralha antiga está toda no corredor, até a cama, porque comprei uma nova. As únicas lembranças que criei neste quarto tinham duração de uma noite apenas. Na cama, contra a parede, na escrivaninha… tudo parecia manchado pela pessoa que eu costumava ser e por gente que não conheço.

— Como é que você tem energia pra tudo isso depois da patinação?

Dou de ombros.

— Desde que Kilner castigou a gente a temporada inteira por você ter corrido pelado pelo campus, tô preparado pra qualquer coisa.

— Aquilo é seu referencial de resistência? Ele me fez lavar a roupa suja de todo mundo, tinha um monte de protetor genital. Às vezes, ainda consigo sentir o fedor. — Ele estremece.

— Acho que você precisa trabalhar isso na terapia, Ishida.

Kian mostra o dedo do meio.

— Então, você nunca explicou por que a gente carregou duas latas de tinta e mais toda aquela mobília. Nem esse azul-bebê parecendo um berçário.

Olho para o rótulo na lata.

— Na verdade, se chama Névoa do Caribe.

Kian cai em uma cadeira solitária, fazendo um barulho totalmente desnecessário ao tentar se acomodar no plástico que coloquei para cobrir minhas coisas.

— Olha, sou super a favor desse negócio assim, sem camisa, coberto de tinta, Van Gogh deprimido e tal. Mas o que foi que te estragou tanto que te levou a redecorar? Tô muito preocupado.

— Pode ler meu diário.

— Eita, sério? — O interesse de Kian cresce.

— Sai daqui antes que eu te dê um motivo pra se preocupar.

Então, ele arqueja.

— É menina, né?

— Achei que já tinha parado com a piada do berçário.

— Não, você tá a fim de uma garota. Puta merda, como foi que eu não percebi? Não tá pegando ninguém, não tá curtindo as festas, tá sempre arranjando uma desculpa pra sair de casa. Tem coisa aí, com certeza.

— Não tenho ideia de onde você tirou isso. Aliás, nem sempre trago as garotas pra casa.

Ele me ignora.

— Nossa… Dylan monogâmico.

— Dylan monogâmico? — Summer entra no meu quarto cobrindo os olhos com as mãos.

Kian dá risada.

— Não precisa mais cobrir os olhos, Sunny. Dylan é um novo rapaz.

— Ah, é, tá imitando Kian? — brinca ela.

Dessa vez, ele faz cara feia, e dou risada.

— Vocês dois aí vão ficar só olhando ou vão ajudar?

Summer pega um pincel, mas Kian desconversa.

— Ah, é que esse jeans é novo, daí… — Ele sai correndo do quarto.

— Bom, deixa eu ser a primeira a dizer que gosto desse novo Dylan. É mais autêntico — diz Summer.

— Acho que você quer dizer "sóbrio".

Ela balança a cabeça.

— Não, é você. Você não tá atrás de válvula de escape.

Dou uma risadinha.

— Tá me analisando de novo, Sunny?

— Desculpa. — Ela faz uma careta. — Mas seja lá o que, ou quem, te fez querer mudar a decoração, acho que conversar pode ajudar. Nada é tão complicado assim como a gente pensa.

— A gente se beijou. — Não olho para Summer enquanto falo. Só… sai. — Aí, eu me afastei dela pra dizer que a gente provavelmente não deveria, mas a treinadora dela entrou, e… ah, caralho, sei lá.

Summer faz silêncio por um tempo. O único som é a tinta pingando do seu pincel no chão coberto de plástico.

— Sierra te beijou e *você* se afastou? É porque não quer que dê ruim no seu retorno ao time ou…? — Posso ouvir o sorriso em sua voz, mas Summer esconde quando olho.

Ela sabe que eu não costumo fazer isso. Trocar confidências com alguém é como remover a camada protetora de verniz de uma pintura

famosa e admirada, e aí descobrir que aquele acabamento brilhante era o que escondia os remendos feios.

— Todo mundo botou fé em mim, e não vou fazer merda. Não sou o cara que ela merece. — Nunca fui, por ninguém. E prefiro assim.

— Talvez não caiba a você decidir o que ela merece. — Summer começa a pintar. — Mas acho que você devia conversar com ela a respeito. Saber o que ela estava pensando quando te beijou. É difícil saber a resposta quando se evita a pergunta.

Conversar só leva a mais complicação, mas considerando que eu e ela somos uma dupla, é o que tem para hoje.

17

SIERRA

Como voltar a encarar seu parceiro de patinação depois de provar o gosto dele? Ainda não descobri, mas até então correr para a casa dos meus pais ajudou. Bem pouco.

As últimas 24 horas não foram nada legais.

Scarlett pediu meu carro emprestado para uma reunião de última hora, sobre a qual ela foi muito vaga, então me deixou na casa dos meus pais ontem à noite porque eu estava com uma bela enxaqueca de tensão e não deu para segurar a onda no dormitório. O banheiro comunitário já é ruim o suficiente em um dia normal. Então, tirei a noite inteira para ficar quentinha debaixo das cobertas com uma máscara de dormir e uma bolsa térmica que meu pai botou na minha cabeça. Só tinha restado um único ibuprofeno, e não quis pedir para meus pais irem até a farmácia.

Pensar em Dylan Donovan aquecia meu corpo tão rápido que acabei arrancando as cobertas. Mesmo quando Scarlett perguntou sobre o primeiro dia de treinos, não consegui admitir que tinha sido idiota o suficiente para me atirar nele.

Dylan tocou meu corpo como se soubesse exatamente o que fazer com ele, onde o queria, *como* o queria. Cada toque era certeiro e ávido, transbordando com uma carência que só pode ter sido criada por fantasias constantes. Como se ele ficasse sonhando acordado comigo.

Ainda consigo sentir a língua dele deslizando na minha. Ouvir o suspiro arrancado de mim quando ele se afastou. E a rejeição.

Mas, independentemente das escolhas idiotas que faço, a patinação sempre vem em primeiro lugar. Então, para o ensaio de hoje, minha bolsa

já está arrumada e estou vestindo a malha antes de descer. Um cheiro doce emana no ar, mas ele azeda assim que ouço uma voz familiar.

— Dona Romanova, acho que estou apaixonado… por esses *blinis* — elogia Dylan, enfiando outra garfada na boca. A rouquidão grave em sua voz faz meu corpo se sentir recompensado.

Minha mãe dá *risadinhas*.

— Ah, você que é um docinho! E já te pedi pra me chamar de Mila.

Fico encarando, incrédula.

— Mãe?

Os dois se viram para mim, parada na entrada da cozinha, e ignoro o olhar que mais parece um laser vindo do cara sentado no meu lugar à mesa.

— Ah, olha ela aí. Sierra, você nunca disse que Dylan tem sido um amigo tão bacana pra você lá em Dalton. Ele até trouxe seu texto para a próxima aula.

O papel para o qual ela aponta, na bancada da ilha, não tem nada a ver com o que estudo. Tenho quase certeza de que ele só pegou uma página aleatória dos resumos de aulas dele.

— É mesmo. — Forço um sorriso. — Ele é ótimo.

— E ele me disse que também faz patinação artística.

— Ah, foi? — pergunto entredentes. — Que legal.

Não contei para os meus pais que formei uma dupla com Dylan e que estamos patinando juntos. Não por já estar agoniada com as inevitáveis ligações pós-treino, mas porque aí eles vão saber que ninguém quis patinar comigo e que o único motivo pelo qual me juntei a Dylan foi ele não ter escolha. Não sou a primeira escolha de ninguém; não sou nem mesmo a última.

— Dylan, a gente pode conversar? *Em particular.*

Seu olhar percorre minha expressão como sempre, travesso e jovial. Por uma fração de segundo, me pergunto se ontem foi só um sonho. Mas a desilusão some rápido, porque ainda consigo sentir a leve mordida de seus dentes nos meus lábios.

— Acho que me lasquei, Mila — brinca ele, raspando o prato e o levando até a pia. — Mas por seus quitutes, vale a pena enfrentar a ira da sua filha.

— Não se preocupe. Sierra não tem um pingo de raiva no coração.

Dylan dá uma gargalhada, mas quando vê a expressão confusa da minha mãe, disfarça com uma tosse. Ele olha para mim, mas desvio e indico o caminho até meu quarto. É quando recebo uma mensagem de Scarlett:

Scarlett
Recebeu minha surpresa?

Sierra
Que surpresa?

Scarlett
1,95m, cabelo castanho, convencido pra cacete e fala mansa demais para o próprio bem.

Sierra
Você que deu meu endereço pra ele?
Que porra é essa, Scar?

Scarlett
Ele é seu parceiro agora! E ele disse que meu cabelo era bonito. E isso foi antes de se oferecer pra falar com alguém do hospital universitário e me deixar pegar mais horas. Só retribuí a boa ação dando o que ele precisava.

Sierra
Você é uma mulher fraca.

Scarlett
Ou eu sou uma mulher em sã consciência e você que tá em negação.

Largo o telefone na cama e me viro ao ouvir a cadeira da escrivaninha ranger. Dylan está sentado nela, segurando a tirinha de fotos de cabine que eu e Justin tiramos no último Grand Prix.

— Fofos — diz ele, amargo.

Faço menção de pegar a foto, mas ele não deixa, ficando de pé tão rápido que a cadeira arranha o chão. Avanço de novo, mas ele dá um passo para trás, o que me leva a tropeçar e dar de cara com seu peito. Um sorrisinho arrogante brinca no canto de seus lábios.

— Eu só deixei essa foto porque tô bonita.

— É, não dá pra discordar — concede ele.

O que eu não digo é que essa foto me lembra quando as coisas eram boas entre mim e Justin. Me ajuda a acreditar que não foi tudo ruim. Dylan chega mais perto. Seus olhos se demoram no meu rosto, como se estivesse decifrando algo que não quero falar. Minha respiração falha, a proximidade remexendo no eco de um beijo que não consigo esquecer. Mas então ele recua de supetão, a cadeira rangendo quando ele se larga nela, me deixando de pé, sem jeito e meio bamba, entre suas pernas.

— Não esperava que você fosse fugir logo depois do nosso primeiro treino — diz ele, me olhando de baixo, mal cabendo na cadeira, mas se recosta nela com o tipo de descontração que a faz parecer feita sob medida. Presumo que faça esse tipo de coisa o tempo todo. Dylan entra em qualquer lugar como se fosse o dono, como se já tivesse frequentado mil vezes.

— Não fugi coisa nenhuma. Venho ver meus pais durante a semana, porque fico estudando no sábado e domingo.

Ele me lança um olhar curioso.

— Então, por que sua mãe acha que você é um anjinho doce e inocente?

Os dedos dele passam de raspão na minha coxa, e me esquivo, pigarreando.

— Porque sou.

— A única coisa doce em você foi aquela bebida que provei da sua boca, Sierra — diz ele, o tom casual demais. — Todo o resto é incandescente.

— Como o sol?

— Como o inferno.

Meu olhar corta o dele.

— Bom que você sabe. — A tensão no meu quarto é palpável, me fazendo cair com tudo na cama. Fico encarando as estrelas no teto que brilham no escuro. — Ninguém gosta de uma barraqueira.

— Eu gosto.

— Vindo do jogador de hóquei mais brigão de Dalton, não é bem um elogio. — Tento brincar, mas ele sequer abre um sorriso. — Pra sua informação, não dá pra falar na cara e ter um monte de opiniões quando se

quer que os jurados gostem de você. Meu parceiro também não era muito fã do meu mau comportamento.

Meu coração erra uma batida quando ele desliza os dedos sobre minha escrivaninha, passando pelo diário cor-de-rosa no qual escrevi todos os meus pensamentos mais sombrios do ano passado.

— Fazer barraco e ter opiniões a respeito de algo que se faz profissionalmente são duas coisas bem diferentes. Acho que você convivia muito com gente fraca, que não dá conta de ouvir uma mulher inteligente sem transformar em uma competição de quem mija mais longe.

Eu só pisco.

— Quando estiver comigo, Sierra, não quero que seja quem todo mundo acha que você é. Quero que seja a garota que aponta quando faço merda e fala o que pensa. Pode fazer isso?

Assinto com a cabeça.

— Que bom. — Ele abre um sorriso, que não alcança seus olhos. — Agora, vamos lá antes que Lidia comece a achar que você me assassinou durante o sono. Ah, e toma um aqui. — Ele coloca um frasquinho de ibuprofeno na minha mesa.

— Como você sabia? — Fico encarando o remédio. Nunca contei a ele das minhas enxaquecas.

— Sua amiga mencionou — explica, antes de seguir para a escada.

Ah, mas é claro. Puxo o carregador do meu notebook, enfio os dois na bolsa e pego a jaqueta pendurada na cadeira. Meu olhar cai sobre a tirinha de fotos de cabine minha e de Justin, na lixeira debaixo da mesa.

Desço as escadas, mas minha mãe não me deixa sair de barriga vazia, e Dylan aproveita a oportunidade para puxar o saco dela ainda mais. Deixo a comida pela metade e coloco a bolsa no ombro, porque não aguento mais.

— Bora. — Agarro Dylan pelo braço e o arrasto comigo. Ele dá um tchauzinho para minha mãe, que diz para eu ir sem pressa.

— Gosto de quando você manda em mim, Romanova.

Que ótimo, agora ele está fazendo piadinha. Realmente, ele não pensou mais naquele beijo. Que eu saiba, foi só outra quarta-feira comum — outra garota, outro beijo, outra salinha quente e abafada da qual ela saiu querendo mais.

— Abre logo o carro — ordeno.

— Banco de trás? — pergunta ele, todo alegre. — Faz um tempinho, mas você é pequenininha…

— Só dirige, cara — respondo, dando um empurrãozinho fraco nele.

Mas apesar da piada, não posso deixar de notar o brilho em seus olhos diminuir. Vou para o lado do carona, mas, antes que possa abrir, Dylan empurra a porta por dentro, um sorriso travesso em seu rosto quando desvio da porta.

— Obrigada — resmungo.

O banco está quentinho, e Dylan pega minha bolsa e a coloca no banco de trás. No silêncio quebrado só pela cadência do motor, eu o observo apoiar a mão no meu banco para dar ré.

Quando ele pega a avenida, finalmente olha para mim.

— Você nem terminou seu café da manhã. A dor de cabeça só vai piorar com a barriga fazia.

— Não terminei de comer porque queria te tirar de lá antes de você virar melhor amigo da minha mãe e contar tudo pra ela.

— Mas já somos. Ela acabou de mandar a receita dos *blinis* por mensagem. — Ele me lança um olhar de esguelha. — Por que não contou pra ela sobre a gente? Tá com vergonha?

— Se eles descobrem que Kilner e Lidia que nos juntaram, vão saber que mais ninguém me quis.

O silêncio se arrasta, denso e desconfortável. Ele nem coloca música para tocar, e me pergunto se é por causa da minha dor de cabeça.

Dirigimos assim por algum tempo, e então Dylan diz:

— Pode pegar minhas coisas ali no banco de trás?

— Suas coisas? — pergunto, lançando um olhar suspeito para ele, mas obedeço. Me estico e pego a bolsa de academia, colocando no meu colo. Ele tateia lá dentro e tira um saquinho de papel pardo.

— Tem dois sanduíches aí. — Ele aponta para o saco. — Pode pegar um.

— Sanduíche? — Meu coração bate lentamente. Nunca levo lanches para o treino, meu corpo ainda não fez por merecer. E Justin e eu nunca tivemos "dias do lixo". A dieta dele era extremamente restrita, assim como a minha. Alguns milhares de calorias por dia, a depender do que precisássemos. Nem uma a mais, nem uma a menos.

— Devo me preocupar contigo? — indaga ele, prestando atenção no trânsito.

— Por quê?

— Porque acho que você tá com problema de audição.

Eu bufo.

— Só achei interessante que você calhou de ter um sanduíche a mais. De pasta de amendoim, ainda por cima.

— E isso é importante porque…?

Dou mais um olhar desconfiado em sua direção.

— Eu amo pasta de amendoim.

— Que fofa — diz ele. — Tipo um cachorro.

— Engraçadinho — resmungo.

— Foi por isso que você escolheu logo ontem pra fugir pra casa dos seus pais? — pergunta ele, me olhando rapidamente e apertando o volante com as mãos.

— Já disse que não fugi.

— Então não foi por causa do que rolou lá no treino?

Tá bom, beleza, então vamos falar a respeito. Ainda espero que possamos esquecer tudo, como um pesadelo. Decido por essa abordagem.

— Não sei do que você tá falando.

— Ah, então vai ser assim, é? — provoca ele. — Achei que você era mais braba do que isso, Sierra. Pareceu, quando estava em cima de mim.

— Olha, eu…

— Por que você me beijou? — pergunta Dylan. Algo em seu tom de voz faz a indagação soar mais pesada do que deveria.

— V-você também me beijou — respondo na defensiva, e ele só me olha de soslaio. Dou um suspiro. — Não estava pensando direito, já fazia um tempo que não beijava ninguém. Mas não se preocupa, somos parceiros, não devemos fazer esse tipo de coisa.

— Não?

— É, não, tipo… não costumo fazer nada assim. Não tem muito a ver comigo. E eu sei que isso deve parecer estúpido pra você, porque né… — Gesticulo indicando ele, que é tão confiante em si mesmo e com relação a sexo. Ele faz tudo parecer tão descomplicado.

— Tá — responde ele, seco. — Tô ligado.

Não digo mais nada, nem ele, mas não consigo deixar de notar a forma como seus ombros ficam rígidos e seu pomo de adão sobe e desce.

O resto do trajeto é silencioso, e desta vez, quando chegamos na arena, Lidia nos leva a um espaço de treino decente. Mas é totalmente diferente de ontem. Dylan praticamente não olha na minha cara.

18

DYLAN

Não faça perguntas se não quiser saber as respostas. A forma como Sierra me vê de repente estava clara pra cacete. Sabia que devia ter ficado de boca fechada, talvez deixado a lembrança do beijo só pairar no ar entre nós até a tensão ficar tão insuportável que talvez ela me beijasse de novo. Só que dessa vez eu não ia me afastar, não ia ligar para o que ela acha de mim, e daria a ela exatamente o que daria a qualquer outra pessoa.

Ela conhece minha fama, e ainda bem que não tem nenhuma expectativa. A única noção de relacionamento que tenho é o dos meus pais. E tenho quase certeza de que trair a esposa não é uma das obrigações. Irrita ainda mais que a cada ligação da minha mãe que ignoro, elas ficam cada vez menos frequentes, e acabo me sentindo mais e mais culpado.

Kian bate na porta do meu quarto antes de entrar.

— Posso usar seu banheiro? — Ele está de roupão cor-de-rosa, com uma toalha no ombro, e carrega uns quatro frascos de xampu e condicionador nos braços.

— Não.

Hoje é o primeiro dia que realmente parei para estudar. Meus professores estão pegando pesado nos trabalhos e leituras, e não tinha nem parado para olhar a lista, de tão esgotado que fico depois de treinar com Sierra.

— Ah, fala sério! Meu chuveiro quebrou, e nenhum encanador topou vir a essa hora — Kian choraminga.

Volto a ler o texto para a aula de Direito Empresarial.

— Usa o do Aiden.

— Eu não, sei lá o que ele e Summer fizeram lá dentro.

— E o de Eli?

— Tá muito longe.

Reviro os olhos.

— De jeito nenhum que vai usar o meu. Você sabe disso.

— Aff, você é tão chato com seu chuveiro. Achei que já tinha superado o negócio de ser seu "santuário".

Este é um dos momentos em que não me arrependo de nenhuma das pegadinhas que já aprontei com ele.

— *Refúgio* — corrijo. — E mesmo assim a resposta é não.

Ele faz beicinho e continua me encarando, mas não deixo o fulgor do seu olhar me afetar. Esse artigo tem 63 páginas, e tive que reler só a primeira umas três vezes.

Quando aquela sensação irritante de estar sendo observado leva a melhor, me levanto da cama. Ainda tenho algum tempo antes da segunda parte do treino, mas prefiro não ficar sendo encarado durante trinta minutos. Pego minha bolsa de academia e coloco no ombro, e então gesticulo para Kian sair. Ele solta um muxoxo e vai arrastando os pés. Preparo um lanche rápido e faço questão de ameaçá-lo para não usar meu chuveiro antes de sair.

No rinque, Lidia dá a mim e Sierra uma pausa de dez minutos depois de duas horas de levantamentos. Ela está firme e forte quanto a nos manter só no básico, e claramente Sierra está começando a perder a paciência. Ela vai mancando até o banco, e não posso deixar de notar uma leve careta. Sei que é dos hematomas que minhas mãos deixam em sua barriga.

Sierra saca o celular e verifica as redes sociais, se demorando em um vídeo daqueles festivais em que as pessoas soltam lanternas de papel. Meu olhar alterna entre ela e a tela, tentando decifrar o que ela acha tão fascinante naquilo. O vídeo mostra as pessoas se reunindo no festival, que dura algumas semanas. Eu costumava ir com meus pais quando criança, mas nunca mais participei. Agora, parando para pensar, nem lembro se meu pai estava presente ou se o celular dele tocou no meio.

Vasculho na minha bolsa.

— Aqui — ofereço, indicando um dos sanduíches que preparei.

Ela fica encarando minha mão por tanto tempo, que largo o lanche em seu colo. Sierra murmura um "obrigada" e não fala mais nada, só dá uma mordida. As coisas entre nós estão esquisitas. Ela está exalando nervosismo, dá para sentir só de tocar nela. E está mais defensiva do que de costume. Mal nos falamos durante as primeiras quatro horas de treino, nem nas quatro horas seguintes, quando voltamos depois das aulas.

E os treinos têm sido uma merda. Lidia anda bruta como eu nunca vi. Para piorar, vejo o treinador Kilner passar por nós de vez em quando. Às vezes ele para e assiste, outras ele sai antes que eu consiga falar com ele. Não sei se está vendo todo o meu esforço ou só querendo me lembrar do tamanho da merda que fiz nesta temporada.

Lidia bate palmas duas vezes, e só com isso já sei que acabou o descanso.

Depois, quando erro o posicionamento das mãos, Sierra pega a minha mão e corrige. Às vezes, me pergunto se ela sente falta dele. Semana passada, Justin e a parceira, Julia, praticaram em um lado da pista enquanto eu e Sierra treinávamos no outro. Lidia fez questão de que aquilo nunca mais acontecesse.

Levanto Sierra e ela solta um grunhido, então a coloco no chão na mesma hora.

— O que você tá fazendo? — sibila ela.

Olho para Lidia.

— Ela tá com dor. Não vou levantar mais até ela estar 100%.

— Tudo bem, Sierra? — pergunta a treinadora. É a décima vez que ela pergunta isso, e toda vez Sierra responde a mesma coisa. A mesma mentira. Está começando a me encher o saco.

— Tranquilo — resmunga ela.

Solto uma risadinha, voltando à posição inicial.

— Que foi? — provoca Sierra, seu tom combativo, desafiador, mas há algo além. Ela não me olha nos olhos, como se estivesse se preparando para o que virá a seguir.

— Hein?

— O que você ia dizer? — indaga, mas mantém os braços cruzados em frente ao peito, como um escudo.

Alguma coisa na maneira como ela está se portando, tão fechada, me afeta. Consigo sentir a distância entre nós. Eu a observo com cuidado.

— Você tá com medo.

Os olhos dela faíscam.

— Eu faço isso a vida inteira. Não estou com *medo*.

Mas consigo perceber, só pelo jeito como o corpo dela fica tenso quando faço menção de tocá-la, no jeito que ela se porta, um pouco rígida demais.

— Tá sim, Sierra — insisto. — Dá pra sentir que você treme quando eu te levanto. E a gente ainda nem fez um levantamento de verdade.

— Isso não tem nada a ver com você — rebate ela, mas percebo sua voz falhar.

— Tem *tudo a ver* comigo — respondo, a frustração se entremeando na minha fala. — Eu que estou te levantando, talvez até te colocando na mesma posição que você caiu, e eu entendo, beleza? Deve te deixar apavorada, porque você acha que vou te derrubar, como *ele*.

Vejo sua expressão mudar, a respiração ficar presa na garganta, e o pânico é instantâneo, como uma onda quebrando bem em cima dela. Preciso dar tudo de mim para não correr até ela, não a ajudar a se estabilizar como da última vez.

A treinadora ainda observa, e posso ver Sierra se fechar ainda mais. Como se estivesse encurralada.

— É-é… — gagueja ela. — É algo meu, mesmo. Vou dar um jeito.

— *A gente* vai dar um jeito — intervém Lidia, decisiva.

Volto minha atenção a Sierra, meu olhar encontrando o dela. A tensão entre nós é densa, pesada demais para ignorar. Posso ver que ela está resistindo, mas alguma coisa mudou. Seus olhos suavizam só um pouquinho, e ela separa os lábios, como se estivesse tentando encontrar as palavras, mas sem saber como. Quero dizer a ela que não precisa.

— Me diga o que você precisa, e vou ser o que você precisar — sussurro.

Ela congela. E, antes que eu consiga dizer qualquer outra coisa, ela me dá as costas e dispara, patinando para longe sem falar uma palavra.

A campainha toca sem parar, ecoando pela casa inteira. Mesmo apertando o travesseiro contra os ouvidos, ainda consigo escutar. Com um palavrão e olhos semicerrados, me arrasto da cama e abro a porta do quarto com tudo.

— Alguém atende a porra da porta! — grito, mas minha voz só ecoa fraca antes do ding-dong insuportável recomeçar.

Não tem ninguém em casa, agora eu sei, porque não tem nenhuma música tocando e nem cheiro de fumaça dos desastres culinários de café da manhã. Até a TV da sala, que vive em um volume ensurdecedor, está em silêncio.

Não me dou ao trabalho de vestir uma roupa e saio de cueca boxer mesmo. Não tenho a menor consideração por quem perturba meu sono.

A exaustão gruda no meu cérebro enevoado. Direito Empresarial é um sonífero mais poderoso que Zolpidem. Meu professor, que já passou da idade de se aposentar, parece mais interessado em polir o próprio ego do que em ensinar, porque dá as notas com base em quantas vezes citamos um de seus antigos casos. Quando descobri esse macete, fiquei tranquilo e nem me preocupei mais em reter qualquer coisa naquela disciplina.

E por falar em ego, quando escancaro a porta da frente, dou de cara com um familiar terno Tom Ford azul-escuro e bem engomado, e um par de olhos azuis gélidos que por sorte não herdei. Meu pai está de pé na soleira, com uma expressão indecifrável, e me avalia de cima a baixo, pouco impressionado.

— Dormindo o dia todo? Que belo jeito de jogar sua vida fora — diz ele.

Cerro o maxilar.

— Não sei, não. Você que é o expert em deixar as coisas de lado — rebato, já de saco cheio da presença dele. Este é o único lugar que ainda é como um lar, e tê-lo aqui parece errado. Ele teve quatro anos para visitar.

Começo a fechar a porta, mas ele me impede. Meu pai equilibra uma caixa na mão, enquanto usa a outra para manter a porta aberta.

— Espera, eu vim para me desculpar.

— Que belo jeito de começar.

Ele me encara, impassivo.

— Não vai me convidar para entrar?

Com relutância, gesticulo em direção à sala de estar, e ele entra devagar, esquadrinhando a casa com aquele ar de julgamento que sempre exibe.

— Onde estão seus colegas?

— Meus *amigos* estão no treino, então estou sozinho.

Ele não falou nada sobre a carta que receberam de Dalton, sobre minha suspensão. Me pergunto se minha mãe sequer contou a ele. De qualquer forma, sei que ficaria feliz por eu ter me afastado daquele "esporte troglodita", muito embora odeie ainda mais a patinação artística.

Meu pai não se senta no sofá — melhor assim, provavelmente —, então ficamos de pé na sala, ele de terno e eu de cueca. Eu o ultrapassei em altura alguns anos após a puberdade, e aquele pequeno desequilíbrio foi como um presságio do catalisador que alterou nossa relação para sempre. Como um lembrete físico do quanto cresci mais do que ele.

— Eu compreendo que tenha se sentido pego de surpresa pela nossa ligação anterior. Deveríamos ter discutido a questão em família primeiro.

Chego a vacilar um pouco, mas não deixo transparecer.

— Depois de tudo o que passamos juntos, sei que não vai ser um Band-Aid que vai resolver o problema, mas a renovação de votos é muito importante para a sua mãe.

Muito importante para a sua mãe. Não para ele. As palavras deixam um gosto amargo na boca. Espero ele continuar, mas meu pai não fala mais nada, me encarando como se fosse minha vez.

— Só isso?

Ele suspira.

— Sua mãe ficaria muito feliz se você colocasse nossas diferenças pessoais de lado e se juntasse a nós na nossa renovação de votos. Fiz coisas no passado das quais não me orgulho, e quero começar do zero. Eu a amo, Dylan. Amo você também.

— Parabéns — resmungo. — Vou ter que ver na minha agenda.

Meu pai olha para mim como se quisesse falar mais alguma coisa, mas então pensa melhor.

— Trouxe algo para você — diz ele por fim, admitindo a existência da caixa branca e grande em suas mãos. Ele a coloca na mesa de centro, e é quando vejo o envelope cor de lavanda em cima. — É o seu smoking para a cerimônia. Sua mãe escolheu e te escreveu essa carta.

Encaro o envelope sobre a caixa e decido bem naquele momento que nunca irei abri-lo.

— Seus amigos serão muito bem-vindos. Vamos enviar os convites em breve.

Saber que é minha mãe quem está para lá e para cá, cuidando de todos os detalhes da cerimônia, faz a raiva borbulhar sob minha pele. Ele fica fora até tarde da noite, e ela espera naquela casa de vidro, agarrada à mesma esperança de sempre desde que ele construiu a empresa.

— Não precisa convidar meus amigos — murmuro.

Ele não responde, só fica me encarando por tanto tempo, que acabo gesticulando para que vá embora.

— Gostaria muito que confirmasse sua presença.

— E eu gostaria que você nunca mais viesse aqui com sua desculpinha meia-boca.

Ele cerra o maxilar.

— Não vou tolerar esse desrespeito. Você acha que pode falar com sua mãe desse jeito só porque ela passa a mão na sua cabeça, mas não vai ser a mesma coisa comigo.

— Ah é, porque só você é que pode desrespeitar ela.

— Dylan…

— Da próxima vez que quiser pedir desculpas, tente usar as palavras "sinto muito" — falo com ódio. — Vá embora da minha casa.

Os olhos dele queimam intensos, e sei que, depois de hoje, a única coisa que vai sobrar da nossa relação serão as cinzas.

— Saia. Agora — ordeno, me preparando para a resposta fria. Em vez disso, ele vai embora sem olhar para trás, mas sua presença gruda no ar como resíduo de fita adesiva.

Apenas um minuto mais tarde, a porta da frente se abre de novo, e estou prestes a levantar minha voz quando Kian entra correndo.

— Aquele ali era seu *pai*?

19

SIERRA

— Vocês dois vão em um encontro — diz Lidia.

Cuspo minha água, colocando a mão na frente da boca. Me viro com tudo para minha treinadora, sentindo o olhar fixo de Dylan queimando meu rosto. Limpo a água da malha cor-de-rosa que vesti hoje para tentar enganar Lidia e fazê-la pensar que estou mais "receptiva". É uma conversa que temos todos os anos, porque, segundo ela, linguagem corporal e apresentação pessoal importam bastante, e a minha está mandando todo mundo me deixar em paz e ir à merda.

Ela não está errada.

— Fazer piada não combina com você, Lidia — digo, ao me recuperar.

Lidia estreita os olhos.

— Quem está fazendo piada aqui?

— Mas a gente deveria estar usando todo o tempo disponível no gelo! Não é possível que seja essa sua sugestão.

Dylan ainda não disse uma palavra, e o silêncio está fazendo minha pele coçar. Ele deveria estar se opondo tanto quanto eu. A última coisa de que precisamos é de *mais* tempo juntos.

Já que passo a maior parte do treino evitando contato visual com ele, levo uns bons segundos até encontrar seu olhar. Ele percebe minha tentativa de trazê-lo para meu lado, mas deve ser péssimo em entender expressões faciais, porque só diz:

— Acho que é uma ótima ideia.

Fico boquiaberta. Até Lidia aparenta estar surpresa.

— Não a parte do encontro — esclarece ele, e relaxo, mas não sem uma pequena alfinetada no peito. — A gente pode avaliar a química de

novo, conforme treina. Dessa vez, no gelo.

— A questão não é a química. Isso ficou bem claro na sessão de exercícios com o colchão — discute Lidia, como se quisesse revirar os olhos. — Agora que ouvi ambas as desculpas esfarrapadas… vão se trocar. Vamos dar um passeio.

Depois do ensaio complicado da semana passada, Lidia colocou na cabeça que ia resolver nossa sintonia. No gelo, trabalhamos bem juntos, mas existe mesmo uma inquietação quando ensaiamos a coreografia, e depois que Dylan apontou que está partindo de mim, os treinos têm sido uma merda.

Estou acostumada a cair, mas quando ele me levanta acima da cabeça, o pânico bate com tudo. Não é da dor que tenho medo, até porque mal a senti naquela noite. Tudo o que conseguia pensar era que tinha largado uma carreira solo brilhante para treinar com Justin durante quatro anos só para acabar na porcaria do chão. Estava furiosa.

Eu costumava ficar obcecada por aqueles vídeos compilados de erros de patinação. Estudava as falhas, praticava os movimentos e sabia que aquilo nunca ia acontecer comigo. Nunca deveria ter acontecido comigo.

Fico encarando meus patins, os quais amarrei meticulosamente antes do treino, e então deslizo atrás de Dylan até o portão. Ele calça a proteção das lâminas, me passa a minha sem dizer uma palavra e segura o portão aberto para mim antes de seguir para o vestiário.

Do lado de fora da arena, entramos no banco de trás do Toyota Yaris vermelho de Lidia. Tentei ir para o banco do carona, mas ela travou aquele lado. Dylan segurou a porta de trás para mim, e tentei me espremer o máximo possível, mas o banco estava cheio de caixas e mais caixas com patins extras, figurinos e rolos de espuma. Ainda tem um kit de primeiros socorros perto dos meus pés e pequenos cones laranja que usamos para exercícios. A falta de espaço faz com que o corpão enorme de Dylan fique espremido e bem colado contra o meu.

Quando ele esparrama as pernas como se fosse dono do banco inteiro, bato o joelho contra o dele, mas ele não se mexe, só dá outra batidinha de volta. Reviro os olhos, e vejo Lidia nos observando pelo espelho retrovisor com um leve balançar de cabeça que me faz endireitar a postura.

Ela dirige por tanto tempo que todo o cansaço acumulado da semana começa a bater. O aquecedor ligado no máximo também não ajuda. A

sensação do corpo de Dylan, o calor, a música clássica baixinha que vem do rádio e o balanço do carro se juntam e fazem minhas pálpebras pesarem.

Parece que horas se passaram quando acordo e me vejo com a cabeça encostada em um ombro confortável, e o carro estacionado em uma área deserta no acostamento. Me sobressalto e vejo Lidia ao telefone, brigando com alguém. Os olhos dela encontram os meus pelo retrovisor.

— Que bom que finalmente se juntou a nós, senhorita — diz ela, com uma doçura fingida, jogando o celular com força no banco. — Para os passageiros acordados, estamos lidando com uns imprevistos na estrada.

Lanço um olhar de esguelha para Dylan e me arrependo na mesma hora. Ele está tão quieto que engana meu cérebro, me fazendo achá-lo ainda mais atraente do que já é. Realmente, ele fica lindo de boca fechada.

— Como assim, imprevistos? — pergunto.

— Meu pneu furou e a aula de culinária de vocês foi cancelada.

Dylan solta um suspiro divertido.

— Culinária? — indago. — Você achou mesmo que deixar a gente perto de facas afiadas e fogo era uma boa ideia?

— Que delícia — sussurra Dylan, falando pela primeira vez desde que o usei como travesseiro.

— Se tivessem essa oportunidade e não aproveitassem, já seria uma vitória. Mas eles tiveram um vazamento de gás — explica ela. — Então a gente vai adiar, porque apesar desse sinal horrível, consegui ligar pro guincho…

Uma buzina soa e uma caminhonete vermelha do serviço de guincho estaciona na nossa frente. O motorista vai até o lado de Lidia, e ela baixa o vidro manualmente.

— Já podem sair — diz ele. — Só que meu carro só tem lugar pra um, não tenho como levar todo mundo.

— Mas eu falei no telefone que eram três pessoas — discute Lidia.

O homem coça sua barba longa e puxa a gola do macacão manchado.

— A ligação estava ruim, moça. Quase não deu pra entender sua localização.

— Vou chamar um Uber — sugere Dylan.

O motorista solta uma gostosa gargalhada.

— Não vai ter sinal pra isso aqui. Mal deu pra ouvir a dona Lidia. Mas tem um ponto de ônibus a oitocentos metros daqui.

Lidia balança a cabeça e o homem parece encolher, mas então seus olhos azuis se iluminam com algo novo. Como uma ideia. *Ah, não.*

— Perfeito. — Lidia sorri. — Vocês dois, saiam.

— O quê? — Dylan e eu perguntamos em uníssono.

Ela simplesmente gesticula para a porta.

Dylan parece que ainda tem mais a dizer, mas para nos salvar da ira de nossa treinadora, eu o empurro para sair do carro. Seu olhar encontra o meu, e ele deve ver o medo no meu rosto porque, com relutância, abre a porta e nos deixa sair.

Já pensei em outros momentos que Lidia tinha perdido a noção, mas este supera todos. O homem reboca o carro e prende tudo antes de abrir a porta do passageiro.

— Lidia, a gente nem sabe onde está. Além disso, não tem sinal — tento argumentar, observando-a apertar o casaco mais forte e ajeitar o cabelo enquanto ele balança ao vento.

Ela dá um tapinha brusco na minha bochecha, como se eu fosse idiota.

— É pra isso que serve o trabalho em equipe, *devushka*.

Lá vem.

Dylan se inquieta atrás de mim, soltando um suspiro suave enquanto olha para o céu. Como se *eu* quisesse estar aqui.

— *Kysh*! Vejo vocês na sexta — diz ela, e entra no guincho. O motorista parece ter pena de nós, e me pergunto se ele nos deixaria pegar carona agarrados no para-choque.

— Lidia! — gritamos em uníssono, mas seu sorriso falso desaparece em um olhar penetrante que ela nos lança pela janela, do tipo que eu nunca ousei desafiar.

A estrada de terra batida e pedregosa range sob a velocidade dos pneus, e observo a caminhonete se afastar com o carro dela, o adesivo da Federação Russa de Patinação Artística no vidro traseiro. Imaginei que o dia de hoje poderia terminar de vários jeitos, mas ficar presa no meio do nada com Dylan Donovan não foi um deles. Os arbustos e árvores ao redor da área dançam ao vento, e me abraço um pouco mais forte. Esqueci de verificar a previsão do tempo hoje. Dale Thunderman ficaria tão decepcionado.

— E agora? — pergunto, virando-me para encarar Dylan, que só me lança um breve olhar de soslaio antes de começar a andar. — Ei!

— Que foi?

— Você nem sabe se é por aí.

— Bem, como eu estava acordado durante a viagem, prestei atenção na estrada.

Essas palavras me calam, e deixo Dylan assumir a liderança.

Depois de andarmos pelo que parecem quilômetros, começo a achar que vou ter que dormir no meio do mato. Com base no percurso, presumo que estejamos em Andover ou Georgetown.

Bem quando penso que a caminhada não pode ficar pior, uma gota de chuva cai com um respingo frio na ponta do meu nariz. Minha legging e casaco finos mal me protegem do vento cortante, e agora estou ficando encharcada.

— Que pesadelo — murmuro.

Dylan parece estar se divertindo, porque ele ri, balançando a cabeça enquanto acelera o passo. Corro para acompanhá-lo.

— Qual é a graça?

— Nada.

O tom mordaz me faz parar e puxar a manga do seu moletom.

— Me conta.

— Não — responde ele com aquela voz grave e rouca. Minha mão escorrega do moletom, mas, por algum motivo perverso, isso só me deixa mais determinada a fisgar o que quer que ele esteja escondendo.

— Não faz de conta que tá me poupando, Dylan. Fala o que você pensou.

Ele balança a cabeça novamente, e o sorriso sarcástico em seu rosto permanece firme. O vento sopra ao nosso redor e o sol começa sua lenta descida em direção ao horizonte. Fios do meu cabelo encharcados de chuva grudam no rosto, e tenho quase certeza de que algumas folhas se emaranharam ali também.

— Fala.

— Sierra — avisa ele.

— *Meu Deus*, você é insuportável!

Isso o faz parar tão abruptamente que a lateral do meu corpo colide com o dele e tropeço para trás. A terra do caminho improvisado mancha

meus sapatos brancos — pelo menos, espero que seja terra. Mas não consigo prestar atenção nisso. O jeito que o homem irritado à minha frente se vira lentamente sugere que eu deveria estar com medo, mas algo em seu olhar sombrio me faz ficar ereta e levantar o queixo. Não importa o quanto ele me olhe feio, não vou demonstrar fraqueza.

— Talvez se você parasse de agir como se só tivesse você na equipe, a gente nem estivesse aqui, pra começar.

— Eu? Tá me zoando? — grito, me esforçando para ser ouvida em meio à chuva torrencial que cai sobre nós agora. — Você não fez nada pra que isso aqui tivesse cara de parceria.

— E você fez? — retruca ele.

— Você age como se não quisesse estar aqui, e não sou de implorar pros outros ficarem. — Nada poderia me forçar a fazer isso de novo.

— Você tá vendo o que quer ver, Sierra — diz ele, soltando um suspiro frustrado. — Se eu não quisesse estar aqui, não *estaria*.

Arquejo, e meus cílios encharcados de chuva fazem gotas de água caírem em cascata pelo meu rosto, como lágrimas.

Minhas palavras estão presas na garganta. Dylan fecha os olhos, respira fundo e então encontra meu olhar diretamente. A intensidade em seus olhos é perturbadora.

— Você não me fala como posso melhorar as coisas — diz ele bruscamente. — Tô vendo que você tá sofrendo, mas você é tão teimosa que não me deixa ajudar. Se você só me dissesse o que te impede de confiar em mim, a gente não estaria nessa confusão.

Continuo pressionando os lábios. Suas palavras são como uma faca no meu peito. Sinto um aperto na garganta que tenta forçar as palavras a saírem, mas elas ficam presas em um velho nó, que foi criado há tanto tempo que eu não sei mais como desfazê-lo. Quero dizer a ele que estou tentando, que não é fácil para mim, mas parece que estou presa.

Cerro os punhos, odiando meu silêncio e me xingando por fazer parecer que não me importo. Assim que reúno forças para falar, Dylan balança a cabeça e desvia o olhar. Meus olhos acompanham seus movimentos enquanto ele puxa o moletom pela cabeça. Por baixo, ele veste uma camisa verde-escura de manga comprida justa, daquelas que costuma usar nos treinos.

— Pega — ordena ele.

Se eu estava sem palavras antes, tenho quase certeza de que minha garganta se fechou completamente agora. O moletom azul-marinho de hóquei da Dalton, que traz seu sobrenome na manga e seu número atrás, pende de sua mão como um artefato sagrado. Eu o encaro. Ele o estende para mim novamente, e sinto o peso de seu apelo silencioso.

— Você tá batendo os dentes. Veste, Sierra.

— E você? — digo, quase num sussurro.

Ele não responde, mas quando um arrepio me percorre, pego o moletom da mão dele e o visto. O calor do seu corpo ainda permanece no algodão, e deixo que ele penetre na minha pele fria e úmida, se misturando com o aroma fresco do seu sabonete líquido. O moletom me envolve como um abraço, e uma dor se instala no meu peito, intensificando quando o vejo olhando para trás para ver se eu o vesti.

Com minhas mãos geladas enterradas em seu moletom, caminhamos em direção a uma longa faixa de luzes à nossa frente. O silêncio parece mais alto que o vento assobiando.

— Eu tô tentando — digo finalmente. Uma parte de mim espera que o barulho dos carros que passam de vez em quando e do farfalhar das árvores abafe minhas palavras, mas quando ele fica tenso, sei que me ouviu.

Assim que me preparo para ouvir algo como "se esforce mais" ou "isso não é bom o suficiente", ele se vira, e vejo seu perfil iluminado pelos postes de luz piscantes pelos quais passamos. Em voz baixa, ele diz:

— É só isso que eu preciso.

Minha mente tenta me convencer de que ouvi errado. Depois de tudo o que eu disse, como ele pode ser tão compreensivo?

Esses pensamentos desaparecem quando a buzina estridente de um carro e seus faróis brilhantes me fazem pular, e esbarro direto em Dylan. Ele agarra meu ombro e me puxa para perto até que eu esteja praticamente aconchegada debaixo do seu braço.

— Sai do meio da rua, caramba! Isso aqui é West Hartford, não a roça — grita o motorista da janela aberta.

West Hartford? Encontramos a estrada principal! Nem consigo conter meu sorriso de pura alegria quando me volto para Dylan, que compartilha um sorriso exausto e torto comigo.

— Já sei onde estamos. Bora — diz ele.

Desta vez, quando começamos a andar outra vez, meu peito praticamente afunda quando dedos quentes e molhados de chuva se entrelaçam aos meus, me puxando.

Uma placa cor-de-rosa com lâmpadas amarelas chamativas ilumina a entrada do Restaurante da Lola.

— Tô sem dinheiro — digo a ele.

— Deixa comigo — responde Dylan antes de a garçonete chegar para nos acomodar.

Ela parece conhecê-lo, e ele gosta da atenção, porque sussurra algo que a faz rir e apertar seu braço. Por tempo demais, na minha opinião. Até porque ela viu a mão dele na minha. Poderíamos ser um casal, até onde ela sabe.

Mas não são.

Deslizo no pequeno sofá e, quando estou prestes a puxar minha mão de volta — em parte por irritação e em parte porque esperava que ele se sentasse na minha frente —, ele me segura com mais força e espreme seu corpão bem ao meu lado no sofá. Estamos perto, perto demais.

É quando noto um pouco de preto ao redor de sua íris. Enquanto ele é todo olhos castanhos, cabelo castanho e pele dourada, eu sou cabelo escuro, lábios vermelhos, olhos verdes. Tudo em mim é gélido e com pontas afiadas, como as lâminas dos meus patins. Parece óbvio quando estamos tão perto.

Tento me afastar.

— Não acho que, pra gente se enturmar, tenha que ficar literalmente grudado.

— E se eu quiser?

Lanço um olhar entediado a ele.

— Então, voltamos à programação normal de dar em cima de mim?

— Isso não foi dar em cima — diz ele, aproximando-se. — Se fosse, sua bunda estaria no meu colo em vez de nesse couro barato.

Eu me inquieto.

— Que bom que não está, então.

— Mas você quer? — sussurra ele, com nossos narizes a centímetros de distância. — Podemos pedir bebidas. Eu sei que você gosta de dividir.

Meu coração dispara. É uma referência àquela noite na festa, quando eu, bêbada, o deixei provar a bebida dos meus lábios. Agora ele está tão

próximo, e a boca dele parece tão macia. Sinto que estou chegando mais perto, de forma inconsciente, porque tenho certeza de que se ele pressionasse seu corpo molhado contra o meu, ia acender um fogo dentro de mim. Sua língua seria quente e habilidosa e…

— Parece que você precisa de uma toalha, Si — uma voz interrompe, e eu me afasto dos olhos escuros de Dylan para ver um homem com um avental de chef do Lola.

— Ajay!

Tento sair da cabine, mas Dylan empaca como uma pedra no meu caminho. Gesticulo para que me deixe passar, mas ele só me olha com uma expressão vazia. Desisto e saio toda desajeitada pela outra ponta, e Ajay me puxa para um abraço inesperado.

Não sou de abraçar, e mesmo agora, quando ele me aperta forte, não correspondo. Quando dou um passo para trás, ele me solta e começa a perguntar alguma coisa, mas, antes que eu consiga ouvir o que é, alguém entra na frente. Dylan Donovan.

20

DYLAN

A primeira coisa que me irrita neste restaurante é a música que toca no jukebox. A segunda coisa é o cozinheiro abraçando minha parceira.

Eles ainda estão agarradinhos ao som daqueles vinis deprimentes que Kian sempre põe para tocar. Sierra é a primeira a se afastar, e tento não sorrir com isso. Seu olhar voa para o meu rapidamente e depois para um ponto aleatório na parede. Se a garota corasse, tenho certeza de que seria agora, e o pensamento me tira do sério. *Ajay, o cozinheiro*, começa a perguntar alguma coisa, mas, sem pensar duas vezes, estendo minha mão e fico entre eles.

— Dylan — me apresento.

O olhar de Ajay cai para minha mão. Ele é só alguns centímetros mais baixo do que eu e, quando finalmente coloca a mão na minha, aperta com um pouco mais de força do que eu esperava.

— Eu sei quem você é, Donovan — diz ele com um tom mordaz. — Sou Ajay.

Não faço ideia de por que ele parece tão protetor com Sierra.

— Você conhece minha parceira de onde?

Há uma insinuação nas minhas palavras que não corrijo. Tem também alguma coisa nela, parada ao meu lado, encharcada e usando meu moletom, que faz as palavras saírem mais ásperas. Um quê de possessividade envolve minha irritação, o que parece perigoso.

Sierra dá um passo à frente, seu braço esbarrando no meu, mas seus olhos estão em Ajay quando sorri.

— Ela costumava vir aqui nos raros "dias do lixo" — explica ele. — Embora o "lixo" dela fosse um hambúrguer vegetariano enrolado em alface.

— Ele ainda dava um jeito de mandar batata frita com queijo *sem querer*. — Sierra ri.

Há uma memória silenciosa que se repete entre eles. Quero esmagá-la com minhas próprias mãos.

— Deve ser melhor do que os sanduíches que faço pra gente treinar, né? — interrompo.

Ajay olha entre nós.

— Vocês dois treinam juntos? — Suas palavras são lentas e incertas, como se ele estivesse pensando se quer saber a resposta.

— É, ele é meu parceiro novo.

— É só isso que somos? — Espero que o sorrisinho no meu rosto sugira muito mais, porque o olhar furioso que Sierra me lança não vai ser coisa boa mais tarde. Mas não me importo nem um pouco. Aproveito a oportunidade para passar o braço em volta dela.

— O que te fez passar aqui? — pergunta Ajay.

— O carro de nossa treinadora quebrou, e ficamos sem sinal e sem bateria. Estamos meio perdidos — informa Sierra.

Ajay parece confuso, mas assente ao avaliar nossas roupas encharcadas. Ou seja, meu moletom com capuz que ela veste.

— Podem usar o fixo, é logo ali no corredor.

Sierra sorri agradecida e se vira para mim.

— Posso tentar ligar pra Scarlett, mas ela deve estar estudando e o celular dela vive no silencioso.

— Vou ligar pro Kian — ofereço.

Ajay aponta para o corredor com o telefone sem nem olhar para mim. Ele sorri para Sierra, e sinto vontade de puxá-la comigo, mas contenho a possessividade estranha que toma conta de mim. Por que isso está me afetando tanto?

O telefone da cozinha fica pendurado na parede e é um daqueles antigos de disco. Kian atende no último toque, e sua voz está carregada de sono.

— Oi, preciso que você venha me buscar aqui no Lola.

— Dylan?

Suspiro.

— Quem mais, Ishida?

— Ah, tá, bem, eu super iria, cara, você sabe, mas acabei de voltar de um encontro com Aiden e Summer, então ainda tô meio bêbado de vinho.

— Por que você estava no encontro deles? — pergunto.

— Eles se sentiram mal porque eu ia ficar sozinho casa, mas era melhor terem me deixado. Rolou grito, um incêndio e muitos palavrões. — Ele parece estremecer com a lembrança.

— Deixa pra lá. Vou chamar um táxi — digo.

Ouço um barulho de fundo na ligação.

— Quer que eu encontre alguém sóbrio? Certeza que Aiden te busca.

— Não — respondo rapidamente. — Não pre…

— Aiden! — Ouço uma porta se abrindo e depois seus pés atravessando o corredor. — Não tá pelado não, né? Tô entrando.

Aperto a ponte do nariz. Kian conversa com alguém e, com a impaciência me dominando, olho para o lado e vejo uma máquina de vendas de torção. Aquelas que dão anéis de plástico e brinquedinhos aleatórios. Uma ideia surge na minha cabeça.

Faz meses que não prego uma peça em Kian fingindo ser a ex stalker dele, Tabitha. Ela era um pesadelo — hackeava nossos celulares, dormia na nossa cama, roubava nossa gasolina. Depois disso, Kian se sentiu culpado por nos fazer passar por aquela confusão e ficou choramingando por semanas. Então comecei a fazer essas pegadinhas. Claro, ele ficava um pouco assustado, mas quanto mais "ela" aprontava, mais ele parava de se culpar. Agora, é só pela zoeira.

Ouço um grito abafado, um gemido e mais passos arrastados.

— Alô? — A voz irritada de Aiden surge do outro lado do fone. — O que houve?

— Oi, Capitão. Não foi nada. Só liguei pra ver se Kian poderia dar uma carona, mas tudo bem, a gente chamou um táxi — minto.

— Tem certeza? Posso ir agora mesmo — diz ele com sinceridade. Kian dá uma risadinha lá atrás. Ele vai se arrepender disso quando estiver sóbrio. — E quem é "a gente"?

— *A gente*? — Kian deve ter pegado o celular.

Porra, eu disse mesmo isso em voz alta? Pigarreio.

— Ninguém. Já volto pra casa.

Coloco o telefone no gancho e, assim que me viro, Sierra está atrás de mim.

— Não rolou? — pergunta ela. Seu cabelo está molhado e embaraçado, mas, de alguma forma, ela está linda como sempre. Porra, talvez até mais. Seu nariz está vermelho de frio, assim como as maçãs do rosto. Aposto que seus lábios estariam frios se eu a beijasse.

O pensamento me traz de volta à realidade, onde essa não é uma opção. Ou mesmo um pensamento que eu deveria estar tendo. Pigarreio.

— Como adivinhou?

— Você bateu o telefone com bastante força — diz ela. — Mas tudo bem, Ajay falou que o turno dele termina em dez minutos, então ele pode nos dar carona.

Maravilha.

— Quanto ele cobra? — pergunto secamente.

— Ele não é motorista. Tá fazendo um favor.

— E como você vai retribuir?

— As pessoas podem se ajudar sem precisar de nada em troca — resmunga ela.

— Vi o jeito que ele olhou pra você. Isso não é um maldito favor, Sierra.

— Nem tudo é pegação. Ele é meu amigo — diz ela. — Mesmo que fosse mais do que isso, não é da sua conta.

— Se ele fosse seu amigo, não ia te dar comida "só" porque você tá por perto, nem te dar carona na contramão, nem ficar avaliando o cara que está do seu lado.

— Você já me deu comida antes — afirma ela simplesmente.

— Não somos amigos.

O toque de um sino estilhaça o olhar acalorado que nos envolve. Nenhum de nós se mexe, mas quando Ajay interrompe nossa competição de quem pisca primeiro, Sierra é a primeira a desviar.

— Acabei de bater o ponto — diz ele. — Meu carro tá lá atrás.

Lá fora, Ajay destranca as portas e *acidentalmente* empurro Sierra para me sentar no banco do carona. Ela xinga baixinho e fica no banco de trás. Isso não impede Ajay, o cozinheiro, de conversar com ela pelo retrovisor durante todo o trajeto. Também não o impede de me deixar primeiro, o que permite que Sierra troque de lugar quando eu sair do carro. Mas antes que ela possa se sentar, agarro seu punho. Olhos verdes me observam com curiosidade, e não sei por que faço isso, talvez porque ela esteja com meu

moletom, ou porque ela ter dito antes que estava tentando fodeu com a minha cabeça, mas eu a puxo para mim.

— O que você tá fazendo? — pergunta ela antes de bater no meu peito. — Não sou de abraçar.

— Eu sei. — Eu a puxo para mais perto.

— *Dylan*.

— Sossega, Romanova.

Ela suspira, e isso aquece o centro do meu peito.

— Mas Ajay…

— Ele pode esperar. Eu não.

— Mas…

— Shh — sussurro em seu cabelo. — Estamos tendo um momento de silêncio.

Nem preciso olhar para ela, sua cabeça pressionada contra meu peito, mas sei que ela está revirando os olhos. Passo a mão em suas costas, apertando meu abraço, e a sinto relaxar. Seus ombros caem enquanto ela se aconchega em mim. A rendição silenciosa quase rasga meu peito ao meio.

Ficamos assim por um tempo, e esqueço o carro ligado e o cozinheiro sentado lá dentro. Acho que ela também, até que Ajay a chama, e Sierra se afasta. Com um último olhar, ela entra no carro e fecha a porta.

Todos estão dormindo quando entro em casa. Sebastian está desmaiado na sala, com a TV ainda ligada. Procuro um envelope e, assim que o pego, passo pelo meu quarto e subo as escadas à direita.

Pego o anel de brinquedo que tirei da máquina na lanchonete e o coloco no envelope. Com minha melhor letra cursiva, escrevo Tabitha e, em seguida, deslizo o envelope branco por baixo da porta do quarto de Kian.

Seu cérebro de ressaca vai se divertir amanhã.

21

SIERRA

Dylan tinha razão.

Dói muito admitir isso. Só de pensar, sinto um gosto amargo na boca. Depois que Ajay estacionou em frente à Casa Iona ontem à noite, ele me chamou para sair.

Eu disse que ia ver minha agenda, mas mesmo minha sutil rejeição me fez revirar na cama. Não dava para entender por que eu disse não, mas lá no fundo, onde provavelmente fica a Fossa das Marianas, sabia que aquela faísca de atração que ardia dentro de mim desapareceu assim que Dylan Donovan saiu do carro. Não consegui parar de pensar no abraço, em como ele foi gentil, em suas palavras sussurradas no meu ouvido. Eu não sou de abraçar. Todas as vezes que aconteceu, foi totalmente desagradável, mas com ele não foi assim. Nem um pouco.

Passei a maior parte da noite tricotando. Senti quando minha cabeça começou a divagar, oscilando entre o moletom enorme do time de hóquei de Dalton secando na minha cadeira e a lembrança do olhar acalorado que Dylan me lançou antes de eu entrar no carro. Quando finalmente adormeci, sonhei com ele. E pela primeira vez desde que me mudei para a Casa Iona, dormi a noite toda.

— Então, você vai me contar o que está rolando com você e Donovan ou eu vou ter que adivinhar? — pergunta Scarlett, no chão do quarto dela. — Porque meus palpites incluem corda, mais corda e uma venda. Talvez uma mordaça.

Eu me sento ao lado dos livros dela, segurando uma sacolinha roxa de presente.

— Nada disso, mas… — Mal consigo dizer. — A gente se beijou.

— Foi bom? Pergunta retórica. — Ela não está nada surpresa, e eu me sinto atacada. — Que foi? É o Dylan Donovan, e você não fica com ninguém há mais de um ano. Era inevitável.

— Ei! Não tô tão na seca assim. — Ela me lança um olhar. — Tá bom, um pouco, mas foi só isso que aconteceu. Somos só parceiros.

Ela bufa, olhando para minha jaqueta.

— E aonde você vai em pleno domingo à noite? Sexo casual só de parceiros? Tá levando uns brinquedinhos na bolsa? Chicote?

— Sim, o essencial pra minha masmorra do sexo — respondo secamente. — Só tenho uma coisinha de última hora pra resolver. Além disso, eu nem tenho vibrador, Scar, você sabe disso.

— Isso tem que mudar. Acho que ficaria meio descontrolada se, além de todo esse estresse, não conseguisse nem me aliviar direito.

— Tô de boa. Não preciso de alívio nenhum. — Exceto pelo fato de que posso começar a apitar feito uma panela de pressão a qualquer momento.

Ao sair, Scarlett me diz para usar camisinha.

Quando chego à casa do hóquei, estou mexendo na alça da sacolinha enquanto espero alguém atender a porta. O vento sopra nos meus ouvidos, e espero que mascare a maneira como meu corpo treme com a leve ansiedade.

Kian Ishida abre a porta, e música country toca em um rádio na mesa de entrada. Ele inclina a cabeça, me avaliando cuidadosamente.

— Sierra — conclui ele.

— Você sabe meu nome? — Achei que Dylan nem falasse de mim.

— Claro. A gente não recebe mais tanta visita de mulheres. As que vêm ver os outros caras geralmente mandam mensagens em vez de tocar a campainha, e Dylan vive ocupado patinando esses dias. E já que você está aqui, vestida assim… — Ele observa minha legging preta justa e o casaco da Atlética de Dalton como se fossem uma clara indicação. — … era lógico.

— Bem, então, sr. detetive, pode chamar seu amigo? Tenho um negócio pra dar pra ele.

Seu sorriso brilhante me faz retribuir.

— Sabe, se algum dia quiser conversar sobre como ele é um pé no sac…

Ele é puxado para longe da porta, abrindo-a ainda mais para revelar um Dylan irritado. Quando me vê, todo o seu comportamento muda. Ele se endireita e dá um passo à frente enquanto fecha a porta, nos prendendo na escuridão que envolve a varanda.

— Oi — digo, me sentindo muito exposta de repente.

— Desculpa pelo Kian — diz ele, apontando o polegar para a porta.

As luzes da varanda se acendem e finalmente vejo o rosto de Dylan. Deveria ser crime ser tão gato a qualquer hora do dia. Ele está com uma camiseta preta justa, fazendo com que seus bíceps sejam o centro das atenções, e o moletom cinza que usa tenta me hipnotizar e me fazer olhar para baixo, mas resisto bravamente.

— Eu queria te dar isso — digo de uma vez, empurrando a sacola em sua mão.

— O que é?

— Aí, não tem graça embrulhar pra presente, né?

Ele me observa, divertido.

— Você nunca vai facilitar pra mim, vai?

O comentário não foi de maldade, mas ainda assim machuca. Nunca fui fácil, e sempre era lembrada disso. De repente, me sinto idiota por estar aqui e mal conseguir enunciar o que ensaiei no caminho para cá. Mesmo quando tento, pareço fria, e não sei como consertar isso.

Dylan não tira os olhos de mim nem enquanto tira o papel da sacola. Então, remove o acessório vermelho lá de dentro e fica encarando por um longo minuto.

— Luvas — diz ele.

— Você nunca usa no gelo, então achei que talvez não tivesse. — Dou um passo para trás, me sentindo claustrofóbica com ele tão perto. — Tive que chutar o tamanho, então se não couber, posso refazer.

— Tem alguém preocupado se eu tô com frio? — cantarola Dylan, como se eu fosse uma criança presenteando um porta-retrato tosco pintado à mão de Dia das Mães.

— Quer saber? Deixa pra lá. — Tento pegar as luvas vermelhas, mas Dylan agarra minha mão. Faço cara feia, e ele sorri. É como aqueles anúncios de fitas de clareamento dental no ponto de ônibus.

Então ele pisca, como se tivesse acabado de perceber algo.

— Espera aí. Você *fez* isso?

Assinto.

— Com as próprias mãos?

— Não, com os pés — digo secamente. — Sim, eu tricotei. Não é grande coisa.

Ele me encara como se fosse grande coisa *sim*, e quero pegar as luvas de volta e fingir que isso nunca aconteceu. Talvez tacar fogo, porque o rosto inteiro de Dylan se ilumina com o sorrisinho mais convencido que já o vi exibir, e fecho os olhos por um breve segundo, sabendo que ele vai ficar todo se achando.

— Você tricotou luvas pra mim — diz ele com uma espécie de admiração que me faz sentir condescendente.

Olho para qualquer lugar, menos para ele.

— Você nunca usa pra treinar, e acho que fica difícil fazer todos os levantamentos se sua mão congelar — explico.

— Você se importa com minha mão congelar.

— Dylan…

— Você *se importa* comigo. — Ele veste as luvas. — É um pouco assustador que você saiba o tamanho da minha mão de cor.

Me contenho para não revirar os olhos.

— É tamanho único.

— Ah, sim, claro. — Ele nem tenta conter o riso, mas sei que, por trás daquele sorrisinho bobo, ele vê as luvas pelo que são: uma bandeira branca. — Você tem um par combinando? A gente ia ser o casal mais fofo do gelo.

— Não dá só pra agradecer e não levar pro lado esquisito? — resmungo.

— De jeito nenhum. Você tricotou luvas pra mim e acha que vai se safar? — indaga ele. — Senhorita "Vá se Foder, Mas Bota uma Luvinha pra Não Ficar com Frio".

De repente, um homem vestido com uma jaqueta corta-vento vermelha da Pizzaria do Tio Frank sobe os degraus e interrompe nossa conversa.

— Pizza?

Dylan parece confuso, mas mesmo assim saca a carteira e dá dinheiro ao homem. A porta da frente se abre novamente, e a luz forte de dentro me faz apertar os olhos. O restante do time e seus amigos estão na sala de estar. A final de um reality show está passando, e metade da faculdade está

obcecada, então fazem festas pelo campus para assistir juntos. Scarlett foi à primeira parte da final na semana passada, quando o bar fez uma noite de perguntas e respostas e exibiu o programa no telão. Ela me convidou, mas optei por passar mais tempo no gelo.

— Valeu, Jesse, você é o cara! — grita Kian, claramente bem familiar com o entregador, enquanto pega seis caixas de pizza. O cheiro de pepperoni se espalha pelo pátio. — Vai jantar com a gente? — pergunta ele, e hesito.

A expressão de Dylan não revela nada. Ele quer que eu fique?

— Tenho que voltar — respondo sem convicção, mas Kian não insiste.

— Tem certeza? — pergunta Dylan no momento em que uma gargalhada vinda de dentro rouba minha atenção. Há um calor que emana da casa, e essa é a última coisa que eu esperava de um lugar com festas frequentes e homens suados. Vejo uma enorme cabeça de buldogue, como uma fantasia de mascote, no chão perto da sala de estar.

— Aquilo é uma fantasia de buldogue? — pergunto.

Dylan esfrega a nuca.

— Longa história, mas posso te contar se você ficar.

— São seus amigos. Não quero forçar.

— Você deve conhecer alguém, mas, se não for o caso, você me conhece. — Seu sorriso é quase convincente. *Quase*.

Eu me permito imaginar como seria ter um grupo de amigos grande assim. Com Scarlett, me sinto realizada, e somos mais como irmãs, mas às vezes me preocupo que a esteja impedindo de conhecer mais pessoas. Fiz um esforço para sair com ela este ano, mas nunca me dei bem com ninguém do jeito que Dylan e seus amigos interagem. Eles são uma família.

Mas ao se aproximar das pessoas, elas te veem por inteiro. Todas as suas partes pesadas, inadequadas e complicadas.

Com esse pensamento frio penetrando nos meus ossos, me afasto de Dylan, sem me deixar levar pela forma como seu sorriso desaparece.

— Te vejo no treino — digo.

— Até parece, Romanova. — Dylan coloca a sacola de presentes aos seus pés e estende a mão para mim.

Pisco para ele, uma risada confusa escapando.

— O que é isso?

— Vamos dançar.

Olho em volta, me perguntando se ele perdeu o juízo. Talvez toda aquela porradaria do hóquei finalmente o esteja afetando.

— Na varanda?

— Sim. Se esse é o seu jeito de pedir trégua, preciso acreditar.

Franzo a testa, tentando entendê-lo.

— Literalmente tricotei luvas pra você. Levei a noite toda e hoje de manhã!

— E agradeço, mas quero mais.

Meu estômago embrulha.

— Ganância é pecado, Donovan.

— Então você é minha tentação, Sierra — diz ele. — Vem cá e dança comigo.

— Eu não danço.

— Você dança no gelo o tempo todo.

— Eu danço pra ganhar medalhas de ouro.

— E estrela dourada, serve? Eu tenho duas, coloco onde você quiser.

Minha expressão nada divertida deve transmitir minha resposta. Olho para ele, um momento de silêncio entre nós, e a atração magnética que ele tem sobre mim fica mais forte.

— Dance só pra você desta vez — diz ele, com a voz suave.

É uma frase simples, que não deveria fazer meu coração disparar.

Dou um passo hesitante para mais perto.

— Mas não tem música.

De repente, um rádio crepita, e "Wondering Why", do The Red Clay Strays, começa a tocar. As cortinas da janela se mexem, vejo um relance de cabelos pretos e o rádio agora perto da janela aberta.

O dedilhar suave do violão fica mais constante e, desta vez, em vez de só olhar para a mão dele, a seguro. Seu sorriso é inesquecível. A maneira como sua mão quente envolve completamente a minha; a condução sem esforço que me leva às planícies do seu corpo; o aroma fresco e inebriante dele me envolvendo como a letra da música.

Dylan balança de um lado para o outro, minhas mãos em seus ombros e as dele pressionando minha cintura. Seus movimentos são tão naturais, tão fluidos, que derreto nele feito manteiga no pão quentinho. A música fica mais lenta, e a letra do refrão em nada disfarça a maneira como meu

coração bate contra o dele. Dylan se afasta, e seus olhos percorrem meu rosto com tanta ternura que simplesmente ficar aqui parada quase dói fisicamente.

Dylan traça um caminho até meu queixo com as pontas dos dedos, passando o polegar sobre meus lábios.

Imagino como seria sentir o sorrisinho de seus lábios contra os meus. Ele parece precisar disso, como se eu estivesse dando algo que ele nunca teve antes. Então, conforme a música fica mais alta nos meus ouvidos, ele me envolve em seus braços grandes e chega mais perto, para enterrar a cabeça na curva do meu pescoço. Quando ele inspira fundo, não consigo evitar fazer o mesmo. Estamos dançando na varanda, mas nem sentimos o ar frio do outono. A melodia do violão e da voz grave são nossa serenata, e nos abraçamos não como duas pessoas complicadas e azaradas. E sim, só como dois universitários dançando na varanda.

22

DYLAN

Sierra
Por que o time de hóquei inteiro tá me seguindo nas redes?

Dylan
Porque são todos uns fofoqueiros do caralho.

Sierra
Ah, você fofoca de mim pra eles?

Dylan
Não. Eu penso em você.

Sierra
Você, pensando? Que milagre!

Dylan
Pentelha.

Sierra
Babaca.

Divido a casa com três crianças. Desde aquela noite na varanda, os caras não param de falar da Sierra. Pelo jeito, gostaram mais de nos assistir da janela do que do reality show. Eu os tenho evitado, então chego cedo ao rinque e avisto Kilner na sala de equipamentos, descascando algum novato.

Quando ele me vê, acena para o garoto ir embora. Tenho quase certeza de que o coitado estava prestes a chorar.

— Assustar os novatos não deveria ser o trabalho do capitão?

Ele rabisca algo na prancheta.

— O capitão anda muito ocupado, suspenso.

— Sobre isso, nunca me desculpei — começo. — Você e todo mundo confiaram em mim, e quebrei essa confiança. Nunca foi minha intenção deixar meus problemas pessoais afetarem o jogo, e me odeio por isso bem mais do que você, acredite.

— Te odiar? Por que eu te odiaria? — Ele suspira pesadamente. — Eu já disse. Não desisto dos meus jogadores. Você poderia estar na Liga, em um esporte ou carreira diferentes, e eu ainda ia te dar todo o meu apoio. Mas, pra sua sorte, chegamos em um acordo sobre sua suspensão. Reed e o reitor Hutchins só precisam te aprovar para uma parte dos jogos.

— Sério? — Eu estava tão focado na patinação que nem vinha pensando no porquê de estar fazendo tudo isso.

— Entrei em contato com a Atlética e, assim que você voltar de vez, Nova York vai te avaliar de novo. Aí, todos vocês, imbecis, vão poder finalmente me deixar em paz, e vou ter um capitão normal.

— Você vai morrer de saudade — provoco. — Mas já que Sampson não pode, e eu estou fora, quem é o capitão interino?

Kilner range os dentes. Ele pega uma bolinha antiestresse e a aperta até a morte. Isso faz meu cérebro disparar antes que a resposta me acerte como um disco na cara. Ah, não. De jeito nenhum. Puta merda.

— É Kian, né? — chuto.

Kilner não responde, só resmunga algo entre um grunhido e um rosnado.

— Ah, isso é incrível. Amei. Amei demais.

— Quer saber? Estou com raiva de você, sim.

— De jeito nenhum. Capaz de eu dar uma festa pro novo capitão aqui mesmo.

Não consigo parar de rir. Kian de capitão interino deve ser a melhor notícia da semana toda.

Kilner passa a mão no queixo.

— Por que sequer me dou ao trabalho com vocês, energúmenos?

Aperto a barriga, tentando me acalmar.

— Você vai ter tanto tempo de qualidade com seu jogador favorito. Posso contar a ele?

— Espera um pouquinho antes de dar ao Ishida qualquer notícia que faça a cabeça dele explodir — diz ele.

— Muito nobre da sua parte.

Ele bufa.

— Vaza daqui, Donovan.

Voltando para o rinque, vejo que ainda tenho um tempinho antes do treino, então pego um taco reserva, faço uns exercícios e brinco com o disco, movendo-o devagar para a frente e para trás. Meu taco raspa o gelo, e equilibro o disco na borda plana quando ouço o arranhar familiar de patins.

— Tá atrasada — comento, com os olhos ainda no disco.

— E você tá… jogando hóquei. — Sierra desliza ao meu lado, usando um vestido de patinação lilás.

Ela costuma usar uma malha ou casaco leve com o símbolo da Dalton e legging, a dos dias em que perde a hora porque ficou assistindo nossos vídeos de ensaio até tarde, obcecada. Às vezes, é aquela roupa toda cor-de-rosa, para convencer Lidia de que ela está de bom humor. Depois, vem o vestido preto, quando ela está mais rápida, mais determinada e mais irritada do que nunca. É como se Sierra escolhesse a roupa para incorporar quem ela quiser ser durante o dia.

— Só patinar tá ficando difícil demais pra você? — pergunta Sierra.

— Você acha que hóquei é fácil?

— É só correr atrás de um disco. Nada de mais.

— Ah, é? Então me mostra. — Jogo o taco para ela e, como eu esperava, ela se assusta, mas pega com facilidade.

O taco é adequado para a minha altura, mas mesmo assim a pegada dela está completamente errada. Sierra avança, prepara e quase erra o disco, jogando-o só uns sessenta centímetros para a frente.

— Pronto. Moleza — insiste.

— Você nem tá segurando o taco direito.

— Tô sim.

Balanço a cabeça.

— Que teimosa.

Quando ela foca nas próprias mãos, deslizo e paro atrás dela. Suas costas pressionam meu peito, me envolvendo no aroma de cereja. Ela enrijece quando meus braços a envolvem, diminuindo o espaço entre nós.

— Não pedi sua ajuda — diz ela.

— Vou te ajudar assim mesmo. — Eu me aproximo até que estou quase respirando o mesmo ar e meu nariz quase roça sua bochecha. Minhas mãos cobrem as dela, deslizando-as para baixo e ajustando seus cotovelos. Deixo que ela se acostume.

— Assim? — pergunta ela, com a voz tensa.

— É — sussurro. — Assim. — Minha voz sai mais rouca do que pretendo, e não me afasto. Ainda não. O calor da pele dela contra a minha é quase demais, mas mantenho minhas mãos firmes, tentando guiá-la em um arremesso rápido. — Agora, tenta bater no disco.

Ela bate com força, e ele voa para o gol. Ela ofega.

— Eu disse que era fácil! Minha obsessão de infância pelo Sidney Crosby enfim me ajudou com alguma coisa. Mas, assim, eu sou boa em tudo — comemora ela, com um sorriso a centímetros do meu. É, aposto que ela seria ótima em qualquer coisa. E agora só consigo pensar que já sei como é o gosto dela, mas me pergunto se o resto é igual. Doce. Suave. *Enlouquecedor*.

Alguém bate palmas duas vezes, e Sierra se afasta de mim com um sobressalto.

— *Davai*! Era pra vocês estarem se aquecendo antes de eu chegar aqui — grita Lidia.

E assim, de repente, caímos em um longo ensaio.

Horas depois, termino uma intensa sessão de giros e pulos.

— Isso aí não foi nem perto de um Lutz quádruplo, Dylan — repreende Lidia.

— Foi um triplo. Tá quase.

Sierra está tentando disfarçar a risada e falhando miseravelmente, sentada na beirada do rinque, balançando os pés.

— "Quase" não vai fazer a gente ganhar, Donovan.

— Não ter um parceiro também não, Romanova.

Isso a cala.

— Tudo bem, vão beber água e, quando voltarem, vamos repassar a coreografia inteira. O primeiro torneio de vocês é no próximo fim de

semana. Precisamos estar com o melhor desempenho possível.

Patinamos até o banco, e Sierra está imersa em seus pensamentos, provavelmente pensando no campeonato. Estendo uma barrinha de cereal para ela. Ela a pega devagar, quase como se estivesse insegura, e o barulho da embalagem amassando é alto demais no silêncio entre nós.

— Você não vai comer? — pergunta ela.

Meu olhar desce para seus lábios e quase perco a linha de raciocínio.

— Tá oferecendo?

Ela me encara sem expressão.

— É sua.

— Ah, é? — Um sorrisinho irônico surge nos meus lábios. Eu me abaixo, meu olhar fixo no dela enquanto dou uma mordida na barra de cereal.

Ela se inquieta.

Eu mastigo.

Sierra observa minha boca, deixando o silêncio se estender como uma corda prestes a arrebentar. Com seus olhos verdes em mim, ela dá uma mordida, como se aceitasse algum desafio silencioso.

Quando voltamos para o gelo, entrando na segunda posição, tento o levantamento simples que Lidia nos permite fazer, mas Sierra parece irritada.

— Sua pegada tá errada. Não tá deixando meu abdômen expandir.

— Se eu segurar mais embaixo, perco o apoio — respondo.

Sierra olha para mim e depois para Lidia, que nos observa com curiosidade. De uma hora para outra, ela passa de fogo crepitante para uma chama apagada. Ela se encolhe, e noto suas mãos se fechando em punhos cerrados.

— Tá. Eu não devia ter dito nada. Desculpa.

Eu me viro com tudo para ela, que já patina de volta para a nossa posição inicial.

— Como é que é? — pergunto, incrédulo.

— Já pedi desculpas — murmura ela, com uma pitada de raiva brilhando nos olhos.

É a frustração que eu esperava, mas está contida, enjaulada atrás de quaisquer pensamentos tumultuados que correm em sua mente intrincada.

— Só isso? Você não vai contestar nem nada? Merda, Romanova, eu esperava que você que fosse *me* fazer pedir desculpas. — Ela fica tão obstinada em agradar os outros que nem sei como reagiria se fosse o caso.

— Você quer que eu brigue com você por causa disso?

— Quero saber o que você acha. Você não deveria seguir o que eu digo sem nem questionar. — Ela me olha como se eu tivesse enlouquecido. — Bora. Discute comigo.

— Você não pode estar falando sério.

Patino até ela, invadindo seu espaço.

— Briga comigo, Sierra.

Ela exala bruscamente.

— Você é ridículo.

Eu me elevo sobre ela agora, uma tensão palpável fervilhando entre nós. Algo se acende dentro dela, e então a empurro de leve, vendo-a deslizar para trás, a boca entreaberta em descrença.

— Você não me empurrou.

— Ah, empurrei sim. Cadê aquela garota que me xingou todo, sem pensar duas vezes?

Ela olha para o gelo.

— Ninguém quer ser parceiro de alguém assim.

— Eu quero — declaro, minha voz resoluta. — Eu *sou*. Me diga como você precisa que eu te segure.

Hesitante, Sierra pega minhas mãos e as coloca em sua cintura.

— Assim? — pergunto, sentindo o peso das minhas palmas contra seu corpo.

Ela assente uma vez antes de o apito de Lidia soar.

— Pratiquem esse levantamento com as novas posições e depois passem para os giros — ordena.

Nós dois estamos ofegantes depois de executarmos os giros. Quando Sierra me olha, seu olhar se prende nas minhas mãos com luvas vermelhas, as que ela tricotou para mim, e seus lábios se curvam.

Na minha visão periférica, algumas garotas que não reconheço acenam para mim da lateral. Aceno de volta e percebo que Sierra está me observando.

— Que foi?

— Você não vai lá? Elas parecem… animadas.

Balanço a cabeça.

— Infelizmente para elas, não tô mais na pista.

Sierra franze a testa.

— Você?

— É, tô me guardando para o casamento.

Ela solta uma risada.

— Você não conseguiria se guardar para o casamento nem se tentasse.

Porra, parece que é exatamente isso que estou fazendo.

— Tá querendo ser minha tentação?

— Você saberia se eu quisesse, Dylan — diz ela. — E não duraria um segundo.

— Quer apostar?

Ela balança a cabeça.

— Prefiro apostas que dão trabalho pra ganhar.

— Posso te dar trabalho, Sierra. Pelo tempo que você quiser. Com a força que você preferir.

Há uma nova faísca de energia entre nós, como se alguém tivesse acendido um fósforo. Desta vez, quando giramos, não perdemos o contato visual. É quando sinto a mudança nela. Como fogos de artifício disparando do chão e em direção a mim. Porque ela assente uma vez, e então minhas mãos a puxam pela cintura, e eu a jogo para cima. Uma, duas, três, *quatro* voltas, e ela pousa com uma postura tão perfeita que eu fico embasbacado de pura admiração. Ela acabou de fazer um giro quádruplo.

Ela ofega ao perceber, os olhos arregalados se voltando para os meus. Nós dois estamos.

— Puta merda — sussurra ela junto comigo.

E então ela está nos meus braços de novo, batendo contra mim com mais força do que nunca. Sierra me deixa levantá-la enquanto envolve as pernas em volta da minha cintura e coloca as mãos nos meus ombros. Uma gargalhada alta e desinibida explode antes de ela enterrar o rosto na curva do meu pescoço. Seu cheiro doce de cereja nubla meus sentidos, e reprimo o gemido de satisfação que sobe do meu peito.

— Você conseguiu — digo.

— *A gente* conseguiu — corrige ela, vibrando de animação. Posso sentila soltar mais uma risadinha incrédula, pressionando sua bochecha fria contra a minha. Seus braços me apertam e suas unhas curtas pressionam o

tecido da minha camiseta de algodão. A sensação de ela querer me abraçar assim tão forte faz meu sangue ferver.

Meus lábios roçam sua orelha, sua pele fria contra minha boca.

— Estou tão orgulhoso de você, baby.

Um leve tremor a percorre.

— Eu também — sussurra ela.

Patino em direção a Lidia lentamente, para poder manter Sierra nos meus braços por mais um tempo.

— *Krasivo*. O que foi que eu disse?! — exclama Lidia. — Devagar e sempre.

— Devagar e sempre — repito para a treinadora, porque Sierra está agarrada a mim e não estou pronto para soltá-la.

O sorriso de Lidia desaparece por um momento. Não sei o que ela vê, mas seja lá o que for, a faz pigarrear e bater palmas duas vezes.

— Vamos encerrar com chave de ouro. Vejo vocês amanhã.

— A gente tem que comemorar — sussurro para Sierra, pressionando as palavras na concha fria de sua orelha.

Ela se afasta e eu a coloco no chão.

— Você e eu?

Eu a encaro.

— Quem mais?

— Tipo um encontro? — Seu nariz se contrai como se estivesse enojada com a ideia, ainda evitando contato visual.

Limpo a garganta.

— Como amigos.

— Ah, então somos amigos agora? — Seus lábios se curvam. Ela está brigando com o cadarço dos patins. Levanto sua perna e a prendo entre meus joelhos, desfazendo os nós para ela. Ela me observa atentamente com algo indecifrável no olhar.

— Posso levar alguém?

Dou de ombros.

— Claro.

Ela dá um sorriso forçado, e não sei se gosto de como isso me faz sentir.

23

DYLAN

Queria cravar meus dentes naquela bunda.

Eu sei, é uma coisa escrota de se pensar sobre a parceira, principalmente quando ela entra no Myth, o antigo armazém transformado em balada, com o cozinheiro do Lola. Quando ela pediu para trazer alguém, Ajay não era bem quem eu tinha em mente. Pensei que seria Scarlett, e foi exatamente por isso que Kian veio junto.

— Aquela garota tá olhando pra mim ou pra você? — pergunta ele, me cutucando.

Tiro os olhos de Ajay e Sierra conversando, a mão dela batendo no ombro dele toda vez que ri. Eu nunca a vi rir daquele jeito antes. Parece totalmente falso.

Eu me viro para Kian, com um copo na mão, balançando a cabeça ao som da música alta. Não consegui ficar parado assistindo Ajay sussurrar no ouvido dela, então agarrei Kian e fui até o bar.

Kian está encostado no bar lotado, e ele sorri para uma garota sentada a poucos lugares de distância. Ela tem cabelos castanhos cacheados e olhos azuis. Seus lábios vermelhos só conseguem me fazer lembrar de Sierra.

— Com certeza, você — digo, dando um tapinha em suas costas.

Ele vira a bebida — água, em solidariedade a mim — e endireita a postura, com a camiseta preta do Rage Against the Machine esticada contra o corpo.

— Tudo bem você ficar sozinho? Ou melhor, segurando vela.

Meu olhar se volta para a mesa na extremidade oposta da boate, e capto os lábios de Sierra em volta do canudo de sua bebida.

— Não sou vela de ninguém.

Ele ri.

— Quase certeza de que Sierra vai engolir aquele cara inteiro.

Aperto meu copo com mais força.

— Ele é só um amigo.

— Ah, sim, porque todo mundo fica agarrando a *amiga* gostosa na balada, supernormal.

— Cala a boca.

Kian ri, então arregala os olhos.

— Espera aí. É ela, né? Você tá a fim dela! Uh, a gente vai tramar alguma coisa? Foi por isso que você me convidou? — Ele parece quase eufórico.

— Não — respondo rapidamente. — Sem tramoias.

— Eu devia ter desconfiado. Agora devo vinte pratas a Summer.

— Dou cinquenta pra você parar de falar. — Coloco um pedaço de gelo na boca e mastigo. Esmagar algo entre os dentes parece aliviar a sensação desagradável.

— A gente não gosta do cozinheiro?

— Você não ia atrás de uma mina? — Meu olhar se volta rapidamente para a outra ponta do balcão, onde a garota ainda está olhando na nossa direção. Não tenho certeza de para qual de nós ela está olhando, mas só quero um par de olhos em mim. E eles definitivamente não são azuis.

Kian dá de ombros.

— Prefiro ficar aqui e descobrir como vamos botar o cozinheiro pra correr.

— Não *vamos* fazer nada. — Se fizéssemos, Sierra com certeza me cortaria "sem querer" durante o ensaio.

— Que sem graça. — Ele apoia o queixo nas mãos. — Posso ir lá dizer que o carro dele tá pegando fogo.

Quão ruim é eu chegar a considerar a ideia?

— Não. De jeito nenhum.

— Olha, sua chance aí — sussurra Kian quando Sierra se levanta. — Deixa comigo, pode confiar.

Não confio nem um pouco nele, mas não estou pensando direito. Posso ter ficado possessivo, mas só quando se trata da Sierra. Sem pensar duas vezes, sigo lentamente pelo corredor e espero. Quando Sierra sai do banheiro, me vê no mesmo instante. Olhos verdes pousam nos meus, e

seus quadris balançam como se estivessem me hipnotizando. *Caralho*, como ela é gostosa. Por que Ajay é quem pode olhar para ela?

— Tá me seguindo? — pergunta ela.

Luto contra um sorriso.

— Só se você quiser.

Ela revira os olhos, caminhando na minha direção até que minhas costas estejam contra a parede.

— Você tá todo esquisito. Até Ajay me perguntou se ele fez alguma coisa e se você o odeia.

— Odiar? Só vi o cara uma vez — respondo. — Mas já que você tá aqui e estamos sozinhos, vamos comemorar. Dança comigo. — Pressiono as palavras em seu ouvido e inalo o aroma inebriante de cereja.

— Acho que Ajay não ia gostar.

— Não estou nem aí pro que ele ia gostar.

Ela levanta uma sobrancelha perfeita, sorrindo.

— Achei que não o odiasse… — Ela faz parecer que poderia me dar uma surra, se quisesse. Eu provavelmente deixaria. Meu olhar encontra os botões do vestido dela. Eu poderia rasgá-lo com um puxão.

— Sierra?

Ajay está parado próximo a nós, com sua camisa branca de botão, nos encarando irritado. Kian está atrás dele, esfregando a nuca e parecendo culpado.

— Ajay — começa Sierra. — Eu estava…

— Tudo bem. Já estava me sentindo intruso, de qualquer forma. Tô indo embora. Tenho trabalho amanhã.

Ele está mentindo, e observo a expressão de Sierra desmoronar. É assustadoramente parecida com a cara que ela fez quando me afastei daquele beijo. A lembrança só faz meu peito pesar mais.

— Ei, cara, é seu carro ali que tá pegando fogo? — Kian interrompe o momento constrangedor.

— O quê?! — Ajay sai correndo, e faço uma cara feia para Kian antes de ele desaparecer na boate. Sierra não olha para mim. Em vez disso, sai correndo atrás de Ajay.

— Eu não tive nada a ver com isso. Foi tudo ideia do Kian — digo inocentemente, seguindo-a. — Não deixa isso estragar nossa noite.

— Você que fez meu… amigo ir embora! — grita ela. — Tenho que ir atrás dele.

Não posso dizer que gostei daquela pausa antes de ela falar "amigo".

— Você precisa parar de agir como se fosse responsável pelas ações dos outros. Se ele não for idiota, vai voltar.

— Ele nos viu juntos.

— Conversando — digo. — Ele é bem crescidinho, Sierra. Consegue lidar com as próprias emoções.

— Você é um escroto.

— E, mesmo assim, você tá aqui.

— Você não deveria ganhar recompensa nenhuma por esse seu comportamento.

— Só me castiga por isso depois. Do jeito que quiser. — Abro um sorriso.

Ela estreita os olhos.

— Você vai me levar pra casa.

— Depois da nossa dança?

— Agora.

Sierra vai até nossa mesa para pegar sua jaqueta e leva o drinque com ela. Ela bebe o tempo todo, quase como se estivesse usando a bebida para evitar falar comigo. Quando segue na direção errada, ainda teimosa pra caramba, eu a guio com a mão na cintura até onde estacionei o carro.

Ela abre a porta antes que eu consiga e entra de braços cruzados. Ficamos sentados em silêncio, e mando uma mensagem para Kian para avisar que estamos indo embora, mas ele não responde. Olho para Sierra, sem saber se ela está brava. De qualquer forma, não tenho medo de descobrir.

— Se estiver brava, deixo você me dar um soco — digo, quebrando o silêncio no carro.

Isso a faz olhar para mim. *Adoro* quando ela olha para mim.

— Na cara?— pergunta ela.

— No *braço*. Não pode estragar isso aqui. — Aponto para o meu rosto.

— Forte?

— O máximo que puder — digo, mas ela não se mexe. — É uma oferta única, princesa… *ai!*

Sierra dá um pulo e coloca as mãos sobre as minhas no meu bíceps latejante. A garota sabe bater; eu deveria imaginar. Ela faz pressão como se isso fosse ajudar, e acho que ajuda, o que é estranho. Só que tem outra coisa latejando agora.

— Eu não ia bater, mas você ficou falando, e foi tipo reflexo, mas me desculpe…

— O que eu te falei sobre pedir desculpas?

— Que eu não deveria. — Ela engole em seco. — Pelo menos não pra você.

— Ah, então você me escuta, que bom.

— Às vezes. — Ela está olhando para o meu braço novamente. — Te machuquei mesmo?

— Não — respondo. — Você tá brava comigo?

Ela se recosta com um suspiro.

— Não, mas agora nunca vou saber se ele ia me beijar. — Ela enrijece, como se não quisesse dizer isso em voz alta.

Sinto a irritação crescendo, mas há uma parte de mim que se alegra com o fato de Ajay nunca a ter beijado.

— Acredite, ele queria muito mais do que só te beijar.

Ela me olha com curiosidade.

— Como você sabe?

— Dá pra sacar quando outro cara tá a fim de quem eu… — Faço uma pausa. — Eu só sei. Ele tá a fim de você.

Sierra mexe na bainha do vestido, e mal consigo ficar parado. Preferia não ficar aqui falando sobre Ajay beijar Sierra. Cadê Kian, caramba?

— Bom, agora já foi. Não é como se fosse acontecer mais — diz Sierra.

— Você realmente queria que ele te beijasse? — Tento não parecer tão ofendido.

Ela dá de ombros.

— Talvez.

— Sim ou não? — pergunto, encarando-a.

— Não.

O silêncio que se segue parece denso o suficiente para se engasgar.

— Quem você quer que te beije?

— Você.

Minha garganta parece cheia de cascalho. Tem sirenes e avisos ecoando na minha cabeça novamente, mas desta vez não quero ouvi-los.

— Um beijo — digo. A ideia mal pensada parece idiota, sendo que quero fazer muito mais. Sendo que eu não deveria fazer nada.

— Não preciso que você me beije por pena, Donovan.

— Não é por pena. — Jogo o banco para trás e desato o cinto de segurança dela, que só me encara. — Vem cá, Sierra.

— Como?

Pego a mão dela e a puxo para perto. Sierra passa por cima do console central e monta em cima de mim no banco do motorista. Quando a bunda dela se senta no meu colo, percebo que essa pode ser a minha ideia mais idiota até agora. Fico envolto no cheiro de cereja dela.

Sierra se aproxima, sua bunda se mexendo também, e solto um grunhido.

— Isso é, tipo, mais um exercício de química entre parceiros? — brinca ela.

— Não, isso é só pra gente — respondo.

— Pra quê?

Passo a mão em sua bochecha.

— Quero descobrir se essa porra que tô sentindo quando fico perto de você é real ou só coisa da minha cabeça.

Ela se inquieta.

— O que você tá sentindo?

— Como se eu estivesse enlouquecendo.

Sierra parece gostar da resposta. Porra, que delícia.

— Então é só um beijo, de boa?

— De boa — repito, mesmo que esse termo me queime o esôfago.

Ela chega mais perto, perto o suficiente para que eu sinta o cheiro da bebida frutada em seu hálito.

— E platônico?

— Totalmente platônico — sussurro.

Não tenho certeza de quem beija quem primeiro, porque nós dois nos perdemos nele no mesmo instante. Não é só um beijo, nem perto disso.

Ela rouba meu fôlego direto dos meus pulmões, e, por um segundo, queria cair morto. Assim, essa seria a última coisa que eu sentiria. Os gemidos dela caem na minha língua como flocos de neve, e me deleito

com a pressão dos seus quadris em cima de mim, mal me segurando para não assumir o controle e me esfregar nela aqui mesmo.

O beijo silencia cada dor no meu corpo. Se eu achava que ia ficar maluco antes, agora estou completamente alucinado. Sinto que posso andar sobre as águas.

Sierra ainda está sorrindo, e sei que é porque ela consegue me sentir ficando duro feito pedra. Ela está adorando e, mesmo que seja uma tortura quando ela mexe os quadris de novo, eu deixo. Mas ela deve querer me recompensar, porque vai guiando minhas mãos pelo seu corpo até seus peitos, fartos e empinados. Encho minhas mãos com eles sobre o tecido do vestido, desesperado para arrancá-lo. Pressiono meu polegar em seus mamilos, fazendo a cabeça dela cair para trás em um gemido.

Estamos extrapolando muito os limites do que é "um beijo", especialmente quando ela leva as mãos até os botões do vestido e os abre um por um. Em câmera lenta, ela para logo abaixo dos seios, e quero que essa visão fique entalhada na minha memória. Estou a ponto de choramingar. Porra, acho que chego a choramingar de verdade.

O sutiã de renda vermelha sustenta seus seios lindamente. Solto um gemido.

— Nunca que esse Ajay seria digno disso.

Ela ri, e estou nas nuvens.

— E você é?

— Acho que você sabe que sim, Sierra. — Beijo um. — Tenho sido tão bom. — Depois o outro. — Um menino tão bonzinho.

Pressiono a ponta do meu polegar contra seu mamilo intumescido e a cabeça dela cai para trás em um gemido ofegante. Meus lábios cobrem sua pele corada até que abaixo seu sutiã e enfio seu mamilo na minha boca. A pele dela também tem gosto de cereja.

Eu lambo, chupo e enterro meu rosto entre seus seios. Ela rebola em cima de mim.

Minha mão vai até os botões do vestido para vê-la por inteiro, mas Sierra me impede. Tiro a mão de lá e, em vez disso, a esfrego contra mim, sentindo o peso perfeito dela no meu colo.

— Isso nos torna amigos? — pergunta ela em um sussurro brincalhão.

Eu poderia ser melhor amigo dos peitos dela.

— Você quer?

Ela sorri, e sinto o sorriso nos meus lábios. Porra, acho que nunca tive uma conversa enquanto beijava uma garota assim, mas com Sierra eu poderia fazer isso para sempre. Arrastaria esse beijo pela eternidade, se ela deixasse.

Ela solta um murmúrio, e sinto o gosto na minha boca antes de ela dizer:

— Não conto pra ninguém se você não contar.

— Combinado. Não vamos deixar isso estragar nossa imagem.

— De jeito nenhum — diz ela. — Isso fica entre nós.

Ela esfrega a bunda contra outra coisa que está entre nós. Sierra é magnética, e meu pau está claramente tentando seguir a atração. Então, ouço uma batida na janela escura.

— Vocês estão aí?

— Kian — murmura Sierra entre beijos.

Mordo o lábio dela.

— Não fala o nome de outro cara quando estiver com minha língua na boca.

Ela ri, e a puxo de volta. Kian resmunga algo, e então ouvimos passos se afastando. É quando o vestido de Sierra sobe, e consigo ver um vislumbre de renda vermelha entre suas pernas. Meu coração para.

— Me toca — sussurra ela. — *Por favor*.

24

SIERRA

Orgasmos me deixam burra. Porque qualquer pessoa com mais de um neurônio saberia que não seria só um beijo. No instante em que a boca dele encostou na minha, minha pele entrou em erupção. Acho que seria o bastante para aquecer uma pequena vila. É como se meu corpo estivesse tentando queimar o vestido só para sentir as mãos de Dylan correndo por toda a minha pele nua. Não sei por que pedi aquilo a ele, só sei que ia virar cinzas se ele parasse de me tocar.

— Quer dizer que você conhece as palavrinhas mágicas, hein?

Como é possível que eu queira beijar e estrangular esse cara ao mesmo tempo?

— Não me faça pedir de novo.

O olhar dele intensifica, quase ficando mais escuro.

— Me diga como quer ser tocada. Do jeito que quiser, e eu faço.

— Por quê? Por acaso não sabe o que tá fazendo?

Dylan ri, o que me dá um frio na barriga.

— Baby, você tem uma sorte do caralho de estarmos aqui no carro. Agora, me fala o que você quer, pra eu te fazer revirar esses olhos lindos que você tem.

Meu coração dispara loucamente, como se fosse sair do peito e ricochetear por aí feito uma bolinha de pingue-pongue.

— Eu… eu não sei.

Seus olhos cor de âmbar suavizam.

— Tudo bem. Que tal então eu ficar aqui? — Ele dá um beijo suave entre meus seios. — E, se quiser mais, você me fala. Tá bom?

Faço que sim com a cabeça.

— Você tem peitos maravilhosos — sussurra ele, apalpando-os como se fossem seu brinquedo favorito. Ninguém nunca me tocou desse jeito antes, como se cada pedacinho meu fosse uma coisa preciosa. Do jeito que ele me olha, parece até que sou feita de ouro maciço.

Dylan mordisca um mamilo, e aperto minhas coxas uma na outra.

— Você gosta quando eu te mordo assim, né? — pergunta ele. — Sua boceta tá encharcada, não tá, princesa?

— *Ai, meu Deus!*

— Sou só eu, baby. — Ele solta um murmúrio de prazer. — Acho que vou te fazer gozar assim. Só chupando seus peitos.

Eletricidade pura corre nas minhas veias. Aquela faísca que sempre foge quando estou sozinha agora se acende. Me esfrego contra Dylan, que já está duro.

— Tô tão perto.

Ele levanta o olhar, surpreso. Claramente, sou muito sensível, mas não estou nem aí se for constrangedor. Preciso disso.

Em vez de me levar ao êxtase, Dylan solta meu mamilo com um som de estalo, e gemo. Ele se afasta e pega meu drinque esquecido no porta-copo, e então o leva à boca. Fico confusa, porque Dylan não é de beber, de uns tempos para cá. Estou sentada seminua no colo dele, a ponto de gozar de um jeito que com certeza vai me arruinar, e ele está com sede? De quê?

O gelo tilinta alto no copo quando ele o coloca de novo no suporte. Olho para ele, que tem um cubo de gelo preso entre os dentes.

— O que você tá fazendo?

Seus olhos castanhos estão escuros e pesados, e estou tão excitada que quase me deixo levar só por essa visão. Então, ele se aproxima, e sinto o choque térmico do gelo contra minha pele quente, sua boca circundando meus mamilos e os deixando ainda mais intumescidos. É neste momento que ele mexe o quadril. *Ai, puta merda.*

É o que faltava. Grito o nome dele, que agarra minhas coxas, sussurrando:

— Goza pra mim.

E obedeço. Meu orgasmo é tão forte, que fico sem fôlego.

Existe "se pegar". E então, existe *isso aqui*.

Solto o corpo, me recostando em seu ombro, e ele me abraça ali. Ouço vozes no estacionamento, mas não presto atenção em nada, só no coração

dele batendo rápido como o meu. No mesmo compasso.

Uma batida na janela me assusta.

— Fui lá dentro perguntar. Sei que vocês tão aí. Deixa eu entrar! Tô morrendo de frio, e o segurança me expulsou por causa do negócio do carro pegando fogo — reclama Kian.

Ainda estou me recuperando quando caímos na gargalhada, nossas testas encostadas, respirações se misturando.

— Melhor a gente abrir, antes que ele congele e a gente tenha que arrastar o cadáver pra dentro.

Dylan não parece concordar, porque quando estou prestes a passar para o outro banco, ele me impede. Ele coloca meu cabelo atrás da orelha e me beija com tanta intensidade que rouba o ar dos meus pulmões. Memorizo o gosto dele e a maneira que me sinto quando estou em seus braços. Como uma relíquia que ele quer manter por perto. Algo precioso. Me permito acreditar que, pela primeira vez, alguém escolheu a mim.

*

Lidia
Estou fora hoje, vou ter uma reunião com a Federação pra liberar vocês dois pra competir. Nada de gelo. É sério, Sierra.

Uma ideia me vem à cabeça quando recebo aquela mensagem no dia seguinte de manhã, mas sou interrompida pelo meu celular tocando.

— Por que você não contou que tem um parceiro e que está patinando em tempo integral de novo? — minha mãe pergunta antes que eu possa sequer dizer "alô". — E com aquele rapaz que veio em nossa casa. Dylan Donovan?

Ótimo. Era a última coisa de que eu precisava hoje. Até porque a simples menção a ele é perigosa para minhas terminações nervosas.

— Eu ia te contar, mãe. Essa parceria surgiu do nada, e mal tive um segundo para respirar. — Em parte porque minha boca estava ocupada com outras coisas.

— Bem, agora a gente já sabe. Seu pai e eu vamos te assistir no torneio. Te vejo em breve. — Ela desliga antes que eu possa dizer qualquer coisa,

provavelmente porque sabe que eu tentaria convencê-la a desistir. Só o que me faltava agora era ter que lidar com aqueles dois se preocupando comigo lá das arquibancadas. Nem um segundo depois, meu pai me manda uma mensagem: Vai com calma. Use capacete.

Reviro os olhos, mas não consigo conter o sorriso. Quando me visto e saio pela porta, percebo que tenho dificuldade em seguir ordens. Eu sei, porque depois de ver a mensagem do meu pai e de Lidia, me vejo dirigindo para a casa do hóquei. Eles colocaram uma guirlanda preta na porta e começaram a decorar o gramado para o Halloween bem cedo. São esqueletos, uns em cima dos outros, cada um em uma posição diferente. Até os espantalhos na esquina estão se pegando.

Hesitei em vir aqui. Depois da noite passada, percebi que não sei a definição de "de boa". A boca de Dylan na minha, seus sussurros contra minha pele, suas mãos ásperas nas minhas coxas… A lembrança aquece minha pele, mas tento afastá-la. Somos parceiros, e patinar sempre vem em primeiro lugar.

— Ei, Sierra. — Um rapaz loiro com cara de sono abre a porta. Cole, eu acho.

— Dylan está em casa? — pergunto.

— Deve estar. Ele tem estado muito em casa ultimamente, quando não tá patinando com você. É estranho — diz ele. — Primeira porta no final do corredor, e bata antes de entrar, só por precaução. Pro seu próprio bem. — Com isso, ele desaparece no porão escuro.

Lá dentro, a casa está assustadoramente silenciosa, um contraste gritante com a minha visita anterior, com um minigolfe no corredor e uma TV no volume máximo. Quando bato na porta dele, ela se abre sozinha com um rangido. Uma pessoa normal simplesmente esperaria no corredor, mas não tenho tempo. O quarto me recebe com uma confusão de desordem: uma cama desarrumada, uma escrivaninha com um livro aberto e um cesto de roupa suja transbordando. Na cômoda, há uma única foto — Dylan girando com uma menina loira de olhos azuis. Presumo que seja a irmã dele, embora os dois não se pareçam muito.

— Gostou de alguma coisa?

Quase derrubo o porta-retrato quando Dylan sai do banheiro em uma nuvem de vapor. É difícil conter o baque de memórias que passa pela minha mente, como um diário digital muito explícito. Dylan está só de

toalha. Tento olhar para qualquer lugar, menos *lá*, mas acabo olhando para sua boca, sentindo o resquício de seus lábios na minha pele quente. E os leves chupões que ele deixou em algum lugar mais abaixo.

— Não, mas aposto que ia achar várias coisas, se passasse uma luz negra pelo seu quarto — respondo. Pronto. Voltamos ao normal.

Seu olhar percorre meu corpo e um sorrisinho sarcástico surge em seus lábios.

— Ou melhor, meu carro.

— Acho que você quer dizer sua calça. — *Meu Deus! Cala a boca, Sierra!* Pigarreio. — Hã, você tem compromisso hoje?

Dylan suspira como se estivesse suportando o peso do sol.

— Devia ter adivinhado que você era grudenta, Romanova. Quer dizer, brotando aqui sem avisar no nosso dia de folga?

— *Grudenta?* — Eu bufo. — Você que não queria me largar ontem à noite.

— Acontece que me lembro de você implorando para eu te tocar, se esfregando bem molhada em mim. Era isso mesmo, ou sou eu que preciso de um exame de audição?

Uma onda de calor atinge meu corpo e fecho as mãos em punhos ao lado do corpo.

— Não sei. Foi só um beijo.

— Cuidado, Sierra, ou vou pensar que você quer outro.

— Acho que um foi o suficiente.

Ele se aproxima. Tento não me concentrar na única gota d'água que escorre de seu cabelo úmido para seu ombro e peito.

— Foi tão esquecível pra você? Não cheguei nem nos Cinco Melhores?

De boa. Parceiros. Preciso me lembrar disso. Dylan já esteve com garotas antes, tanto que uma noite nova, elétrica e estranhamente revolucionária para mim pode ter sido só outra terça-feira comum para ele. Não sou idiota, sei que as pessoas se pegam na faculdade por impulso; é praticamente um rito de passagem para alguns. Para Dylan, sei que isso é verdade.

Dou de ombros.

— Acho que não.

Ele me olha como se soubesse que estou mentindo. Tão convencido, puta merda.

— Quem é o número um?

Você.

— Quer que eu te faça uma lista?

— Sim. — Ele está falando sério. Mas então seu olhar cai para minhas mãos, e algo naqueles olhos castanhos se suaviza. — Você faz muito isso.

— O quê?

Dylan gesticula em direção às minhas mãos.

— Cerrar os punhos.

Olho para as marcas em forma de lua crescente das minhas unhas cravadas nas palmas das mãos. A visão me traz lembranças — tempos em que minhas palmas ficavam manchadas de sangue depois de me esforçar para fazer um movimento difícil ou da espera agonizante pelas notas após as apresentações. Quando fazia dupla com Justin, ele preferia ficar focado e distante, pouco disposto a oferecer um toque caloroso. Então, eu recorria a cerrar os punhos, tentando segurar a onda sozinha.

— Não percebi que você ficava monitorando cada movimento meu — digo, mas a expressão de Dylan permanece séria, pensativa até. Ele vai até a gaveta da escrivaninha entre nós e tira uma caneta.

— Mão — ordena ele.

— Hã?

— Me dá sua mão, Sierra.

Escondo minhas mãos atrás das costas.

— Pra quê? — Olho a caneta com desconfiança. — Se for pra me esfaquear, vai precisar de algo mais afiado.

Ele me ignora e puxa minha mão de trás das costas. Meu punho permanece cerrado e, balançando a cabeça, Dylan desenrola cada dedo. Sua mão é quente e calejada, envelopando a minha. Ele segura minha mão, aplicando pressão suficiente com a caneta para não me machucar. Uma mecha de cabelo castanho cai sobre sua testa e, como ele não se mexe para afastá-la, me vejo ansiosa para fazê-lo. Para enrolar os fios macios em volta do meu dedo e afastá-los de sua têmpora, deixando meus dedos se demorarem em sua pele macia.

Sinto uma leve cócega quando a caneta se move pela minha pele — traços lentos e circulares, dois pontos e um arco rápido. Ele deixa a caneta na mesa e me fita com expectativa. Olho para a tinta no meio da minha

mão, onde eu tinha acabado de pressionar as unhas. Ele desenhou uma carinha feliz ali.

Apesar de tudo, meus lábios se contraem, a sugestão de um sorriso se insinuando antes que eu consiga contê-lo. Dylan observa, seu olhar firme enquanto eu estudo o desenho, confusa.

— Hum, isso é novidade — murmura ele. — Você ficou sem palavras.

— É uma carinha sorrindo.

— Ah, bom, achei que não fosse descobrir. — Dylan solta minha mão e vai até a mesa de cabeceira para pegar o celular. — Algum motivo especial pra ter vindo? Ou só queria me ver sem camisa de novo?

Ainda estou presa no desenho na minha mão, sua simplicidade agora em desacordo com o brilho nos olhos de Dylan — algo mais profundo que a máscara casual que ele usa agora. Por uma fração de segundo, pareceu que ele ia me deixar vislumbrar algo mais profundo, mas então ele chama meu nome, me tirando dos pensamentos.

— Quero que você me levante — declaro.

Ele não tira os olhos do celular.

— Eu te levanto o tempo todo.

— No laço invertido.

Seu maxilar fica tenso.

— Não.

— Qual é! Lidia não me deixa tentar porque tem medo que eu surte, e não posso continuar treinando sem saber se meu cérebro vai dar pane no segundo em que eu estiver lá em cima.

Dylan pisca, e por um momento acho que ele está considerando. Mas então ele se vira para o armário, tirando um moletom e uma blusa de gola redonda. Sua mão vai para a toalha antes de ele deixá-la cair. Minha respiração fica presa e viro de costas tão rápido que quase fico tonta.

— Lidia deixou claro que só faremos levantamentos avançados bem depois. Nem devemos ir pro gelo hoje — diz ele.

— Desde quando você liga pro que devemos fazer? — Eu me viro de novo, sem me importar se ele ainda está nu, deixando a frustração transparecer no meu tom de voz. — Você mudou nossa coreografia porque achou que seu jeito era melhor. Além disso, ela está cautelosa demais, e isso tá me tirando do sério. Preciso fazer isso.

Estou praticamente implorando agora. Nós dois estamos bem cientes de que é o mesmo levantamento em que eu estava segundos antes da minha vida passar diante dos meus olhos. Ele me observa em silêncio, cruzando os braços sobre o peito, os bíceps flexionando sob o tecido justo da camisa.

— Não podemos.

Meu coração afunda.

Dylan se dirige à porta, mas antes que possa abri-la, coloco a mão nela. Ele gira a maçaneta mesmo assim, me mostrando que minha mão ali não vai adiantar nada. Não sei se é minha raiva ou se Dylan nem sequer considerou, mas o puxo para perto de mim, e suas costas batem na porta. Minhas mãos pressionam firmemente seus ombros, prendendo-o no lugar enquanto inclino a cabeça para encontrar seu olhar.

— Eu tô cansada de todo mundo me tratando como se eu fosse frágil! — Minha voz treme. — Não sou uma bonequinha que não aguenta umas porradas. Não sou a garota sangrando no rinque nem a que chora no hospital. Essa não sou mais eu, e não vou deixar ninguém, nem mesmo você, me impedir de fazer o que fiz minha vida inteira de olhos fechados! — Ele ergue as sobrancelhas e pisca para mim. — Então vou pedir de novo, Dylan. Você pode me ajudar com o levantamento, por favor, ou vou ter que procurar outra pessoa?

Um longo tempo se passa, denso e pesado.

— Não tem mais ninguém — diz ele, com a voz baixa e firme. — Eu sou o único com você naquele gelo, Sierra. Entendeu?

Então, seus olhos âmbar me observam, e absorvo aquelas palavras e assinto.

— Sendo assim, eu ajudo. — Um brilho familiar volta à vida em seus olhos. — Mas só se você prometer me atacar desse jeito de novo. Material perfeito pra biblioteca da punheta.

— *Você* precisa de uma biblioteca da punheta?

— No que diz respeito a você, com certeza.

— Ficar olhando pra minha bunda a coreografia inteira não vai te ajudar a ter um desempenho melhor — digo.

— Como é que você sabe? Talvez seja exatamente o tipo de motivação que preciso.

— Tudo bem, sua vez. Vou ficar de olho na sua bunda e ver como você se sente.

Ele empaca, com a mão no peito.

— Deixa pra falar sacanagem quando estivermos no quarto, Romanova. — Ele faz uma pausa. — Ou no meu carro.

Minhas bochechas queimam.

— Dá pra parar de enrolar e me levantar de uma vez?

Ele sorri, e noto seu pomo de adão subindo e descendo antes de ele transformar a expressão no puro suco da autoconfiança. Os olhos de Dylan estão focados em mim, e ele espera cada um dos meus sinais para os movimentos. Ele está mais lento e mais deliberado hoje, mas não reclamo.

A sessão de patinação de hoje me faz lembrar da antiga Sierra, de antes de tudo, quando este esporte era uma válvula de escape, algo divertido. Então, quando Dylan e eu juntamos de novo, as palavras saem da minha boca antes que eu perceba:

— Me levanta.

— Tem cert…

— Agora.

Giro para dar as costas, e ele deve ter lido minha mente, porque entrelaça suas mãos com as minhas e me levanta perfeitamente acima de sua cabeça. Sem tremer, sem hesitar, só pura força e confiança. Ele gira, e a euforia me invade enquanto finalizo o movimento e me equilibro.

— Conseguimos! — grito, agarrando seu moletom. Ele me segura em seus braços, me levantando do gelo. — Vamos de novo!

Ele solta uma gargalhada, e isso só aumenta essa sensação boa que toma conta de mim. Dylan se aproxima só um pouquinho quando o som de patins raspando o gelo nos faz virar para o portão.

Meu sorriso desaparece.

Julia e Justin sobem na pista de gelo, e o treinador deles começa a dar orientações. Não consigo deixar de notar a palidez de Julia, e os movimentos nervosos em ambas as posturas. É difícil ignorar, especialmente quando Justin parece tão *diferente*.

Eu me volto para Dylan, que sustenta meu olhar com um nível de investigação que não entendo.

— Que foi? — pergunto.

Ele começa a dizer algo, mas não ouço, porque o próximo som que abafa o eco da arena é o grito agudo de Julia. Um tipo que conheço muito bem.

O treinador deles corre para o gelo. Nem percebo quando o calor da mão de Dylan desaparece, porque meu corpo inteiro ficou gelado. Ouço xingamentos e um arquejo agonizante. Ela tropeçou na lâmina dos patins de Justin e abriu um corte profundo na mão. Meu coração bate contra as costelas, e quando patino para a frente, vejo que todos a rodeiam. Minha garganta está pinicando. O vermelho pinta o gelo branco, um pouco manchando os dedos do treinador.

Justin está parado bem longe, percebo segundos antes de a minha visão escurecer. *Não*.

— Feche os olhos — grita Dylan. Ele está ajudando o treinador a segurar Julia, e não consigo desviar o olhar. — *Sierra*.

Eu me assusto, o olhar se desviando para a expressão severa de Dylan.

— Eu… não consigo…

— Feche os olhos, Sierra!

Eles a levantam agora, e minha garganta quase fecha. Odeio que Justin esteja vendo essa minha reação. Ele me encara como se eu fosse um animal ferido. Então, Dylan fica na minha frente.

— Você não precisa ver isso. Não olhe. — Ele está implorando agora, olhos castanhos desesperados enquanto segura meu rosto. — Por favor, baby, você precisa fechar os olhos.

Seu hálito quente cai sobre meus lábios, e fecho os olhos enquanto as lágrimas se acumulam, encharcando meus cílios.

— Vai ficar tudo bem. — Dylan me dá um beijo na testa. — Mas preciso que você fique de olhos fechados e virada de costas, tá? Só até a ajudarmos, depois eu te levo pra casa.

Assinto com a cabeça, e assim, de repente, ele se vai. O barulho de sapatos e patins me faz fechar os olhos com mais força, e patino para longe, sem abri-los até ter certeza de que cheguei aos tapetes de borracha que levam ao vestiário. Assim que tiro os patins, saio pelas portas duplas.

25

DYLAN

Minha parceira tem o péssimo hábito de fugir correndo, e, a essa altura, estou a ponto de investir em um par de algemas.

Dentro da Casa Iona, bato na porta do dormitório da Sierra, depois que uma garota — que por acaso se lembrava muito bem de mim — me deixa entrar no prédio. Quando ajudei a levar Julia para a enfermaria, minha mente estava focada em Sierra. Era como se tudo tivesse passado diante dos olhos dela. Fui procurá-la nos vestiários, mas ela já tinha sumido. Foi o treinador Kilner quem me disse que a viu sair.

Ele também decidiu que era uma boa hora para me dizer que fui aprovado para ir a alguns treinos de hóquei. Mal registrei a informação; não conseguia nem pensar em nada além da expressão da Sierra. Aquilo bagunçou alguma coisa no meu peito.

Scarlett abre a porta do dormitório com um sorriso simpático.

— Ela não está se sentindo muito bem, Dylan.

— Eu sei, mas só quero ter certeza de que ela está bem. Por favor, Scarlett.

Ela deve ver o desespero nos meus olhos, porque abre mais a porta e me deixa entrar. Mas assim que faço menção de seguir para o quarto de Sierra, Scarlett me impede, virando-me para encará-la novamente.

— Dylan, sei que vocês são parceiros e tô vendo que você se importa com ela, mas a Sierra já se machucou antes e não é o tipo de garota que vai deixar você segurar a mão dela.

— Eu sei — digo. — Mas vou segurar mesmo assim.

Passo por ela e bato com os nós dos dedos na porta de Sierra antes de abri-la. A visão lá dentro me tira o fôlego. Ela está deitada de lado,

encolhida com as mãos entre as coxas, e está usando meu moletom.

É grande demais para ela, as mangas passando além da ponta dos dedos, a bainha roçando seus joelhos. A imagem dela envolta em algo meu cria um nó na minha garganta.

— Desculpa por ter ido embora… — começa ela quando me vê.

— Pode parar. — Fecho a porta e me sento na cama dela. É pequena, nem de longe grande o suficiente para mim, mas fico ali, acarinhando sua bochecha.

O lábio de Sierra começa a tremer e ela enterra o rosto nas mãos.

— Vem cá, baby — sussurro, puxando-a gentilmente para perto. Ela vem sem hesitar, aconchegando o rosto na curva do meu pescoço. Sierra se derrete nos meus braços, assim como fez ontem à noite. Como se pertencesse àquele lugar. Não sei se ela percebe que se afasta para dar espaço para mim na cama. Não questiono e me deito ao lado dela, puxando-a para perto até estarmos enroscados.

— Eu achei que já estava melhor, mas ver todo aquele sangue e ouvi-la gritar… voltou tudo. — Sua voz treme. — E *ele* lá, longe. Exatamente do mesmo jeito quando eu caí. Isso só me lembra como fui burra, tentando ser o suficiente pra ele e nunca conseguindo. Eu deixava Justin dar chilique e gritar comigo, achando que era minha culpa. Sempre tentei melhorar porque sabia que podia ser melhor.

Uma tempestade ameaça romper dentro de mim.

— Você não precisa ouvir gritos, nunca — digo com a voz rouca.

Ela balança a cabeça.

— Mesmo assim, eu entendo. Ele só estava frustrado, e sei que às vezes sou difícil.

— Não diga isso, Sierra. Não pra mim. Porque se eu vir esse arrombado de novo, não vai ter quem me impeça de arrancar os dentes dele. — Eu a faço olhar para mim dessa vez. — Nada justifica você ter sido tratada desse jeito.

Ela suspira, agarrando minha blusa.

— É como se o universo quisesse me lembrar de que, no fim das contas, essa é a minha história. Não importa o quanto eu tente fugir dela.

Ela está tremendo, mas percebo que não está chorando, ou melhor, está lutando para não chorar. Meus dedos deslizam em seus cabelos, penteando os fios.

— Ter reagido desse jeito não quer dizer que não esteja se curando. Você chegou até aqui. — Faço uma pausa, meu polegar roçando suavemente sua têmpora. — E se precisar da minha mão para te ajudar a chegar no final, vou estar aqui. Mas tudo isso é mérito seu, Sierra. Sempre foi.

Ela dá um sorriso fraco, mas já considero uma vitória.

— Quando você fala assim, até parece fácil.

— Não gosto de te ver sofrendo, mas o jeito que você supera a dor todos os dias é a coisa mais incrível que já testemunhei.

Suas bochechas ficam coradas e não consigo evitar uma risada. Ela franze a testa.

— Não ri de mim.

— Não dá — digo, com um sorriso repuxando meus lábios. — Nunca vi ninguém que me ameaçou de morte corar tanto.

— Deve ser uma reação alérgica — resmunga ela, levando as palmas das mãos até as maçãs do rosto.

Eu me aproximo e dou um beijo suave em uma bochecha corada, depois na outra. Ela baixa as mãos, seus olhos arregalados ao piscar para mim, nariz com nariz. Seu hálito quente roça meus lábios, e não me mexo. As palavras de Scarlett voltam na minha mente, mas cada uma delas se incinera quando os lábios dela tocam os meus.

O beijo não é nada como o do carro ou do colchonete. Este é lento, gentil e vulnerável. A língua dela desliza contra a minha, e ela agarra minha camiseta quando geme na minha boca. Nunca vou me cansar disso.

Quando toco sua cintura, explorando um pedaço de pele em que o moletom subiu, Sierra coloca a mão sobre a minha e se afasta. É a terceira vez que ela faz isso.

— O que houve?

Ela se recosta na cabeceira da cama, balançando a cabeça freneticamente.

— Nada. Des… Não sei o que eu tava pensando.

— Quando você me beija desse jeito, Sierra, não precisa ficar tímida comigo. — Seu olhar está fixo na cama, até que me sento para segurar seu queixo entre os dedos. — O que foi?

— Eu tenho cicatrizes — ela deixa escapar.

SIERRA

Não era assim que eu esperava que ia ser a noite, mas sentir as mãos macias e as palavras de Dylan tocarem minha pele despertou um desejo inesperado. O suficiente para contar a ele sobre minhas cicatrizes. Ele é o primeiro cara a me ver assim. Tão desprotegida, tão *exposta*.

Mostro a ele a da cabeça primeiro, mas mal dá para ver depois que meu cabelo cresceu. Em seguida, a longa cicatriz linear descendo pelas minhas costelas, elevada e irregular. O buraco do dreno toráxico desaparecendo, enrugado e fundo. Áspero e feio. Espero que ele se afaste, que olhe para elas com um desgosto mal disfarçado. Que *vá embora*.

— Sei que você fica com garotas de pele lisinha e perfeita. E sei que ninguém quer uma lembrança constante do meu passado de merda no meio da transa.

— Sierra.

— Eu sei, são feias.

— *Sierra*. — Meu nome sai da boca dele como se fosse doloroso dizer. Seus olhos ficam sombrios, como se ele não pudesse conceber o que eu acabei de dizer. — Isso aqui? — Ele passa a mão pela cicatriz irregular como se fosse algo precioso. — Essa cicatriz é a razão de você estar aqui agora. Comigo. Não tem nada feio em você.

Sinto meu peito colapsar em si mesmo. Parece demais e insuficiente ao mesmo tempo. Meus olhos começam a arder. Faço menção de pular da cama, mas Dylan segura meu punho antes que eu consiga ir muito longe.

— Você vai me deixar te ver? — Seu olhar segue a cicatriz que desaparece sob o cós do meu short.

Meu coração dispara. Engulo em seco e mal consigo assentir.

Sem aviso, Dylan cai de joelhos, e minha respiração fica presa.

— Posso fazer isso — digo rapidamente.

Ele me encara com um sorriso malicioso.

— Só deixa eu me ajoelhar pra você, Sierra. Sei que você sempre quis, de todo jeito. — Dylan puxa o short pelas minhas pernas. Ele deve ter notado meus punhos cerrados, porque os pega e os coloca em seus ombros.

Um balde de autoconsciência gelada quase me afoga.

— Sei que nem todo cara gosta de fazer isso. Não precisa…

— Que tipo de idiotas você deixou te tocarem? — Ele balança a cabeça. — Eu gosto. E já que sou eu quem está entre as suas pernas, é só isso que importa.

Acredito nele. Não acho que exista um mundo lá fora em que Dylan Donovan não adore cada parte de uma mulher.

— Isso é por você, tá? Bem, um pouco por mim também. — Uma pausa. — Tá, muito por mim, mas posso te dar prazer. É nisso que sou bom.

Ele acabou de fazer meu peito explodir com suas palavras, mas ele acha que é só nisso que ele é bom?

— Porra, eu sabia. — Dylan ri, as mãos acariciando minha pele exposta. — Surreal. — Ele beija a cicatriz, depois logo acima do meu umbigo, e mais abaixo, em direção a minha virilha. Estou em chamas. — Linda.

Fico completamente imóvel, e ele percebe. Dylan fica de pé, levantando minha perna junto, me fazendo perceber o quanto estou molhada.

— Se não estiver confortável, a gente pode colocar seu short de volta e esquecer que isso aconteceu, mas eu queria muito te mostrar exatamente como me sinto em relação ao seu corpo, beijando cada pedacinho dele e das suas cicatrizes até o sol nascer.

Tenho certeza de que poderia me desintegrar em uma poça neste momento.

— Faz um tempo que não faço isso — admito. — Nem me toco. Desde…

Minha inexperiência parece chocante diante de Dylan Donovan.

Ele corre o olhar sobre mim.

— Você não se masturba há mais de um ano?

Não tem nenhum tom de julgamento em sua voz, mas ainda assim me sinto tão pudica.

— Por que eu daria prazer ao meu corpo quando ele tirou tanto de mim? — As palavras escapam tão rápido que franzo os lábios. Ninguém pensa desse jeito; ninguém castiga o próprio corpo como se não fosse parte dele, mas depois do acidente é como eu o vejo.

Sua expressão se suaviza para algo frágil, exatamente como eu me sinto.

— Deixa eu te mostrar o tanto que você merece, Sierra. Não o seu corpo, não o seu cérebro, *você*.

Ele ainda quer beijar minhas cicatrizes feias?

— Por quê?

Dylan ri baixinho. É tão sexy que quase aperto as coxas, mas ele está no meio delas.

— Porque você chamar suas cicatrizes de feias é inaceitável, e quero corrigir isso.

Ah.

— Me diz, Sierra. Vai deixar eu te provar até não conseguir falar mais nada do seu corpo, além do quanto você me quer dentro dele?

Quase engasgo, mas tremo de expectativa quando assinto.

— Obrigado — sussurra ele contra minha pele enquanto arrasta o nariz pelo meu corpo. — Você é tão corajosa. — Outro beijo. — Tão linda. — Outro. — Tão malvada que me dá um tesão do caralho.

Eu rio, e ele me olha como se não quisesse deixar passar nenhum detalhe. Sinto seu sorrisinho na minha pele quando ele desce, puxando minha perna por cima do ombro, parando apenas um milésimo de segundo quando minha tornozeleira tilinta, mas com a mesma rapidez, põe a boca quente no meio das minhas pernas. Ele não desvia o olhar, observando o que cada movimento da sua língua faz comigo. Como transforma toda a minha rigidez e raciocínio direto em suspiros, arrepios e palpitações.

— *Dylan* — choramingo. Acho que posso acabar chegando ao orgasmo só com isso, o que é constrangedor, mas então ele põe a mão por baixo do meu moletom, beliscando meus mamilos.

Jogo a cabeça para trás, deixando-o explorar minhas cicatrizes como se elas não me assombrassem, não fossem o motivo de eu evitar meu reflexo no espelho. Ele enfia a língua dentro de mim, pressionando o polegar contra meu clitóris, e seus gemidos vibram contra minha boceta. É tão *gostoso* que sinto inveja por ele saber dar tanto prazer ao meu corpo. Em alguns poucos minutos, ele entendeu sua linguagem muito melhor que eu, minha vida toda.

— *Caralho*, você é o paraíso — sussurra ele, tão baixo que quase não escuto. — E tem gostinho de cereja.

Então, Dylan chupa meu clitóris, e meu corpo inteiro está em chamas.

— Acho que vou gozar — ofego. Dylan agarra minha coxa com força, para deixar uma marca.

— Tsc-tsc-tsc — ele nega. O cara realmente se opõe. A audácia. — Você vai gozar quando eu deixar.

— Dylan — murmuro, puxando seu cabelo mais forte para ele olhar para mim. — Você não manda em mim.

Uma parte de mim tem medo de que, se Dylan não me der um orgasmo agora mesmo, ele vai fugir para as colinas.

— Como não? Tenho uma forte impressão de que, no momento, você faria tudo o que eu quisesse. — Ele coloca dois dedos dentro de mim, me vendo revirar os olhos conforme entra mais fundo. — Não. Goze.

— *Dylan*.

Meu corpo parece pesado, mas ele só me observa, provocando, meu prazer crescendo e crescendo. Dylan não dá chance de escapar. Mantém meu orgasmo de refém, e preciso, desesperadamente.

— *Por favor?* — Passo uma mão trêmula em seu cabelo.

É como se ele derretesse. Seu olhar é acolhedor como mel escorrendo, um brilho castanho como se banhado pelo sol. Ele é tão atencioso, tão focado em mim, que me deixa alucinada.

Em menos de um segundo, ele encontra o ponto perfeito, e onda após onda de prazer fazem faíscas estourarem por todo o meu corpo. Solto um gemido estridente, tremendo com a força do orgasmo. Dylan fica de pé e me envolve em seus braços.

Ele não me dá um segundo para respirar. Me beija, engolindo meus gemidos ofegantes como se fossem dele. E eu dou, tudinho. Em pouco tempo, estou me esfregando nele, precisando dele de novo. Meus beijos mais intensos, ávidos, desenfreados.

Antes mesmo que consiga alcançar o cós da sua cueca, ele me vira tão rápido que dou um gritinho.

— Mãos na parede. — Ele as coloca lá por mim. Então, se aproxima por trás, o tecido da calça roçando na pele nua da minha bunda, e sinto a rigidez do pau dele muito perto de onde estou pulsando, estremecendo. Como se estivesse em abstinência de seu toque.

Estico os braços para trás, tentando tocá-lo, querendo dar a ele o mesmo prazer, mas ele não deixa. Só pressiona os lábios na minha orelha.

— O que foi que eu disse, Sierra? Isso tudo é pra você, e não vou parar até você só conseguir pensar em mim, te dando todo o prazer do mundo. Não foi isso que você pediu?

— Mas e voc…?

Ele mordisca minha orelha e desliza os dedos pela minha barriga e por entre as pernas, onde dá um tapinha fraco na minha boceta molhada.

— Não é assim que funciona. Se você se mexer de novo, vou te amarrar nesta cama.

O outro braço serpenteia em volta do meu corpo, apalpando meus seios.

— *Por favor*. Eu não aguento…

— Você fica tão linda implorando, Sierra. Devia fazer isso mais vezes.

— Não vá ficar se achando, Donovan — provoco entredentes.

— Já estou, baby.

Seus dedos se movem em sincronia com os quadris, e sinto exatamente *o quanto* ele está se achando. Ele ainda está me provocando, brincando com cada pedacinho do meu corpo, aproveitando cada suspiro que arranca de mim.

— Preciso de mais — ofego, tentando tocá-lo de novo, mas ele é tão rápido que, quando percebo, estou imobilizada no colchão, de barriga para cima.

— Tão gulosa, essa garota — provoca ele. — Se comporte, Sierra, senão vou te punir e chupar seus peitos até você implorar pra parar. — Ele desce de novo, e tento conduzi-lo para onde eu quero, mas ele se desvencilha e mordisca meu mamilo. — Quer gozar, é?

— *Aham*.

— Então, me diz.

As sensações parecem aumentadas. Fico soterrada sob seu corpo musculoso, ciente de que só mais um beijo e um toque, e vou enlouquecer completamente.

— Di-dizer o quê?

— Que sou o melhor parceiro que você já teve. — A voz dele é grave e possessiva, e me faz contrair os dedos dos pés.

— Você é — digo com sinceridade. — É o melhor parceiro que já tive.

Ele fica tão lindo quando sorri. Mas mesmo que ache que só falei aquilo para gozar, é verdade. Nunca tive alguém tão confiante do meu lado,

tão seguro de si, que me fizesse acreditar que eu poderia ser assim também. Que poderia ser boa o suficiente.

Dylan conquista meu orgasmo como se fosse fácil. Ele sobe para me beijar e, quando arqueia os dedos dentro de mim, me observa revirar os olhos de um prazer desinibido.

— Eu poderia gozar só assim. Só de ver eu te fodendo com os dedos.

— Vou gozar — choramingo.

Ele faz um murmúrio de aprovação, deixando uma trilha de beijos pelo meu colo até chupar meus mamilos.

— Se esfrega gostoso, baby. Busca o seu prazer.

Toda a minha vergonha saiu voando pela janela no segundo em que ele me viu pelada. Então, me esfrego na mão dele até ficar desorientada. Não sei se grito, choro ou gemo, só sei que entro em erupção como um vulcão adormecido. Certeza que, a essa altura, Scarlett colocou o fone de cancelamento de ruído.

Dylan ainda está me beijando, e estou só vagamente ciente de seus lábios nas minhas cicatrizes, pincelando minha pele como uma constelação. Quando volto a mim, leve como uma pluma, eu o observo com um sorriso preguiçoso que não consigo esconder. Meu coração bate forte ao vê-lo acariciando lugares que nunca deixei outra pessoa sequer ver.

Dylan puxa minha perna por cima da dele, me trazendo contra si e abraçando meu corpo como se fosse natural.

— Você é tão mais do que suas cicatrizes. — Ele deposita um beijo no topo da minha cabeça. — Tão mais.

E neste momento, sei lá por qual motivo, escolho acreditar nele.

26

DYLAN

Já faz uma semana e acho que ainda consigo sentir gosto de cereja. Hoje, Lidia me chamou em seu escritório depois de um treino mais curto. Eu estava exausto quando me deixei cair na cadeira, e ela me disse que precisávamos ajustar a agenda já que eu ia voltar a jogar hóquei. O treinador não confirmou nada, então nem pensei no assunto. As únicas coisas na minha mente são manter a sincronia, tentar antecipar cada movimento de Sierra e fazer nossos levantamentos parecerem fáceis e fluidos. Além de me esforçar ao máximo para não pensar nos seus gemidos ofegantes e no sabor doce dos seus lábios sempre que ela está por perto.

Mais cedo esta manhã, fomos correr e, aparentemente, eu estava animadinho demais, mas acho que isso é graças a Summer, por me arrastar em todas aquelas caminhadas. Sierra deu um muxoxo, apoiada no tronco de uma árvore, olhando para mim com desdém.

— Tá fazendo dois graus. Por que você tá sem camisa? — perguntou ela.

— Isso te deixa desconfortável?

— Vai vestir uma camisa, Donovan.

— Só se você vestir em mim.

— Ai, vê se cresce.

— Já sou bem crescidinho. Quer que eu te mostre?

Esse comentário a fez jogar terra na minha cara, mas notei como Sierra ficou vermelha, e aposto que ela estava pensando no meu rosto entre suas coxas. No entanto, decidi ser um cavalheiro, então se Sierra quiser que eu dê a ela os orgasmos que não se permite e torne isso muito mais do que só "um beijo", ela vai ter que me pedir.

— Onde você estava? — pergunta Kian assim que entro em casa.

— No rinque.

Kian fecha o livro.

— Como é que você passa mais tempo no rinque depois de ser suspenso do que quando estava no time? — Ele dá batidinhas com o lápis na mesa de jantar de madeira, como o tique-taque de um relógio.

Eu o ignoro e abro a geladeira.

— Essa resposta eu sei. — Ele faz uma pausa dramática. — É porque você virou pau-mandado.

As únicas coisas na geladeira são um pacote de pão, potes de geleia de morango e pasta de amendoim pela metade e algumas latinhas de Slink. Kian entra na cozinha para me encarar de longe. Jogo o pão na torradeira e faço o possível para ignorá-lo.

— Primeiro Aiden, depois Eli, e agora você? Meus amigos estão sendo eliminados um por um, e eu aqui estudando pra prova de filosofia. Queria virar pau-mandado também.

— Mandado, não — corrijo.

— Ah tá, então por que você botou quatro fatias de pão na torradeira e pegou dois pratos?

Olho para a torradeira e percebo o que fiz. Ele solta um muxoxo.

— Fazendo comida para uma garota que nem tá aqui. Como eu disse, mandadíssimo. Gado, quatro pneus arriados.

— Fiz o pão pra você, ué. — Minha tentativa de encobrir o deslize não funciona, e sei disso quando ele ri. Kian pega o celular para tirar uma foto. Sem dúvida, para mandar no grupo.

Ele ri baixinho e guarda o celular no moletom.

— Nunca pedi pra fazer um pra mim.

— Não vai querer, então?

— Não, eu quero, pô — diz ele sem vergonha.

Passo pasta de amendoim em uma fatia e geleia na outra. Depois de um único corte diagonal, deslizo o prato pelo balcão para Kian. Ele me encara enquanto dá a primeira mordida. É quando Summer entra, com os olhos grudados no leitor digital decorado com adesivos que Aiden deu a ela depois que Kian perdeu o antigo. Mas acho que ainda está com ele, e ele diz que perdeu só para poder usá-lo.

Ela se assusta quando Kian pigarreia e desliga a tela imediatamente.

— O que vocês ainda tão fazendo acordados?

— O ensaio foi até tarde — respondo.

Ela franze a testa.

— A treinadora da Sierra pega tão pesado assim?

— Não, fomos só nós dois. A gente queria mais umas horinhas, já que o campeonato é segunda-feira.

Um sorrisinho eufórico toma conta do rosto dela. Seus olhos correm para Kian, que imita sua expressão, e reviro os olhos.

— Acho que preciso baixar um aplicativo de namoro — diz ele com a boca cheia.

Summer dá um muxoxo.

— Você é um jogador de hóquei da primeira divisão. A faculdade é o seu aplicativo de namoro.

— Se fosse o caso, eu estaria namorando agora mesmo, Sunny.

Dou uma mordida no meu sanduíche.

— Você é romântico demais pra relacionamentos casuais.

— É, graças aos livros de romance dela. — Ele gesticula em direção a Summer. — Acho que vou adotar um gato.

— Achei que não podia ter animais de estimação na casa — diz Summer.

— É porque Dylan e eu adotamos um lagarto, Marty, no primeiro ano. A gente não tinha tempo pra cuidar dele, daí Aiden disse pra levá-lo para o Instituto Natural de Dalton.

Compramos Marty de um cara aleatório em uma van porque Kian disse que "precisava resgatá-lo". Às vezes a gente vai visitá-lo, e Marty tem uma vida muito melhor lá no instituto.

A porta da frente se abre e Aiden entra. Ele larga a bolsa de academia perto da sapateira e vai até a geladeira pegar uma garrafa de água. Aiden só vai ficar aqui mais alguns dias. Ele precisa voltar logo para que o médico do time o libere para jogar novamente.

— Kilner acabou de me dar a boa notícia — anuncia ele. — Você tá de volta para um terço dos treinos. Continue assim, e já, já cai a suspensão da Liga.

— Você vai voltar? Graças a Deus, tô morrendo lá sem você! — comemora Kian. — O treinador tem agido de forma muito estranha perto de mim. Mais do que o normal.

Kilner ainda não contou a Kian sobre a capitania.

— Já tá confirmado que estou de volta? O técnico disse que estava em andamento. — Me esforço ao máximo para parecer entusiasmado. *Eu deveria estar feliz*. E não consigo entender por que me sinto tão distante dessa parte de mim desde que comecei a patinar com Sierra.

— É, ele deve te mandar um e-mail ainda hoje — diz Aiden, pegando o celular. — E pedi pro meu empresário entrar em contato com Nova York, e eles estão de olho. Se der tudo certo, vão cancelar sua suspensão antes da formatura.

Depois de tudo, ainda vou poder jogar com Kian em um time da Liga, como sempre planejamos. O que deveria ser um sonho se tornando realidade de repente parece um pesadelo.

— Isso é… — Paro, me sentindo indigno. — Mais do que eu esperava. Muito obrigado, Capitão.

Sua mão pesada bate nas minhas costas quando o puxo para um abraço. Assim que estamos nos afastando, Kian se junta a nós e nos mantêm no lugar, nossos rostos muito próximos em um desajeitado abraço a três.

— Sabem o que isso quer dizer? — pergunta ele.

— Não, mas aposto que você não vai nos largar até contar — respondo.

Ele sorri.

— A paz foi restaurada. Vamos jogar hóquei juntos de novo, como sempre deveria ser.

— Aham. Exatamente como deve ser.

Lá vem aquela fisgada de novo.

27

SIERRA

Odeio domingos. Não só são véspera de mais uma semana de aulas intermináveis, como também são dias de descanso.

Deitada de costas com as pernas para cima na parede, respiro algumas vezes, deixando o vento bater nas janelas e a música do The Paper Kites preencher o silêncio. Lidia leva o descanso muito a sério, então nos dias de folga não é permitido nem exercícios aeróbicos, porque ela acha que sou incapaz de fazer uma pausa.

Sou mesmo, mas não precisa jogar na cara.

Fechando um olho, conto os pontos no teto, mas a porta do meu quarto se abre e me faz perder a conta já na casa das centenas. Ouço Scarlett exclamar que está de saída. Deve ser essa a razão de eu ver Dylan parado na minha porta. Ele está vestindo um moletom cinza da Carhartt e uma calça preta, ambos um pouco molhados da chuva que não para desde a noite passada. Dylan inclina a cabeça, avaliando, antes de se deitar no chão também.

Não trocamos nenhuma palavra enquanto ele estica as pernas para além das minhas e olha para o teto. Ficamos deitados no chão juntos, como isso fosse normal. Como se ele não tivesse me feito ver estrelas neste mesmo quarto há apenas uma semana.

Algo suave começa a tocar na minha caixinha de som, mas não reconheço a música por causa do meu coração acelerado.

— Você curte meteorologistas ou algo do tipo? — pergunta Dylan, olhando para a tela do meu notebook. Estão mostrando o festival de lanternas novamente.

— Ah, sim, Dale Thunderman é exatamente o meu tipo.

— Calvo?

— Charmoso.

— Então você deve me amar.

Eu bufo.

— Não é o verbo que eu usaria.

— Por que você assiste? Não é só um loop de vídeo?

— É reconfortante. E era só o que eu conseguia assistir no hospital sem engatilhar um ataque de pânico, então meio que pegou — admito e rapidamente mudo de assunto. — Você veio aqui só pra checar como estou? Existe mensagem pra isso, sabia?

— Mas aí eu não ia ver seu rosto. Nem todas as ruguinhas que aparecem entre as sobrancelhas e ao redor dos seus olhos quando você faz cara feia pra mim. É lindo demais.

Franzo o rosto quando ele tenta cutucar meu nariz.

— Não me faça te lesionar antes da competição.

Ele coloca a mão delicadamente sobre a minha. Já segurei as mãos dele inúmeras vezes, mas agora parece diferente, sobretudo quando o mindinho dele se enrola no meu.

— Eu me apresentaria mesmo assim — diz ele.

— Mesmo lesionado?

— Por você, sim.

De repente, algo parece estranho, e preciso de palavras para preencher o buraco desconfortável no meu estômago.

— Tô chutando que você não veio aqui só pra se deitar no chão comigo — digo.

— Talvez tenha vindo.

Mordo o lábio, virando-me para encarar seu perfil. O cabelo dele cresceu mais, sua pele parece macia, e estou feliz por ter a mão dele na minha, porque não sei se conseguiria me conter e não tocar seu rosto.

— Foi Lidia, né? Ela te mandou ver se tô descansando.

Ele dá de ombros.

— Não com tantas palavras.

Não consigo evitar aquela pontada de decepção por ele não estar aqui porque quer.

— Bom, já confirmou que estou, de fato, descansando, então pode ir.

O nariz de Dylan paira a poucos centímetros do meu, tão perto que quase consigo sentir o calor da sua respiração na minha pele.

— "Descansar" não quer dizer que precisa ficar trancada no quarto.

— Como minha vida gira em torno de patinação, não tenho muita coisa pra fazer além disso.

— Então, que bom que você me tem. — Ele se levanta e estende a mão para que eu segure, assim como faz no gelo. — Vamos.

— Pra onde?

— Deixa que eu me preocupo com isso.

Encaixo minha mão na dele, sem querer pensar na bagunça que está minha cabeça, girando sem parar. E num movimento rápido, quase imperceptível, ele a vira, olha para a palma da minha mão — para a carinha sorrindo, desbotada — e depois volta a segurá-la com firmeza. Ele não solta, nem mesmo quando pergunta se estou pronta para correr até o carro dele na chuva torrencial. Atravessamos a calçada encharcada. Meu cabelo acaba molhando, mesmo com ele tentando proteger. Quase escorrego, mas ele é rápido em me segurar. Não reconheço a risada que sai dos meus lábios.

Assim que entramos no carro, ajeito o cabelo com cuidado para não deixar as gotas caírem nos bancos de couro. Ele, no entanto, não tem essa preocupação. Com um sorriso despreocupado, Dylan balança a cabeça feito um cachorro, jogando água pelo visor brilhante e em mim.

É ruim eu querer lamber as gotas de água do rosto dele?

— Era pro céu estar limpo hoje — diz Dylan. Há uma ruga na testa dele quando olha para o céu que escurece.

— Só deve chover mais um pouquinho. Por quê? Tem algum compromisso?

Ele olha para mim então, a ruga desaparecendo.

— Aham.

Ah.

Uma pontada de decepção me atinge o estômago, e espero que não transpareça no meu rosto. No pouco tempo que passei fora do dormitório abafado, relaxei. Em vez de ficar obcecada com a coreografia e reviver flashbacks de um certo campeonato, ocupo a cabeça com cada sorrisinho irônico de Dylan, contando quantos tons de castanho tem nos olhos dele.

Uma parte de mim gostaria que ficasse nublado o dia todo, para ele ter que que cancelar o tal compromisso.

O rádio está sintonizado no jogo de hóquei, Toronto contra Los Angeles. Por algum motivo, pensei que, depois que começamos a patinar, o hóquei meio que tivesse esmorecido para ele. Ele nunca fala a respeito, nunca menciona nada, mas agora percebo o quanto ainda faz parte dele, o quanto deve sentir falta do esporte.

— Você tem saudade? — pergunto abruptamente.

Ele fica tenso, mas então dá de ombros, ainda prestando atenção no trânsito.

— Hóquei fez parte de mim por tanto tempo que acho que pensei que sempre faria. É como um membro. Tá ali, garantido, e um dia de repente ele dói, se machuca ou você o perde totalmente, e depois percebe o quanto dependia de sua função. Mas acho que é assim com maioria das coisas. A gente só dá valor quando perde.

Fico surpresa com esse súbito vislumbre da mente dele.

— Eu entendo.

Ele me olha de esguelha.

— É, acho que sim.

Ainda perdida em pensamentos, me sobressalto quando ele deixa o celular no meu colo.

— Aqui, pode colocar o que quiser. Tá desbloqueado.

Eu o aperto entre os dedos. Só consigo imaginar o tipo de coisas que este aparelho já viu.

— O negócio não é radioativo, Sierra.

— Tem certeza? — Não preciso olhar para ele para ver seu olhar furioso. — Tipo, pode ter fotos e outras… coisas aqui.

— Só coloca uma música — ordena ele.

Bem, lá se vai minha inocência. O que sobrou dela desde a outra noite, pelo menos. Quando percorro seus favoritos, me deparo com um histórico infinito de música country — playlists e mais playlists, a maioria compartilhada por seus amigos. Mas então uma me chama a atenção, destacando-se das demais. Uma playlist intitulada *Vaga-lume*.

— Achou alguma coisa? — pergunta ele ao entrar na rodovia.

Ainda estou rolando as músicas, minha desconfiança aumentando a cada uma que reconheço. É assustadoramente parecida com o que

costumo ouvir ao patinar — desconexa, mas perfeitamente adequada ao meu humor. De alguma forma, cada uma dessas faixas está aqui.

— Você costuma fazer suas próprias playlists? — pergunto, como quem não quer nada.

Ele olha para mim e depois volta para a estrada rápido demais.

— Só quando bate a inspiração.

Meu coração dispara. A próxima pergunta está na ponta da língua, mas a engulo. Em vez disso, dou play em suas músicas favoritas no aleatório, deixando a primeira tocar, enquanto um turbilhão de pensamentos borbulha.

— Aonde a gente vai? — pergunto, tentando firmar a voz. — Prefiro saber o local pra poder mandar pra Scarlett. Sabe, só por precaução.

— Eu não deixaria nada acontecer com você, Romanova. Temos uma competição a vencer, lembra?

Quando ele fala assim, o torneio não parece tão assustador. Nem a perspectiva de tentar a vitória. Parece tão certa em sua língua.

Não demora muito para que a chuva pare e passemos do infame cenário de Connecticut — árvores morrendo e grama amarela — para entrarmos em uma estrada secundária de cascalho que leva a um estacionamento. Está cheio de gente carregando seus filhos, casais de mãos dadas e grupos de amigos.

Dylan estaciona e já sai do carro para abrir minha porta. Estou usando galochas de cano médio e fico feliz por isso quando piso no cascalho enlameado com pedaços de grama. Dylan não parece se importar em sujar seus sapatos brancos.

Nos aproximamos da barraca, e é quando eu vejo. Lanternas.

Eu congelo, mas Dylan coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me conduz para a frente. Mal o percebo cumprimentar o caixa e pagar, até que ele me entrega uma lanterna.

Andamos até o campo com a multidão, e Dylan pega uma caneta dos itens que compramos. Ele rabisca no fino papel da lanterna, concentrado. Quando finalmente a vira para mim, meu coração aperta.

Dylan + Vaga-lume

Ver aquilo escrito ali me faz corar. A playlist no celular dele parece muito mais importante agora. Mas com aquele peso pressionando meu peito, reviro os olhos sem muita vontade antes de pegar a lanterna dele para escrever dos dois lados.

Dylan + ~~Vaga-lume~~ Sierra ☺

— Assim está melhor. — Um relógio de cada lado faz a contagem regressiva, então esperamos para acender nossa lanterna. — Você já veio aqui antes? — pergunto a Dylan.

— Todo ano, com meus pais. Ada adorava. Mas depois de um tempo parecia que a gente estava indo com estranhos. — Ele pigarreia, como se tivesse revelado demais. — Você nunca veio?

— Meu tempo era precioso. Não podia desperdiçar indo pra uma fazenda pra acender lanternas — respondo. — Mas meus pais vinham.

— Sem você? — pergunta. — Que sacanagem.

— Ah, não era, tipo, pelas minhas costas nem nada. Eles só sabiam que eu ficava exausta depois do treino.

— Então vou ficar feliz em ser sua primeira vez, Romanova.

— Só tem algumas poucas sobrando. — Dou risada.

Ele inclina a cabeça.

— Ah, é? Quando foi seu primeiro beijo?

— Era caloura na faculdade. Primeira festa de verdade e primeira vez bêbada. — Olho para ele de soslaio. — Eu sei, atrasadona e sem graça.

— Sem graça nada — diz ele. — Tenho quase certeza de que Kian e eu demos nosso primeiro beijo com a mesma garota. Acho que perdemos a virgindade com a mesma garota também.

Caio na gargalhada.

— Vocês namoraram a mesma garota?

— Não, nunca estive em um relacionamento.

— Eu também não — admito.

Ele ergue as sobrancelhas.

— E Justin?

— Ahn, não. Acho que teríamos, mas depois das Olimpíadas percebi que ele não me queria. Ele só queria minhas conquistas. Eu me doei

completamente, e ele só jogou fora como se não fosse nada. Como se *eu* não fosse nada. — Faço uma pausa. — Desculpa, pesei o clima.

Dylan sustenta meu olhar.

— Você nunca seria "nada", Sierra.

Tento morder a língua, me impedindo de perguntar:

— Como é que você sabe?

— Porque eu te conheço.

O silêncio se estende como um elástico prestes a arrebentar. Só consigo me perguntar como ele pode não achar que eu sou nada. Me sinto assim há tanto tempo, é como me vejo.

— Mas parece verdade — admito. — Dediquei minha vida inteira à patinação só pra acabar como essa garota inexperiente e traumatizada. Mesmo com Ajay, não consigo parar de pensar que, se ele me conhecesse de verdade, nem iria querer me beijar.

Dylan fica quase completamente imóvel.

— Você não é dele pra beijar — afirma.

Eu rio.

— E sou sua, por acaso?

— Se quiser.

Meu coração dispara.

— Que sorte a minha — tento brincar, com a voz trêmula. — O que isso implicaria?

— Eu te beijo. — Ele se inclina para roçar os lábios no canto da minha boca. — Quando. — Na minha bochecha. — E onde. — No meu queixo. — Você quiser.

Quando ele se afasta, o silêncio paira pesado entre nós.

— Só preciso pedir, e você me dá?

— Basta *olhar* para mim e eu te dou tudo, Sierra.

Esqueço como respirar.

— Bem diferente da primeira vez que a gente se beijou.

— Ah, você quer dizer a primeira vez que me atacou?

— Ataquei, nada! Você retribuiu!

Seus olhos faíscam.

— Você rebolando em cima de mim tornou impossível resistir.

— Então você foi tomado pela luxúria e não viu nada além dos meus lábios ou pernas.

— Eu não vi além de *você*, Sierra. Ainda não vejo.

Espero não corar, porque não sou de ficar vermelha, mas por algum motivo com Dylan estou sempre brilhando feito um maldito tomate.

— E daí? Você vai me dar aulas? Um guia prático para sua puritana de estimação?

Dylan ri, tão perto que acho que ele vai me beijar.

— O que você quiser, Sierra. Você sabe que não tem ninguém melhor pra te ensinar o caminho do que eu.

Reprimo a reação física que suas palavras causam e tento parecer descontraída.

— Vou pensar no seu caso.

Seu pomo de adão sobe e desce, e vejo sua expressão murchar só um pouquinho.

As luzes ao nosso redor queimam, lançando um calor suave sobre a multidão. Uma a uma, as pessoas acendem suas lanternas, e nós as seguimos. Um lindo brilho laranja nos cerca, criando uma bolha de luz quente. O olhar de Dylan é tão intenso que parece que ele acendeu o fogo no meu peito em vez de a lanterna. Acima de nós, o céu se estende em um azul profundo e aveludado, ansioso para ser pintado de luz.

Eu me lembro de quando planejei vir com Scarlett para esse evento uma vez. Mas foi nosso primeiro ano em Dalton, setembro foi só chuva, e acabou sendo cancelado. Nunca imaginei que estaria aqui com Dylan Donovan.

Há uma rodada de aplausos da frente do grupo, mas estou concentrada demais em Dylan para ouvir. Então, a primeira lanterna sobe, um único orbe dourado se erguendo na noite. Então, uma a uma, centenas a seguem, planando em arcos delicados como vaga-lumes, transformando o céu em um mar de luzes flutuantes. Parecem os adesivos que brilham no escuro do meu teto.

Olho de relance para Dylan.

— Formamos uma boa dupla — diz ele.

Deixo escapar um som evasivo.

— Admita. Formamos — insiste ele.

— É. Formamos uma boa dupla — digo.

Meu olhar volta para nossa lanterna, e a levantamos juntos. Pouco antes de soltá-la, os olhos castanhos de Dylan focam os meus. A lanterna

capta o vento, ondulando alegremente enquanto flutua para cima. Observo-a girar devagar, nossos nomes gravados em ambos os lados, nós dois, lá em cima, nas estrelas.

28

DYLAN

Ela está pirando. Ou, pelo menos, acho que está.

Sierra está em um cantinho, dando três passos, meia-volta, mais três passos e meia-volta de novo. Esses movimentos se repetem pelos últimos quinze minutos. Vejo Scarlett de um lado com uma plaquinha que diz: "Sierra e Dylan vão arrasar!"

Os caras também estão aqui, e com isso quero dizer todo o nosso time de hóquei. Kian e Summer seguram placas com nossos rostos em palitos de picolé. Tenho quase certeza de que Kian está segurando uma vuvuzela e um cartaz que diz: "Seu capitão ordena que vençam!". Ele descobriu que é capitão interino, e nenhum de nós teve uma noite de sono tranquila desde então. O técnico até *me* mandou uma mensagem dizendo para me comportar, porque ele não consegue lidar com Kian sozinho. Os pais de Sierra também estão aqui. Eu estava esperando que me medissem de cima a baixo, mas eles só nos abraçaram. Conversaram um pouco em russo com Lidia e depois me disseram um "cuida dela" antes de se sentarem. Acho que tinha um "senão…" no final, mas não precisaram dizer. Ficou por conta dos olhos azuis gelados do pai dela.

Mexo na gola do meu colete, tentando ajustá-lo. É um azul profundo, quase royal, feito de um material grosso e com mangas levemente bufantes. Nosso figurino é de Rapunzel e Flynn. Os detalhes dourados na saia do vestido rosa de Sierra capturam a luz e brilham a cada passo que ela dá. Seu espartilho tem estampas florais costuradas com fios dourados que se estendem pelo tecido até o decote.

As panturrilhas de Sierra flexionam a cada giro, e percebo que poderia observá-la por muito, muito tempo.

— Ela sempre faz isso? — pergunto a Lidia, que está digitando no celular. Tentei puxar conversa com ela umas quatro vezes, mas ela só resmunga.

Cheguei a espiar e provocá-la para saber se ela estava mandando mensagens para algum peguete, mas o texto é todo em russo, e vai que ela resolve tacar o celular na minha cabeça.

Lidia nem olha para trás, para o estranho ritual de Sierra.

— Só quando está pirando.

Isso me faz pegar a caneta da prancheta de Lidia e ir até Sierra.

— Por que você tá pirando?

Sierra para no meio do caminho.

— Não estou.

— Lidia disse que está. — Quando pego sua mão, ela não a puxa de volta, só me deixa abrir sua palma, vendo as leves marcas de unha e um rostinho feliz desbotado. Retraço o desenho, escurecendo as bordas.

Sierra solta um suspiro divertido.

— Lidia só deve ter dito isso pra você parar de falar com ela. É meu aquecimento, pra me concentrar.

Largo sua mão no momento em que um dos membros da equipe passa correndo por nós até Lidia, sinalizando que somos os próximos depois da equipe russa que acabou de arrasar na patinação livre.

Sierra pega minha mão.

— É agora — diz ela.

— Bem, tecnicamente temos mais uma e depois a final.

Ela revira os olhos, mas sua mão fica firme na minha. Nenhum de nós a solta por um segundo sequer. Nem mesmo quando ela verifica seus patins pela terceira vez, ou quando tenta tirar o rosado das bochechas. Tenho a sensação de que ela precisa desse toque para se centrar, e quero dar isso a ela.

— Tá pronta, Romanova? — pergunto.

Coloco a mão dela no meu peito, o bater constante do meu coração contra sua palma. Ela não hesita ao pegar minha mão para fazer o mesmo. É em momentos como este que a vejo. Não a escuridão que ela pensa que a cerca, mas a garota que brilha. Como um vaga-lume.

— Pronta.

Assentimos em sincronia e partimos.

No hóquei, somos seis no gelo, e o ponto focal do jogo é o disco. Patinação artística é diferente. Nunca parei para pensar no tamanho da multidão — era normal para mim desde criança —, mas agora a atenção está toda focada em nós.

Mesmo assim, não me incomodo. Estou pouco me importando com o que essas pessoas pensam, e sim vendo a maneira como Sierra pisca rapidamente, os olhos se voltando para a multidão e as luzes cintilantes até o holofote acender, e sei que farei tudo o que puder para executar nossa coreografia com perfeição.

A música começa, "Lay All Your Love on Me", do ABBA, e em um instante vejo a versão dela que ganhou um ouro olímpico, a que ela vive correndo atrás. Equilibrada e perfeita. Se ela acha que sou convencido, precisa muito ver esse lado de si. É intocável. Se fosse qualquer outra pessoa, com certeza estaria toda desajeitada, mas eu me alimento da energia dela.

Nossa apresentação é complexa, cheia de saltos, giros, passos e levantamentos. Na sequência de abertura, fico fora da luz, esperando. Sierra avança de braços abertos pela borda externa, com os braços estendidos como se estivesse vendo o mundo pela primeira vez. Deslizo para a frente e, assim que ela se vira, pego sua mão para mostrar Flynn entrando no mundo de Rapunzel.

Patinamos em uníssono, com passos poderosos, ganhando velocidade para entrar em um giro Axel duplo, levando o joelho direito para cima e cruzando no meio da rotação, lembrando ligeiramente a forma de um pretzel, antes de aterrissarmos em sincronia. Diminuímos a velocidade para entrar em nosso primeiro elemento principal — um giro triplo.

Eu a pego com facilidade, mas Sierra pousa um segundo antes do tempo. É quando vejo a primeira falha. Ela desliza para trás, permitindo que eu a segure pela cintura para o primeiro levantamento. Nossa sequência de passos segue — viradas triplas espelhadas, Mohawk rápidos, mudanças profundas de borda. Nós nos entrelaçamos, próximos sem nos tocarmos, olhares fixos. Então, ela pega minha mão e tomamos impulso para um salto triplo com arremesso. Ela agarra meus dedos antes de eu a mandar pelos ares. A arena toda faz silêncio enquanto ela gira — uma, duas, três rotações. Minha respiração para até a lâmina de seus patins tocar o gelo. É limpo. Sem hesitação. Sem interrupção do impulso.

É quase perfeito, mas noto o tremor em sua mão. Tento encontrar seu olhar, entender o que ela está pensando, mas então ela se atrapalha no segundo salto combinado.

Seu sorriso não alcança os olhos, e o próximo levantamento modificado vem cedo demais. Ela hesita, desistindo no meio do caminho e pousando sem jeito no gelo, o pânico estampado no rosto. Está pensando demais agora, seus movimentos robóticos, seus passos meio segundo atrasados.

— Olha pra mim. — O barulho no rinque engole minha voz, mas sei que Sierra me ouve. Quando ela não olha, pego sua mão e seguro com força. O espaço entre nós está eletrificado, a um fio de cabelo de distância, mas poderiam muito bem ser quilômetros. Terminamos com um giro sentado enquanto a última nota da música se transforma em aplausos educados, mas seu olhar não encontra o meu, nem mesmo quando patinamos até o banco para esperar nossas notas.

Como esperado, elas são baixas. Nenhum dos nossos levantamentos teve a dificuldade técnica necessária para uma pontuação alta, mas esse não era o objetivo; Lidia queria que fizéssemos só o suficiente para qualificar. Mas Sierra… ela está se afogando. Seu silêncio, seus ombros curvados, o jeito como ela não consegue olhar para mim — está tudo errado.

— Sierra…

Ela se esquiva do meu toque. Lidia me lança um olhar, como se eu devesse esquecer, só deixá-la se afundar nesse ritual autodepreciativo de merda que ela se impõe. Isso me deixa puto.

— Você não pode fazer isso comigo — digo em voz baixa.

Ela abaixa a cabeça e pisca rapidamente, como se estivesse tentando afastar as lágrimas. Há algo tão frágil nisso, a maneira como ela enverga, mas não quebra. Como parece tão *jovem* e vulnerável.

Levanto seu queixo, fazendo-a me encarar, mas seus olhos permanecem fixos no chão. Acho que nunca conheci ninguém tão teimoso quanto ela. Há uma pontada de desespero em mim que precisa ver os olhos dela, precisa saber que isso não vai ficar gravado na cabeça dela.

Meus lábios mal roçam sua orelha.

— Você não vai chorar — sussurro, a voz rouca. — Não dê isso a eles. *Ninguém* merece suas lágrimas.

Quando me afasto, há um brilho em seus olhos. Verdes, como a luz do sol se infiltrando pelas folhas depois de uma tempestade. É uma pequena faísca, mas é o suficiente.

— Tá me ouvindo? — insisto, minha voz mais suave agora, quase implorando.

Ela engole em seco quando assente. Lentamente, ela pisca, deixando as lágrimas recuarem sem cair. Sua coluna se endireita, seu maxilar se contrai e sua confiança habitual cobre as rachaduras. Sei que é só uma fachada, mas é o suficiente para segurar a onda.

Isto é, até Justin Petrov e Julia Romero entrarem no gelo. Sierra gruda os olhos neles como um predador em sua presa, mas não há luta em sua postura, só tensão aumentando a cada movimento perfeitamente sincronizado. Como se estivessem em outro nível. Fortes, rápidos e perfeitos de um jeito anormal. Os dois minutos e quarenta segundos parecem mais longos do que qualquer jogo de hóquei que já joguei, o tipo de tempo que te faz consciente de cada batimento cardíaco.

Então, as notas deles saem. Mais altas que as nossas.

Meu olhar se volta para Sierra no momento em que ela fica imóvel. Ela contrai os ombros, como se tivesse levado um soco, e juro que consigo vê-la se desfazendo, agonizando, pedaço por pedaço. Sei que já é tarde demais. Porque chegamos raspando em terceiro lugar.

29

SIERRA

Terceiro. Bronze. O lugar mais baixo do pódio.

Patino há dezesseis anos, tirando o tempo que passei no hospital, mas nunca fiquei em último lugar. Nem mesmo em competições juvenis. Na patinação artística, o terceiro lugar não é o último tecnicamente, já que há pelo menos oito equipes aqui, mas é o último em todos os sentidos que importam.

— Como? — sussurro mais para mim mesma.

Mas Lidia me encara com um olhar tão sério que seguro as lágrimas. Ela sabe que não quero dizer "como tivemos uma pontuação tão baixa?". Eu sei por que isso aconteceu, senti tudo no meu corpo. Deveria ter tomado meu remédio. Quero dizer, *como* vou compensar tantos meses perdidos nas próximas semanas? *Como* posso melhorar mais do que já melhorei? Sei que sou resiliente e determinada ao extremo, e nada nunca me impediu antes, mas essa nova voz na minha cabeça que se agarrou à minha determinação é difícil de calar. Tento acalmar a dúvida viscosa que escorre pelos meus pensamentos.

— Como sempre fazemos — diz Lidia simplesmente. — Sem desistir.

Há tanta convicção em suas palavras que não consigo refutar, mas uma parte de mim se pergunta por que faço isso. Se vale a pena a dor. Eu costumava pensar nessa possibilidade, até sonhava com isso algumas noites. Ficou mais evidente depois do acidente, quando eu ficava sentada na cama por horas imaginando onde estaria se não tivesse escolhido esta vida. Se pudesse ser outra pessoa. *Fazer* outra coisa. Mas este esporte faz parte do meu ser de um jeito que não posso dar as costas para minha alma.

Um toque quente e firme permanece no meu braço. Dylan está me observando com um olhar cauteloso que me tira um pouco do sério. Nunca imaginei que seria eu a fracassada. Tinha sido tão dura com ele por cada erro que, agora, ver o jeito que ele tentou corrigir no meio da apresentação para salvar todos os pontos possíveis só para eu não estragar tudo faz meu peito doer.

— Vou ficar bem. — Engulo a dor da derrota que amarga minha língua na esperança de que ninguém mais tenha que sentir o gosto dela.

— Não estou pedindo pra você ficar — diz ele.

Meu olhar se ergue para o dele, e é como se a tensão finalmente tivesse se dissipado de seus ombros.

— Eu entendo, tá? Na primeira vez que perdemos um jogo importante, levei uma semana para me recuperar. Joguei uma partida péssima e minha raiva tomou conta de mim. Então, acredite, eu entendo. Mas esta apresentação não define o que vai acontecer daqui pra frente. A gente ainda tem tempo de melhorar antes da próxima.

Minhas competições se estendem por um ano. Para Dylan, ele jogou quase quarenta partidas em uma temporada, é como se fosse uma competição a cada vez. Se tem alguém que entende, é ele.

Os locutores anunciam nossos nomes, e tento tirar a carranca do rosto quando patinamos em direção ao pódio, o terceiro lugar iminente como um tapa na cara. Cerro os dentes, engolindo a dor da decepção, mas não é fácil. Justin e Julia deslizam de mãos dadas, arrogantes pra cacete, assumindo o segundo lugar. Meu queixo treme, mais de raiva, mas me contenho porque Dylan está me observando com tanta atenção que sei que ele vai perceber.

Sua mão luta contra o punho fechado que cerrei, entrelaçando delicadamente seus dedos entre os meus. Ele me aperta tão forte que parece que vai me partir ao meio. Não consigo me mexer. Não consigo me afastar.

Então avisto Justin, e desejo não o ter visto. Ele olha para a mão de Dylan entrelaçada com a minha, depois me olha rapidamente antes de mexer os lábios sem som: “Âncora”.

A palavra me atinge como um soco forte que teria me derrubado do pódio se Dylan não estivesse me segurando com tanta força.

Âncora.

Ela afunda, arranha meu peito e dá uma volta implacável. Era nossa. Uma promessa, algo a que nos apegamos quando todo o resto parecia inquietante, mas não é verdade. Não sei se algum dia foi. No entanto, a palavra vem com a lembrança de cada vez que foi dita, que me fez sentir importante o bastante para alguém me abraçar, me manter firme, ficar comigo. Agora, é uma afronta.

Quando desvio o olhar, vejo Dylan encarando Justin com ódio, que logo disfarça, provavelmente percebendo que não teria a menor chance contra um jogador de hóquei brigão de 1,95m.

Depois disso, a cerimônia de premiação passa como um borrão, porque a pressão no meu peito é insuportável. Largo as flores no banco, e Lidia não me impede quando tiro os patins e me dirijo para a porta. Vou direto para o meu carro, antes que a multidão se aglomere na saída.

— Sierra. — Dylan segura meu cotovelo no momento em que meus dedos roçam a maçaneta da porta.

— Eu tô bem — digo, mais ríspida do que pretendo, forçando uma respiração pelo peito apertado.

Dylan se aproxima, minha respiração acelerando e quebrando no silêncio entre nós. Ele está tão perto que dá para sentir seu cheiro. Então, seus dedos percorrem a pele nua das minhas costas, dançando ao longo da renda, acendendo um calor onde quer que toquem. Ele envolve a mão no tecido em volta do meu pescoço, segurando firme antes de puxar e desfazê-lo. A súbita lufada de ar enche meus pulmões, e quase desabo para a frente contra o meu carro, finalmente conseguindo respirar direito.

— Eu só preciso de um pouco de espaço — sussurro.

Vejo o movimento de sua cabeça no reflexo da janela do meu carro, aquele movimento desamparado, quase resignado, que faz a culpa se enrolar mais forte em mim.

— Pode chorar, gritar ou quebrar coisas se precisar. Seja o que for, pode contar comigo. Vou ficar do seu lado em tudo isso — promete ele.

Não me mexo. Acho que não conseguiria nem se quisesse.

Quando não falo, ele encosta a testa na minha nuca tão suavemente que me pergunto se está mesmo ali. Mas quando sua voz ressoa baixa, quente contra o frio cortante da noite, arrepios surgem na minha pele.

— Não faz isso — sussurra ele, o calor de sua respiração agitando o silêncio entre nós. — Não vai pra onde eu não posso te seguir.

Suas palavras me cortam como uma lâmina de patins cega muito perto da minha garganta. Foi realmente isso que virei? Uma pessoa confinada dentro da própria mente, numa torre alta demais para escapar?

— Não sou de fazer isso. Nunca foi assim antes. Justin nunca me deixou…

— Eu não sou ele.

— Eu sei. — Com isso, puxo a maçaneta e entro no carro, fechando a porta. Quando dou a partida e vou embora, evito olhar para ele pelo retrovisor.

Dylan
Fiz uma enquete aqui em casa e chegamos ao consenso de que Dale Thunderman é, de fato, um gostoso.

A mensagem me faz sorrir. Dylan tem me enviado seus pensamentos aleatórios desde ontem à noite, nenhum deles a ver com o torneio ou minha reação. Ele também me manda selfies. Esperava que estivesse bravo ou magoado — ambos seriam válidos. Mas ele não me faz sentir culpada de forma alguma; está me tratando como sempre. Como se eu tivesse permissão para ser do jeito que sou, e isso não o afastasse.

Ainda tem uma dor aguda no meu peito que me seguiu até em casa depois que ele praticamente implorou para eu não dar um gelo nele, mas aprecio o sentimento, mesmo que não tenha forças para nada além de uma resposta capenga de emoji.

Não consegui processar nada ontem à noite. Não deu. A única maneira de seguir em frente era deixando a derrota de lado, então evitei pensar nela o dia todo. Quando meu despertador tocou esta manhã, fui direto para uma aula de pilates em West Hartford. Depois disso, me afoguei em simulados de Ciência Forense e Cinesiologia, e mal tive tempo para almoçar antes da aula de balé da universidade.

Escolhi fazer Cinesiologia porque combinava com patinação, mas no meu último ano, não parece o caso. Nos dias em que minha agenda não bate, assisto aos vídeos de Sage Beaumont e sigo seus tutoriais rápidos de passos que também funcionam no gelo.

Mas hoje decidi ir à aula. Não podia voltar para um dormitório vazio e ruminar sobre todos os erros que cometi ontem à noite.

Enquanto me alongo antes de a aula começar, a porta se abre. Justin Petrov entra, vestindo meia-calça e uma camiseta comprida. Ele parece maior do que eu me lembrava. Ainda maior do que algumas semanas atrás. Também notei isso na apresentação. Mas ele ainda me parece tão familiar, alguém que vi quase todos os dias durante quatro anos, que minha mão até treme para acenar. Porém, me afasto e volto a ser a garota que me tornei depois dele.

Justin toma o lugar ao meu lado mesmo assim, como se ainda pertencesse ali.

— Oi, rainha do gelo.

Quero dizer para ele parar de me chamar assim, mas não dou essa satisfação. Ele só repetiria ainda mais, tentaria me irritar até eu explodir, depois diria que eu era muito reativa.

— Qual é, ainda não tá falando comigo? Você é melhor do que isso, Sierra.

A lembrança da provocação dele me faz cerrar os punhos. Respiro fundo, parecendo impassível.

— Oi, Justin.

— Como vai seu atleta?

A pergunta me pega de surpresa. É a primeira vez que ele demonstra interesse em Dylan. Justin é sempre tão cortês, tão educado, que a alfinetada no meu parceiro faz o canto do meu lábio se erguer.

— Ótimo — respondo.

— Sinto muito por ontem à noite. Mas também o que você esperava de um jogador de hóquei maconheiro? — Ele ri secamente enquanto a turma se acomoda. — Pelo menos parece que ele está voltando às raízes, embora seja só questão de tempo até ele estragar tudo, como na sua apresentação.

Suas palavras doem. Dylan *salvou* nossa apresentação. Ele é o único motivo pelo qual chegamos àquele pódio. Uma proteção feroz me queima por dentro.

Foda-se esse papo de bancar a superior. Eu me aproximo, com os olhos fixos nos dele.

— Fala do *meu* parceiro de novo e você vai se arrepender de ter aberto a boca — ameaço. — Nunca mais quero olhar na sua cara, Justin, porque fica cada vez mais difícil fingir que você não é um covarde de merda. — Minha voz falha, e desta vez não me importo se ele percebe.

— Você não tá falando sério, Sierra. Eu me importo com você. A gente é âncora um do outro…

Pego minha bolsa e saio da aula. Uma parte de mim odeia ter dado essa satisfação, mas hoje não dá. E mesmo que eu diga a mim mesma para não pensar nas palavras dele, algo ainda me faz ir até a arena.

O treino barulhento de hóquei está a todo vapor, e eu o vejo na hora. Talvez porque tenha memorizado como o corpo de Dylan se move em cima dos patins. Ou como a presença dele preenche todo o espaço, maior do que a própria arena. Ele é rápido e implacável no gelo, manobrando ao redor dos cones com o disco colado ao taco, trombando nos defensores, arremessando na rede.

Dylan parece feliz. Parece pertencer ali, fazendo outra coisa em que é ótimo. Tudo o que eu tenho é patinação artística, ou seja, o deixei entrar em todos os aspectos da minha vida. A ideia de fazer isso sem ele faz meu peito queimar.

É muito raro uma pessoa dar a sorte de conquistar o que sempre sonhou, mas, mesmo que eu tire o acidente da equação, é difícil definir se realizei meu sonho ou se ainda estou tentando encontrá-lo. Parece que tenho que escolher entre a felicidade ou meu sonho, quando todo esse tempo pensei que eram a mesma coisa.

O peso da perda me atinge, então. Tenho que ser melhor por conta própria. E só conheço uma maneira de fazer isso.

30

SIERRA

Câimbra na panturrilha é uma merda.

Sacrificar tudo de si por um esporte tão implacável que te deixa toda roxa e machucada também é uma merda. Fui andando até a pista de gelo que fica a poucos minutos do campus. Não é muito bem conservada, mas, com as regras rígidas de Dalton, é o único lugar público aberto àquela hora, e não dava mais para ficar só parada, *pensando*. É cansativo pra caramba ficar repassando minhas constantes preocupações, inseguranças e flashbacks se acumulando e surgindo de todo lugar. A chama da patinação está começando a se apagar para mim. Um fósforo que tento manter aceso, só para uma rajada de vento passar e deixar apenas fumaça preta.

Vou forçando os limites, sentindo a queimação nos músculos enquanto acelero em um salto que eu nem deveria estar tentando. Um Lutz, limpo e preciso, mas quando aterrisso na superfície irregular, tropeço e caio de joelhos. Hoje, faz frio o bastante para deixar minha pele dormente, então mal sinto a dor.

Uma parte doentia de mim gosta de lembrar ao meu corpo que sou eu quem mando aqui. Ele não pode só desistir um belo dia e decidir que acabou. Quando tento outro salto, caio de novo, soltando um som de frustração ao me levantar com as pernas trêmulas.

— Mas que porra que você tá fazendo?

A voz grave corta o som dos meus patins. Paro no centro, me virando e encontrando Dylan parado na beirada, me observando. Seu cabelo cacheado está pingando de chuva, suas bochechas estão um pouco rosadas de frio, e ele está usando um casaco com capuz e calça de moletom preta, vindo direto do treino. E parece puto.

Percebo que nunca o vi com raiva antes. Ele é cheio de piadas e flertes, mas agora está tão bravo que consigo sentir daqui.

— Precisa que eu fale mais devagar? — pergunta como um babaca condescendente. — Que porra você tá fazendo?

— Patinando. Já ouviu falar? — Mal consigo responder, respirando com dificuldade.

— Nessa pista caindo aos pedaços. E você saltando como se fosse gelo olímpico. Tá pensando o quê?

Nada.

— Vai ficar aí até tropeçar num buraco e torcer o tornozelo? Eu te levo em um rinque de verdade pra você ferrar com todas as suas articulações. Sai daí. Agora, Sierra.

Odeio o quanto ele está puto e certo. Também odeio o tanto que ele fica gostoso assim, com raiva.

— Preciso praticar — murmuro.

Seu olhar endurece.

— Praticar sua idiotice? Porque isso não precisa, já tá arrasando.

Eu o encaro.

— Não pedi pra você vir aqui, Dylan.

— Ah, mas que pena, Sierra. Porque tem gente que se importa com você. Tipo Scarlett, que estava no rinque te procurando. Lidia, que disse que você não atendia às ligações dela. *Eu*. Então, não, você não tem o direito de sair e patinar quando deveria estar descansando.

— Descansando do quê? Eu fui péssima ontem à noite!

— Então vai se castigar por isso? — Os olhos dele se estreitam. — Você acha mesmo que vir aqui pra esse gelo de merda sem se aquecer, sem sua treinadora, sem seu *parceiro*, vai ajudar?

— Já fiz isso sozinha muitas vezes antes.

— Eu tô pouco me fodendo pra antes. Você não pode fazer isso. Comigo, não.

Vergonha e constrangimento me corroem completamente. Estou repetindo o mesmo padrão, igualzinho ao ano passado. Afastando as pessoas, tentando fazer tudo sozinha. Não era justo com ninguém.

Olho para o gelo não muito sólido.

— Preciso praticar. Preciso fazer alguma coisa.

— O que você tá fazendo é me deixar puto.

— Então pelo menos realizei alguma coisa hoje.

Ele me encara direto nos olhos. Claramente, não está no humor para brincadeiras.

— Vem aqui e fala isso de novo.

Acho que estou sorrindo, mas meu rosto está dormente demais para perceber.

— Vem me pegar.

— Tem certeza? — pergunta Dylan. — Porque se eu chegar aí, Sierra, você só vai embora com a bunda pra cima.

Meu coração dispara mais do que já estava. Dylan começa a andar antes mesmo de eu ameaçar:

— Você não ousaria.

— Até parece que não me conhece.

Minhas pernas estão tão exaustas que não consigo deslizar rápido o suficiente.

— Não chega perto de mim.

— Já que não posso te seguir para dentro da sua cabeça, vou te seguir para todos os outros lugares — diz ele, e então chega bem perto do meu ouvido, tão perto que sinto um arrepio percorrer meu corpo. — Não fuja de mim.

Perco o fôlego e começo a gaguejar.

— Eu… eu vou te cortar. Não encosta.

— Pode vir, Romanova. — É tudo o que ele diz antes de envolver um braço na minha cintura e me jogar por cima do ombro feito um saco de batatas. Solto um grito, agudo e ofegante. Meu abdômen dói com o esforço e com o ombro dele pressionando minha barriga.

Minhas roupas estão quase encharcadas. Minhas mãos, tão frias que não consigo senti-las, nem mesmo quando tento arranhar as costas dele. Ele nem reage.

— Babaca — resmungo.

— Pentelha — rebate ele.

Já desisti de pensar em formas que poderia machucá-lo quando chegamos ao carro dele, lá fora. Ele abre a porta e me joga no banco, com mais força do que o necessário. Quando sibilo de dor, provavelmente por causa dos hematomas se formando na minha bunda, seu olhar ainda cintila com um lampejo de preocupação.

Mas então ele se agacha e desamarra meus patins de um jeito gentil, muito mais gentil do que a expressão dura em seu rosto. Meu coração desacelera, e o arrependimento também me invade.

— Desc…

O olhar que ele me lança é penetrante o suficiente para me fazer calar a boca. Ele tira meus dois patins e os coloca no vão dos pés. Depois, ajeita meu corpo inteiro sem esforço algum para que eu fique de frente.

— Dylan…

Ele fecha a porta, e dirigimos em silêncio. Só quando passamos pela Casa Iona é que olho para sua expressão indecifrável.

— Você passou do meu dormitório — sussurro.

— Eu sei — diz ele, em voz baixa.

— Então pra onde tá me levando?

Ele suspira, me lançando um olhar de soslaio.

— Tô te levando pra casa, Sierra.

— Onde é "casa"? — pergunto.

— Comigo.

31

DYLAN

Sierra gosta de se punir. E não daquele jeito gostoso, que posso até ajudar.

Percebi isso no fato de ela nunca sair ou levar um lanche para o treino. Como se não merecesse nem o simples prazer de uma barra de cereal ou um sanduíche. Agora, vê-la ali, de pé no meio do meu banheiro, me deixa tão inexplicavelmente bravo que mal consigo olhar para ela.

Quando fui ao dormitório para vê-la, Scarlett já estava saindo para fazer a mesma coisa. Ela achou que Sierra estava no rinque, porque nunca perde o jantar. Meu coração ficou apertado até conseguir encontrá-la.

— Toma.

Entrego uma toalha, mas ela não a pega. Seu olhar aquece meu rosto, mas não olho. Não *consigo*. Se eu vir o corpo dela encharcado e tremendo, ninguém garante que não vou sair por aí e encher a cara de Justin Petrov de porrada. Tudo o que ela disse lá no gelo deixou claro que aquela mentalidade dela é resultado de todas as coisas ruins que aprendeu patinando com ele. Que ela só tem valor se seu desempenho for bom. Palhaçada.

E sei que ter visto o maldito vídeo só aumentou meu ódio. Não queria vê-la daquele jeito, mas quando o Kian mostrou, assisti a alguns segundos antes de quase quebrar o celular dele.

Justin claramente a derrubou. Não era para ela ter se machucado daquele jeito, muito menos passado meses tentando consertar a situação enquanto todos os outros só seguiam em frente.

— Toma, Sierra. Você precisa tomar um banho, senão vai ficar doente.

— Aqui? — Sua voz está mais rouca do que o normal, desgastada pelo grito de frustração que ela soltou no gelo.

— É, no meu chuveiro.

Não espero que ela responda. Em vez disso, me aproximo e aumento a temperatura da água para ela. O silêncio se estende entre nós, pesado e tenso.

— Por que você não tá olhando para mim? — A voz de Sierra treme com uma ponta de mágoa.

Engulo em seco, mantendo o olhar fixo na torneira.

— Porque não quero dizer a coisa errada e ver você voltar pra dentro da sua cabeça. Quero você aqui.

O que não espero é que Sierra agarre meu ombro, me puxando para encará-la. Seus olhos brilham de irritação.

— É isso que você acha de mim? Que sou maluca? — ela exige saber. — Eu não pedi sua ajuda, Dylan.

Uma espécie de vazio percorre seus olhos da cor do campo, como um gás tóxico apagando o fogo que eles geralmente carregam.

— Mas devia ter pedido — respondo, um pouco ríspido. — Porque quando falei que estava do seu lado, Sierra, você escolheu ir sozinha. Preferiu ir patinar num gelo de merda em vez de ficar comigo.

Ela suspira, brincando distraidamente com a bainha molhada do suéter, o peso das minhas palavras pairando no ar.

— Eu… É que… — Ela murcha, como se estivesse derrubando uma parede. — Se eu não for perfeita, tudo isso terá sido em vão — diz ela baixinho. — Todo o tratamento no hospital, os anos de treinamento, as Olimpíadas. Significa que cada pedacinho quebrado, podre, esmigalhado de mim não vai valer de *nada*.

Ela cai no choro, seus ombros tremendo com a força dos soluços. Não pergunto desta vez, só a puxo para os meus braços, e ela agarra minha camiseta. Suas lágrimas são quentes, encharcando o tecido, e parece que meu peito está rasgando no meio.

Esfrego suas costas.

— Põe pra fora. Tô aqui com você.

Ela funga.

— Como é que uma pessoa que tem saúde, carreira e pessoas queridas acaba perdendo tudo em questão de minutos? Meu corpo não me obedece

mais. Não posso nem contar *comigo mesma*. Eu estava no auge, e agora não consigo nem pisar naquele gelo sem sentir que vou *quebrar*.

Sua voz falha na última palavra.

— Eu amo esse esporte há tanto tempo, Dylan, mas tô começando a odiar — continua ela. — Odeio o que ele fez com o meu corpo, odeio o que fez com a minha cabeça e odeio a pessoa em que me transformou. Sempre pensei que ganhar o ouro ia ter algum significado. Mas aí, não senti nada, e tentei de novo. No entanto, quando bati a cabeça no gelo, perdi tudo. Depois vi tudo de novo na internet, porque ninguém teve a decência de apagar aqueles vídeos. Parece que tenho uma maldição, sei lá. — Ela mal consegue falar em meio aos soluços. — Às vezes, parece que a antiga Sierra tá tão distante de quem sou agora, que se eu tivesse a chance de voltar, nem a reconheceria mais.

Eu me afasto para segurar seu rosto.

— Você não merecia nada disso, Sierra. Sinto muito que tenha passado por tudo isso sozinha.

Sierra balança a cabeça.

— Mas eu não estava sozinha…

— Sinto muito que você tenha pensado que as pessoas mais próximas a você não entenderiam — corrijo.

Seus lábios tremem, e então seu corpo inteiro, de uma forma tão incontrolável que meu abraço não é o suficiente para fazer parar. Eu me sinto tão inútil, desesperado para fazê-la rir, se sentir melhor. Mas quando ela se aproxima e se apoia em mim, sei que confia em mim para mantê-la firme.

— Você ainda tá aqui, Sierra — sussurro. — Fazendo tudo de novo e dando tudo de si. E sei que você passou muito tempo achando mais fácil suportar tudo sozinha, mas não precisa mais. Não quando estou aqui.

Ela não se afasta quando enxugo as lágrimas do seu rosto com delicadeza.

— Odeio chorar.

— Não devia — digo suavemente, meu polegar limpando as lágrimas e meu coração doendo por ela. — Não é pra gente ter só uma emoção de cada vez. Você pode chorar, e isso não te torna fraca. Levei um tempo pra perceber que colocar pra fora não é uma coisa ruim.

— Você também achava que era ruim? — Ela me encara através dos cílios molhados.

— Quando eu era criança, minha mãe nunca chorava na minha frente. Então eu achava que era um segredo, sei lá, que não era pros outros verem. Mas agora sei que não é verdade. Não precisa se esconder de mim.

— Eu não quero que você ache que sou fraca.

Isso me pega de surpresa, porque não consigo entender como ela não vê como é corajosa.

— Nunca ia achar isso de você. Você é a pessoa mais forte que conheço.

Seus olhos verdes são uma floresta depois da chuva. Tempestuosos.

— Comecei a odiar o Justin, sabe. Eu estava de repouso, só pensando que queria que *ele* tivesse caído, e não eu. E sei que é horrível pensar isso, mas estava tudo tão insuportável, por dentro e por fora. Eu queria que ele entendesse por um segundo como era.

— Posso fazer ele entender o que é dor, ficaria feliz até. Basta você mandar.

Ela solta uma risada chorosa. Acho que não percebe que estou falando sério. Era só ela dizer, e todo mundo entenderia muito bem a minha fama de *brigão*.

— Não posso deixar meu parceiro ir preso. Ainda temos outra competição.

— Depois dela, então?

Seu sorriso vacila quando seu olhar se fixa no meu, uma percepção devastadora se instalando.

— A gente *tem que* ganhar, Dylan.

Sinto um nó na garganta.

— A gente vai.

Ela assente, como se estivesse tentando acreditar em mim dessa vez.

— Então, da próxima vez que você quiser sair desembestada pra patinar, me chama, que vou junto.

— Bom, você meio que não estava livre, né — murmura ela, se afastando.

Merda. Eu deveria ter contado a Sierra sobre o hóquei. Me permitiram voltar para o time, mas, depois que ficamos em terceiro na prova, não tinha clima de comemorar com ela, pois sabia o quanto estava sofrendo.

— Não precisa me dar satisfação — diz ela rapidamente. — Sei que o hóquei é importante pra você.

— Você é importante pra mim.

Ela me observa com atenção, como se tentasse detectar uma mentira ou descobrir se me ouviu errado. Nenhum de nós fala nada — ela porque está brigando com o significado das minhas palavras, e eu porque quero que entrem naquela cabeça-dura.

Ela sorri, então. Quase me mata. Lá está ela de novo. A garota de coração mole e machucado.

Quando outro arrepio a percorre, eu a solto para que ela possa tomar banho. Mas antes que eu possa sair, sua mão segura meu punho.

Ela engole em seco, e vejo sua garganta subir e descer.

— Você não tem que tomar banho também?

Se meu coração já não tivesse parado, pararia agora mesmo. Ela está oferecendo? *Puta merda*. Acho que não consigo recusar. Mas tento ao máximo pensar com a minha cabeça de cima, e não com a que já está hasteando bandeira, com o sangue descendo, me deixando embasbacado.

— Aham.

Decido não mencionar os outros quatro banheiros da casa.

— Vem comigo? — Sierra se aproxima e coloca a cabeça no meu peito. — Não queria ficar sozinha.

As palavras criam fissuras dolorosas no meu coração, e paro de respirar por um momento. Ela vinha tentando se virar sozinha esse tempo todo, mas agora é a *mim* que ela quer.

— Preciso de você, Dylan — sussurra ela.

Uma pontada se aloja no meu peito. Ninguém nunca teve essa mesma intenção — ninguém nunca precisou de mim *por mim*. Já ouvi essas palavras em momentos de desespero, perdidas no prazer de um orgasmo, mas nunca assim. Nunca com tanta vulnerabilidade e certeza.

Com um movimento rápido, Sierra arranca o suéter encharcado, deixando-o cair no chão com um barulho úmido. Sua regata branca gruda na pele, e ela tira a legging, deixando apenas a calcinha. Ela fica ali, de pé no meio do meu banheiro, seminua, como se me desafiasse a olhar.

Minha garganta está tão seca que parece que engoli giz. Já tive garotas nuas na minha cama antes, mas nunca aqui, na solidão do meu banheiro, onde tudo parece muito real e íntimo. E nunca Sierra.

Então seu olhar cai para minha calça jeans, e algo toma conta. Algo muito mais inteligente. Eu a desabotoo e a deixo cair com minha camiseta, ficando só de cueca boxer. Quando pego sua regata, ela me impede. Sei que é por causa de suas cicatrizes e gostaria de poder fazê-la ver como ela é linda, por dentro e por fora. Em vez disso, eu a guio para baixo do chuveiro. Ela suspira de contentamento quando a água quente atinge sua pele.

Estou encharcado, e a blusa e a calcinha dela também, mas não me permito olhar. Muito. Só de vê-la aqui, no meu chuveiro, um lugar onde ninguém mais esteve, me deixa muito exposto. Quando suas mãos pressionam meu peito, é quase como se ela tentasse aliviar a queimação que está ali. Como se soubesse, sem que eu precisasse dizer.

Os dedos de Sierra descem, testando os limites de onde ela pode me tocar. Eu a deixaria me tocar como quisesse, só com uma palavra, mas não é disso que ela precisa agora.

A água cai em cascata sobre nós, tamborilando suavemente contra os azulejos, mas parece distante em comparação com a pulsação estrondosa nos meus ouvidos. Quando olho para ela, sinto meu coração tentando sair do peito.

— Por que você foi me procurar? — pergunta ela de repente.

Porque sou incapaz de te deixar sozinha, por mais que provavelmente devesse.

— Porque somos parceiros.

Horas depois, deixo que ela se troque enquanto vasculho a geladeira. Os caras chegam com pizza no momento em que Sierra sai do meu quarto, sumindo na minha camiseta e calça de moletom, com o cós enrolado pelo menos quatro vezes para não arrastar no chão.

Summer entra, parando ao lado de Kian no momento em que Cole e Sebastian acenam para Sierra e levam uma caixa para a mesa de jantar. Summer e Kian ficam se acotovelando, e reviro os olhos.

— Oi, Sierra — cumprimentam os dois.

Kian olha para ela com as minhas roupas, e Summer sorri como se tivesse descoberto um grande mistério.

— Olha, eu tenho roupas lá em cima. Se quiser alguma coisa emprestada, é só me avisar — oferece Summer. Então ela mexe os lábios sem som: "Me conta tudo" antes de subir para o quarto de Aiden.

— Eu estava no seu dormitório agorinha — diz Kian para Sierra.

— Ah, é? — nós dois perguntamos. O que ele foi fazer lá?

— Estou no grupo de estudos da Scarlett — responde ele, enigmático. — E vocês dois, estavam fazendo o quê?

Sierra me olha de relance, então pego as caixas de pizza das mãos de Kian.

— Vendo vídeos das apresentações.

Ele apenas solta um murmúrio em resposta e muda de assunto:

— Olha que loucura. Sabia que, quando conheci Dylan, ele ralou o joelho no hóquei de rua e ficou lá chorando até a mãe dele chegar?

Sierra faz beicinho para mim, fingindo compaixão.

— Não é loucura eu ter te conhecido quando você ainda chamava nossas professoras de "mãe"? — retruco.

— A senhora Marple era gostosa. Eu queria era chamá-la de "mamãe". — Kian dá de ombros, completamente imperturbável.

Dou uma cotovelada nele e coloco os pratos na mesa de jantar. Summer e Aiden também descem, encontrando seus lugares à mesa. Ainda temos o hábito de fazer as refeições juntos desde que Eli nos ensinou isso.

Sierra vem se sentar ao meu lado, e Kian se senta do lado oposto dela. Mesmo quando ele conta mais uma das minhas histórias constrangedoras, só consigo prestar atenção em sua gargalhada solta. E no fato de que farei qualquer coisa para que ela vença aquela competição.

32

SIERRA

Falta uma semana para nossa segunda competição. Lidia nos permitiu um ensaio mais curto hoje, já que Dylan e eu acertamos os dois programas com facilidade. Como conseguimos fazer os levantamentos perfeitamente no torneio, ela quer aproveitar o embalo. Se tivermos sorte, podemos chegar à final do Grand Prix com base nas nossas notas da Sênior B.

Dylan tem alternado entre hóquei e patinação artística, e está exausto, embora nunca vá admitir. Ele brinca menos, não deixa a mão "escorregar" da minha cintura para a minha bunda nem provoca Lidia sobre um possível namorico por mensagem. Achei que ele pudesse ter ficado doente desde aquele dia no rinque mequetrefe. As coisas mudaram desde que tomamos banho juntos. Eu esperava que ele me visse de um jeito frágil agora, mas Dylan me trata com a mesma habilidade e certeza constantes.

Então, quando ele me convidou para ir para a casa dele depois do treino de hoje, insistindo que faz o melhor queijo-quente do mundo e que eu tinha que comer fresquinho, não consegui dizer não. Do meu lugar no balcão da cozinha, eu o observei cortar o sanduíche na diagonal e depois se recostar com aquele sorriso presunçoso enquanto eu devorava tudo.

— Pode admitir que estava bom. Não vou me gabar. Prometo — diz Dylan enquanto seca a louça.

— Já comi melhores — respondo, alongando o pescoço com um suspiro.

— Sempre teimosa. — Dylan me olha. — Dolorida?

— Meus ombros tão me matando. E eu não esperava que meus tornozelos ainda doessem tanto a essa altura.

— Acho que isso nunca passa. — Dylan joga o pano de prato no balcão. — O que você acha de ficar molhada?

Um calor desconhecido se acumula no meu estômago.

— Se você me espirrar água com a torneira da pia, vou te bater com essa panela. — Aponto para a frigideira de ferro fundido no fogão. — E se for uma piadinha sacana, vou te bater mesmo assim.

Ele balança a cabeça.

— Eu quis dizer na banheira de hidromassagem.

Olho ao redor, como se alguém pudesse entrar.

— Você e eu? — pergunto quase num sussurro.

— Não tem mais ninguém aqui. Tá usando alguma coisa por baixo disso? — Seu tom é tão casual que faz meu coração disparar.

Sigo seu olhar até meu suéter largo e curto e minha calça cinza de ioga. Seu olhar se demora, e odeio saber exatamente o que ele está pensando.

— Ah, tô sim, *mãe* — digo, ignorando o calor subindo pelo meu pescoço. — Não tenho o hábito de sair por aí sem roupa de baixo.

— Não sabe o que tá perdendo.

Franzo o rosto.

— Eca. Não vou entrar na sua hidro de jeito nenhum.

Ele ri.

— Brincadeira. Bora lá, vai aliviar a dor.

Ele já está se afastando, sem me dar espaço para discutir. Quando pega duas toalhas para nós e eu o sigo pelas portas de correr, vejo a banheira com o rosto de Aiden Crawford estampado, com o anúncio da bebida Slink que eu via em lojas de conveniência.

Meu sangue parece ferver quando Dylan tira a camiseta, ficando só com o short mais curto que já o vi usar. Eu me permito observá-lo, mas quando seus olhos encontram os meus, viro de costas. Saio rebolando da calça de ioga, feliz por ter usado um conjuntinho combinando hoje. Instintivamente, tento cobrir minhas cicatrizes com o braço, mas Dylan não está olhando para mim, então subo rapidamente pela borda, e quase gemo quando afundo na água, centímetro por centímetro.

— Tá gostoso? — pergunta Dylan.

Jogo a cabeça para trás, com os braços apoiados na borda.

— Delícia.

Os únicos sons entre nós são as bolhas e meu suspiro ocasional de prazer quando os jatos batem nos pontos certos de minhas panturrilhas ou glúteos, literalmente curando onde dói.

— Por que você tá aí tão longe? Tá com medo de mim, Romanova? — desafia.

Levanto uma sobrancelha.

— *Você* tá?

— Apavorado. — Ele dá um sorrisinho, seu olhar penetrante descendo para o meu peito.

Uma onda de confiança me invade. Chego mais perto, até que meus joelhos tocam os dele, e Dylan me observa com intensidade inabalável, os braços apoiados na borda, sentado como um rei.

O ar frio arrepia minha pele, e estou muito consciente de seus olhos errantes, observando meu sutiã vermelho, a extensão nua da minha barriga e cada parte de mim que costumo tentar esconder. Seu olhar não vacila, mas também não é invasivo. É reverente. Como se ele estivesse me gravando na memória, centímetro por centímetro.

Quero lamber as gotas de água do seu peito. O pensamento quase me faz recuar completamente, mas acho que é culpa daquele olhar dele, que me hipnotiza e me leva a montar nele.

Dylan fica imóvel, depois ajusta os quadris antes de se inclinar ainda mais para trás comigo em seu colo. Seu olhar desce para o meu peito, depois volta para cima, tão indiferente que ninguém diria que tem uma garota seminua sentada no seu pau.

— Belo look — elogia ele.

Tento fingir que o galanteio não me afeta, mas o rubor subindo pelo meu pescoço me trai. Quando olho para ele de novo, ainda o vejo me observando como se eu fosse a única coisa que importa. E isso não me assusta tanto quanto deveria.

— Não sabia que tinha código de vestimenta no convite da hidro.

— Eu prefiro *sem* vestimenta, mas não quero dar showzinho de graça pros vizinhos.

Olho ao redor para as árvores que cercam o quintal. Não tem como ninguém nos ver. Quando volto para ele, seus olhos estão em mim, fixos e intensos, como se pudesse ler meus pensamentos.

Ele engole em seco, com a voz rouca.

— Você parece ser fã do meu colo.

Meus lábios pairam sobre os dele.

— Tipo isso.

O vapor da banheira de hidromassagem reveste nossa pele com uma camada de umidade. A condensação escorre pelo meu peito e pelo dele, e sinto um calor crescendo dentro de mim. Uma fome.

— O que você tá fazendo, Sierra?

Dylan vai me obrigar a dizer, já estou até vendo, mas se ele acha que vou ceder fácil assim, está muito enganado. Teimosa. É assim que ele me chama, não é?

— Aproveitando um mergulho na sua hidro — digo casualmente.

Seu olhar desce um pouco mais.

— Aproveitando mais alguma coisa?

— Não sei. Parece que tô sentada numa maldita estátua.

Dylan reprime o sorriso.

— Depende de você dar vida a ela, baby.

Frustrada, jogo todo o meu peso em seu colo e me esfrego lentamente. O peito de Dylan arfa e um ronco baixo sai de sua garganta. Ele só observa, seu hálito quente batendo na minha pele. Não aguento mais essa tortura autoinfligida.

— Dylan? — sussurro.

Ele leva vários segundos para responder.

— Hmm?

— Não quero que seja só um beijo.

Ele geme tão alto que vibra contra a minha pele.

— Finalmente, caralho.

A mão de Dylan aperta meu pescoço e ele arrasta minha boca para a dele.

— Você me enganou. — Ofego a acusação entre beijos ávidos.

Leva um segundo para ele responder, se é que ele me ouve, porque suas mãos estão por toda parte. Quentes e firmes deslizando sobre mim, roçando meu sutiã e descendo pelas minhas costas. Cada uma das minhas terminações nervosas se acende sob seu toque, e quando ele aperta minha bunda, enche as mãos como se eu tivesse sido feita sob medida para ele.

— Enganei, é? — murmura ele, embora não esteja prestando a menor atenção.

— Aham — consigo dizer, apesar de a minha resposta se quebrar em gemidos quando ele lambe meu pescoço, enviando uma onda de calor através de mim. — Eu só vim por causa do queijo-quente.

— Ótimo. Você comeu, agora é minha vez.

Com isso, ele abre meu sutiã e o desliza pelos meus ombros. Não comento como ele o tirou sem esforço, mas, em algum lugar, vindo de um lugar mesquinho, sinto uma pontada de ciúme. Uma inveja silenciosa pelas garotas que o tiveram desse jeito antes de mim, que conheceram o peso de suas mãos, o jeito como ele toma, o jeito como ele possui.

— Você já fez isso antes? — As palavras escapolem. *Cala a boca, Sierra*.

Seu olhar se ergue para o meu sob as sobrancelhas franzidas.

— Sim, lá no carro. Com você.

Reviro os olhos.

— Quero dizer aqui dentro. Com outras garotas.

Dylan diminui o ritmo, passando a mão suavemente na minha bochecha.

— Foi só você. — Então, ele pisca como se percebesse algo. — Ah, faço testes com frequência. Deu negativo pra tudo. Não fiquei com ninguém desde que a gen… Eu nunca te colocaria em risco. Posso mostrar…

Então eu o beijo. Já sei que Dylan não arriscaria minha saúde. Meu coração dói um pouco por ele se ver dessa forma. Meu ciúme deslocado se dissipa no vapor ao nosso redor.

— Eu sei — sussurro. — Eu só… Pode me tocar agora?

Ele hesita por um segundo, mas então apalpa meus seios.

— Eu quero foder eles primeiro. Me fez esperar pra ver, né?

— Então tá esperando mais o quê?

Ele ri para si mesmo, passando a mão na minha bochecha.

— Você é tão linda.

— Para de me chamar de linda.

— Não dá.

Perturbada, enfio a mão entre nós, dentro do short dele, para sentir seu membro rígido. Mas então o celular dele acende na beirada da banheira, e o som de portas de carro batendo ecoa lá fora. Ele murmura um palavrão.

— Os caras chegaram.

Tomo um susto, arregalando os olhos e considerando meu estado molhado e seminu. Dylan também, porque fecha a expressão com uma possessividade que o faz me tirar da banheira. Ainda estou em seus braços quando ele me envolve em uma toalha e nos leva pela sala de estar, pingando, bem quando ouvimos a maçaneta da porta da frente chacoalhar. Assim que entramos no quarto e ele tranca a porta, Dylan me joga contra ela. Ele me beija até me deixar ofegante e morrendo de tesão.

Tapo a boca com a mão, tirando só quando Dylan me lança um olhar.

— Seus amigos vão ouvir — explico.

— Contanto que não te vejam, eu tô pouco me fodendo pro que eles vão ouvir — declara. — E você não vai se segurar. Vou te fazer gritar, baby.

Dylan coloca minha calcinha para o lado e desliza a ponta do dedo médio bem sobre meu clitóris inchado.

— Encharcada pra caralho — murmura ele antes de tirar e enfiar o dedo direto na boca.

Minha cabeça cai suavemente contra a porta.

— Faz isso de novo.

Mas, dessa vez, ele enfia o dedo na *minha* boca, e deslizo a língua por ele. Ele me faz subir na ponta dos pés só com uma das mãos sob minha bunda. Então, em um movimento fluido, insere dois dedos dentro de mim. Ele me beija lentamente, como se não estivesse indo rápido entre as minhas pernas, tão fundo que seus nós dos dedos pressionam contra mim. Gozo com tanta força que grito alto o suficiente para o quarteirão inteiro ouvir.

— Desculpa — solto por puro instinto.

Ele me dá um tapinha de leve entre as pernas, e eu me sobressalto. Tento fazer cara de ódio, mas não consigo, porque meus olhos ainda estão pesados do orgasmo.

— Tá bom. Retiro o pedido de desculpas.

— Ah, é? Então, fica de joelhos e mostra pra mim que não tá arrependida. Senão, quando eu finalmente meter em você, não vou te deixar gozar até *eu* estar satisfeito.

Reviro os olhos.

— Quer apostar?

— Revira os olhos de novo, Sierra, mas dessa vez com meu pau na boca.

Fico de joelhos, fazendo cara de inocente antes de puxar seu short para baixo. Ele é grosso, longo e envergado para cima. Um movimento provocante da minha língua, e Dylan agarra um chumaço do meu cabelo, puxando minha cabeça para trás e xingando baixinho.

— Abre bem — sussurra ele, e quando obedeço, ele cospe na minha boca.

Deslizo minha língua por todo o comprimento de seu pau duro e molhado na ponta, mas em vez de continuar chupando, eu o empurro para trás, para fazê-lo se sentar na cama. Pressiono meus seios um contra o outro e deslizo o pau bem entre eles. Dylan se engasga, ou geme, não tenho certeza, porém a expressão em seu rosto traz um sorriso travesso ao meu. Mas logo ele se levanta e bate a cabeça do pau contra a minha língua antes de deslizá-lo por entre meus lábios. Passo a língua em volta da cabeça, depois desço para lamber a parte de baixo, fazendo-o gemer meu nome.

— Quando eu gozar, vai ser dentro de você, olhando nos seus olhos. Nem um minuto antes.

Um calor percorre meu estômago quando ele me puxa para ficar de pé e me joga na cama. Quando Dylan abaixa minha calcinha, seu olhar prende na minha tornozeleira. Nós dois ficamos imóveis. Talvez seja o tesão ou a clareza, mas peço simplesmente:

— Tira.

Dylan hesita, mas a tornozeleira não me pertence. A única sorte de que preciso é do meu talento e do meu parceiro. Cutuco seu peito com a ponta do pé. Ele desfaz o fecho do acessório e o joga sem muito cuidado na mesa de cabeceira, como se já quisesse fazer isso há muito tempo.

Ele não dá nenhum aviso antes de enterrar o rosto no meio das minhas pernas. Dylan me devora como se fosse minha recompensa. Minhas pernas tremem tão incontrolavelmente que ele precisa segurá-las abertas. Gozo tão forte que vejo estrelas.

Então, ele abre uma gaveta, pega uma camisinha e a veste tão rápido que fico imóvel. Faz tanto tempo que não sei como meu corpo vai reagir.

Minha primeira vez foi estranha, um pouco constrangedora e… um alívio quando acabou. Com Justin, o sexo era mecânico. Sem toques ou provocações, apenas simples e desprovido de prazer. Achei que era assim mesmo, ou eu que era ruim nisso. O que é uma possibilidade, já que só

transei com duas pessoas. Dylan é tão experiente, e senti mais com um beijo dele do que jamais senti durante o sexo com qualquer outra pessoa. Estou com medo de não ser tão boa quanto experiências passadas dele. E preciso ser boa o suficiente para ele.

— Tudo bem? — pergunta Dylan, me observando atentamente.

— Nunca transei de luz acesa antes. — É a única coisa que consigo pensar em dizer, e é verdade. Ninguém nunca me viu tão completamente *exposta*.

— Nunca?

— Não achava que tinha nada que valesse a pena olhar.

— Você vale a pena emoldurar, baby. — Dylan sorri.

Eu coro e tenho certeza de que ele vê as manchas vermelhas no meu corpo.

— É só que… vai devagar, tá bom?

Me sinto uma puritana, mas ele acena docemente.

— Você que manda.

— Eu já não faço isso sempre?

— Respondona do caralho. — Ele me beija com força e se afasta para posicionar a cabeça do pau na minha entrada já úmida. Então, devagar, muito mais do que eu com certeza queria, Dylan desliza para dentro de mim. Com as mãos nos meus quadris, ele é suave em cada estocada, e o incômodo vai diminuindo gradualmente. Entro no ritmo dele, agarrando o edredom e apertando minhas pernas ao seu redor.

— Assim? — pergunta ele com uma voz que faz meu cérebro entrar em curto-circuito. Meu corpo implora por ele.

— Mais rápido.

Ele hesita até eu pedir de novo. Então esconde o rosto no meu pescoço e me fode com tanta força que não consigo recuperar o fôlego.

— Porra, você é tão bom nisso — suspiro.

— Bem que você queria que eu tivesse te comido antes, né?

— Bem que você queria eu tivesse *deixado* você me comer antes — retruco.

Dylan mete mais forte, arrancando um gemido alto. Eu o abafo com a mão na boca, mas ele agarra meus punhos e os prende acima da minha cabeça.

— Não tira daí.

Eu obedeço, observando-o passar as mãos por todo o meu corpo. Ele presta atenção extra às minhas cicatrizes, e não aguento. Minha mão desce para cobri-las, e ele franze a testa. Em um movimento rápido, Dylan me levanta e me puxa para perto, até que estou sentada em seu colo, minhas costas coladas em seu peito. Ele nos posiciona na beira da cama, e quando levanto o olhar, nos vemos no reflexo do espelho na porta do armário. Eu ofego, vendo meu rosto corado e seu corpo enroscado no meu.

— Chupa — ordena ele quando seus dedos tocam meus lábios. Ele os desliza na minha boca, e dou tudo de mim, esperando que ele não perceba como estou tremendo. Ele os tira lentamente e baixa as mãos.

Então, sem aviso, ele me levanta um pouco e se enterra o mais fundo que consegue. O contato repentino faz minha boceta molhada se contrair.

— Bora, tudinho, Sierra.

— Eu… *porra*, n-não dá. — Não tem como ele caber inteiro nessa posição.

— Você consegue. A gente não desiste. — Ele morde meu queixo. — Se toca pra mim. Mostra como você se dá prazer pulsando em volta do meu pau.

Claro que é isso que ele quer. Só Dylan Donovan para me fazer passar de "inexperiente" para "transar na frente do espelho". Hesito, sentindo o calor nas minhas bochechas, até que ele guia minha mão entre as minhas pernas.

— Olha só você, baby. Você é a coisa mais linda que eu já vi, e tá aguentando tão bem. — Ele beija meu pescoço. — Minha garota tão doce.

Meu coração quase para. Ninguém nunca me chamou de "doce". Isso me faz apertar ainda mais em volta dele, e Dylan solta um gemido gutural. Ele me guia pela cintura enquanto faço círculos lentos sobre meu clitóris até minha cabeça cair para trás em seu ombro.

Dylan envolve meu pescoço com a mão, me forçando a olhar para a frente de novo.

— Eu disse pra você se ver, Sierra. Quero que veja o que eu vejo. Olha como você é linda.

— *Dylan* — gemo, incapaz de suportar a maneira como suas mãos apertam meus seios quando ele me penetra com mais força. Estou sensível demais, perdida demais, não consigo nem pensar, e isso nunca aconteceu antes.

— Diga. Diga que é linda, baby.

As palavras grudam na minha garganta, se recusando a sair por um momento.

— Eu sou linda.

— Boa garota. De novo.

No espelho, ele abre minhas pernas com as dele, sua mão pesada acaricia minhas cicatrizes e seus olhos castanhos me observam com um olhar que incendeia meu coração. É difícil negar quando ele me olha assim.

— Eu sou linda — digo. — E me sinto ainda mais quando estou com você.

Ele me penetra e, desta vez, deixa minha cabeça cair para trás para capturar cada um dos meus gritos suaves em sua boca.

— Muito bem. Agora mostra a garota safada que tem em você.

Tento acompanhar seus movimentos, me inclinando para a frente e apoiando as mãos em seus joelhos. Ele parece gostar dos sons do seu corpo me penetrando por inteiro. Sussurro que vou gozar e, antes mesmo que consiga respirar, ele me vira para encará-lo. É um pouco bruto, mas ele sabe que eu aguento. Sabe que não sou fraca ou frágil.

— Só vou te deixar gozar quando estiver olhando pra mim, pra você saber que sou eu quem faz você se sentir assim.

Minhas mãos apertam os músculos dos seus ombros.

— Por favor. Eu preciso… eu não aguento…

— Você gosta de vencer, né, Sierra? — Dylan diz com a voz rouca. — Rebola em mim até ganhar, baby.

Encaro como um desafio, como ele sabia que eu faria. Empino a bunda, sentindo seu abdômen e suas mãos me apertarem, e juro que ele choraminga. Então Dylan assume o controle e ajusta o ângulo, atingindo meu ponto G como se estivesse só esperando a deixa, e, para a surpresa de ninguém, gozo tão forte que fico com os ouvidos zumbindo depois.

Desabo nele, que me segura forte.

Ba-dum. Ba-dum. Ba-dum.

— Eu sonho com você — sussurra ele, e isso me atinge como uma lufada de ar frio.

Os segundos se estendem, intermináveis e pesados, e finalmente me afasto, ainda sem fôlego. Parece que Dylan não quis dizer isso em voz alta,

mas isso não o detém.

— Geralmente, com os belos sons que você acabou de fazer — diz ele. — Mas principalmente com isso. Quando eu te abraço depois.

Meu coração ameaça sair do peito e correr direto para os braços dele.

— Dylan…

— Não fala nada — diz ele de repente. — Eu sei quem eu sou, o que todos pensam de mim. E tudo bem por mim, se quer dizer que posso ficar com você assim. Tudo mais do que bem.

— Mas…

— Somos parceiros, eu sei. É só isso que você quer, e é o que quero também. Sem compromisso. Nada vai atrapalhar sua vitória. Eu prometo.

Isso tudo soa tão errado. Como se estivéssemos procurando desculpas, porque vai que alguma cola. Mas mesmo quando digo isso a mim mesma, sei que ele está certo. Eu me entreguei a Justin e isso só me fez perdê-lo e tudo o que eu amava em uma só noite. Quero tanto que isso seja diferente que não posso repetir o passado. Dylan e eu somos simples. Nossos objetivos giram em torno do que precisamos um do outro, e não vamos nos desviar disso.

Dylan sai de dentro de mim lentamente, deixando uma dor oca em sua ausência, como se tivesse levado um pedaço de mim com ele. Meu corpo está exausto, cada centímetro vibrando com espasmos secundários, e a maneira como me sinto agora é tão estranha que me perturba.

Estive no controle a vida toda. Então, no segundo em que caí naquele gelo, perdi esse controle. Até mesmo olhar no espelho — algo que ainda mal consigo fazer — era errado, porque não reconhecia a garota que me encarava de volta. Todo esse tempo estive tão desesperada para voltar à minha antiga eu que aceitar a nova parece uma traição. E então algo completamente constrangedor acontece.

Eu começo a chorar.

Dylan entra em pânico ao descartar a camisinha às pressas e me deitar na cama.

— Me diga o que posso fazer — pede ele de imediato.

— Eu tô bem. Eu… Deus, que vergonha. Eu nem sei por que tô chorando — soluço.

— Ei, tá tudo bem. Já disse, não precisa ter vergonha comigo, nunca. — Ele beija meu nariz. — É normal. Sexo pode trazer à tona muitas

emoções, e provavelmente bateu tudo de uma vez. Vai ficar tudo bem.

— Normalmente não reajo assim — murmuro em seu peito.

Dylan ri baixinho.

— Você tem o direito de sentir, Sierra. Para o bem ou para o mal, tô contigo.

Quando ele apaga a única luz, me sobressalto por uma fração de segundo, e ele deve ter me sentido estremecer, porque acende o abajur novamente.

— Não consigo dormir no escuro desde…

— Então vamos deixar acesa.

— Mas é desagradável. Posso chamar um Uber, não é nada de mais — digo, já me virando para pegar meu celular. Parece muito mais pesado ficar.

— Shh.

Dylan me puxa para perto como se a luz não o incomodasse.

Parece que esse é o motivo de os humanos terem pele: para ela ser consumida por esse toque dolorosamente desesperado e pela sensação que me arrepia inteira. O que mais me apavora é que isso me faz sentir como se eu pudesse ficar. Dormir envolta em seus braços e nada mais.

Mas nunca dormi com ninguém. Não sei se vou acordar com um ataque de pânico ou se meu cérebro vai encontrar outra coisa para me engatilhar. Me tornei tão imprevisível, até para mim mesma, que é assustador pra caramba. Isso me faz perceber o que Dylan e eu acabamos de compartilhar e o que está em jogo.

O sono nunca vem, mas não me mexo até ter certeza de que Dylan está dormindo.

33

DYLAN

Acordo com um sorriso. Um sorriso de verdade. Faz um tempão que isso não acontece.

Os olhos verdes de Sierra queimavam como brasas, iluminados por algo que eu nunca tinha visto antes. Ela até tirou aquela tornozeleira idiota que Justin deu a ela. Eu odiava aquela coisa, porque Sierra nunca precisou de um amuleto da sorte. É tudo mérito dela, e fico feliz que tenha percebido isso.

Já estivemos próximos antes, mais próximos do que a maioria das pessoas no dia a dia, mas desta vez tudo mudou. Memorizei seu calor, sua maciez, o jeito delicado como ela se encaixa nos meus braços e no meu colo. Eu precisava dela de todas as maneiras possíveis. E agora não consigo afastar o buraco que se aprofundou no meu peito enquanto eu dava o que ela precisava. O que *eu* precisava.

Mas quando abro os olhos o sorriso desaparece do meu rosto. Há uma dor crua de vazio, como a parede de uma caverna erodida pelo bater constante de água. Cinza, oca, abandonada.

Minha cama está vazia, exceto pelo cheiro persistente de cereja nos meus travesseiros. Os novos. Aqueles que ainda nem têm meu cheiro se agarraram ao dela como se fosse a função deles.

Quase me mata pensar que ela se levantou antes de mim e a primeira coisa que quis fazer foi ir embora. Isso me faz lembrar de todas as vezes que fiquei aliviado por me ver sozinho depois de uma noite com uma garota ou quando saía do dormitório delas, porque era isso que elas queriam. Era o que sempre quiseram. Ninguém quer ficar por perto, e eu nunca pedia para elas ficarem. Então, por que parece tão diferente agora?

Pego meu celular na cômoda e encontro um e-mail de Lidia sobre o campeonato em Lake Placid no próximo fim de semana, junto com mensagens sobre outra festa. Garotas da sororidade, minha fraternidade, Sampson — ignorei todas elas ontem, porque nada daquilo importava. Eu costumava responder a essas mensagens de imediato, estar onde todo mundo estava, ouvindo os cânticos de "DD!" e me transformando em quem eles queriam que eu fosse, até que o álcool perdesse o gosto.

Vou ao banheiro, mas a aspereza na minha garganta não diminui mesmo depois de escovar os dentes. A casa está vazia, porque Aiden voltou para Toronto esta manhã e Summer está na Casa Iona.

Kian tem aula o dia todo, então vai direto para o treino depois. Vai ser mais curto hoje, mas não necessariamente estarei menos exausto na patinação artística mais tarde. Porém, isso não será um problema. Vou fazer as duas coisas e não vou deixar nada me impedir. Nem mesmo o jeito que já estou suando antes mesmo de chegar ao rinque.

Cole dá um tapinha nas minhas costas.

— Você tá bem, Capitinho?

— Capitinho?

— Ah, é, você não sabe da piada. — Ele ri. — A gente te chama de Capitinho desde aquela coisa toda da capitania, sabe, porque foi pouco tempo, então, "tinho".

Dou um empurrão de leve nele com o ombro, e ele finge uma lesão na lateral do rinque, mas suas palavras ficam comigo, mesmo quando todos os outros aparecem. Há uma dinâmica aqui que não percebi, como voltar para casa nas férias e descobrir que o quarto virou academia.

— Qual é o primeiro nome do Kilner? — pergunta um dos caras, assinando um cartão de aniversário.

— Achei que fosse Treinador — diz Kian, coçando a cabeça.

— Donovan, tenho boas notícias pra você. — O treinador se aproxima de nós no gelo. — Você volta pro jogo de semana que vem contra Yale. Precisamos dar o nosso melhor e controlar a rivalidade que temos com eles.

O que ele quer dizer é: *Não faça merda*. Antes deste verão, nunca coloquei os pés em Yale sem usar um colar de alho. Todas as garotas que conheço de lá voltaram para nossa casa ou viraram ficantes no Myth. Depois que eles destruíram nosso campus no começo deste ano, a treta só

piorou. Fui expulso por agressão e conduta antidesportiva. Palhaçada, na real. Estava pouco me lixando, porque naquele dia estava esperando uma ligação da minha mãe. Para ouvi-la dizer que ela foi embora e que não precisávamos mais lidar com meu pai.

Essa ligação nunca chegou.

— Pode deixar, treinador — digo, minha voz tensa me fazendo tossir. Todos olham para mim.

— Você tá doente? — pergunta Kian, e todo o time recua.

Nenhum de nós pode se dar ao luxo de ficar doente, não com os jogos da Confederação Universitária vindo aí. Estou exausto, mas nunca vou admitir isso — nem que, pela primeira vez, não estou animado para um clássico.

— Não, tô bem — murmuro, fazendo cara feia para Kian, que se cala. O treinador não diz nada, só apita e partimos para os exercícios.

— Tem certeza de que tá bem? — insiste Kian, estendendo a mão para tocar minha testa. Eu dou um tapa nela.

— Só cansado. A noite foi longa.

Kian bufa.

— É, eu ouvi. Você devia ter visto meu queixo no chão quando esbarrei em Sierra quando ela estava saindo. Não sabia que a garota podia ficar tão vermelha.

Eu também não sabia. Não até estar enterrado tão fundo nela, que ela escondeu o rosto no meu pescoço.

Meia hora se passa, e minha visão começa a ficar turva. Estou cambaleando, me apoiando mais no taco do que nos patins. O apito soa novamente, e acho que minha cabeça vai explodir.

Vejo os sapatos de Kilner antes de ouvir sua voz.

— Você tá doente.

— Deve ser alergia. Tô bem.

Piscar dói.

— Você não tem alergia. E mal consegue levantar essa cabeça oca, porra — grita ele.

Eu me forço a ficar firme, mas o treinador só me observa com aquele olhar nada impressionado, sem comprar o meu migué. O homem é um mago.

— Sai da minha pista e descansa um pouco. Ou vou tirar você dos titulares para o jogo de Yale.

— *Não* — respondo na mesma hora. — Já vou. Só preciso avisar a Lidia antes de…

— Deixa que eu aviso a ela. Só vá embora antes de passar doença pros meus novatos. Eles não têm a mesma constituição que vocês imbecis.

É verdade. O primeiro ano não foi para os fracos, principalmente por causa de Kian e eu.

Kian desliza para o meu lado.

— Treinador, melhor eu ir com Dylan pra cuidar dele. Então, não vou poder lavar roupa hoje.

Kilner o observa.

— Tá bom, vocês dois estão liberados. Vão pra casa.

— Na verdade, treinador, pode ficar com…

O resto da minha frase é abafado na palma da mão de Kian, que me empurra pista afora.

Por que os humilhados nunca são exaltados?

Mesmo que eu tivesse uma resposta para essa pergunta, ainda assim faria tudo igual como fiz ontem. Se possível, várias vezes.

Kian entra no meu quarto.

— Fiz sopa pra você. Summer disse que estava nojenta, mas joguei um monte de molho picante, então você nem vai sentir o gosto de nada.

Ele está carregando uma bandeja com uma cumbuca e um girassol, como se fosse minha mãe.

— É verde brilhante — reparo, olhando para a tigela.

— O brócolis e o espinafre realmente dominaram a cor. E o sabor. E o cheiro.

— Obrigado. Agora me faça um favor e jogue pela janela.

Kian bufa.

— Eu esquentei a barriga no fogão por você, e é assim que você me agradece?

— Já que gosta tanto, toma você, ué.

Ele faz uma careta e coloca a bandeja na minha mesa de cabeceira.

— É, não, tá com gosto de ralinho de pia. — Kian se senta na beira da minha cama. — Como está Sierra?

Tenho certeza de que ele sabe sobre ontem. Não é como se tivéssemos sido silenciosos, mas Kian não está sendo invasivo, como sempre. Só me observa com simpatia. Minha cabeça está latejando, e os lençóis parecem ter retido o calor dela.

— Por que você tá me olhando com essa cara?

— Porque ela não tá aqui.

Dou de ombros.

— Não costumo convidar garotas pra dormir. Você sabe disso.

Até mesmo colocá-la nessa categoria parece errado.

— Tá tudo bem, amigo, você ainda tem a mim — diz ele, afofando meu travesseiro.

Devo ter pegado uma gripe bem forte, porque digo:

— É, pelo menos eu tenho você.

Kian abre um sorrisão.

— Que tal uma maratona de filmes? Peguei a versão do diretor — sugere ele.

O ritual de Kian quando está doente, além de reclamar, é assistir *Crepúsculo: Edição Estendida* ou *Shrek 2* na sala de estar, onde todos podem vê-lo fazer drama como se estivesse morrendo.

— Acho que vou dormir — digo, e ele assente antes de fechar a porta atrás de si.

Horas depois, abro os olhos com um toque suave na minha testa. É quando a vejo, como um sonho. Sem maquiagem, cabelo preso em uma trança, usando um dos seus cachecóis. Meu coração para.

— Oi.

Sierra passa a palma da mão na minha bochecha, parecendo quase culpada.

— Eu te deixei doente?

— Me sacrifiquei pelo bem da equipe — respondo, e ela só me encara. Deve estar pensando que nosso treino extra ou nosso banho na outra noite tiveram algo a ver com isso. Pode até ter, mas eu nunca diria isso em voz alta. — Você não fez nada, Sierra.

— Lidia cancelou o ensaio. Pensei que, depois da noite passada, você tivesse se arrepen…

— Sierra — eu a interrompo, sabendo que, se terminasse aquela frase, eu não ia saber lidar. — Não tem nenhum segundo da noite passada de que eu me arrependa. Você saberia disso se tivesse ficado.

Não tenho a intenção de soar acusatório, mas é como sai mesmo assim, e faz seus olhos verdes se arregalarem.

— Eu devia ter avisado que ia embora, mas a gente não estava…

— Tá tudo bem. Estou acostumado — digo, deixando o assunto de lado. — Mas sinto muito por ter estragado nossa agenda de treino.

A mão de Sierra cai do meu rosto.

— Você acha que com é isso que eu tô preocupada? Tô vendo o jeito que você anda forçando seu corpo, chega a ser ridículo. Você precisa de descanso.

— Mas eu quero. — Agora pareço na defensiva. — O treinador me colocou no time titular pro jogo contra Yale.

Ela sorri de leve.

— Você merece.

— Você devia ir. É um jogo em casa — convido. — Praticamente seu dever como minha parceira.

Sierra levanta uma sobrancelha.

— É? Algum tipo de regra não escrita para duplas de patinadoras artísticas e jogadores de hóquei?

— Exatamente — respondo. — Além disso, acho que você também tem que usar minha camisa ou algo assim.

Ela concorda.

— Acho que sim. Vou até te chamar de Capitão lá da arquibancada.

Fico sem expressão, e no instante seguinte a agarro e jogo na minha cama. Sierra cai na gargalhada. Faço cócegas até ela implorar para eu parar. Quando finalmente consigo, estamos ambos respirando com dificuldade, a centímetros de distância. Puta merda, que vontade de beijá-la.

Mas não vou deixá-la doente. E sei que se eu a beijar, não vou conseguir parar. Então, em vez de sentir seus lábios contra os meus, dou um beijo em sua testa.

Nos sentamos novamente, e o ar fica estranho. Mas então Sierra se endireita, como se tivesse acabado de decidir algo.

— Bom, melhoras. Lidia não vai ter piedade quando você voltar — diz ela. — Te vejo no gelo, parceiro.

Então, ela se vai tão rápido que fico embasbacado com a ausência dela.

Meu resfriado piora quando me arrasto para fora da cama. Estou na cozinha, bebendo água, quando a campainha toca. Não atendo, mas todos na casa parecem ter a mesma intenção.

Enrolado no cobertor, arrasto os pés até a porta com os chinelos de Kian, abro a porta e não vejo ninguém. É melhor não ser nenhuma criança encapetada que tocou a campainha e saiu correndo. Kian e eu vamos ter que dar um apavoro nelas de novo.

Quando começo a fechar a porta, um carro preto em alta velocidade chama minha atenção. Meu olhar cai para uma sacola branca no degrau. Levo-a para dentro e tiro um pote de canja de galinha com um bilhete colado em uma caligrafia elegante.

É daquelas sopas de lata. Não se iluda.

Solto uma gargalhada e, quando estou prestes a guardar a sacola de papel marrom, noto algo mais lá dentro. É um cachecol.

Este eu fiz do zero. Com os pés. ;)

No mesmo instante, pego o celular para mandar uma mensagem para ela.

Dylan
Nem um pouco iludido. Obrigada pelo presente.

Sierra
Não faço ideia do que você tá falando. Hora de marcar um neuro, vovô.

Então, dois minutos inteiros depois:

Sierra
De nada.

34

SIERRA

— Pronto, agora vai — diz Scarlett, que está sentada na minha mala enquanto tento fechar o zíper. Ela rola a tela do celular e lê os nomes de todas as duplas que vão participar da prova. Estamos indo para Lake Placid para o torneio Sênior B.

Mesmo usando todas as forças para fechar a mala abarrotada, meus pensamentos se perdem. Ainda consigo sentir a língua de Dylan no meu clitóris. O som do suspiro que me escapou quando ele entrou em mim. Tudo parecia demais e insuficiente ao mesmo tempo. Então, quando a luz da manhã atravessou as cortinas, eu o observei dormir. Tão calmo e angelical — completamente oposto às coisas nada angelicais que ele fez comigo poucas horas antes.

Me sinto renovada e, de alguma forma, mais como eu mesma. É como se eu não soubesse que estava presa na torre de marfim que eu mesma criei. Foi quando Dylan apareceu e me ajudou a sair que percebi o quanto da vida deixei passar por causa dos meus pensamentos. Por algum motivo, o jeito que ele me beijou me fez sentir como se eu tivesse rompido uma algema.

— Esses patinadores devem fazer bico de modelo. Olha o time russo.

Scarlett enfia o celular na minha cara. O casal estava logo à frente de mim e Justin nas Olimpíadas, e tinha executado seu programa longo com perfeição. Eu não estava preocupada, mas no momento em que senti a mão de Justin escorregar da minha, soube que tínhamos perdido.

Eles levaram o ouro. Eu ganhei uma vida inteira de dor.

Scarlett parece perceber um pouco tarde demais, mas ainda assim joga o celular na cama como se nada tivesse acontecido.

— Então, o que você botou aqui? Pedras pra tacar nos outros patinadores?

Com um último puxão, a mala se fecha, e eu me largo no chão ao lado dela, aliviada. Scarlett fica de pé e tenta levantar a mala, mas falha miseravelmente. Ela prefere fortalecer a mente em vez dos músculos.

— Vamos ficar fora por duas noites. Lidia disse pra eu levar tudo que precisar.

Suas sobrancelhas se arqueiam.

— Você precisa de agulhas e lã de tricô?

— Tricô me ajuda a relaxar.

— Você e minha avó seriam grandes amigas. — Scarlett faz uma pausa. — Se ela estivesse viva.

— Não ouvi reclamação nenhuma quando tricotei aquele cardigã pra você.

Ela arrasta a mala para a posição vertical.

— Foi para um show, e eu te amo por isso. Mas você vai mesmo ter tempo para tricotar?

Dou de ombros.

— O que mais vou ficar fazendo durante horas no quarto de hotel?

— Já cuidei disso. Tem um presente na sua mala. Pode me agradecer depois.

Estreito os olhos, mas ela me lança um olhar travesso, sabendo que não posso abrir a mala e verificar agora.

— Ou você pode fazer o mesmo que o Dylan. Aposto que ele nunca fica entediado.

— Seu interesse pela vida pessoal dele precisa ser estudado.

Ela bufa.

— O cara é como um globo de discoteca: é difícil não olhar. Mas vocês dois juntos? A definição perfeita de "tanto faz".

— Mais gostosos que o seu time russo?

— Muito mais. — Ela sorri, me ajudando a levantar do chão. — Além disso, duvido que algum desses patinadores tenha começado a dupla se pegando gostoso no colchonete de treino.

Carregamos minha mala e bolsa de academia com meus patins e figurino até a porta da frente. Só quando entro no carro de Lidia, ela me

conta que Dylan tem treino de hóquei, então vai sozinho para a arena em Lake Placid mais tarde.

— Cheguei — anuncia Dylan assim que irrompe pelas portas da área de espera, no momento em que contei 32 minutos inteiros desde que estou aqui, calçada, vestida e pronta. Todos os patinadores se viram para encará-lo, e ele nem se dá ao trabalho de sorrir para ninguém. Parece exausto.

Seu cabelo está desgrenhado quando ele o penteia para trás e coloca o boné de beisebol também para trás, vestindo um suéter de gola redonda e calça de moletom. Ele deixa a bolsa cair com um baque e se joga no banco ao meu lado. Antes da apresentação, temos a sexta-feira para conhecer a arena e praticar uma última vez antes do show. Aqui, fazemos o programa curto e o longo, e recebemos uma pontuação para cada um individualmente, antes de serem combinadas para mostrar nossa classificação final. A patinação livre — ou programa longo — é o que me preocupa. Se formos bem nela, é onde vamos acumular os pontos principais.

— Relaxa. — Dylan bate no meu ombro com o dele.

— Tô relaxada — resmungo.

Ele se atrasou. Poderíamos ter ajustado tanto a sequência.

— Seu tremor de nível quatro tá fazendo todo mundo achar que tem um terremoto.

— E sua carranca tá deixando todo mundo tranquilo, por acaso? Acho que você assustou algumas das crianças.

— Você tá puta comigo ou algo assim?

— O quê? Não. Eu só tô… nervosa.

Esta é a nossa última chance de sequer sermos considerados para um campeonato maior, então estou um pouco à flor da pele. Sem dizer nada, Dylan coloca algo na minha coxa, e, quando olho para baixo, vejo um copinho de pasta de amendoim com chocolate. O gesto aperta o meu coração.

— Não atrasei de propósito, Sierra.

— Eu sei — digo. — É sério, não tô puta com você.

— Você pisca duas vezes quando mente — comenta, terminando de amarrar os patins. — E franze o nariz um pouquinho, tipo o Pinóquio.

— Você…

— Parou — repreende Lidia. — Acabamos de chegar. Como é que vocês já estão discutindo?

— Não estamos discutindo — protesto.

Dylan se inclina na minha direção e coloca a mão no meu ombro tenso, como se fôssemos melhores amigos. Sua mão é quente na minha pele fria, e finjo que é por isso que me arrepio. Olho para cima e o vejo com um sorriso largo, e o imito para Lidia, que permanece impassível com nossa demonstração forçada de camaradagem.

— Vou assinar a entrada de vocês dois. Vão encontrar um lugar para se aquecer.

Ela atravessa as portas duplas até a mesa da administração, e a observo descer até desaparecer completamente de vista. Discretamente, pego meu frasco de comprimidos, para o qual tricotei uma meia cor-de-rosa.

— Ansiedade? — pergunta Dylan.

Tenho tomado a medicação de resgate antes de alguns treinos, embora não precise mais com tanta frequência. Ele só saberia disso se estivesse me observando.

— É uma muleta, eu sei — admito. — Às vezes, parece que tô trapaceando.

Ele franze a testa.

— Trapaceando?

— Como se estivesse indo pelo caminho mais fácil. Eu conseguia fazer as coisas sem precisar tomar remédio. Tantos atletas fazem isso todos os dias sem ajuda.

Acho que começo a tagarelar.

— Isso não é trapaça, Sierra — argumenta Dylan. — Fazer o necessário pra você funcionar, pra ter um bom desempenho… Você acha que cuidar de si mesma é pegar um atalho?

Engulo em seco.

— Você me entendeu. Não é a mesma coisa.

— Não entendi, não — diz Dylan. — Pensa como se fosse hóquei. Eu não consigo jogar sem outros cinco caras no gelo. Não significa que eu não esteja dando a minha contribuição. Ou na patinação artística, a gente precisa um do outro. Sua medicação não tá fazendo o trabalho por você. É só uma peça da equipe, te ajudando a ter seu melhor desempenho.

Eu o encaro. Dylan faz tudo parecer tão simples, não me deixa nem pensar muito no assunto.

Ele estende a mão para mim e vamos para o rinque. É então que percebo o que ele está vestindo.

— Onde você arranjou isso? — Minha pergunta sai acusatória, e meu rosto parece estar pegando fogo.

Meu parceiro segue meu olhar até a jaqueta que acabou de vestir. É a jaqueta das Olimpíadas personalizada com meu sobrenome nas costas. Está um pouco apertada nele, mas é claro que ainda cai bem.

— Você deixou no meu carro — diz ele casualmente.

— E você guardou? Por que diabos você usaria minha jaqueta por aí desse jeito?

Ele veste a jaqueta corta-vento como uma medalha. Quase como se fosse sua própria camisa. Cheio de orgulho.

— Que foi? Um cara não pode dar moral pra sua patinadora artística favorita?

— Eu sou a única patinadora artística que você conhece — respondo, seca.

— Não preciso conhecer outras. Você é a única que vale a pena prestar atenção. — Dylan me puxa, e ainda estou intrigada com a forma como meu nome soa bem em sua voz quando ele aperta mais forte. — Ah lá, o seu brinquedinho.

Justin passa com um sorriso falso.

— Desde quando ele participa dessas competições? — pergunta Dylan.

— Desde que eles não foram convidados pro Grand Prix do ano passado.

Dylan faz um ruído de desdém.

— Deve se arrepender de ter te deixado.

— Duvido. Ele não olhou para trás, simplesmente deu no pé dizendo pros meus pais que se sentia péssimo, mas que os pais *dele* o forçaram a decidir, porque eles que bancam sua carreira.

— Ele não tentou falar com você depois?

— Até tentou, só que não quis ouvir o que ele tinha a dizer. Mas com certeza Justin vê que estou com dificuldade. Deve estar feliz de ter me largado. Às vezes, tenho vontade de xingar ele inteiro.

— Ele não merece uma palavra sua. Nem respirar o mesmo ar que você. Da próxima vez que ele te procurar, quero que me diga.

Assinto com a cabeça.

— Você acha que eu mereço ganhar? — pergunto sem pensar muito.

— Por que isso importa? É o que você quer?

— Demais.

— Então é seu — diz ele facilmente, como se fosse verdade.

Assim que entramos no gelo, é como se toda a ansiedade que atormentava minha mente e corpo momentos antes desaparecesse. Mas estamos cercados por uma dúzia de outros patinadores, que ficam encarando na cara dura. Me veem ou como a atleta olímpica, ou como a moribunda.

— Não olhe pra eles. Olhe pra mim — pede Dylan.

Eu tento, mas então ouço. *De jeito nenhum ela vai ter o retorno triunfal com o jogador de hóquei. Coitadinha. Dizem que ela dá azar. Ouvi dizer que Petrov foi obrigado a arranjar outra parceira.*

— O que te puxa de volta pro presente? — pergunta Dylan de repente, me resgatando da espiral.

Não consigo pensar, só ouço os sussurros ao meu redor.

— Costumava ser a patinação, mas não sei mais.

Ele assente com a cabeça em silêncio. Então entramos em movimento, e os limites que talvez existissem no colchão de treino se dissolvem. No gelo, deixamos tudo nas mãos um do outro, com total confiança. Pelo menos, tentamos.

Olho para ele desta vez e respiro fundo antes de Lidia nos chamar. As únicas palavras que saem da boca dela durante a próxima hora são "de novo" e a variação russa frustrada, "*snova*".

Sierra
É sério que você colocou um vibrador na minha mala?

Scarlet
De nada. Faça bom uso. Não tem lugar melhor que um quarto de hotel.

Suponho que ela esteja certa. Eu estava entediada, passando meus figurinos a vapor de novo e de novo. Tanto o da Rapunzel quanto meu preferido, o preto e vermelho do programa curto. Agora, no banheiro, encaro meu reflexo e me permito olhar. Quando vejo minhas cicatrizes, me lembro da sensação quente da boca de Dylan na minha pele. Mas, mais do que isso, eu as vejo como são. Um novo começo.

Mal li as instruções quando estou prestes a ligar o vibrador, mas uma batida na porta me assusta. Entro em pânico, visto a primeira roupa que encontro e enfio o brinquedo na mala. Meu coração acelera, a sensação de alívio é imediata. Eu não ia conseguir, de qualquer maneira. Meu cérebro não permite.

Olho pelo olho mágico e vejo Dylan lá, passando a mão pelos cabelos, usando uma regata branca, moletom cinza e óculos.

Praticamos as coreografias inúmeras vezes até Lidia ficar satisfeita e nos deixar voltar para o hotel. Não conversamos o caminho todo, e até aproveitei o silêncio confortável. Mas agora, de pé, com uma camiseta longa e um short dos Ursinhos Carinhosos, com a porcaria de um vibrador escondido na mala, hesito.

— Se já tiver aproveitado bastante pelo olho mágico, pode abrir a porta?

Desvio o olhar, como se ele pudesse me ver. Abro a porta lentamente e pisco para ele com os olhos sonolentos. Ele ergue as sobrancelhas, encostado no batente da porta.

— Belo pijama — diz ele.

— Belo moletom — respondo.

Dylan não espera minha permissão, só vai entrando e se larga na minha cama. A TV está no Canal do Tempo quando ele pega o controle remoto.

— Claro, sinta-se em casa — resmungo, me jogando do outro lado da cama.

— Acabei de ver os russos indo pra academia. Aqueles exibidos.

Continuamos assistindo TV, mas o silêncio está me consumindo.

— Por que você tá de óculos? — pergunto abruptamente. Ele me olha de relance.

— Eu estava lendo um livro que Summer me emprestou, mas aí Kian ligou e estragou o final — diz ele, parecendo irritado.

Essa explicação não ajuda em nada a domar meu cérebro hiperativo ou meus ovários agitados. Ele estava *lendo*? Meu Deus!

O jogo de hóquei está no último período, mas Dylan mal consegue assistir. Ele está no celular, então grunhe e o joga na cama.

— O que houve?

— Os caras estão planejando uma festa no dia 31 de outubro.

— Não é Halloween?

Contenho uma risada. Ele me lança um olhar vazio.

— É meu aniversário.

— No *Halloween*? Meu Deus, isso faz tanto sentido! Eu devia ter adivinhado. — Mesmo brincando, ele não parece estar no clima, e isso me confunde. — Você não deveria estar animado?

— Sempre odiei comemorar meu aniversário. — Dylan se acomoda ainda mais na cama. — Melhorou depois que cheguei em Dalton, porque a gente só enchia a cara, mas desde o negócio do antidoping, sei lá, tá tudo diferente. Não queria nem pensar nessa festa, mas nunca vou falar isso pra eles.

— Mas foi um erro, não foi? Claro, você fumou maconha, mas não costuma fazer com frequência.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Não. Nunca tive vontade de fumar, mas naquela noite eu precisava de algo pra me ajudar a escapar. Não queria ver a cara da minha mãe, nem ouvir a voz do escroto do meu pai. Estava cansado disso tudo.

— De quê?

Ele se mantém tenso, mas conforme o tempo passa, parece que vai se soltando.

— Meu pai trai minha mãe há anos. Eu tinha cinco anos quando descobri, porque recebemos uma ligação do hospital, perguntando pelo meu pai. Minha mãe e eu chegamos e encontramos a amante dele, que tinha acabado de dar à luz à Ada.

Ai, meu Deus!

— Ela não é…?

Ele balança a cabeça.

— Mas isso nunca importou pra nós. Ela é minha irmã e eu a amo desde o primeiro dia em que a vi. Demos sorte em termos ido lá, porque a mãe biológica dela estava em uma situação difícil. Pelo jeito, quando ela engravidou, meu pai cortou contato. Ela não tinha dinheiro e nunca quis

ter filhos, então adotamos Ada. Meu pai ficou furioso, mas minha mãe também. Foi a primeira vez que desejei que ela o deixasse.

— Sinto muito, Dylan. Você era só uma criança.

— Só fico feliz que Ada não tenha presenciado nenhuma dessas brigas. E ela foi estudar fora assim que vim pra Dalton. O primeiro ano foi horrível, mas não atendi nenhuma das ligações deles. Eu bebia quase todo dia e tentava esquecer tudo. Até minha mãe aparecer lá em casa. Ela fez comida pra gente, abasteceu a geladeira. Disse que queria se separar do meu pai, e senti um peso saindo das minhas costas. Mas aí, todo ano, eu tinha a mesma conversa inútil com ela. Nada nunca mudava.

Ele faz uma pausa antes de continuar:

— E foi aí que eu estraguei tudo. Fiquei chapado, porque as duas pessoas na minha vida que me mostraram que relacionamentos são confusos e complicados ligaram pra dizer que as coisas estavam diferentes agora e que nossa família ia ficar inteira de novo, sendo que nunca esteve, pra começo de conversa. Achei que eles estavam ligando pra dizer que iam se divorciar. Finalmente pensei que tinha acabado, mas eles vão se casar. De novo.

Inconscientemente, nos aproximamos um do outro. Ficamos tão perto que ele se distrai brincando com a barra da minha camiseta.

— Não é justo você ter ficado no meio de tudo isso — digo e, antes que possa me conter, eu o abraço. Com minhas mãos em volta do seu pescoço e ajoelhada na cama, eu o abraço forte. Acho que ele sorri contra a minha bochecha.

— Achei que você não gostasse de abraçar, Romanova.

— Não gosto, mas você convence pelo cansaço.

Ele ri.

— Não lembro de ter pedido pra você me abraçar.

— Você é a única pessoa que eu já quis abraçar — admito baixinho.

Dylan envolve seus braços na minha cintura e me puxa para si, me acomodando no seu colo.

— Eu agradeço.

Não sei quanto tempo ficamos assim, porque estou muito ciente da mão dele na minha coxa, levantando a barra do meu shortinho e acariciando a pele nua. Então, o celular dele apita novamente, e vejo a foto na tela de bloqueio.

— É você? — Eu me afasto, mas não muito. É uma foto de algum torneio, mas os cachos castanhos do Dylan sumiram, dando lugar a um corte raspado bem curtinho e rosa-choque. — Quando foi isso?

— Ano passado. O chapéu das consequências não tem piedade. É a nossa versão de um castigo que começamos no primeiro ano. Os caras sabiam que eu faria qualquer coisa sem reclamar, exceto raspar o cabelo. Foi sofrido. Deve ter doído mais do que o piercing de…

— Piercing de quem?

Ele me ignora e, em vez disso, me mostra mais fotos daquela época. Estou convencida de que ele é o único homem que fica gostoso até de cabelo cor-de-rosa. Ele me mostra uma foto do Halloween em que se vestiram de Branca de Neve e seus anões.

Quando nossos olhares se encontram e nossos narizes se tocam, meu coração dá cambalhotas.

— Tô morrendo de fome — diz ele depois de um instante, mudando de canal. — Vou pegar comida pra gente.

Dylan beija o topo da minha cabeça, onde fica a minha cicatriz, e então pausa por um breve momento, como se não tivesse feito aquilo de propósito.

— Não assista muito Canal do Tempo sem mim.

Reviro os olhos quando ele me dá uma piscadela por cima do ombro e vai embora. Meu coração dispara um pouco. Tá, tá bom, bastante.

35

DYLAN

Só de ver a cara de Justin Petrov, já fico puto. Sierra conseguir patinar com ele por quatro anos me deixa perplexo, mas pelo menos agora é para mim que ela olha o dia todo. Disse isso a ela depois do nosso programa curto mais cedo, e ela simplesmente revirou os olhos e me falou para usar um saco na cabeça.

Justin não deve ter notado a cara feia que fiz para ele mais cedo, porque quando me vê no banheiro, ele diz:

— Boa sorte lá.

— Não preciso — respondo.

O rosto dele muda tão rápido que chega a ser engraçado.

— Então, ela já chorou as pitangas pra você?

Há tanta coisa que prefiro fazer em vez de responder. Tipo, meter um socão naquela fuça.

— Você vai mesmo se fazer de bonzinho, cara? Você a derruba e foge, depois tenta pagar de inocente e fingir que não é um escroto. Você é um covarde de merda, Petrov.

— Não fugi coisa nenhuma. Fiz uma escolha. Uma escolha inteligente. Ao contrário de você, sei como proteger minha carreira. Ela caiu, eu é que não ia cair junto.

Porra, o que eu não faria só para acertar um murro na cara dele. Meu lado encrenqueiro anseia para se libertar, mas sei que não posso. Nunca arruinaria as chances de Sierra.

Eu me aproximo dele, mais alto alguns centímetros.

— Da próxima vez que você sequer olhar pra minha garota, vai entender direitinho que cair dói pra cacete.

Ele pisca, os olhos arregalados de medo. *Ótimo*.

Com isso, volto para a área de espera, vendo Sierra andando de um lado para o outro. Sorrio.

Quando voltei com lanchinhos ontem à noite, ela perguntou se eu já tinha assistido *Enrolados*. Respondi que não, e ela insistiu que era um crime dançarmos fantasiados dos personagens sem eu fazer ideia do que era o filme. Então, por uma hora e quarenta minutos inteiros, fui fisgado. Foi só quando os créditos rolaram e quase derramei uma lágrima que olhei para baixo e vi Sierra dormindo profundamente com a cabeça no meu ombro. Não sei por quanto tempo fiquei olhando para ela, mas, em algum momento, também peguei no sono.

Hoje de manhã, ela já estava no chuveiro quando acordei, e tive que me esgueirar de volta para o meu quarto antes que Lidia me visse. Nenhum de nós tocou no assunto.

E agora Sierra assiste a um ensaio do nosso programa curto no celular de Lidia pela terceira vez. "I Wanna Be Your Slave", do Måneskin, toca sem parar. Sierra está com um vestido preto e vermelho com amarração nas costas, e eu com uma camisa preta de botões. É a parte técnica do nosso programa, os dois minutos e quarenta segundos em que temos que fazer todos os levantamentos, saltos e giros necessários para ganhar pontos. Os programas curtos definem o nível de dificuldade, enquanto a patinação livre nos permite ser mais criativos e contar uma história.

Irritado, arranco o celular da mão dela. Quando ela tenta pegá-lo, noto a carinha sorridente em sua mão. Ela reforçou o desenho.

— Eu só queria ver se a gente tá sincronizado — justifica ela.

— Estamos. Não precisa de um vídeo pra saber.

— Tá bom — diz ela, brincando com as pedrinhas no vestido.

— Olha pra mim — insisto. — Sabe o que a gente tem que essas pessoas não têm? Um ao outro. Elas podem ter anos de experiência, mas você e eu, Sierra, temos uma química natural. Isso exala de nós, tanto que deixa Lidia desconfortável. Então, vamos mostrar exatamente isso a elas. Entendeu?

Assim que ela assente com a cabeça, nossos nomes são chamados. Mas antes de irmos, Sierra me interrompe. Ela pega minha mão e a coloca sobre o coração, depois coloca a dela sobre o meu.

— Pronto? — pergunta.

Eu sorrio.

— Pronto.

São quatro minutos e trinta segundos de puro foco e força. Essa apresentação é intensa. Ou seja: um arremesso com Lutz triplo, em que jogo Sierra no ar para girar três vezes, seguido por um Axel lado a lado e uma espiral da morte, na qual ela fica baixa, quase plana no gelo em uma posição de arco. Finalmente, um laço modificado, por ordem de Lidia.

Ela ainda quer que a gente pratique o de verdade, do qual Sierra caiu, mais um milhão de vezes. Sierra não gostou, mas eu concordei.

No último salto, estamos sorrindo de orelha a orelha, entrando em um giro sentado, e encerramos a sequência de costas para o outro. Quando nos encaramos de novo, ela está quase explodindo de felicidade. Há uma fração de segundo em que quase a beijo, mas só a abraço com força para me conter.

Enquanto esperamos impacientes pelas notas, Sierra está radiante. É a primeira vez que ela fica assim antes mesmo de ver a pontuação.

Os nomes "Romanova e Donovan" sobem como um foguete na lista, com a maior pontuação acumulada.

— Puta merda! — dizemos em uníssono.

— Parece até que eu tô chapada — diz Sierra, e então me olha. — Desculpa.

Reviro os olhos.

Ela ri, e percebo que nunca vi essa versão dela antes. A garota está praticamente flutuando. Estamos voltando para nossos quartos. Como está escuro, vamos passar a noite aqui e sair de manhã, porque tenho treino de hóquei cedo. Sei que estarei exausto e mal vou conseguir terminar os exercícios de Kilner, mas não importa. Não perderia isso nem por um decreto.

Saímos do elevador, mas Lidia fica para trás.

— Tenho compromisso. Vocês dois, descansem.

— Você acha que ela tá pegando alguém? — pergunto quando as portas do elevador se fecham.

— Com certeza.

— Talvez ela dê uma trégua pra gente agora.

Sierra caminha pelo corredor.

— Dezesseis anos com ela, e nenhuma vez ela pegou leve comigo. Mas uma vez ela fez *Ponchiki*, aquelas rosquinhas russas, depois de um campeonato.

O quarto da Sierra é o primeiro, então diminuímos o passo ao chegarmos à porta dela. Me lembro de nós dois dormindo juntos. Também me lembro dela deitada de costas, me deixando sentir cada centímetro do seu corpo se chocando contra mim como uma onda.

Pigarreio.

— A gente mandou bem hoje, Romanova.

— Mandou.

Sierra sorri ao chegarmos à porta.

— Quer entrar? A gente pode assistir a alguma coisa, como ontem — sugere. — Tô agitada de adrenalina e meio que odeio ficar sozinha em quartos de hotel.

Faço que sim com a cabeça e entro no quarto dela. Porque ela pediu.

Fecho a porta e, quando me viro, Sierra está tão perto que se sobressalta, esbarrando na mala. Ela tomba, derramando o conteúdo no chão. Sierra ofega, e estou prestes a perguntar se está tudo bem, mas então eu vejo.

Tem um vibrador no chão, tremendo suavemente. Seguro uma risada enquanto me aproximo, minhas mãos pousando em seus ombros. Sierra ficou vermelha dos pés à cabeça.

— Sou a última pessoa de quem você precisa ter vergonha — consigo dizer.

— Não é meu — dispara.

— Você rouba vibradores dos outros?

Ela suspira.

— Quer dizer, tecnicamente é meu, mas não usei ontem à noite. Scarlett comprou para mim, já que eu nunca…

Ontem à noite? Sierra ia se masturbar do outro lado da parede se eu não tivesse batido na porta dela. Não sei se fico feliz ou irritado por isso. Então, me dou conta de que ela me disse que não consegue se masturbar desde o acidente. Com quem ela ia usar?

— Posso ir embora — digo, virando-me para a porta.

— Não — diz ela, agarrando meu pulso. — Não vou usar. É idiotice. Não consigo gozar sozinha, de todo jeito.

— Não é idiotice. Você deveria ser capaz de amar seu corpo e expressar isso de todas as maneiras possíveis. Não tem nada de vergonhoso nisso.

Estamos perto, perto demais. Falando sobre a porra do vibrador dela. Isso é tortura.

— Quase me fiz gozar uma vez — sussurra ela. — Depois da primeira vez que patinamos juntos.

Ela se tocou pensando em mim? Lá atrás, quando tinha muito mais vontade de me cortar com a lâmina do patins? Caralho, que tesão. A informação parece demais para lidar. Engulo em seco.

— É?

Ela assente, sem fazer menção de recuar.

— Então me mostra.

— O quê?

— Abre as pernas, deita de costas e bate uma pra eu ver.

Ela fecha e abre a boca antes de finalmente perguntar:

— V-você quer me assistir?

Eu quero te provar.

— Você disse que queria sentir prazer, né? Acha que não consegue?

— Eu consigo — rebate ela, quase como se estivesse me desafiando.

Eu a faço andar de costas até sua bunda encostar na cama.

— Tira a roupa.

Ela arregala os olhos e se senta na cama, se despindo rapidamente. Depois, olha para o próprio corpo, e é quando a confiança dela vacila. Seguro o queixo dela e levanto delicadamente.

— Me mostra. — Entrego a ela o vibrador, mas ela só abaixa a cabeça nas mãos.

— Não consigo. — Sierra espia entre os dedos, seus olhos verdes quase escondidos. — Sou uma mulher adulta, e você aqui me ensinando a me masturbar. É patético.

— Ei. — Eu me sento na cama. — Somos parceiros, lembra? E você foi tão bem na outra noite.

Ela fica corada.

— Não é mais fácil você só… — Ela gesticula em direção às minhas mãos e virilha.

Puta que pariu. Se estivesse com meio neurônio a menos, já teria tirado a roupa e pulado em cima dela em questão de segundos. Porém, muito embora tenha pensado nisso naquela noite e em todas as outras desde então, é importante que isso seja focado nela.

— Porque é só sobre você. — Seguro o rosto dela gentilmente. — Volta aqui pro presente, baby.

— Não sei mais como fazer isso.

— A gente descobre. Juntos. — Sorrio.

Ela pega o vibrador, liga, e ele começa a tremer. Sierra arregala os olhos, e então eu vejo, a mesma expressão de entusiasmo de quando ela acerta um salto difícil. Como se estivesse saboreando uma conquista.

— Você pode tirar a camisa? — pergunta ela.

Me livro da peça e espero pelo próximo pedido.

— Calça? — sugiro, e ela assente. Tiro a calça de moletom e jogo para o lado. — Tá bom assim?

Então, como se estivesse com medo de perder a coragem, ela se deita meio sem jeito na cama.

Mordo os nós dos dedos, imóvel, quase arrependido de não deixar ela só me usar no lugar desse maldito vibrador. Ela desliza uma das mãos pela barriga e peito para brincar com os mamilos, enquanto a outra conduz o brinquedo vibrando alegremente. Ele desce, desce, desce até eu não conseguir mais respirar.

— *Ai, meu Deus!* — suspira ela, arqueando as costas. É uma visão que guardo na memória na mesma hora. Quero entalhar lá para o resto da eternidade. É isso que quero ver antes de morrer.

Ela olha para mim de novo, segurando o vibrador sobre o clitóris.

— Quero te ver — diz ela. — Mas só se você quiser — acrescenta rapidamente.

Aquilo tem um impacto maior do que eu esperava. Já me masturbei na frente de garotas antes, mas nenhuma que estivesse tentando se dar prazer pela primeira vez. Parece tão íntimo, vulnerável, mas mesmo no calor do próprio orgasmo, ela quer me ver — *se* eu quiser mostrar. Isso só intensifica a sensação no meu peito. Quero dar a ela tudo o que precisar de mim. Ela poderia só *tomar, tomar, tomar* e eu *dar, dar, dar* que nem um maluco.

— Quer que a gente goze junto, Sierra? Só de assistir um ao outro?

Ela geme tão alto, que se Lidia fosse nossa vizinha de quarto com certeza iria ouvir.

Tiro meu pau da cueca, me tocando, me jogando na sensação. Ela fica boquiaberta, os dedos dos pés contraídos, olhos grudados na minha mão.

— Me diz o que tá passando pela sua cabeça — peço.

— Você dentro de mim.

Puta que pariu, essa mulher vai me matar.

— Abre mais essas pernas, Sierra. Me mostra o quanto precisa disso.

Quando ela obedece, quase gozo na mesma hora, mas seguro firme a base do pau para desacelerar. *Preciso* que ela chegue ao êxtase primeiro, então tento pensar em qualquer coisa além de Sierra, gemendo meu nome e massageando o vibrador na boceta encharcada bem na minha frente. Quando ela estremece de novo e junta os joelhos, não consigo me segurar.

Abro as pernas dela e me ajoelho entre elas, vendo-a tremer descontroladamente.

— *Dylan*. Não aguento! — exclama ela.

— Eu sei, baby — sussurro, ainda me tocando. — Você tá indo tão bem.

— Me toca — ofega ela. — *Por favor*.

Não estava pretendendo, mas não sou idiota. Quando uma mulher te diz algo nesse tom de voz, você só obedece. Deslizo as mãos pelo corpo dela, das coxas até os seios, segurando cada um em uma das mãos, provocando os mamilos e observando a vermelhidão espalhada em seu corpo. São as únicas marcas em que quero que ela pense. Onde a toquei e provoquei, deixando lembranças para os próximos dias. Até eu renová-las.

— Não precisa pedir por favor, Sierra — digo, chupando um mamilo. — Não quando estiver comigo.

— Vou gozar — anuncia ela. Eu me afasto e me masturbo, observando seu rosto contrair. Ela geme alto, a onda de prazer crescendo e implodindo de uma só vez, assim como a minha.

A vibração para e ela larga o corpo mole no colchão, olhando para o teto.

— Que porra é esse negócio?

— Foi bom assim? — pergunto, vestindo a cueca de novo.

Ela mal assente, e então me puxa para me beijar. A pele dela está quente, e cada respiração ofegante faz o peito dela encostar no meu.

— Nunca fiz isso antes. — Ela se senta. — Por que nunca fiz isso antes? Parece até que tô flutuando.

— Você só precisava de mim na sua vida — brinco.

— Você não teve nada a ver com isso. Foi tudo mérito meu. — Ela soa tão convencida. Adoro isso.

Eu a beijo de novo, incapaz de resistir.

— Tem razão. Foi tudo mérito seu.

Vou para o banheiro me limpar e pegar uma toalha úmida para ela. Suas pernas ainda estão tremendo enquanto limpo a parte interna de suas coxas. Descarto a toalha e, quando volto, ela já está de short. Visto a calça e percebo que ela evita me olhar nos olhos.

Um buraco se abre fundo no meu peito. *Ela quer que eu vá embora.*

— Dylan — começa ela, mas não dou conta de ouvir. Acho que não sobreviveria. Concordei em fazer isso com ela, em ensiná-la como se dar prazer. Não significa que vou me aproveitar disso só para acalmar minhas próprias dores. Não vou passar do limite. É só sexo, e sou bom nisso.

— Te vejo amanhã — digo, me abaixando para beijar sua testa. — Boa noite, Sierra.

36

DYLAN

Nunca pensei que sentiria falta de cheiro do vestiário, mas hoje à noite, enquanto o time se prepara para o jogo, isso acalma algo no meu peito.

Voltamos de Lake Placid uns dias atrás, então Lidia nos deu algumas folgas, já que vou jogar minha primeira partida da temporada. Seguimos para o rinque, e os aplausos ficam mais altos quando dou minha volta pelo gelo. Esperava que todos me odiassem depois de ter deixado o time na mão. Apesar disso, dou um show no aquecimento. Giro na lâmina interna do meu patins e acerto um Lutz triplo, sorrindo para a torcida, que vai à loucura. O treinador não faz cara feia dessa vez. Em vez disso, parece orgulhoso. Tenho a sensação de que é porque Sierra e eu ficamos em segundo no torneio, mas não me sinto digno de nenhum desses aplausos quando ela não está ao meu lado.

Aqui, esperava encontrar a peça que faltava no quebra-cabeça, mas ela não se encaixa. Quando passo pelo vidro acrílico, vejo uma palma com uma carinha sorrindo pressionada contra ele. Patino até a lateral e encontro Sierra sentada ao lado de Scarlett, que veste a camisa número 76 de Ishida.

— É melhor você estar com minha camisa, Romanova — digo em voz alta, enunciando bastante as palavras enquanto bato no vidro.

— Vai sonhando, Donovan.

Mas então ela sorri e, quando descruza os braços, eu vejo. Número vinte. Meu número.

O jogo parece passar depressa. Estou mais rápido no gelo, fico por jogadas mais longas, manobro entre os outros com facilidade. Mas mesmo

com tudo isso, logo depois de mandar o disco para a rede, não sou rápido o bastante para desviar do ala-esquerda de Yale.

O impacto do corpo dele derruba meu capacete, e seu taco alto atinge meu queixo. Sinto o corte antes de ver o sangue escorrer na minha camisa. Minha respiração desacelera, e a raiva sobe. Quando empurro o ala-esquerda para longe, esperando o sangramento parar, o defensor deles vem na minha direção.

Ele deixa cair as luvas, e eu também. Ele acerta um golpe certeiro no meu queixo, mas sorrio quando o imobilizo em segundos. Dou um único soco, forte o suficiente para deixar o cara tonto.

É quase como se ele aguardasse meu próximo golpe, esperasse de alguma forma. Todo mundo sabe que não caio fácil, e se alguém vem para cima de mim, é melhor saber aguentar, porque nem os árbitros conseguem me tirar de cima. Mas hoje não parece valer a pena. Não sou mais esse cara.

O árbitro apita e anuncia a penalidade. O jogador de Yale leva uma falta por usar o taco alto, o defensor recebe cinco minutos por agressão física e sou expulso do jogo. É claro que sou. Puta que pariu.

Estou com a cabeça nas mãos quando Kilner e Hank, o médico do nosso time, saem do vestiário. Mesmo que tenha apanhado primeiro, também fui eu que recebi a infração. O treinador disse que a culpa não é minha, mas é um resultado terrível para o meu primeiro jogo de volta; ainda em estado probatório. Tenho quase certeza de que o diretor Reed e o reitor Hutchins estão no camarote hoje.

Os árbitros sempre me odiaram. No primeiro ano, eu estava com sangue nos olhos, e essa reputação pegou. Metade das minhas penalidades são injustas, mas só esperam que eu continue jogando e tente não levar provocação suficiente para ficar *agressivo*.

Sei que o time vai massacrar Yale, mas não me importo. Não estava concentrado no jogo e agora acho que sei o porquê. Meu telefone toca dentro do armário, mas quando me levanto para pegá-lo, noto o sangue manchando meu peito e abdômen.

Aiden Crawford
Acabamos de ver na TV. Kilner deveria ter contestado.

Eli Westbrook
Yale sempre se safa.

Sunny
Nunca vi uma decisão pior. Que piada.
Dê notícias. Tá todo mundo preocupado.

Meu primeiro pensamento é Sierra tendo que ver tudo isso. Estou preocupado por ela finalmente ter vindo a um dos meus jogos só para acabar vendo o gelo ensanguentado e se lembrar do acidente. Quando estou prestes a ligar para ela, a porta do vestiário se abre e entra uma irritada garota de cabelos escuros. Ela usa a minha camisa e uma calça jeans clara que a veste tão perfeitamente que rouba minha atenção por muito mais tempo do que eu pretendia.

É quando finalmente percebo que ela está aqui, neste vestiário, caminhando até meu corpo todo ensanguentado, e me viro de costas.

— Você não deveria estar aqui.

Ouço a resposta antes que ela fale.

— Não me diga pra onde ir.

Causar qualquer tipo de dor ou mexer com a cabeça dela me corrói o estômago, e não posso deixar que ela me veja assim, sabendo de tudo pelo que passou.

— Você não precisa me ver desse jeito, Sierra.

— Tô pouco me lixando — rebate ela na mesma hora. Sua mão repousa no meu ombro nu, me incentivando a me virar.

— Tem muito sangue — aviso. — Deixa eu tomar um banho primeiro.

— Tô pouco me lixando, Dylan — repete ela. Não tenho certeza se ela percebe o que está dizendo. — Quero te ver. Quero saber se você está bem. Pode fazer isso por mim? Por favor?

Desta vez, ela me convence. Quando me viro, seu olhar se volta para meu rosto, e vejo sua preocupação entre as sobrancelhas franzidas. Sua boca também se contrai quando solta um suspiro estrangulado. A próxima coisa que faz é o que me tira o fôlego. Sierra passa seus braços em volta do

meu tronco e encosta o rosto bem no meu peito. Onde o sangue mancha minha pele. Ela viu o sangue e nem se abalou.

— Me diz que você tá bem.

— Eu tô bem — sussurro.

Sierra me aperta com mais força, como se pudesse me manter inteiro.

— Você tá fora? — pergunta ela baixinho.

A indignação transparece nas minhas palavras.

— É, aqueles árbitros me odeiam.

— Sinto muito. Sei que esse jogo era importante pra você.

Não tanto quanto você.

— Tô acostumado.

Sierra se afasta, e o rastro de sangue que transferiu para sua pele clara me faz limpá-lo com a mão. Ela sorri antes de ficar na ponta dos pés para me beijar. A dor latejante do corte desaparece quando seus lábios encontram os meus. Estou me segurando, e ela sabe disso. Suas mãos percorrem cada centímetro da minha pele nua, me tentando a assumir o controle, como ela sabe que gosto de fazer. O raspar áspero de suas unhas arrastando pelo meu couro cabeludo e descendo até a nuca faz um arrepio me percorrer. Não há qualquer parte do meu corpo que não esteja focada em cada movimento dela.

— Sierra — aviso.

Ela me ignora, como eu esperava, se afastando, beijando bem ao lado do corte, depois mais abaixo no meu pescoço, deslizando pelo meu corpo, pressionando seus quadris contra mim enquanto desce, até cair de joelhos.

— O que você tá fazendo?

— Quero cuidar de você. Você jogou bem, então merece uma recompensa — diz ela. — Posso te tocar, Dylan?

Acho que ninguém nunca pediu permissão antes.

— Você sempre pode me tocar — respondo. — Sou todo seu.

Sierra balança a cabeça, se aproximando.

— Tô falando de agora. Se não quiser, é só dizer não.

Puta merda.

— Sim, pode me tocar. Me toca do jeito que quiser.

— Eu acho… que quero te tocar do jeito que *você* quiser.

Meu coração erra as batidas. Ela está com minha camisa, de joelhos no vestiário, pedindo para cuidar de mim. Tem tanta coisa que quero fazer

agora, mas assim sujo de sangue, tento cair na real. É claro que meu pau não pensa o mesmo, e Sierra percebe.

Ela dá um sorrisinho, do jeito que eu esperava, e depois uma lambida provocante logo acima do cós da minha cueca. *Ah, caralho.* Sierra me empurra para me apoiar contra um dos armários e me masturba através do tecido.

Estou prestes a impedi-la de novo, mas ela lança um olhar que me diz para calar a boca.

— Seu coração tá acelerado — sussurra ela.

— Pois é — sussurro, olhando-a de cima. — Por que será?

Há uma leve mancha vermelha em suas mãos quando ela desce pelo meu umbigo. É a coisa mais excitante que eu já vi. Talvez seja bizarro pensar assim, mas não penso direito quando se trata de Sierra Romanova.

Ela ri baixinho quando levanta o olhar pra mim.

— Nunca imaginei que você ia ficar tão quietinho recebendo um boquete.

Este é um momento saído direto das minhas fantasias, e estou com medo de quando ela me tocar, desaparecer. Ou eu desmaiar. Ela puxa o elástico da minha cueca e meu pau pula para fora, duríssimo, curvado para cima. Seus olhos verdes se arregalam, e seguro um gemido.

Quando ela envolve os dedos com firmeza ao redor da base, sinto a pressão crescer, cada gota de sangue indo direto pra lá. Sierra não tira os olhos de mim quando lambe a cabeça. Como se eu não estivesse a um ponto de agarrá-la pelo cabelo e foder a boca dela do jeito que eu imaginei. Já sei que ela vai se arrepender de fazer aquele comentário sobre ficar quietinho.

— É isso que você quer? — pergunto sem fôlego. — Que eu foda essa sua carinha linda?

Ela segura minhas bolas e passa a língua da base do pau até a cabeça, sem romper o contato visual em nenhum momento.

— O que você acha?

— Certeza? — Dou um puxão no cabelo dela.

— Por quê? Quer que eu implore? — zomba ela.

— Pensando bem, quero.

Tenho certeza de que ela poderia *me* fazer implorar agora, e eu obedeceria sem pensar duas vezes. Mas então, sem aviso, a boca quente

dela me envolve, e me vejo arregalando os olhos para encontrar os dela. As íris esmeralda se fixam em mim quando ela brinca com minhas bolas de novo.

— Olha pra mim enquanto me chupa, Sierra. — Estremeço, e mal me aguento quando ela me engole tão fundo que se engasga. Essa é minha garota, caralho.

Encosto a cabeça na porta do armário. É isso. Espontâneo, faminto, desesperado.

— Vou gozar — aviso, puxando o cabelo dela gentilmente para chamar sua atenção. — Pode ser na sua boca?

Ela cantarola um "uhum", e a vibração da voz no meu pau me faz ver estrelas. Contraio o abdômen e meto fundo até encher a boca dela com cada gota. Ela se afasta, sua língua circulando o meu pau para não desperdiçar nada, e quando dá um beijo suave na cabeça, juro que já estou duro de novo.

No instante seguinte, eu a beijo. Ela tem meu gosto, e sei que nada se compara a isso.

37

SIERRA

A faculdade é horrível quando as aulas duram três horas e você as passa sonhando acordada com um jogador de hóquei de quase dois metros de altura. Porque o pau de Dylan Donovan é o mais bonito que eu já vi. Não que eu tenha visto muitos, mas, meu Deus, o cara é lindo! Entre Lake Placid e o vestiário, só pensei sacanagem durante toda esta semana de aulas e treinos. Acho que ele está me influenciando.

Apesar de tudo isso, a cara que ele fez na noite em que saiu do meu quarto de hotel foi o que bateu mais pesado. Eu sei que sexo é diferente na faculdade, e Dylan já fez bastante. Mas pelo que descobri da investigação da Scarlett, ele nunca ficou com a mesma garota duas vezes. Por algum motivo, ele está me deixando ter mais, mas me recuso a fazê-lo se arrepender ao deixar minhas neuras vencerem. Sou inexperiente, não burra. Então, prometi a mim mesma que não repetiria o que aconteceu com Justin. Posso me divertir, e não preciso arriscar a vida inteira por causa disso.

Meu telefone vibra e o nome dele pisca na tela, como se soubesse que estou pensando nele.

Dylan
O Dale Thunderman está aqui.

Sierra
O quê?! Como assim? Ele acabou de postar que está caçando tempestades em Oklahoma.

Dylan
Nossa. Eu só joguei um verde pra ver se você vinha pra cá. Você realmente segue o cara?

Sierra
Só pelos cenários.

Dylan
… ele só posta selfie.

Sierra
Exatamente.

Dylan
Se controla, Romanova. O cara é casado. E se quiser fotos, venha e tire quantas quiser de mim.

Sierra
Você já me manda uma foto sem camisa todo dia de manhã. Eu dispenso.

Dylan
Faço comida pra você.

Sierra
Tá bom.

Dylan já estava com os sanduíches prontos quando cheguei. Treinamos mais cedo, então estamos claramente exaustos. Ficou pior depois que Kian nos fez ver centenas de fotos de gatinhos para ajudá-lo a escolher qual vai adotar. Acho que está carente.

Mas assim que chegamos ao quarto de Dylan, ele me puxou para o banheiro. Depois do meu acidente, mal me olhei no espelho. Agora, ele gosta de me ver me desmanchar diante do reflexo. No chuveiro, minhas costas batem no azulejo, e ele se ajoelha, beija minhas cicatrizes e sussurra palavras doces contra minha pele. Arrepios seguem o caminho de seus lábios, e parece que meu corpo está se alegrando com todo o amor que

nunca lhe dediquei. Não sabia que podia ficar melhor, mas com ele meu corpo canta, e quero ficar lá até bem depois de a água esfriar.

Saímos do banheiro, e não consigo deixar de observá-lo. As costas de Dylan Donovan são minha ruína. As gotas de água deslizam sobre sua pele bronzeada, traçando um caminho lento por suas costas até desaparecerem na toalha enrolada em sua cintura.

Mas desvio a atenção quando ele pega um short. Um envelope lilás desliza de baixo do tecido, caindo no chão aos seus pés. Me levanto da cama, sua camiseta enorme roçando nas minhas coxas enquanto me agacho para pegá-lo. Quando me endireito, Dylan se afasta, seu olhar seguindo a carta agora suspensa entre meus dedos.

— Você derrubou isso — comento.

A expressão relaxada em seu rosto, que se instalou depois do nosso banho, desaparece completamente. Quero voltar ao chuveiro agora mesmo para colocar o sorriso de novo em seu rosto.

— Que foi?

Ele segura meu rosto e beija o topo da minha cabeça.

— Nada pra você se preocupar.

— Dylan.

— Não é nada, Sierra.

— Então por que você parece tão chateado?

Ele mexe o polegar num ritmo de vai e vem contra meu queixo.

— É uma carta da minha mãe. Meu pai me deu no dia que veio me visitar. Não abri.

Isso parte meu coração. Consigo sentir sua culpa quando fala dela, sua dor ao vê-la ser tratada daquele jeito.

— Você não quer saber o que ela escreveu? Deve ser tudo que ela quer te falar antes da cerimônia.

— Eu não vou. Não adianta ler. — Ele faz menção de se sentar na cama, ainda segurando a carta. — Se eu abrir, sei que vou me sentir culpado o suficiente para ir àquela farsa que estão organizando.

— Se você ler esta carta e achar que precisa ir para apoiá-la, então é isso que você vai fazer. Porque, apesar de tudo o que dizem, você é um *bom* filho e uma boa *pessoa*, mesmo que isso signifique se colocar em primeiro lugar e não ir. De qualquer forma, tô bem aqui com você.

Eu me sento ao lado dele, observando os contornos rígidos do seu rosto se transformarem em algo mais suave.

— Quer que eu leia? — pergunto.

Ele engole em seco e me entrega a carta.

Tiro o papel do envelope e o desdobro para revelar a letra cursiva elegante da sua mãe. Há um leve aroma de rosas que emana do papel, e é então que Dylan pega minha mão e entrelaça nossos dedos em seu colo.

Leio em voz alta.

Kuzum,

Sei que provavelmente abrir esta carta exigiu muito de você e quero agradecer por me dar uma chance, algo que sei que não mereço depois do que te fiz passar. Seu pai e eu estamos juntos desde os quinze anos, e quando se passa mais tempo da sua vida com outra pessoa do que sozinha, os limites começam a se confundir. Ele fez coisas ruins, Dylan, mas isso não o torna uma pessoa má. Eu o amo. Eu amo você. Vocês dois são parte da minha alma, e não posso simplesmente arrancar um pedaço dela e continuar vivendo. Posso ser ingênua, mas ele é tudo o que conheço, esta vida é tudo o que conheço. Ainda me lembro dele como o homem com quem me casei e a quem jurei estar ao lado. Você pode não entender isso ainda, mas amar uma pessoa às vezes significa amá-la por inteiro, cada parte quebrada, frustrante e sombria.

Saiba que, por mais que eu queira que você esteja presente, entendo se não puder estar.

Com amor, mamãe

Dylan pisca várias vezes, seus olhos brilhando enquanto luta para conter as lágrimas. A visão de sua vulnerabilidade mexe com algo profundo dentro de mim, e deixo a carta escorregar dos meus dedos para a cama. Sem hesitar, ele estende os braços, envolvendo minha cintura para me puxar entre suas pernas. Sua cabeça repousa contra minha barriga, e o abraço com força, como se isso pudesse, de alguma forma, impedi-lo de desmoronar.

— Odeio meu pai — diz ele com a voz rouca, as palavras ásperas e desgastadas. Corro meus dedos pelos seus cabelos, oferecendo o único conforto que posso.

— Eu sei — sussurro.

— Eu não vou. — Sua voz sai abafada contra minha camiseta.

De alguma forma, eu o aperto ainda mais forte, como se pudesse espremer toda a dor em sua voz.

— Não precisa — asseguro. — Mas estarei lá com você, se precisar.

Ele levanta a cabeça.

— Você iria comigo?

— Eu iria a qualquer lugar com você.

Os olhos de Dylan não têm o brilho que estou tão acostumada a ver. Este não é o Dylan que todos pensam que conhecem. É o que ele mantém escondido atrás de portas fechadas e sob o jato de água em seu chuveiro isolado.

— Dorme aqui hoje? — pede ele.

Passo as pontas dos meus polegares sobre as linhas cansadas sob seus olhos.

— Não pretendia ir embora.

38

DYLAN

Como todo ano, nossa festa de Halloween começou há apenas algumas horas e geral já está bêbado. E, ao contrário de todo ano, estou completamente sóbrio no meu próprio aniversário.

Estou parado no sinal vermelho enquanto uma família vestida de abóboras atravessa a rua. Mais cedo, Kian começou a reclamar de ter que dirigir até West Hartford para buscar Summer e o bolo. Peguei minhas chaves e interrompi o drama. Na verdade, minha agonia tinha pouco a ver com ajudar e tudo a ver com escapar do caos. Eu precisava de espaço, de um tempinho para respirar, antes de me fantasiar daquele cara que não sou há meses. Não desde que estou com ela.

Faz alguns dias desde que Sierra passou a noite comigo. Esperava acordar em uma cama vazia de novo, mas desta vez ela estava sentada na beira do colchão, cutucando minha bochecha. Usava um dos meus suéteres de gola redonda, o cabelo emaranhado por onde eu passei os dedos a noite toda, um sorrisinho nos lábios.

Ela estava indo embora, mas me acordou para avisar. Foi a primeira vez. Assim como o beijo rápido e desajeitado que deixou na ponta do meu nariz antes de sair pela porta. Pura felicidade! Passamos os dias seguintes alternando entre nossas casas, mas sem passar a noite toda. Eu soube então que da próxima vez que ficássemos, queria acordar com ela. Não ia descansar até poder ter isso.

Dirijo pela avenida principal, com o bolo preso com cinto de segurança. Ninguém na confeitaria sequer piscou para a minha fantasia, mas não me esforcei muito este ano. Kian tentou me fazer de Darth Vader, porque ele é Anakin Skywalker. Optei por uma máscara básica de Ghostface e calça

jeans preta. O rádio toca algumas músicas country, um resquício de quando Summer foi buscar Aiden, Eli e Sage no aeroporto esta manhã. Todos vieram para o meu aniversário, e eu estava animado para vê-los, mas isso não preencheu o vazio no meu peito.

Quando passo por outro sinal vermelho, aperto a mão no volante. A irritação que me atormenta não tem nada a ver com o bolo de sorvete derretendo e tudo a ver com uma certa garota.

Tivemos ensaio ontem, mas estávamos tão cansados que não conversamos. Sierra, claro, decidiu que era o momento perfeito para tentar um laço. Lidia cedeu, então começamos a praticar, sua mão na minha, e eu a levantei acima da cabeça enquanto ela se esticava em um espacate sem esforço. Mas Lidia não ficou satisfeita. Ela nos fez repassar todo o programa com aquele levantamento dezenove vezes. *Dezenove*. Sierra se recusou a reclamar, então continuamos.

Finalmente, estacionado na garagem, pego o bolo do banco de trás e subo os degraus. A festa está só começando a evoluir de um rolê de boa para o puro suco do caos. Anos frequentando festas da faculdade aprimoraram minha capacidade de prever essa trajetória. Esta vai dar dor de cabeça, posso garantir.

Respiro fundo antes de entrar em casa, imediatamente ouvindo alguém gritar meu nome. Abro caminho pelo mar de universitários embriagados que me desejam feliz aniversário enquanto entro na cozinha. Lá, coloco o bolo no congelador. Meu olhar se volta para as garrafas de destilados enfileiradas no balcão. Não pego nenhuma.

— Desgraça — diz Amara Evans, melhor amiga de Summer. Somos amigos desde o começo deste ano e, algumas semanas atrás, ela usou seu conhecimento de computação para me ajudar a derrubar todos os vídeos do acidente de Sierra que ainda estavam online.

Ela morde uma cenoura com um estalo alto, o que me faz olhar em sua direção. Está vestida de Mulher-Gato, com uma fantasia de látex preta com orelhas pontudas no topo da cabeça.

— Ela é ainda mais gostosa pessoalmente — diz Amara, com o olhar fixo na porta da frente. Sigo seu olhar enquanto Eli e Sage, vestidos de bombeiro e de incêndio, finalmente entram. Aparentemente, todos tinham alguma coisa de última hora para resolver.

— Sage? — pergunto, com a curiosidade aguçada. Amara assente, me oferecendo aipo, mas eu recuso. — Por quê? Você tem um crush no Eli?

— Pelo jeito, tenho um crush nos dois agora — murmura ela.

— Justo — digo. — Mas você e Sampson não…

O resto da minha frase é abafado pela mão dela.

— A gente não fala disso. *Nunca*.

Afasto sua mão coberta de látex preto.

— Ainda não contou pra Summer?

— Não preciso, porque não significou nada — responde Amara com um dar de ombros desdenhoso, embora sua indiferença não mascare o desconforto em seus olhos.

— Sei não, Amara, pareceu significar algo quando vocês dois estavam no almoxarifado do Porter's.

Ela franze os lábios.

— E você? Ainda arrastando asa pela parceira de patinação?

Antes que eu possa responder, ela resmunga um palavrão, me atira um "feliz aniversário" apressado, pega a bandeja de legumes e desaparece no caos do corredor. Tyler Sampson entra vestindo uma fantasia de gladiador, acenando com uma garrafa de tequila Clase Azul. Porque é claro que ele levaria tequila boa para uma festa da faculdade.

— Era Amara ali? — pergunta ele, observando o rastro de sua partida.

— Sei lá.

— Bom, parabéns, cara — diz ele, dando um tapinha nas minhas costas. Ele toma um gole direto da garrafa e brinda na lata de refrigerante que estou tomando. O tilintar abafado das nossas bebidas o ofende.

— É assim que você vai comemorar seu aniversário e a volta pro time?

Apesar de estar bêbado, Sampson consegue segurar a onda. É por isso que gostei de tê-lo por perto neste verão; nós dois somos pesos pesados, e nenhum teve que arrastar o outro para casa. Aqueles dias de bebedeira amadora ficaram para trás, embora às vezes eu ainda acabe cuidando de Kian quando ele dá PT.

— Não é mais a minha praia — digo.

— É por causa daquela patinadora artística gostosa que tá sempre contigo?

De repente, tenho vontade de dar um soco na cara dele.

— O nome dela é Sierra.

Sampson sorri.

— Pisei no calo?

Algo chama sua atenção, e ele vai embora antes que eu possa responder. Pela cara, já sei que viu Amara com a fantasia de Mulher-Gato.

Ainda não vi Kian, e não sei se isso é bom. Observo Aiden encostado na parede, bebendo água, provavelmente. Sua namorada está na pista de dança, e ele a observa com atenção. Está vestindo uma armadura de gladiador e uma capa vermelha, enquanto Summer está com um tecido roxo envolvendo seu vestido lilás. São Hércules e Mégara. Claro que são.

— Você não odiava se fantasiar? — pergunto a ele.

— Você me fez ir de Branca de Neve ano passado. Acho que nós dois sabemos que não me importo — diz ele no momento em que Summer o atropela. — Além disso, é aniversário da minha mulher. Ela vai ter tudo o que quiser.

Summer se vira e me aperta em um abraço.

— Feliz aniversário!

Aperto-a de volta.

— Feliz aniversário, Sunny.

— Você gostou? — Ela sorri, orgulhosa.

A festa está surreal, nada como o que já fizemos antes. Ela trouxe um palco inteiro, caixas de som, mesas, tudo. É muita coisa, e ela merece; só não tenho tanta certeza de que eu mereço.

— Aham, adorei — digo mesmo assim.

Ela me observa atentamente, mas sorri como se tivesse algum segredo.

— A propósito, deve ter mais refri do que álcool de verdade. Eu queria que fosse um evento sóbrio, mas seus irmãos da fraternidade claramente não concordam.

Ela gesticula para os barris enfileirados na parede. Eu rio.

— Agradeço o esforço.

Ela inclina a cabeça enquanto olha para minha fantasia.

— Você é… Magic Mike?

— Ghostface. — Mostro a máscara que deixei na mesa.

Ela avalia minha fantasia novamente.

— Tenho quase certeza de que ele usava camisa nos filmes.

— Acho que seria uma pena esconder tudo isso. — Passo a mão pelo meu abdômen. — Minha faca…

— Não ouse fazer uma piada de pinto — avisa ela. — Estou surpresa que você não tenha estrondado este ano.

Dou de ombros. Ao longo dos anos, era eu quem sempre insistia nas fantasias. É divertido, mas não consegui me importar este ano. Só quero que este dia acabe.

— Bem, tenho a sensação de que este vai ser seu melhor aniversário da vida. — Ela sorri como se soubesse de algo que eu não sei. Quando ouve sua música favorita, corre para a pista de dança novamente, e o olhar de Aiden a segue com um sorriso preguiçoso nos lábios.

Cara, ele está perdidamente apaixonado por ela. Que fofo.

Fofo? Tomo um gole do meu refrigerante. Nunca pensei que ver meus amigos em relacionamentos felizes me faria querer o mesmo. Ter alguém com quem fazer tudo junto. Tenho estado tão envolvido em seguir a vida que não percebi o quão profundamente Sierra se acomodou no meu peito. E não quero que ela vá embora. Na verdade, eu a quero mais perto. Mais permanente.

Estou tão fodido!

Me volto para Aiden, sacudindo a cabeça.

— É meu aniversário também. O que eu ganho?

— Você já usou seu desejo na fantasia de Branca de Neve.

— Isso foi ano passado. Você deve ter comprado alguma coisa pra Summer.

Aiden levanta uma sobrancelha.

— Por quê? Tá sondando que presente eu vou dar pra ela?

— Não, acho que seu pau não seria um presente muito memorável.

Ele revira os olhos.

— O que você quer?

— Você anda muito estressadinho esses dias. Acho que sua namorada está te influenciando.

Ele me mostra o dedo do meio. Estou rindo quando minha pele se arrepia, como sexto sentido, quando a porta da frente se abre e mais pessoas entram. Meu olhar pousa em uma garota perto da mesa de bebidas, de costas para mim, mas eu conheço aquele corpo. Mapeei cada centímetro dele, experimentei ainda mais. Sonhei com ele vestindo ainda menos. Ela está usando um espartilho preto, a saia combinando, mais

curta do que qualquer coisa que eu já a vi usar, e meia arrastão. Coloco minha máscara e gravito em direção a ela como um ímã.

Minhas mãos encontram a curva de sua cintura, e ela fica imóvel até que eu a puxo para mim, suas costas encostadas no meu peito.

— Achei que você não vinha — sussurro, pressionando meus lábios em sua orelha.

Observo a curva dos seus seios se elevar com uma inspiração profunda. Ela tem um cheiro inebriante, e odeio não estarmos sozinhos.

— Por quê? — pergunta Sierra, com a voz abafada sob a máscara, quase inaudível por causa da música ensurdecedora.

— Não consigo te segurar. Talvez precise usar uma corda na próxima vez.

Ela se vira nos meus braços, tirando uma máscara de Ghostface e fazendo o mesmo com a minha. Sierra levanta uma sobrancelha, como se estivesse irritada.

— E se eu fosse outra garota?

Finalmente, *finalmente* seus olhos verdes pousam em mim.

— Mas não é.

— Mas você não tinha como saber.

— Eu te reconheceria em qualquer lugar, Sierra — digo. — Cada. Pedacinho. Seu.

O pescoço delicado se contrai. Algo próximo a um sorriso surge em seus lábios antes de ela franzir a testa, seu olhar percorrendo meu arremedo de fantasia.

— Você planejou isso? — pergunta ela, segurando a máscara de Ghostface.

— Estou tão surpreso quanto você.

Scarlett me vê e me deseja feliz aniversário. Sierra olha para sua melhor amiga, usando uma fantasia de Padmé.

— Isso tem dedo seu, né?

— Kian perguntou se eu podia fazer um favor. Ele é bem persuasivo — admite ela.

— Mas é claro.

O sorriso de Scarlett cresce quando Kian se aproxima, passando o braço em volta de mim enquanto seu sabre de luz cutuca a lateral do meu corpo.

— Nossa. Que coincidência!

Fechamos a cara. Exceto Scarlett, que sorri.

— Já mostrou a ele? — Kian pergunta a Sierra, e seus olhos se arregalam, as bochechas um pouco rosadas.

— Mostrar o quê? — pergunto.

— Nada — todos dizem. Kian rapidamente pega a mão de Scarlett e a puxa para longe.

Então, estamos sozinhos novamente. Bem, tirando as 1.500 — talvez mais — pessoas nesta festa. Sierra relaxa enquanto está comigo, mas quanto mais tempo ficamos ali, mais a tensão se infiltra em sua postura. Ela desvia das pessoas que esbarram nela. Eu resolvo seu problema pressionando-a contra a parede, presa entre meus braços.

Nós dois nos olhamos como se estivéssemos nos lembrando daquela noite. Quando ela gemeu e suspirou contra minha pele, e quando gemi com a boca na sua boceta. Meu olhar pousa em seus lábios, vermelhos, claro, e sei que eles têm esse gosto também. Quentes e irresistíveis.

— Você não tem que brincar de anfitrião? — pergunta ela.

Há outra sequência de "Parabéns" e tapinhas nas costas quando Kian diz alguma coisa no microfone. Meu foco não vacila, porque meu coração acelerado puxa toda a minha atenção para a pessoa por quem ele tenta irromper do peito.

— Não é minha prioridade agora.

— Tem certeza? Tem muita gente aqui — diz ela.

— Só ligo pra uma.

Observo os arrepios subindo pela pele dela e como sua garganta sobe e desce quando ela engole.

Então, alguém chama meu nome pelo alto-falante mais uma vez, com uma voz embriagada, e mesmo com o som estridente do microfone provocando uma reclamação audível da multidão, não me viro. Se Kian quiser me encontrar, ele vai ter que me arrastar para longe dela.

— Estão te chamando — comenta Sierra.

— Então vamos pra um lugar tranquilo.

— Quer abandonar sua própria festa?

Seu olhar passa por mim. Quando meu peito roça no dela, fazendo meu sangue descer, ela levanta a mão rapidamente e espalma contra meu peito, e eu a deixo me empurrar só um centímetro.

— Você não tá pensando direito — ela deixa escapar, como uma espécie de último recurso.

— Se o mundo todo fosse só um borrão, eu ainda te veria claramente — respondo.

Ela arfa, e não consigo não baixar o olhar por sua roupa. Curtíssima, toda preta, toda minha. Não consigo me conter e pego a mão dela e a coloco sobre o meu coração. Seu olhar escurece, e ela lambe os lábios vermelhos. *Porra*, ela é perfeita.

Então, um cara bêbado vestido de Patrick Bateman esbarra na gente. Ele pede mil desculpas antes de se levantar do chão e sair cambaleando pela multidão.

— Você que diz, Romanova — digo, encostando minha testa na dela. — Vamos fugir?

Sierra assente, pegando minha mão e me levando pelo corredor em direção ao meu quarto.

39

SIERRA

Estou nervosa. Tipo mãos suadas, coração disparado, pernas fracas, tudo.

Não tem nada a ver com a maneira como o olhar dele derrete cada pedaço da minha compostura como cera quente. É porque tenho uma surpresa para ele. Uma parte de mim estava enrolando, porque não sei se estou extrapolando algum "limite casual de parceiros que se pegam", mas Dylan é meu amigo e eu me importo com ele.

Enquanto seguimos pelo corredor, os convidados explodem em aplausos e dão tapinhas em suas costas. Mas quando olho por cima do ombro, sua postura está rígida, seu rosto, indecifrável. Ele não cumprimenta ninguém.

Assim que entramos em seu quarto e ele fecha a porta atrás de nós, Dylan congela com a visão diante dele.

Espero por algum sinal de que ele gostou ou odiou a surpresa, mas sua expressão é indecifrável, o tipo de tela em branco que faz meu estômago revirar. Seu olhar percorre o cômodo, parando nas fotos penduradas no teto, cada uma com um bilhete no verso. Há pelo menos cinquenta. Há fotos dele com Kilner, algumas com os garotos no Halloween do ano passado, quando se vestiram de Branca de Neve e os sete anões, algumas com Summer e Kian caminhando ou no carnaval.

E então tem a nossa foto. É a que ele encara por mais tempo. Eu nem vi quando Lidia a tirou. Ele chuta um balão ao andar pelo quarto e olha a foto como se estivesse tentando descobrir se é real. Seus dedos pairam sobre a borda do papel, roçando-o suavemente enquanto o vira para ler o bilhete que rabisquei no verso.

É uma foto em que estou sentada no banco do rinque enquanto ele amarra o cadarço dos meus patins. Pelas minhas sobrancelhas franzidas e

seu sorriso, percebi que devíamos estar discutindo. Provavelmente porque ele inventou que eu tinha feito alguma coisa, e discordei, é claro. Tudo isso enquanto eu estendia as luvas para ele, e ele amarrava meus patins. Lidia disse que era a sua foto favorita de nós dois porque, não importa o quanto a gente brigue, ainda cuidamos um do outro inconscientemente.

Dylan olha para mim agora. Assim que abro a boca para explicar ou sair correndo do quarto dele, a confusão em sua expressão suaviza, transformando-se em algo que parece compreensão.

— Você fez isso? — pergunta ele.

Ainda não sei dizer se ele está feliz ou não. Estou tão acostumada a ler o rosto dele, a avaliar cada movimento do seu corpo para saber como reagir, mas nenhum desses truques que aprendi me ajuda agora.

Engulo em seco.

— Seus amigos ajudaram.

— Mas foi ideia sua?

Faço que sim com a cabeça, tentando dar de ombros casualmente. Kian estava estudando com Scarlett na semana passada, e acabei contando a ele — mas me arrependi assim que ele começou a cantarolar musiquinhas românticas. Ele e Scarlett devem ser mais próximos do que eu imaginava, porque ela só olhou, e ele concordou em ajudar. Foi por isso que Kian mandou Dylan buscar o bolo mais cedo. Toda a situação foi um trabalho em equipe, mas a ideia foi minha. Porque eu queria que Dylan visse o quanto todos se importam com ele, não só quando ele está bebendo ou sendo a alma da festa, mas também pela pessoa que é nos outros momentos.

— Você disse que odeia comemorar seu aniversário. Pensei que poderíamos criar uma nova memória. Uma melhor.

— Por quê? — Sua voz se ameniza, baixa e rouca de um jeito que nunca ouvi antes, como se estivesse envolta em algo frágil. Ele parece um garotinho novamente. Todo esperançoso, um deslumbramento suave no rosto. Há algo tão inocente e desprotegido no jeito como ele me olha que quase me rasga ao meio.

— Porque você merece ter um bom aniversário. É um dia especial, não importa o que você tenha se forçado a pensar.

— Mas estou comemorando. Tem uma festa rolando lá fora. — Ele aponta para a porta, onde o baixo de "The Spins", do Mac Miller, ressoa do

lado de fora, mas só consigo pensar que ele está tentando se convencer de que não merece isso.

— E tá ótima. Seus amigos realmente te amam e se importam com você, mas eu sei que a festa não é sua cara, pelo menos não mais. Eles sabem disso também, então queriam te dar alguma coisa. Algo só pra você.

— Eles?

Ele se aproxima, e um balão preto encosta na minha perna.

— Nós — corrijo suavemente.

— E as fotos. De quem foi a ideia?

— Minha — admito, encontrando seu olhar. — Todo mundo me mandou as fotos favoritas que tinham com você — explico. — Lidia me deu a nossa quando soube.

Desta vez, quando ele dá um passo à frente, as pontas dos seus sapatos encostam nos meus. O ar entre nós fica mais denso, carregado com algo que parece grande demais para este quarto.

— Você dificulta tanto a minha vida, que inferno — diz ele, com a voz baixa e rouca de derrota. Meu coração tropeça, depois se contorce. — Como é que eu vou te mostrar que você é diferente pra mim — continua, com os olhos ardendo nos meus — quando você faz essas coisas, e eu fico querendo revelar meu outro lado? O lado que não vai sossegar até te comer de todos os jeitos que eu sonhar.

Sinto uma pulsação no meu estômago.

— Você tá tentando ser diferente pra mim?

— Olha em volta, Sierra. Tudo neste quarto é novo. Não há um único lugar aqui que tenha sido ocupado por outra pessoa. Eu até pintei a porra das paredes. Meu chuveiro? Você é a primeira pessoa que já esteve lá comigo. — Ele ri sem achar graça. — E hoje? Eu sei que podia ter bebido, mas não bebi, porque esperava que você viesse. E não quero perder nenhum detalhe quando se trata de você.

Ninguém jamais comparou minha presença a algo tão vital. Ele evita meu olhar. É como se estivesse se preparando, sem saber se acabou falando demais.

— Olha pra mim. — Seguro seu rosto com as mãos, mas ele ainda não me olha nos olhos. Em vez disso, encosta a testa na minha, e reprimo o som engasgado que sobe pela minha garganta. — Por favor?

Ele obedece. Seus olhos castanho-âmbar se erguem lentamente, os cílios longos se abrindo como cortinas delicadas.

— Você não é o seu passado. E mesmo que fosse, não tem nada do que se envergonhar.

— Tenho s…

— Não tem — digo com firmeza. — Você é muito mais do que isso. Atencioso, gentil e tão generoso que me dá um pouco de inveja. Não é só alguém pra cobiçar ou com quem se contentar. Você é uma pessoa inteira, que merece cada grama de respeito.

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso.

— Talvez só você ache isso.

— Sabe o que eu acho? — pergunto. — Acho que as pessoas pensam que você só se importa consigo mesmo e com o seu prazer, porque essa é a versão que você escolheu mostrar. Mas, no fundo, você é a pessoa mais altruísta que já conheci. E acho que as pessoas que realmente te conhecem e te amam sabem que essa é a verdade.

Ele solta uma risada suave.

— Isso é bem brega vindo de você, Romanova.

— Pode zoar à vontade, mas eu te enxergo, Dylan. — Pego sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Não conseguia antes ou nunca me permiti, mas, agora que consegui, não posso ficar parada e deixar você pensar desse jeito de si mesmo.

Seus olhos castanhos brilham.

— Eu também te enxergo, Sierra.

Meu corpo se mexe por vontade própria, envolvendo meus braços em torno do seu tronco nu e pressionando meus lábios em seu peito quente.

— Eu não preciso que você seja diferente pra mim. Gosto de você como você é. O antigo, o novo, eu só quero *você*.

Alguns segundos de silêncio se estendem entre nós, densos e pesados. Ele segura meu rosto, terno e possessivo.

— Então, se eu tirasse sua roupa, lambesse cada centímetro do seu corpo e metesse meu pau bem fundo, você não ia ter outra ideia de mim?

Eita.

— O-outra, sim. Mas ruim, não.

Ele sorri, chegando mais perto, seus lábios roçando minha orelha quando pergunta:

— E se eu te beijasse assim?

Dylan inclina minha cabeça, capturando meus lábios enquanto sua língua se move quente e lentamente na minha boca, explorando e em completo controle. Eu me coloco na ponta dos pés, à sua mercê, sentindo meu estômago revirar antes de ele se afastar.

— Você não me veria diferente? — pergunta ele.

Agarro seus ombros, puxando-o mais perto até encostar nariz com nariz.

— Me beije assim de novo, e não vou parar até você *me* ver de um jeito diferente.

— Deita na cama — ordena ele.

Não hesito. Não quando ele me olha desse jeito.

— Essa maldita saia. Achou mesmo que podia vir à minha festa vestida desse jeito e eu ia durar um segundo lá fora?

— Ouvi dizer que você leva fantasias a sério. E eu queria satisfazer o aniversariante.

Sua risada vibra contra minha pele.

— Então existe um mundo onde Sierra Romanova quer me satisfazer?

— A gente deve estar em um universo alternativo — brinco.

— Tudo bem, baby — sussurra ele contra minha barriga. — Vou te satisfazer em todos eles.

Dylan abre o zíper da minha saia e tira minhas botas antes de me jogar de volta no colchão. Ele me segue, subindo em mim como um ímã. Agarra minhas coxas com força antes de soltar o corpo em cima do meu.

Dylan me beija como se estivesse faminto. Cada deslizar de sua língua parece gasolina sobre uma fogueira acesa. Eu anseio por sentir mais. Estou desesperada para que ele se esfregue em mim, que me deixe roxa, *qualquer coisa*.

Quando prendo meus dedos em seu cinto, Dylan puxa meu cabelo. Sua expressão é terna enquanto ele passa a ponta do polegar sob meus olhos, tão delicadamente que estou convencida de que minha pele é de porcelana. Então, ele pressiona um beijo leve em cada uma das minhas pálpebras.

— Isso é diferente, Sierra — diz ele, com a voz rouca, quase suplicante.

— Eu sei — suspiro.

— Sabe? — Seu olhar fica mais intenso. — Tô falando sério. Não tem mais ninguém. Ninguém mais que eu queira provar, ninguém mais que eu

queira foder. Ninguém mais que eu queira como parceira. É com você que quero fazer tudo certo.

Mal consigo me conter para não rebolar contra ele, mas as mãos de Dylan estão firmes na minha cintura. A música ainda bate nas paredes lá fora. Tenho quase certeza de que ouço Kian e Summer cantando um dueto, mas presto atenção no coração de Dylan batendo rápido contra o meu.

— Que guloso — provoco.

— Só quando se trata de você — sussurra ele. — Namora comigo.

Meu coração para.

— Acho que isso devia ser uma pergunta.

Seu polegar pousa no meu pescoço.

— Não tenho nenhuma dúvida de como me sinto com você. Hoje à noite, quando eu te comer, Sierra, vai ser como minha namorada. Quero te segurar nos meus braços e saber que você é minha para sempre.

Algo explode no meu peito, me ilumina como o sol.

— Você me quer pra sempre? — pergunto.

— Não vou te deixar escapar.

— Tá bem — sussurro. — Vou ser sua namorada.

Um gemido alto e estrondoso de satisfação escapa, e ele enterra o rosto na curva do meu pescoço. Quando se afasta, alonga minhas coxas até a minha barriga, me esticando tanto que o ar toca naquele ponto mais sensível, mas seu olhar ardente me aquece a um nível insuportável.

— Vai ficar me olhando a noite toda? — provoco.

— Talvez.

Solto uma risada, me sentindo completamente exposta. Ele tira a calça, ficando só de cueca. Minha mão desliza em seus cabelos, agarrando os cachos castanhos. Coloco a outra mão sobre a boca, para não fazer barulho.

Dylan balança a cabeça, pressionando a língua no meu clitóris em um aviso.

— Deixa eu te ouvir, Sierra. Você sabe que adoro. A gente não reprime nada quando estamos juntos, né?

Quando não tiro a mão, Dylan se afasta, e quase gemo com a ausência do seu toque. Ele abre a gaveta, mas rapidamente percebe que o que quer que esteja procurando não está mais lá. Então, ele pega minha calcinha do

chão, levanta meus braços e os amarra acima da minha cabeça, na cabeceira da cama. Com a minha calcinha. *Meu Deus!*

— Não. Se. Mexa — ordena.

— T-ta bom — gaguejo, e ele volta a fazer aquela coisa com a língua que me faz ver estrelas, e arranca vários suspiros de mim, e gozo quando ele pede.

Quando ele pega uma camisinha, eu o paro. E só com um olhar, ele sabe. Suas mãos tremem, quase imperceptivelmente.

— Eu nunca…

— Eu também não. Pode ser nossa primeira vez. Juntos. Tudo bem?

Seu olhar castanho-âmbar suaviza.

— Aham, eu adoraria. Nossa primeira vez.

— Posso te tocar agora? *Por favor?* — Ele também deve querer, porque com um puxão, solta meus braços.

Dylan não avisa antes de entrar em mim até o fundo.

— *Puta merda*, que saudade — diz ele, deslizando num movimento de vai e vem.

Quando agarro seu punho, ele diminui o ritmo para me dar tempo de me acostumar ao seu tamanho.

— Sem pressa. A gente vai com calma, devagarzinho.

E assim ele faz. Mete de um jeito dolorosamente lento e perfeito, e quando ouço o som de nossos corpos juntos, fecho os olhos de puro prazer. Ele me beija com um cutucão.

— Olha pra mim — ordena. — Quero que continue me olhando.

Ele mantém meu olhar cativo, acelerando e observando cada uma das minhas reações ao tê-lo dentro de mim. Estou tão desesperada pelo toque dele que começo a desfazer o fecho do meu espartilho. Dylan para minhas mãos trêmulas e o abre com facilidade. Não estou usando sutiã, então, no segundo em que o tiro, Dylan emite um som baixo de aprovação e sela a boca sobre meu mamilo. Tê-lo assim, colado em mim, parece tão certo que mal consigo respirar. Quando imploro por mais, ele coloca a palma da mão entre minha cabeça e a cabeceira da cama, metendo com tanta intensidade que não consigo recuperar o fôlego.

— Assim tá gostoso, Sierra? Você gosta quando eu te fodo com força? — Ele me penetra mais fundo. — Quando sou tudo o que você consegue sentir? Tudo o que consegue tocar?

— *Sim*.

— Adoro você assim. Dizendo "sim" pra mim. — Ele se inclina para trás e fica assistindo o pau entrando e saindo de mim, minhas pernas em suas mãos. — Você deveria fazer isso mais vezes. Talvez eu te recompense por ser tão boazinha.

Ainda consigo encará-lo, mesmo tentando revirar os olhos — e dessa vez não de irritação.

— Eu não sou boazinha.

— Mas consegue ser uma boa garota quando quer. — Então, ele põe a mão no meu abdômen e faz pressão para baixo, me deixando zonza. — Você quer ser boazinha e gozar comigo dentro de você, Sierra?

— *Por favor* — choramingo. — *Por favor, Dylan*.

— Você não achou que eu ia facilitar pra você, né, princesa?

Gemo.

— Mais rápido.

— Pede com jeitinho.

— Eu te odeio.

— Não acredito em você. — Dylan lança um olhar. — E isso não foi nada comportado. Garotas más não merecem gozar, baby.

Agarro seu cabelo e o puxo direto para minha boca.

— Mas você gosta quando eu sou má.

Ele está sorrindo abertamente.

— Eu gosto. Gosto de você exatamente como você é. Às vezes, até demais.

Então, algo em seu rosto muda, e ele me olha como se eu fosse desaparecer.

— Quando eu terminar de arregaçar essa bocetinha linda, o que você vai fazer? — ele exige saber.

Fecho os olhos com força e abro a boca de prazer. Mal consigo processar o que ele está dizendo, só preciso que ele me faça gozar.

— Deus do céu, continua.

Ele agarra meu queixo e me obriga a olhar para ele.

— O que você vai fazer, Sierra?

— O quê? — pergunto sem fôlego.

— Quando eu terminar de te foder, o que você vai fazer?

Meu cérebro parou de funcionar quando ele começou a fazer aquilo com a língua há um tempo, então levo vários segundos para entender o que ele está dizendo. Mas vejo aquele medo em seu olhar de novo e quero que desapareça. Acreditei quando ele disse que isso era diferente. Quero que ele saiba disso.

Ele está preocupado de eu ir embora. O pensamento me perfura o peito, porque Dylan nunca pede nada.

Engulo em seco.

— E-eu vou ficar.

Se seres humanos pudessem brilhar, é assim que eu descreveria a expressão no rosto dele. *Brilhante*.

— Muito bem — diz ele. — Você vai me deixar te limpar, depois vai dormir nos meus braços sem pensar duas vezes. Tá bem?

— Sim, Dylan — ofego. — Quero ficar.

40

DYLAN

Sou um cara confiante. Alguns até podem dizer que sou convencido. Mas conseguir que Sierra Romanova vire minha namorada é tirar a sorte grande. E conseguir que ela ficasse a noite toda e acordar com ela dormindo profundamente é como ganhar na loteria.

Agora, minha *namorada* está montada cima em mim, completamente nua. Ela pega minha mão e pressiona a palma contra a minha, medindo a diferença. Seu lábio inferior está preso entre os dentes, a cabeça inclinada enquanto vê como a minha é maior. Então olha para mim, percebe meu olhar nela, e juro que fica corada nas bochechas. A garota acabou de me foder como uma atriz pornô, mas basta um olhar e ela fica toda tímida.

— Tem uma caneta aí? — pergunta ela.

Estendo a mão para a mesa de cabeceira e pego uma caneta. Minhas mãos repousam em sua cintura, meu polegar roçando sua cicatriz. Ela não se encolhe nem fica mais tensa quando faço isso.

— Mão — ordena Sierra, abrindo a caneta.

Concentrada como sempre, como em tudo o que faz, Sierra desenha um círculo, dois pontos e um arco.

— Que tal?

Encontro o que já imaginava: uma carinha feliz na palma da minha mão. Isso faz algo derreter no meu peito. Com a mesma mão na parte de trás da cabeça dela, eu a puxo para os meus lábios.

— Adorei, baby.

Sua risada é leve e mais bonita do que qualquer outra coisa que já ouvi. Sierra passa um dedo pelo meu queixo.

— Como foi essa? — pergunta ela, tocando a cicatriz desbotada.

— No primeiro ano. Eliminatórias contra o Boston College.

Ela desce até tocar meu umbigo, olhando para mim como se eu fosse algo novo, e não usado.

— Não sou tão paciente assim, Sierra.

— Que foi? Eu só queria saber sobre suas cicatrizes.

Eu a viro para baixo de mim, e ela arqueja.

— Claro. Por isso que senti como você tá molhada bem na minha barriga.

Suas bochechas ficam vermelhas, mas não a deixo ficar tímida comigo. Deslizo pela barriga dela e pressiono beijos leves como plumas entre suas pernas. Mas assim que ela começa a gemer meu nome, o telefone dela toca.

— Não atende — digo com a voz rouca. E quando afasto suas coxas e pressiono meu rosto ali, ela não protesta. — Goza pra mim de novo, vai.

Ela treme incontrolavelmente.

— Não aguento…

Meu celular apita com uma mensagem, mas aperto as coxas de Sierra para manter sua atenção em mim.

— Dylan — diz ela, mas mal ouço por causa do gosto dela. — Seu celular.

— Ignora.

Ela afunda as mãos no meu cabelo, puxa minha cabeça para cima. Depois, repete meu nome com uma voz severa. Suspiro, pegando o aparelho.

— É a Lidia.

Estávamos esperando para saber se fomos escolhidos pelo anfitrião do Grand Prix. Com nossas pontuações e a atenção da mídia, havia uma chance. Sierra salta da cama e pega o celular. Em seguida apanha o suéter de gola redonda que deixei na cabeceira da cama e o veste. Depois, retorna a ligação de Lidia, e cada toque que corta o ar parece que chegamos cada vez mais perto da beira de um penhasco.

— *Devushka*. — A voz de Lidia soa pelo alto-falante. Sierra murcha e se joga em mim, como se já soubesse tudo só pelo tom de voz da treinadora. — Vocês dois foram incríveis. Estava quase perfeito, e vocês deveriam se orgulhar disso. Não deu desta vez, mas ainda temos o ano inteiro. Você tem uma longa carreira pela frente, Sierra.

Sierra só fica ali sentada, sem palavras. Pego o celular dela.

— Obrigada por nos avisar, Lidia — digo, com a voz calma, mesmo com a sensação de uma facada no peito.

— Quem conseguiu? — pergunta Sierra, com a voz trêmula.

A linha fica em silêncio por tanto tempo que já sabemos a resposta antes de Lidia dizer:

— Justin e Julia.

Um som engasgado escapa de Sierra. Quando garanto a Lidia que ficaremos bem e desligo, me viro para minha parceira. Gentilmente, a puxo para que se deite comigo. Meus dedos traçam a pequena protuberância em seu crânio.

— Achei que ia doer mais. Quer dizer, dói, arde, mas nada como antes — sussurra ela, com a voz quase um murmúrio. — Acho que é porque você tá aqui.

Deslizo a mão por suas costas.

— Eu sempre estarei aqui, baby.

A risada dela é suave, quase imperceptível, mas me envolve.

— Pelo menos agora finalmente vai poder focar no hóquei e na convocação. Você merece cada esforço que Kilner fez por você, Dylan.

— Nem tô pensando nisso agora — comento.

— Mas quero que pense. Porque pela primeira vez em anos, me apaixonei pela patinação novamente. Eu me sinto como antes, como se tivesse achado meu lar. Você me ajudou tanto. Eu ficava tão culpada por não ser boa o suficiente pra fazer meu parceiro ficar, mas você nunca me fez sentir um fardo. Pela primeira vez, não vinculei meu valor às minhas notas. Então, tô falando sério quando digo que você tem fazer aquilo que se dedicou a vida inteira. Se tem alguém que entende, sou eu.

Quando olho para baixo, ela já está me encarando, o rosto pintado com algo puro e tácito.

— Você confia em mim? — murmuro, levantando seu queixo, segurando-a ali, tão perto que consigo sentir as palavras em seus lábios.

— Totalmente.

A necessidade de abraçá-la, de segurá-la nos meus braços, se transforma em uma coisa meio possessiva. Quero que ela precise de mim. Não apenas nisso, mas em tudo.

Eu ficaria com essa garota para sempre se ela deixasse.

Vou desistir do hóquei.

Isso nunca me passou pela cabeça, mas algo mudou ontem à noite e hoje de manhã. Quero tomar a decisão agora, para que Sierra saiba que não é por impulso. Perder o Grand Prix significa que posso treinar mais para o campeonato nacional. Vou levá-la para aquele primeiro lugar do pódio, custe o que custar.

— Você tem certeza? — Kilner me pergunta pela terceira vez depois do treino. Quando eu disse que jogaria uma última partida, ele me encarou por tanto tempo que notei as manchas castanhas em seus olhos azuis.

Amo esse esporte, mas nem chega perto da sensação que tenho quando patino com Sierra. Tive essa vontade de estar no gelo a minha vida toda, e sempre pensei que fosse pelo hóquei, mas no momento em que minha mão encontra o calor da dela, é tudo o que me importa. Vencer parece inútil se eu não estiver fazendo isso com ela.

— Tenho.

— Tipo, certeza absoluta mesmo? — Kian funga ao meu lado.

Contei para ele a caminho do treino e me arrependi no mesmo instante, porque agora ele não larga do meu pé. Na sala do treinador, ele me abraçou por sete minutos inteiros e não parou até Kilner dizer que ia colocá-lo no treino intensivo.

— Sim, Kian, absoluta. Pensei muito a respeito, e amo hóquei, mas este é o meu futuro. É onde devo estar.

Kilner sorri, e isso não nos assusta dessa vez.

— Estou orgulhoso de você, filho. — Então ele se levanta e me abraça. O homem está ficando sentimental. Que estranho.

Kian não pede para se juntar, só entra no abraço. Quando saímos da arena, ele já está digitando, contando a todos. Meu celular toca, mas só olho a mensagem de Sierra. Ela diz que estudou o dia todo e que vai dormir cedo. Não me preocupo em ler o resto das mensagens do time. Kian e eu vamos para casa, onde todos estão assistindo ao jogo.

Aiden está no sofá colocando gelo na panturrilha quando me vê. Como ainda não foi liberado para jogar, ficou por aqui depois do meu aniversário.

— Ouvi dizer que você tomou uma decisão.

Concordo com a cabeça, me jogando na almofada ao lado dele.

— Se for pra tentar me convencer do contrário…

— Não. Acho que é a coisa certa. Tô orgulhoso de você, Dy.

Um peso sai dos meus ombros, e percebo, pelo jeito como ele diz, que esperou anos para dizer essas palavras. Estou feliz por finalmente me sentir orgulhoso de mim mesmo também.

— Obrigado — digo. — Parece que agora vai, finalmente, caralho. Tá tudo certo. Tirando toda essa palhaçada com meus pais.

Os caras ficam assustadoramente imóveis. Como se fosse um choque me ouvir falar de mim mesmo. Então, só desabafo tudo. Conto a eles que meu pai continua traindo minha mãe, sobre o telefonema deles para renovar os votos alguns meses atrás, a maconha e o toxicológico positivo. Meus amigos me olham embasbacados, como se nunca tivessem me visto antes.

— Renovação dos votos? Foi esse o convite? — pergunta Kian. — Por que você não nos contou?

— Eu não quero ser o amigo que fica sobrecarregando os outros com minhas tretas. Todos nós temos as próprias vidas, e amigos são pra tornar a vida mais fácil, não mais difícil.

Aiden franze as sobrancelhas.

— Você acha que não pode ter problemas porque você é… você? Todos nós confiamos uns nos outros, foi assim que superamos as nossas dificuldades.

— Eu deveria ser o cara que não leva nada a sério, não o que descarrega o drama familiar. Ninguém quer esse tipo de pessoa por perto.

— Mas nós queremos — declara Aiden. — O fato de você esconder não significa que a gente não sabia que você estava sofrendo. Espero que saiba que a gente vai te ouvir, seja o cara despreocupado ou o cara com dificuldades pra falar sobre os pais.

Cole e Sebastian desviam o olhar da TV.

— A gente também, DD.

— Você esteve do nosso lado mais vezes do que eu consigo contar. É justo que a gente faça o mesmo. É assim que essa amizade funciona — reforça Kian.

Toda essa vulnerabilidade parece bruta, como uma ferida aberta que não mostrei a ninguém além de Sierra. Pela primeira vez, não sinto que estou deixando algo para trás. Parece que ganhei muito mais.

41

SIERRA

Dormir nos braços de Dylan foi a primeira vez em mais de um ano que acordei me sentindo completamente segura — tirando a vez no hospital em que minha mãe dormiu comigo.

— Por respeito ao relacionamento de vocês, não vou pedir detalhes, mas me dê uma migalha — pede Scarlett quando estamos na cozinha, esquentando o almoço que trouxemos do refeitório.

Ontem, minha amiga de ressaca disse que precisava saber de tudo, mas só depois que a fanfarra parasse de desfilar dentro da cabeça dela. Então, como voltou dos mortos hoje, contei a ela como o Dylan reagiu à surpresa que todos ajudaram e como me pediu em namoro depois. Nunca fui namorada de ninguém, mas estou feliz por poder ser a dele.

— Ele usa gelo, às vezes.

Scarlett se engasga com o croissant.

— Pedi uma *migalha*, e você me deu o pão inteiro. Nossa, agora vou ficar pensando nisso toda vez que vir vocês dois juntos.

— Pensando no quê?

Nós duas nos viramos e encontramos Dylan. Todo mundo no primeiro andar do dormitório deixa a porta aberta durante a semana de provas, provavelmente para dar apoio moral. Dylan vem até mim e sussurra:

— Oi, baby.

Começo a corar. Estou caindo de amores por ele, e nem questiono se ele vai me pegar.

Ele usa um terno azul-marinho e gravata, com o cabelo longo e ondulado. Nem percebo quando ele rouba bacon do meu prato e me beija de boca cheia.

— Gelo — explica Scarlett. Faço uma cara feia, mas ela ri, e Dylan também. — Estarei no meu quarto, então vocês dois fiquem à vontade para fazer o que quiserem. Tem uma máquina de gelo no fim do corredor.

Solto um grunhido.

— Tô vendendo minha melhor amiga. Quer?

— Não, já tenho bastante. — Dylan me segue até o meu quarto. — Só passei pra ver se você precisa de carona.

Hoje é o segundo jogo de Dylan. O treinador conseguiu convencer o reitor que a penalidade foi desnecessária e que a expulsão não deveria ser levada em conta para sua reintegração. Dylan nunca vai admitir, mas está exausto. E embora saiba que deveria abrir mão de algo, não vai fazer isso. E sou egoísta demais para pedir a ele.

— Summer vem me buscar, mas isso é benefício de ser sua namorada? Assento vitalício no banco do carona?

— Seu assento vitalício é na minha cara, mas pode ser também.

Ele me olha como se estivesse reproduzindo a imagem do meu corpo nu na mente.

Balanço a cabeça enquanto vasculho meu armário em busca de algo decente para usar no jogo. Olho no espelho, tentando escolher uma calça. Dylan vem por trás de mim, envolvendo os braços em torno da minha cintura.

— Assim fica difícil ir embora. Você é encrenca.

— Mas é disso que você gosta em mim. — Dou risada.

— Gosto — admite ele. — Eu amo isso em você.

Se eu não estivesse enredada em seu abraço, meus joelhos cederiam. Como me achar digna do amor de alguém, se não consigo nem amar a mim mesma?

— Não use isso — diz ele, interrompendo meus pensamentos. Ele suspira e encosta a cabeça no meu ombro. Sorrio para ele pelo espelho.

— Por que não?

— Porque tenho que me concentrar no jogo, e não vou conseguir se souber que é isso… — Ele puxa a minissaia das minhas mãos. — … que você vai vestir.

— E que tal essa? — Mostro a ele uma calça de ioga.

— Você tá tentando me matar, mulher?

Eu o empurro. Ele se joga na cama e coloca as mãos atrás da cabeça enquanto me observa trocar de roupa. Eu me viro para mostrar minha calça jeans.

— Vou com essa então, é pegar ou largar.

— Pego. Pego demais — diz, brincando. — Mas dá uma voltinha. Não sei se esse caimento te valoriza como deveria.

— É?

Giro, diminuindo o ritmo enquanto ele assobia.

— Chega um pouco mais perto pra eu inspecionar em detalhes.

— Você vai se atrasar para o jogo.

Eu me aproximo mesmo assim. Ele de terno fica muito gostoso para eu ignorar. Ele me puxa para cima dele, agarrando minha bunda com força.

— É para dar sorte.

— Um amasso de boa sorte?

Ele solta um murmúrio e nos vira para que eu fique embaixo dele.

— Beijo de boa sorte também.

— Ah! — Eu me afasto dele para abrir a gaveta da minha escrivaninha. — Pode colocar isso em mim?

Dylan se ajeita, pegando a caixinha lilás da minha mão. Ele a abre, seus dedos roçando a pulseira banhada a ouro. O rosto sorridente delicado reflete a luz e, quando ele a vira, vê nossas iniciais gravadas atrás. Ele fica boquiaberto e abre o sorriso mais doce do mundo. Depois, coloca a pulseira no meu punho, roçando os lábios na pele.

— Eu teria comprado pra você, baby.

— Eu sei, eu queria algo pra mim. Como um lembrete que cheguei longe. Com a sua ajuda, mas também sozinha. — Nunca pensei que chegaria a um ponto em que não só estaria sobrevivendo, mas escolhendo viver. — Comprei uma pra você também.

Entrego a ele a pulseira idêntica.

— Não preciso de um amuleto da sorte, Sierra. Eu já tenho você.

Meus olhos ardem quando coloco o bracelete em seu punho.

— Não é pra dar sorte. É pra gente. Sempre parceiros, mesmo que não estejamos patinando juntos.

Ele hesita, mas pressiona seus lábios nos meus enquanto sussurra:

— Pro que der e vier.

Vejo estrelas com a intensidade que ele me beija. Isso faz eu me contorcer sob ele. Mesmo com os quadris afastados de mim, quero sentilo.

— Nem pense nisso, Sierra — ele me repreende quando minha mão encontra seu cinto. — Já não tenho muito autocontrole quando se trata de você.

— Desde quando você ficou tão chato?

Ele morde meu lábio.

— Vai com essa bunda linda pro meu jogo pra eu ouvir você gritar meu nome.

— Eu já faço isso — respondo. — Vou fazer ainda mais alto quando você ganhar.

Dylan pula rapidamente da cama.

— Não vai rolar, baby.

— Já rolou. — Lanço um olhar penetrante assim que ele abre a porta do meu quarto. — Aproveite seu banho frio no vestiário.

Ele geme, e então ouço a porta da frente fechar. Meu sorriso faz meu rosto doer.

Uma hora depois, Summer estaciona em frente à Casa Iona, e Scarlett e eu entramos para ir para a arena. Amara decidiu se juntar a nós de última hora, então o carro está lotado e a energia está a mil.

Elas tocam música alta durante a primeira metade do trajeto, e agora a segunda metade consiste em fofocas aleatórias. Embora o assunto atual faça minhas mãos suarem de leve.

— Tenho que admitir, Sierra, nunca vi o Dylan assim — diz Summer. — Ele tá todo sorridente, e não aquele sorrisinho insuportável de sempre. É de verdade. O cara nunca namorou, mas com você, ele é especialista.

— Tive sorte, eu acho. Ou, pelo menos uma vez, passar vergonha deu certo. — Coço a nuca. — Isso é ruim? Quem ataca o parceiro de patinação no primeiro dia de treino?

Por algum motivo, me abrir com elas não é assustador.

— De jeito nenhum. Eu transei com meu parceiro de pesquisa — diz Summer. Ela deve estar se referindo a Aiden, é claro. — E nossa amiga Cassie transou com o melhor amigo do meu parceiro de pesquisa.

Levo um minuto para entender. Kian, presumo.

— E eu transei com o melhor amigo do meu melhor amigo — admite Amara, e fico oficialmente perdida.

O carro freia de súbito, e nós damos um solavanco.

— Como é que é?! — pergunta Summer.

Todas as cabeças se voltam para Amara, que tapa a boca com a palma da mão. Ela murmura um palavrão.

— Você… você deu pro Sampson? — pergunta Summer. — E não me contou? Que porra é essa, Amara? Vocês se odiavam.

— A gente ainda se odeia — responde Amara. — Mas, *meu Deus*, ele faz um negócio com a língua… — Ela tapa a boca com a palma da mão novamente. — Nunca. É sério, *nunca* conte a ele que eu disse isso.

Summer ainda está perplexa.

— É, a gente precisa ter uma conversa.

— Certeza de que precisa saber mais? — Scarlett interrompe. — Porque essa cara dela já diz tudo.

O carro fica em silêncio depois disso. Principalmente porque Amara se recusa a abrir a boca.

O jogo começa logo depois que chegamos, e quando Dylan bate no vidro perto de onde estamos sentadas, ele dá uma piscadinha para mim, e todas as garotas da nossa seção gritam. Reviro os olhos, e é aí que ele sorri.

Dalton leva o terceiro período com facilidade, e Dylan está correndo atrás do desempate. De capacete, não consigo ver o rosto dele, mas o jeito como ele se move feito um raio no gelo é inesquecível. Estou prendendo a respiração, fechando as mãos em punho quando me lembro da carinha sorrindo na minha palma. Em vez disso, mexo na minha nova pulseira. Então, ele manda o disco pelos ares, e a campainha ecoa pela arena. Ele passa voando por nós em comemoração, com a mão no ouvido enquanto a multidão vibra. Estou encostada no vidro, gritando o nome dele como uma fã de hóquei enlouquecida. Droga, talvez eu até goste desse esporte.

— Meio triste que seja o último dele — diz Amara enquanto me passa o saco de pipoca.

Ela deve ver minha sobrancelha franzida, porque aponta para onde Dylan passa zunindo por nós.

— Dylan — esclarece. — É o último jogo dele, não é?

Minha mente está uma bagunça. Eu estava me preparando para nossa última vez patinando juntos, então não faria nem diria algo estúpido. Como

pedir para ele ficar.

— Segundo Sampson, o técnico disse a Dylan que podia voltar e ainda jogaria pelo Nova York ano que vem, mas Dylan disse não — explica Amara.

Meu coração aperta.

— Ele disse não?

— Na lata. Só pegou e desistiu — diz ela. — Foi o que Sampson me disse, mas achei que você já sabia.

Quero fazer mais perguntas para acalmar a confusão no meu peito, mas as palavras não vêm. Summer oferece um churro e, na minha confusão nebulosa, nem percebo que comi tudo e amassei a embalagem branca coberta de açúcar na mão. Embora elas definitivamente percebam.

— Tá tudo bem? — pergunta Summer.

Apenas faço que sim com a cabeça. Então, os últimos segundos do último período se passam, e Dalton vence. Sinto um nó na garganta que não consigo engolir. Preciso sair daqui.

— Vou só…

Aponto com o polegar para a saída e, antes que elas possam perguntar mais alguma coisa, saio correndo da arena. A campainha sinalizando o fim do jogo ecoa pelo ar, e consigo ouvir mesmo do estacionamento, correndo em direção ao nada.

O Canal do Tempo está sintonizado num volume alto no meu dormitório, mas desta vez Dale Thunderman não me acalma. Meu telefone vibra ao meu lado. É Scarlett.

> Esqueci a chave. Abre pra mim?

Quando abro a porta, Dylan está lá. Ver o rosto dele causa danos devastadores ao meu coração. Scarlett e Kian estão atrás, mas saem correndo pelo corredor, e ela grita algo sobre Kian ser muito persuasivo.

— Juro que te vi no jogo mais cedo, mas devo ter me enganado — diz ele. Fecho a porta quando ele passa por mim sem ser convidado.

— Você desistiu. — As palavras soam quase acusatórias. — Você ama hóquei.

— Sei o que amo, Sierra — diz ele, com a voz rouca, e isso suga todo o ar dos meus pulmões. Um olhar para aquele rosto irritantemente bonito, e não consigo respirar direito.

— Você viu. Tenho conciliado os dois esportes e as aulas, e me comportado da melhor maneira possível. Finalmente encontrei algo de que gosto, com alguém de quem gosto. Isso é tão errado?

— Mas você se esforçou tanto pelo hóquei. Você ainda consegue jogar por Nova York.

— Mais ou menos — resmunga ele. — Eles vão me colocar no time de desenvolvimento. Posso ser o melhor jogador do mundo, mas já me meti em muitas brigas. Sou muito imprudente, muito violento, muito tudo.

— Então vai escolher patinação artística?

— Vou escolher patinação artística com *você*.

Minha garganta seca como se eu tivesse engolido terra.

— Quanto mais perto eu chegava de voltar pro time, menos queria. Durante toda a minha vida, interpretei esse papel, pra ser alguém, pra provar que meu pai estava errado, pra só alcançar o dia seguinte. Mas quando estou no gelo com você, não quero que acabe. Acordo todo dia feliz, porque sei que podemos fazer tudo de novo, juntos.

Balanço a cabeça.

— Mas essa parceria era pra ser temporária.

Ele passa a mão pelo cabelo, diminuindo o pequeno espaço entre nós.

— Se você acha que tudo o que aconteceu entre nós é temporário, Sierra, então estou aqui te mostrando que não é. Nem uma única coisa que eu fiz com você foi *temporária*.

Meu coração bate forte. Tudo parece demais. Muito rápido. Muito familiar.

— E se você se arrepender? Este esporte não é divertido quando a gente perde, Dylan, e já estive desse lado antes. Não posso passar por isso de novo. Não com você.

— Eu tô com cara de arrependido? — pergunta ele. — Estou fazendo isso com você há meses. Não me importo se tivermos que tentar de novo e de novo, desde que seja com você.

— Você vai — digo. — Acredite em mim, foi isso que Justin…

— Não me compara com ele.

Engulo em seco.

— Mas eu…

— Parou.

Ele segura meu rosto delicadamente. Quando se comunica, mesmo em seus momentos mais frustrados, ele nunca grita. Percebo que está com raiva, mas ele só se dirige a mim com paciência, porque sabe que é assim que eu respondo.

— Me diz por que você tem tanto medo. Por que não pode só confiar que tomei essa decisão por livre e espontânea vontade? Por que não acredita que quero ficar com você?

— Porque não é assim que funciona.

Não para mim, pelo menos. Sei que Dylan não é Justin, e nossa parceria não é nada como era com ele, mas Justin também dizia essas coisas. Dizia repetidamente, até eu acreditar. Até decidir que era isso então, mas aí eu não era o suficiente. De novo.

— Você acha mesmo que posso simplesmente ir embora? Como se sequer fosse uma opção pra mim.

— Não crio expectativas por ninguém…

— Eu não tô nem aí pro que você espera dos outros, mas eu me importo com o que espera de mim, porque vou fazer tudo ao meu alcance pra te dar o que você quiser, e dez vezes mais.

— Ninguém quer ter todo esse trabalho.

— Eu tô aqui te dizendo que quero.

Balanço a cabeça.

— Eu só não quero que você se jogue em algo que não conhece. Não posso ser uma garota feliz e despreocupada, tipo as que você já está acostumado. Sou cheia de inseguranças, já me machuquei antes. E não é responsabilidade sua ter que provar que minhas neuras estão erradas.

— Você não precisa me pedir pra provar. Eu quero — diz ele. — Tô do seu lado, de todas as versões de você. Todas as partes que você considera quebradas são só mais pra eu amar.

Você vai arruiná-lo. Roubar o auge de sua juventude e não deixar mais nada. Assim como fez com Justin.

— Você tem um esporte inteiro e pessoas que te amam. Não precisa de mim.

— Não passo um dia sem pensar onde você está ou o que está fazendo. Eu quero, eu preciso… Meu Deus, não sou porra nenhuma sem você! Não

tá vendo isso?

Engulo o nó na garganta, sem conseguir processar suas palavras. Ou sem me permitir.

— Eu te amo, Sierra. Nos seus dias mais sombrios, nos dias bons e em todos os outros. Me mostra seu pior, baby, e eu te mostro até onde meu coração pode ir por você.

Eu te amo, rainha do gelo. Meu cérebro parece que não funciona, como se tivesse revertido à última vez que ouvi essas palavras. Meu coração dá um aperto quase fatal.

Como eu o enganei fazendo-o pensar que mereço ser amada?

Os olhos de Dylan imploram com os meus.

— Não tô pedindo pra você dizer o mesmo, mas preciso que saiba que eu te amo e que amo patinar com você. São os fatos, mas nenhum deles influenciou minha decisão. Escolhi patinação artística porque quis. Desisti do hóquei porque quis. Porque, pra ser sincero, hóquei nunca me satisfez do jeito que a patinação artística fez nos últimos meses. Não vou subestimar isso.

Meus olhos começam a arder, e Dylan deve perceber, porque me puxa para seus braços como se ali fosse meu lugar. Como se eu não estivesse fugindo deste exato lugar. Ele me aperta forte, como se todas aquelas partes feias de mim se encaixassem perfeitamente no espaço que ele cria. As partes que nunca têm a minha cara quando surgem, pelas quais tantas pessoas me odeiam. Mas Dylan não. Dylan não me odeia por nada.

Eu me afasto, mas já sinto falta dele. Isso me assusta pra cacete. Um pânico se instala. Só preciso de um segundo — *alguma coisa* para clarear minha cabeça confusa.

— Você abriu mão de tanta coisa por mim. Sinto como se não tivesse feito nada por você.

— Não é assim que esse relacionamento funciona — diz ele bruscamente. — Só me diga o que precisa, e faço pra você.

— Você é perfeito, Dylan. — *Só não sei se eu sou.* Ele se tornou o parceiro exato de que eu precisava. Quanto mais posso arrancar dele? — A gente devia ir mais devagar — digo por fim.

Ele tenta esconder, mas vejo a rejeição se instalando dentro dele. Me odeio tanto por isso.

— Você quer terminar?

— Não! — Estendo a mão para ele. — De jeito nenhum. Só acho que estamos juntos por cada segundo deste semestre, e não consigo pensar direito quando estou com você.

— Me diz o que está passando pela sua cabeça, que eu resolvo tudo pra você.

Uma queimação se instala no meu peito.

— Não se trata só de mim. Quero que você seja apenas Dylan. Nos envolvemos tanto um com o outro que eu odiaria que qualquer um de nós perdesse qualquer parte de si mesmo.

Como hóquei. É uma saída; estou deixando ele se livrar do prejuízo logo. É o mínimo. Dylan engole em seco, com a voz rouca de emoção.

— Por você, eu vou em qualquer ritmo que precisar. Vou te acompanhar passo a passo, baby. Pode levar o tempo que precisar, mas quando estiver pronta, ainda estarei aqui, esperando você cair de volta nos meus braços. Porque não há nenhuma parte de mim que eu queira recuperar, se estiver perdendo a mais importante.

Ele beija minha testa e me solta com relutância. Ainda vejo um quê de algo mais pesado que persiste em seu olhar, mas ele logo o esconde.

Quando a porta se fecha atrás dele, pego meu propranolol, só por precaução, e volto para a cama. É só quando Scarlett chega em casa minutos depois e se deita comigo, que percebo que estou chorando. Ela não pergunta o que aconteceu, e sei que Dylan pediu para ela ficar comigo. Embora eu tenha certeza de que ela já estava pensando nisso, porque me entrega um saco tamanho família de copinhos de chocolate recheados de pasta de amendoim.

42

SIERRA

Dylan
Saudade, amor.

Dylan
Tudo bem eu falar isso?

Faz três dias desde a minha conversa com Dylan, e Scarlett conta que ele passou no dormitório enquanto eu estava fora. Meu namorado claramente não conhece o conceito de "ir com calma". Mas, por mais que eu fosse adorar esquecer tudo e pular de volta nos braços dele, sei que este espaço é bom para nós. Ele deve achar que estou sendo teimosa — que ir com calma depois de tudo o que passamos é inútil —, mas é a única maneira que conheço de fazê-lo realmente pensar sobre o que está fazendo. Sobre o que está perdendo.

— Senhorita Romanova? — A recepcionista chama meu nome.

Marquei uma consulta com a dra. Toor depois que Scarlett me disse que estava mais do que na hora. Sacudindo as mãos, luto contra a necessidade de fechá-las em punhos e sigo a recepcionista pelo corredor até o consultório com o sofá lilás. Já estive aqui inúmeras vezes, mas hoje é diferente.

Ela vai perguntar sobre patinação. Sempre pergunta. Mas não é por isso que estou aqui hoje.

— Sierra. — A terapeuta me cumprimenta com um sorriso caloroso. — É muito bom te ver depois da nossa última sessão. Soube que você voltou

a patinar.

Ela sempre foi assim, indo direto ao ponto antes mesmo de eu pensar em enrolá-la.

— Aham. Estou competindo faz alguns meses.

— Que notícia ótima. Lembro o quanto você queria voltar pro gelo, mas imagino que voltar a competir esteja trazendo à tona muitos sentimentos fortes, e na minha ausência você não visitou a colega que indiquei.

A dra. Toor me acompanhou nos piores momentos da minha vida. Meus pais queriam que eu tivesse alguém com quem conversar, então começaram a me trazer aqui quando eu era criança. Eu aparecia a cada poucas semanas, desabafando minhas frustrações com os saltos e giros que errava. Tenho quase certeza de que ela testemunhou todos os meus surtos por causa desse esporte. Então, quando ela saiu de licença-maternidade, não queria voltar à estaca zero com outro profissional.

— Acho que estou lidando da melhor maneira possível — digo. — A medicação, as técnicas de respiração e meu parceiro de patinação… meu namorado… têm me ajudado muito.

Sei sobre o que preciso falar. E, pela primeira vez, não é sobre patinação.

— Fico feliz em ouvir isso — diz ela, cruzando as pernas. — É a primeira vez que te ouço falar em namoro. Quer conversar a respeito? Como é equilibrar um relacionamento profissional e pessoal com a mesma pessoa?

O que quero é fugir. Fingir que estou bem, como fiz durante aquelas últimas sessões depois do acidente.

— É legal — murmuro.

— Porque "legal"? Por que não ótimo? Ou só razoável? — ela me cutuca.

Solto o ar.

— Porque tô com medo. — As palavras saem baixinhas. — Dylan tomou uma decisão importante, desistiu do hóquei pra patinar comigo, e tô com medo de ele se arrepender.

— E Dylan chegou a expressar arrependimento? Ele demonstrou estar questionando a própria escolha?

— Não — respondo imediatamente. — Mas só formamos a dupla há alguns meses. Sei como é ficar no meio do furacão entre ganhar e perder. Dá ressentimento. Não quero que ele acorde um belo dia e perceba que o fiz desistir do hóquei.

Ela inclina a cabeça.

— Como alguém que joga profissionalmente, tenho certeza de que ele tem uma noção sobre o ganhar e perder, mas você acha que seria uma característica dele? Te culpar?

Balanço a cabeça.

— De jeito nenhum. Ele tá sempre me tranquilizando, me apoiando, nunca me deixa duvidar dele. Diz que não liga pro resultado, que só quer patinar *comigo*.

Seus lábios se curvam.

— E, no entanto, antes, você disse que ele "decidiu desistir" do hóquei, mas agora está dizendo que ele vai ficar ressentido por você tê-lo "feito desistir". Por que colocar tanta pressão em si mesma? Se ele fez essa escolha por conta própria, não seria ele o responsável por ela?

Odeio quando ela faz sentido.

— Dylan tomou essa decisão importantíssima, e acho que ele só tá fazendo isso porque acha que preciso dele. Mas tô com medo que, se ele se dedicar totalmente a isso… a mim… eu não vá ser suficiente. — Hesito antes de acrescentar: — É como se ele estivesse enchendo meu baldinho de água, só que ele tá todo rachado.

— Entendo que seu passado possa trazer insegurança, mas o que te faz sentir que não é o suficiente? Que você tem todas essas rachaduras?

Engulo o nó na garganta.

— Sei lá. Toda vez que penso nisso, sinto que sou demais e de menos ao mesmo tempo. O acidente mexeu muito comigo. Dylan vai ter muito mais trabalho do que o esperado. Se meu ex-parceiro mal conseguia lidar com a Sierra de antes, a de agora é dez vezes mais difícil. É foda ficar cuidando de alguém com Transtorno de Estresse Pós-Traumático, ainda mais porque vivo cercada pelos meus gatilhos todos os dias.

A dra. Toor anota algo.

— Certo. Vamos destrinchar isso. Mas, antes de mais nada, seus medos não são irracionais, Sierra. Depois de tudo que você passou, o fato de ter superado tanta coisa é admirável. No entanto, seres humanos são

complexos. Nossos cérebros são complexos. Passamos a vida inteira tentando nos entender. Então, por que você acha que alguém não iria querer se dar ao trabalho de te conhecer?

— Porque as pessoas não querem mesmo.

— Que pessoas?

— Todo mundo — digo com um suspiro. — *Justin*. Eu não fui o suficiente pra ele ficar, e, desde que ele foi embora, tá se dando muito bem. Ele e a dupla nova chegaram ao Grand Prix. Dylan e eu, não.

— Então você acha que Justin ter cortado laços o ajudou a alcançar seus objetivos? Vocês dois não competiram no Grand Prix juntos alguns anos atrás?

— Chegamos a ganhar, duas vezes, mas isso foi antes do… — Dou uma batidinha na minha têmpora.

— Antes do acidente — termina ela gentilmente. — E por causa do acidente, de tudo o que você passou, você se acha menos digna? Que se tornou… um fardo?

A palavra dói.

— Meu corpo me traiu. Minha cabeça também. E agora tenho que me esforçar o dobro pra ter metade do desempenho. Enquanto isso, Justin seguiu a vida. Acho que ele estava certo de ir embora. Acho que fui só… demais.

Ela inclina a cabeça.

— Você diz que seu corpo e sua cabeça te traíram, mas pense nisso por um segundo: você sofreu uma lesão traumática e, no entanto, olha só você aqui. Patinando de novo. Competindo de novo. Em um relacionamento amoroso. Vivendo sua vida.

— Aos trancos e barrancos — murmuro.

— Não — diz ela, mais firme agora. — *Trancos e barrancos*, não. Você tomou a iniciativa de treinar de novo. De superar o medo. Na verdade, seu corpo e mente têm trabalhado a seu *favor*, não contra você.

Franzo a testa.

— Não parece. Meu corpo trava quando eu não quero. Meu cérebro entra num redemoinho alucinado que não consigo parar.

— Mas será que não ficou mais fácil de reconhecer os gatilhos?

Hesito.

— Aham. Hoje em dia, nem reparo em algumas coisas que antes me dariam crise de pânico.

— No entanto, você fala sobre sua mente e seu corpo como se fossem separados, como se estivessem contra você. Não estão tentando te machucar. Eles só não sabem o que é seguro até que você se permita acreditar.

Algo pesado se instala no meu peito.

— Você não precisa lutar contra si mesma — continua ela. — Só tem que dizer pra sua cabeça e pro seu corpo que você está segura agora. Que pisar no gelo não é o mesmo que cair. Que deixar Dylan se aproximar não é o mesmo que ser abandonada. Que confiar em si mesma nem sempre vai levar à dor.

Solto o ar, devagar e trêmula. O resto da sessão me faz confrontar tudo o que reprimi por meses. Ela me diz para voltar a escrever no diário, só para ver o contraste nas minhas anotações do passado e presente. Quando Scarlett me busca no consultório depois, sei que não estou magicamente curada, mas pela primeira vez em muito tempo acho que talvez não precise estar. Talvez só precise confiar que posso ficar bem.

Sierra
Também tô com saudade, Dylan.

43

DYLAN

Nunca tive uma namorada antes, mas depois de três dias sem ela, sinto que não consigo respirar. Ela disse que não era um término, mas parece muito com um. Agora entendo por que as pessoas vão para o meio do mato depois de levarem um pé na bunda. Fiz duas trilhas com Summer, que pegou leve comigo dessa vez porque ficou com dó.

Mas mesmo que Sierra quisesse terminar, eu lutaria por ela até o fim. Especialmente por causa de algo assim. Ela fica escondida atrás da muralha do seu passado como se isso a protegesse, mas não sabe que eu enfrentaria qualquer coisa por ela. É a gente ou nada, e não dou a mínima se isso soa possessivo. Ela é minha, cada centímetro dela.

Se ela quiser.

No espírito de "ir com calma", deixei no dormitório para ela uma caixa inteira de copinhos de chocolate recheados de pasta de amendoim, uma flor de Lego de *Enrolados* e uma foto emoldurada e autografada minha com Dale Thunderman. Sim, fui atrás do homem.

Kian e eu fomos à emissora ontem e esperamos seis horas para vê-lo. Prometi a Kian que a gente passaria no abrigo de animais depois para ver os gatinhos. Quando finalmente conseguimos falar com Dale, o cara era todo estiloso, com o sorriso branquinho e brilhante e uma voz perfeita para narrar os audiolivros de romance de Summer. É por isso que Sierra gosta dele? Será que estou com ciúmes de um meteorologista quarentão? Para meu desgosto, o homem era charmoso à beça. Quando eu disse que minha namorada era fã, ele respondeu que ouve isso o tempo todo e posou para uma selfie com toda a boa vontade do mundo. Tenho quase certeza de que

até Kian tem crush nele agora. Por isso que também pediu uma foto, e depois, um vídeo.

Não sei se a Sierra já viu, porque ela tinha mandado uma mensagem dizendo que ia para a casa dos pais dela. Precisei de todas as minhas forças para não correr direto para lá, mas a mãe dela me avisou que Sierra estava bem.

Além de tudo, é hoje a renovação dos votos. O smoking que meu pai deixou comigo está na minha cama, aguardando pacientemente minha decisão.

Meu cabelo ainda está úmido do banho, então passo uma toalha nele. Está comprido agora, enrolando nas pontas mesmo quando tento penteá-lo para trás. O comprimento lembra o do meu pai. Minha mãe brincava que era a rédea perfeita, e ele abaixava a cabeça e a deixava guiá-lo de bom grado para qualquer canto da casa que precisava de algum reparo. Se eu não estivesse tão desgastado, provavelmente ainda acreditaria que ele construiu aquela primeira casa com as próprias mãos. A que eu cresci, com as marquinhas medindo minha altura e de Kian no batente da porta do quarto.

Um lembrete apita no meu celular, na mesa de cabeceira, interrompendo meus pensamentos. Ainda não respondi à mensagem de Ada perguntando se mudei de ideia. Fico ali, preso na indecisão, olhando para o meu reflexo no espelho de corpo inteiro. As palavras da minha mãe ecoam na minha mente, me dando o empurrão final de que preciso. Assim que abotoo a camisa branca impecável, alguém bate à minha porta.

— Oi?

Kian espia lá dentro primeiro, seus olhos percorrendo o cômodo antes de empurrar a porta. Aiden e Summer seguem atrás, arrumadíssimos para o evento, mas com um ar de incerteza. Meus amigos não dizem uma palavra quando entram. Os três se acomodam na beira da minha cama, seus corpos refletidos no espelho.

— Não é um funeral, gente — digo.

— Não é justo você ter que ir depois de tudo que ele fez — responde Kian, afrouxando a gravata com a mão inquieta, os olhos voltando-se para o celular pela terceira vez.

— Tudo bem. Tô indo só pela minha mãe. — Minha voz vacila, revelando minha incerteza. Estar lá pode pesar ainda mais no coração já

frágil dela, porque sei que não serei capaz de esconder o que estou pensando.

Quando meus pais enviaram os convites, não demorou muito para meus amigos descobrirem por que eu estava tão azedo. Tinha dito ao meu pai para não fazer alarde, mas é claro que Darragh Donovan nunca é discreto. Muito menos quando está tentando esconder algo muito pior.

— Ainda dá pra dar um perdido. A gente faz outra coisa — oferece Aiden, com a voz cautelosa. Ele está me dando uma desculpa que não vou me permitir usar.

— Preciso fazer isso — respondo, embora não tenha certeza se é por mim ou pela minha mãe. Aquela carta ainda pesa no meu peito, e quase consigo ouvir a voz dela na minha cabeça. Está me tirando do sério, e preciso pôr um fim nisso. Só quero que tudo acabe.

— Podemos comer tranqueira e fazer um karaokê — sugere Summer.

Kian ri enquanto guarda o celular com uma cara mais otimista.

— Eu ia sugerir encher a cara, mas a ideia da Sunny também é ótima.

Summer o acerta com a bolsa, e Aiden lhe lança um olhar de desaprovação. A menção à bebida parece deixá-los nervosos, mas sei que não tem nada a ver com o álcool em si, e sim com a forma como eu abusava dele para evitar exatamente esse tipo de coisa.

— Valeu, mas quanto mais cedo acabar, mais cedo posso esquecer isso — digo. — E a gente ainda pode ser acabar de champanhe no open bar.

— Aí sim, caralho! — afirma Kian com entusiasmo.

Enquanto visto meu smoking, cada um deles me dá um tapinha reconfortante nas costas antes de sair do quarto. A última coisa é a gravata-borboleta, e me atrapalho tentando prendê-la no pescoço e sob a gola da camisa. Depois de duas tentativas frustradas, enfio-a no bolso, pego as chaves do carro e vou para a porta.

Meus amigos ainda estão em casa, ocupados verificando se desligaram o gás e coisas do tipo, quando saio pela porta da frente e desço os degraus da varanda. Estou prestes a destrancar as portas do meu Range Rover quando um vislumbre vermelho na entrada da garagem rouba minha atenção.

Sierra está de pé, seu cabelo preto em um coque baixo impecável, com duas mechas emoldurando o rosto. O calor de sua pele contrasta com o vermelho intenso de seus lábios carnudos. Seu vestido vermelho

combinando, com alças finas que destacam a clavícula, abraça cada curva do seu corpo e termina logo abaixo dos tornozelos. Saltos pretos a elevam alguns centímetros, deixando-a quase na mesma altura de quando está de patins.

— Você veio.

— Ouvi dizer que precisava de um par — responde ela, com a voz suave.

Nesse momento, meus amigos descem fazendo alarde. O olhar de Sierra os segue com um toque de apreensão e, embora sutil, percebo que se encolhe de leve quando eles se reúnem atrás de mim.

— Até que enfim — murmura Kian baixinho antes de enfiar o celular de volta no bolso.

— Vamos na minha caminhonete — diz Aiden, pegando gentilmente o braço com o qual Summer o estava empurrando e a conduzindo até o carro.

Em quatro passos lentos, me aproximo de Sierra até tocar as pontas dos meus sapatos nos dela. Seu aroma de cereja me envolve.

— Você tá… — Paro, incapaz de encontrar as palavras.

— Toda emperiquitada? — brinca Sierra, sua incerteza desaparecendo um pouco.

Um peso sai dos meus ombros.

— Eu ia dizer "gostosa".

Ela levanta uma sobrancelha.

— E linda. — Meus olhos percorrem seu vestido, depois voltam para seu rosto. — E perfeita.

Ela dá um sorriso que levanta as maçãs rosadas de suas bochechas, e engulo em seco para não dizer mais nada inapropriado para a nossa fase "indo com calma".

— Sem gravata? — pergunta ela.

Dou de ombros, mas ela deve ter lido algo no meu rosto, porque sua mão mergulha no meu bolso. As pontas sedosas da gravata-borboleta preta deslizam entre seus dedos enquanto ela deixa as mãos correrem pelo meu peito para levantar a gola da minha camisa. Nossos olhares se encontram, e consigo ouvir meu coração martelando nos ouvidos. *Que saudade. Vem me tirar desse sofrimento. Deixa eu ser tudo pra você*, quero dizer enquanto ela veste o acessório em volta do meu pescoço, alinhando as pontas.

— Quando eu tinha doze anos — começa ela — fiz um show beneficente, e meu programa curto foi com "Circus", da Britney Spears. Eu me recusei a usar uma gravata daquelas de clipe, então fiquei muito boa em dar nó nessas coisas.

— Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso.

Sierra dá um nó na gravata com maestria.

— Fica por aí, que talvez eu te mostre de graça.

Acaricio sua bochecha.

— Pretendo.

Seu olhar esmeralda encontra o meu, e sei que ela vê as palavras pelo que realmente são: uma promessa. Então, quando não aguento mais a sensação inebriante de ficar tão perto dela, me aproximo para saborear seus lábios vermelhos, mas a buzina irritante de um carro me impede no meio do caminho.

— Qual é o seu problema? — Ouço um chiado irritado de Summer assim que a janela da caminhonete abaixa. Aiden aperta a ponte do nariz, claramente tentando conter uma dor de cabeça, enquanto Kian põe a cabeça para fora, uma música country suave ecoando.

— Desculpa interromper, mas a gente precisa do endereço. Tô morrendo de fome — diz ele.

Se pudesse matá-lo só com o olhar, Kian já teria caído duro, muito embora o arrombado esteja pouco se lixando. Mas quando Sierra ri, uma gargalhada verdadeira e desenfreada, nada mais importa. Seus dentes brancos contrastam com seus lábios vermelhos, e o sorriso dela é tão brilhante que não consigo deixar de espelhar sua expressão.

— Vamos lá, antes que Kian coma seus amigos — diz ela com um leve tremor.

Tiro meu paletó, envolvendo-a com ele antes que ela possa protestar. Eu a ajudo a entrar no carro antes de correr para o lado do motorista. Quando saio para a rua, a caminhonete de Aiden me segue de perto. Entrego meu celular para Sierra, que toca aquela playlist que fiz para ela semanas atrás.

44

SIERRA

Basta olhar para aqueles olhos castanho-âmbar e o sorriso que ele reserva só para mim, e estou perdida. Toda a ansiedade valeu a pena. Prefiro me afogar a roubar a pauta deste dia, que não tem nada a ver comigo, e tudo a ver com Dylan. Porque quando o conheci, ele não se enfiou na minha mente e tentou estrangular minha ansiedade. Ele a acalmou com o toque mais gentil do mundo e a tratou como qualquer outra emoção na minha mente: com pura gentileza.

Então, quando Kian ligou para me lembrar da renovação dos votos, e disse que eu tinha que aparecer ou perderia a honra de ser a terceira madrinha do gatinho novo, não discuti. Embora não tenha esquecido a cara que Dylan fez depois que li a carta da mãe dele. Queria estar ao lado dele dando apoio como namorada, e foda-se se ainda estou irritada com ele por ter desistido do hóquei sem me avisar.

Quando chegamos ao cerimonial ao ar livre em Manhattan, com tendas transparentes e luzinhas pisca-pisca, dou um último aperto na mão de Dylan, que repousa na minha coxa. Ele sai do carro, mas antes mesmo de fechar a porta, Kian já está abrindo a minha.

— Obrigado por ter vindo — diz ele, oferecendo a mão para me ajudar a sair do veículo.

— Obrigada pela chantagem emocional — respondo.

Kian fica tenso. Deve se lembrar de dizer que se eu não fosse, seria uma péssima parceira. Ele tinha razão.

— Desculpe se fiz você se sentir…

— Não, você tá certo. Eu precisava de um choque de realidade. Só fico surpresa de você mandar tão bem nisso.

— Dizem por aí que sou especialista em persuasão.

Dylan contorna o carro e lança um olhar irritado para seu melhor amigo. Kian me puxa para um abraço apertado e depois se afasta, esmagando cascalho sob os sapatos. Faço menção de devolver o paletó a Dylan, mas ele balança a cabeça. Suspiro, revirando os olhos sem muita vontade.

— Desculpe por ele — diz Dylan, fechando e trancando a porta do carro.

— Deixa disso. Ele foi ótimo. Esse cara faria qualquer coisa por você, sabia? Amigos assim são muito raros.

— Eu sei. — Por um momento, ele levanta a mão, como se fosse me tocar, mas hesita. Seus dedos recuam, e a hesitação paira no ar. Como se estivesse se lembrando da última vez que nos vimos. Mas seus olhos o traem porque ele me olha do mesmo jeito que faz no gelo: maravilhado.

Lá dentro, os aperitivos flutuam pelo salão, e paramos em uma mesa distante. Cumprimentamos a irmã de Dylan, Ada. Ela sorri radiante ao me ver e dá uma cotovelada em Dylan, que só responde com um sorriso forçado. Seus pais estão mais adiante, com homens que presumo serem tios e amigos da família. Não posso deixar de notar que parece que ninguém aqui conhece a mãe dele. Ela fica parada em silêncio ao lado do marido, como uma decoração.

— Tudo bem? — pergunto a Dylan, que ainda está na mesma taça de champanhe.

— Olha só para ela, toda triste — dispara ele, com o olhar fixo na mãe. Ela se aproxima do marido, mas logo é dispensada com um aceno de mão. A expressão dela me corta o coração e tem um efeito ainda pior em Dylan.

Ada toca seu ombro, mas ele se afasta.

— Isso foi uma péssima ideia. — Seu movimento apressado derruba as taças vazias sobre a mesa.

— Vamos embora — aconselha Aiden, e todos concordam. Mas Dylan balança a cabeça, a raiva irradiando dele de uma forma que eu só vi de relance, no jogo de hóquei. Eu me aproximo, o coração batendo forte. Quando estendo a mão para ele, espero que saiba que vou ficar do seu lado, assim como ele faz por mim.

Dou o passo final, minha mão deslizando suavemente sobre a dele, e seus dedos enrolados em um punho finalmente afrouxam. Seu olhar é

questionador, culpado e de alguma forma preocupado. Mas então ele abre a mão e entrelaça seus dedos com os meus. O alívio solta a tensão no meu corpo. O suspiro que sai dos meus lábios não é intencional, mas ele o vê exatamente pelo que é: um momento de vulnerabilidade.

Mas então ele olha para a mãe e se afasta. Ada cruza o olhar com o meu e dou um sorriso tranquilizador, mas não a convenço.

Dylan se levanta abruptamente. Ele deve ver a expressão no meu rosto, porque beija minha testa.

— Só preciso de um tempinho sozinho, amor.

E por mais que não queira, eu o deixo ir. Quanto mais ele se afasta, mais puxa uma cordinha no meu coração que parece conectada ao dele, e um peso ansioso desaba no meu estômago. Fico olhando suas costas até ele desaparecer, e não percebo por quanto tempo eu encaro até que uma mão quente toca a minha.

Leyla Donovan me observa com um calor maternal.

O vestido branco envolve seu corpo de um jeito elegante, as mangas de renda se abrindo nas pontas. Ela é lindíssima. Parece meio frágil agora, mas sei que, se voltássemos no tempo, seria de parar o trânsito.

— Do jeito que meu filho estava te olhando, tinha que vir dar um oi. — Ela segura minha mão, com a palma para cima, seu olhar a percorrendo, e demoro um instante até ver o que ela vê.

— Não é tatuagem, não — falo rapidamente. — Só um desenho bobo que Dylan fez na minha mão.

— Não é bobo. — Ela sorri, tocando a carinha feliz traçada na palma da minha mão. — Ele desenhava a mesma coisa na minha.

Pisco.

— Ah, é?

— Eu tinha o hábito de fechar os punhos quando ficava chateada. Às vezes, com força demais. E aí ficavam marcas de unhas ou sangue nas palmas das minhas mãos. Dylan era jovem, e deve ser doloroso ver uma pessoa amada se machucando, então um dia ele veio até mim com uma caneta e desenhou esse mesmo rosto sorridente na palma da minha mão. Ele falou assim: "É pra próxima vez que você esquecer que está se machucando quando crava as unhas na mão. Vai machucar este carinha também."

Parece que alguém arrancou uma de minhas costelas e perfurou meu coração. De repente, sinto a mão mais pesada do que nunca e tenho vontade de tatuar o negócio de verdade agora mesmo. Eu a encaro, atordoada.

— Eu não fazia ideia.

— Você é a patinadora artística, né? Sierra. Vi vocês na TV.

— Assistiu nossa apresentação?

Ela assente novamente e me encara, como se estivesse lendo minha alma. Não ouso me mexer.

— Cuida dele, Sierra. Ele vai te fazer bem. Eu prometo.

Leyla se afasta, com o vestido esvoaçando atrás dela. Ela fica ao lado do pai de Dylan, mas ele não se dá ao trabalho de cumprimentá-la enquanto conversa com os convidados.

Por volta das oito horas, todos se dirigem para as cadeiras que ladeiam o altar. Já se passaram dezoito minutos desde que Dylan saiu, e estou ficando mais ansiosa a cada segundo. Mas quando estou prestes a ligar para ele de novo, ele aparece e se senta ao meu lado.

Dylan balança a perna como um baterista. Quando damos as mãos, ele a aperta com tanta força que chega a doer, mas não tenho coragem de falar nada. Aiden, Summer e Kian estão na fileira de trás e, de vez em quando, dão tapinhas no ombro dele em uma silenciosa demonstração de apoio.

Ada está sentada do outro lado de Dylan e parece tão desconfortável quanto ele. Ela ficou brincando com a bainha do vestido de seda o tempo todo. Então, quando uma pianista começa a tocar, ficamos tensos. É quando vejo Darragh direito, e percebo que seu cabelo loiro e olhos azuis são um forte contraste com os de Dylan, mas, fora isso, os dois são quase idênticos. O pai tem os mesmos ombros largos, queixo delineado e nariz aquilino. Acho que deve ser só uns poucos centímetros mais baixo. Olhos azuis, frios e penetrantes, cruzam os nossos, e ele encara Dylan, que ignora, e depois a mim, e meio que quero me encolher até virar um grão de areia, mas também mostrar o dedo do meio para ele.

— Tudo bem? — sussurro quando Dylan aperta mais forte. — Porque acho que minha mão vai necrosar aqui.

Como se minha voz fosse a única coisa que chegasse em seus ouvidos, ele afrouxa imediatamente.

— Desculpa, amor. Não me dei conta. — Ele beija minha mão, acalmando o formigamento. Me lembro do que a mãe dele me disse.

— Até que mereço, considerando quantas vezes quase quebrei a sua nas competições.

Dylan solta um suspiro divertido, como se estivesse tentando estar presente neste momento comigo, mas não conseguisse esquecer onde estamos agora. Ele acalma a mão sobre a minha, tão gentil que sinto mais do que quando ele a estava esmagando.

— Você nunca merece qualquer tipo de dor, Sierra.

— Nem você. — Nos observamos por tanto tempo que quase não ouço o piano de novo. Mas Dylan ouve, porque começa a balançar a perna e, quando se vira para olhar para a mãe, congela.

O olhar dela não procura o marido. Ela encontra Dylan primeiro. Seus lábios se erguem em um sorriso quase exultante, mas então Dylan baixa os olhos de novo, e é como se ela tivesse levado um soco.

Quando Leyla chega ao altar, Darragh sorri suavemente, pegando suas mãos. Ela nem olha para ele. Os olhos dela estão fixos no filho, que não a encara. Segundos se arrastam enquanto o celebrante começa a falar, a voz monótona.

E então, sem aviso, Dylan solta minha mão. Antes que eu possa reagir, ele caminha direto para o pai. Os rapazes xingam atrás de mim.

— Tá feliz agora? — pergunta Dylan ao pai, interrompendo o celebrante.

Um silêncio ensurdecedor se instaura, os convidados assistindo à cena como se fosse uma novela. Me irrita que estejam ali, vendo alguém claramente em sofrimento, como se ele fosse o problema. Ada se levanta da cadeira e vai ficar ao lado do irmão.

— Dylan — repreende a mãe dele.

— Você é igualzinha a ele. Vocês dois fazem de tudo para manter essa fachada de casal perfeito, mas fica lá trancafiada naquele apartamento enquanto ele vai e come quem quiser.

— Chega! — grita o pai.

— Vai se foder! — dispara Dylan. Então, seus amigos começam a se aproximar, e mesmo quando ele os empurra, os caras não desistem. O pai começa a falar coisas sobre a bebida, sobre a impulsividade, mas Dylan se desvencilha dos amigos.

— Você se acha melhor do que eu? — Darragh continua com uma risada irônica. — Olha pra você. Olha a cara da sua mãe, dos seus amigos, da sua namorada. O medo nos olhos deles. Você é péssimo como eu…

É quando Dylan acerta um soco em cheio no queixo do pai.

Há um arquejo coletivo que ressoa pela tenda, o mais alto vindo da mãe dele caindo de joelhos ao lado do marido, que cospe sangue do lábio estourado.

Mas desta vez, quando os caras puxam Dylan para longe, ele deixa. Ver a mãe o faz sair do transe, como se só agora estivesse consciente do que está fazendo.

Ele encontra meu olhar arregalado e desvia rápido, como se não o suportasse.

Sigo os amigos dele em direção ao estacionamento. Ada está ao seu lado, e ele diz que vai levá-la para casa, mas ela se recusa, dizendo que precisa ficar com a mãe. Dylan engole em seco e, relutante, se despede da irmã.

— Deixa que eu levo o carro dele — diz Aiden.

O caminho de volta para casa é marcado por uma mistura pesada de compaixão e angústia. Quando estendo a mão para Dylan no banco do carona, ele não retribui o toque. Só ajeita o corpo no banco, fazendo minha mão escorregar do seu ombro. Summer imediatamente coloca a mão sobre a minha, e, mesmo quando dou um sorriso tranquilizador, algo se estilhaça no meu peito.

Quando entramos na garagem, saímos rapidamente para o ar frio da noite, mas assim que Kian estaciona atrás de nós, há algo áspero que se instala no ar. Quando faço menção de pegar a mão de Dylan, ele se afasta.

Meu coração afunda.

— Melhor você ir pra casa, Sierra.

Uma dor rasga meu peito no meio. *Achei que estava em casa.*

— Não era isso que você queria. Você queria ir com calma, né? — indaga ele, com o maxilar tenso. — Jurei que nunca seria como ele. Tô tentando ser diferente, melhor pra você, mas o cara violento e agressivo que você viu hoje à noite e que todo mundo viu no gelo… é quem eu sou. É esse o seu namorado.

— Não é, não — argumento. — Você não é nada disso. Você não tem nada a ver com seu pai. Seja lá o que você acha que eu deveria fazer, já tô

dizendo "não" logo de cara. Eu não vou te deixar. — Será que Dylan achou que eu teria medo dele? Mesmo agora, com o cabelo todo despenteado e os olhos vermelhos, ele parece devastadoramente jovem. Meu coração dispara, e percebo que não vou aguentar se ele não me quiser aqui.

— Não devia ter te pedido pra vir — murmura, arrependido.

— E não pediu. Eu vim porque vou aonde você for. Conheço o seu "eu" de verdade, e vou ficar por ele. — Quero que ele saiba que estou ao lado dessa versão dele também. De todas as versões.

— Você quer ficar? — pergunta ele. — Depois de ver toda aquela merda? Minha família desfuncional?

— Até onde sei, você não manda em mim, Donovan. Só deixa eu cuidar de você como você cuida de mim, pelo menos uma vez.

Algo se quebra dentro dele com minhas palavras. Seus ombros se curvam em uma rendição silenciosa. No escuro, seus olhos não expressam mais nada da raiva de antes, só uma emoção dolorosamente vulnerável.

— Eu nunca quis que você me visse assim — admite.

— Escuta aqui — digo, segurando seu rosto. — Você é o cara mais doce que eu conheço, e qualquer um que pense o contrário pode ir pro inferno. Acredite em mim, se você não tivesse colocado seu pai no lugar dele, eu teria.

Dylan dá uma risadinha cansada, acariciando meu rosto com tanta delicadeza que um arrepio me percorre.

— Posso te beijar agora ou ainda estamos indo com calma?

Suspiro.

— Nada nunca foi calmo com você, Donovan. Você praticamente fez questão de tornar impossível, mas não significa que já passou tudo. Mesmo com aquele autógrafo do Dale Thunderman.

— Vou me humilhar pelo tempo que você quiser. — Dylan me beija como se estivesse provando os sabores de um arco-íris. Tenho quase certeza de que meus pés deixam o chão. E percebo que é verdade quando ele me carrega para dentro de casa.

Lá dentro, seus amigos estão sentados em silêncio na sala de estar, paletós jogados nos sofás e gravatas desfeitas. Summer é a primeira a abraçar Dylan, e então os rapazes o cercam. Percebo que ele tem uma família aqui muito mais do que naquela festa.

Ele parece exausto quando se afasta e, com a mão estendida na minha direção, eu a pego e o sigo até o quarto. Ajudo Dylan a desabotoar a camisa, e ele me ajuda a tirar o vestido.

— Você é a melhor coisa da minha vida — sussurra ele na minha têmpora quando estamos na cama. — E se ainda estiver na dúvida, quero que saiba que seus sonhos são tanto seus quanto meus. Quero te ver vencer em cada pódio, provando que você é tudo aquilo que imaginou. Sou seu fã número um, seu torcedor mais ferrenho. Você está destinada à grandeza, e quero que conquiste tudo comigo ao seu lado. É você ou nada pra mim. Você não tem noção do quanto eu te amo.

Todo o peso na minha mente e no meu corpo me forçaram a evitar o amor, sendo que era tudo aquilo que eu desejava. É quase como se eu quisesse ficar dentro do caos da minha cabeça, mesmo quando era insuportável. Mas sempre achei que era mais fácil ficar presa do que deixar alguém ver todas as minhas imperfeições.

Mas desta vez não vou deixar isso acontecer. Não vou deixar esse instinto tomar conta. Porque o jeito que Dylan me ama faz com que eu também queira me amar, pela primeira vez.

45

DYLAN

A noite passada foi pesada e insuportável, mas com Sierra ali, não fiquei totalmente devastado. Nunca quis que ela se envolvesse naquele drama ou que visse meu lado agressivo, mas ela não arredou pé da minha garagem, teimosa como sempre, e se recusou a ir embora. Conheço essa garota até do avesso, mas ela ainda tem o poder de me fazer me abrir muito facilmente.

Sierra acorda, e dou de cara com minha criptonita. É uma questão de segundos até ela estar imobilizada na cama e dizendo meu nome do jeitinho que eu gosto. Ela me observa enquanto beijo sua barriga e sua cicatriz. Uma ideia surge na minha cabeça — algo que já estava torcendo, rezando para tentar quando ficasse em cima dela novamente.

— Quero que diga "sim" pra mim — começo.

Sierra inclina a cabeça.

— Pra quê?

— Quero tentar uma coisa com você. Confia em mim? — De repente, percebo que estou desesperado para ouvir a resposta.

— Sempre — responde ela na mesma hora. Então, como se sentisse que eu precisava, coloca a mão no meu queixo. — Parece que meu corpo nem dói quando estou com você. Como se você tivesse curado minhas cicatrizes com seus beijos.

É quando penso que posso amar essa garota para sempre, se ela aceitar.

Eu me mexo antes que mude de ideia, indo até a última gaveta, e antes que ela perceba, coloco uma venda sobre seus olhos. Ela perde o fôlego, e juro que meu coração dispara.

— Se não curtir, é só falar e a gente para na mesma hora.

Espero um instante e estou prestes a tirar a venda, mas então ela sorri.

— Eu curti.

Parece que esqueci como se faz para respirar. Já fiz isso uma vez, com palavras de segurança pré-estabelecidas, mas com Sierra, não vou correr o risco de ela não dizer só para me agradar. Quando estou com ela, tudo o que quero é desvendar seu prazer, sentir cada gemido e arrepio sob meu toque. É isso que me excita.

— Se quiser parar, diga "Dale".

Ela ri.

— Sei que estou segura com você, Dylan.

— Mas vai falar se precisar?

— Sim. Agora, por favor, pode me tocar logo?

— Fica tão educadinha quando precisa de mim, né? — Eu a beijo e fico de joelhos, acariciando suas pernas fortes conforme desço.

— O que você está fazendo? — pergunta ela, voltando para o colchão.

— Tenho sido malvado. — Minha voz ressoa contra sua pele macia. — E quero provar que posso ser bonzinho.

— Dylan — ela praticamente geme, com o peito arfando, mas já estou levantando sua camiseta. Sua calcinha preta é minúscula, e tenho vontade de rasgá-la com os dentes, mas estou sendo bonzinho agora.

— Você deixa eu ser bonzinho pra você, amor? Por favor?

— Sim. — Sierra suspira.

Tiro a calcinha molhada dela.

— Me diga o que fazer.

No início ela só suspira, mas, quando aperto suas pernas com mais força, ela ofega.

— Quero que você me faça gozar.

— Mais alguma coisa? — pergunto, beijando a parte interna da coxa dela.

— Eu…

Ela ofega quando pressiono meus lábios sobre seu clitóris.

— O que disse? — pergunto.

— Dylan, *por favor*.

— Eu sei, amor. — Coloco uma das pernas dela no meu ombro. — Mas quero te ouvir pedir. — Minha respiração arrepia sua pele, e ela estremece. Faço de novo.

— Quero que você me foda — suspira ela, ofegante, claramente excitada com o mais leve toque.

— Foi tão difícil assim? — pergunto e, mesmo vendada, sei que ela está revirando os olhos.

Estou tão perto dos peitos dela, que me vejo desesperado para prová-los. Talvez fodê-los também.

— Você vai só olhar ou vai fazer alguma coisa? — pergunta ela, cheia de marra.

Mal posso esperar para fazê-la implorar. Mas então ela arrasta os dedos pela barriga até os seios, apertando e gemendo, e acho que fico maluco de vez.

Meu toque é lento, deliberado, minucioso. Ela me aperta entre as pernas quando roço os dedos em sua boceta, quente e molhada. O pequeno grito de surpresa que ela solta só me faz estremecer. Levanto a outra perna dela por cima do ombro, puxando-a para a frente, trazendo-a exatamente para onde quero. Nem comecei e suas pernas já estão tremendo.

— Relaxa, amor — sussurro contra sua coxa, vendo-a tremer. Assistir cada reação dela ao meu toque é a melhor coisa do mundo. Acho que nunca amei nada tanto assim.

Com as pernas dela nos meus ombros e minhas mãos em sua cintura, eu a levanto. Sierra agarra meu cabelo com tanta força que dói. Já a levantei tantas vezes, mas agora ela está tremendo. Quando suas costas batem na parede, ela ofega. Agarro as coxas dela e a provo, bem ali contra a parede. Ela joga a cabeça para trás e arrasta a boceta na minha cara, se esfregando, buscando o prazer.

Estou no paraíso, tenho certeza.

Ela crava os calcanhares nas minhas costas, e quando suas pernas começam a tremer, sei que ela está quase gozando. É então que enfio dois dedos dentro dela e a sinto se derramar na minha boca.

É doce como cereja.

De volta à cama, tiro a cueca. Coloco um travesseiro sob suas costas e pressiono a mão em sua barriga antes de penetrá-la, lenta e controladamente. Fico me observando entrar e sair de dentro dela, ouvindo-a gritar de prazer e agarrar meus braços.

— Preciso te ver — diz, ofegante.

Eu me aproximo, meu corpo pressionando o dela, e tiro a venda para ver suas pupilas dilatadas, quase completamente pretas. Ela agarra meu rosto antes mesmo de se orientar e me beija. Sierra não se contém. Os sons que ela emite são pornográficos pra caralho, e me seguro muito para não gozar naquele momento. Dou tudo de mim para fazê-la gemer por mim ao máximo e, no final, quando me desfaço, beijo o corpo inteiro dela sussurrando "eu te amo" várias vezes.

— É de verdade, mesmo? — pergunta ela de repente. — Que você me ama?

— Sempre.

— Tem certeza?

Quase rio.

— Deixa eu te ajudar a entender, Sierra. — Seu lábio inferior treme, como se o jeito que eu a estivesse olhando fosse demais. — A primeira vez que te vi de verdade foi quando você estava fazendo algo que ama. Ver você naquele gelo, como uma nuvem de fumaça, tão rápida e confiante, foi tudo pra mim. Quando olho pra você, é isso que vejo. A garota talentosa e determinada, que lutou com unhas e dentes pra voltar e garantiu que todos soubessem disso. Você é gentil, afetuosa e atenciosa, mesmo que não ache. Eu te amo pela maneira como você protege seu coração. Eu te amo por cada vez que você me retribuiu. Eu te amo por nunca recuar. Eu te amo em todas as vezes que você esquece de respirar e em cada contratempo no gelo.

— E você quer patinar comigo?

Sorrio.

— Quero muito mais do que só patinar com você, Sierra.

— Sério? Porque eu não sou legal. Penso demais. Às vezes, nem consigo respirar sozinha. E quando não estou patinando, tô assistindo Dale Thunderman e tricotando.

— Bem, você tá patinando comigo. Deixa eu ver, você tá respirando. E eu me apeguei muito ao Dale e às luvas. É só isso?

— Provavelmente não — resmunga ela.

— Me dê todo o seu fardo, Sierra, e eu te mostro o quanto consigo carregar por você.

Desta vez, quando Sierra derrama uma lágrima, não a enxuga.

— Sei que pode parecer que eu não sinto tanto quanto você — diz ela, com um tom suave, um tom que eu quase nunca ouço. Prefiro quando Sierra fala alto e na lata. Gosto dela exatamente como ela é. Sem freio. — Mas eu me importo se você estiver machucado. Eu me importo se você sentir que tô te afastando. Eu me importo muito.

— Eu sei, amor.

— Sabe mesmo? Sei que você gosta de eu ser meio malvada, mas não vai ser legal se eu te machucar.

Deus do céu, como eu amo essa garota!

— Só você, Sierra. É tudo que eu quero.

— Sei que não falei de volta. Sou uma péssima namorada, eu sei, mas prometo…

— Não. — Eu seguro o rosto dela entre as mãos. — Eu gosto de você exatamente como você é. Coração protegido e palavras cautelosas. Não tem cobrança nenhuma entre nós.

— Mas não quero que você pense que não estou nessa tanto quanto você. Porque estou.

— Eu sei disso. Não precisa me provar nada, Sierra. Deixa eu ser a pessoa a baixar sua guarda. — Pego a mão dela e a pressiono sobre o meu coração enlouquecido. Que bate por ela desde o primeiro momento em que a vi.

Para mim, o amor não é uma coisa que se põe numa caixinha. Eu não a amo da mesma forma que amo meus pais. Esse amor é complicado, quebrado e emaranhado em velhas feridas, preso por restrições veladas. O amor que compartilho com meus amigos é fácil, incondicional e carinhoso, mas o amor que sinto por Sierra é diferente. É o compasso do meu coração, o ar que respiro — é o amor que eu mais valorizo. É simples, inteiro e vem com apenas uma condição: eu a amarei enquanto ela me permitir, e provavelmente para sempre — mesmo que ela não sinta o mesmo. Esse amor não se resume a beijos, mãos dadas ou mesmo sexo. É algo mais profundo, que vive nos meus ossos, conquistado através das minhas ações, e não só das minhas palavras.

Sierra se aconchega em mim como se eu fosse um porto seguro.

— Tenho medo de isso tudo ser um sonho, que em breve eu vou abrir os olhos e você não vai estar mais aqui.

Afasto uma mecha de cabelo de sua bochecha.

— Se você quiser que eu repita todo dia que me importo, que estou orgulhoso de você, que nunca vou conseguir te ver sofrer e que seus sonhos se tornaram meus sonhos, eu repito. Tão alto ou tão baixinho quanto você quiser. — Meus nós dos dedos roçam seu queixo. — Com quantos beijos você quiser. — Eu me aproximo para pressionar suficientemente meus lábios nos dela. — Com quantos abraços você precisar. — Eu a envolvo nos meus braços. — Com cada palavra que puder pensar. É tudo pra você, Sierra.

PATRULHA COELHA

Aiden Crawford
É melhor vocês irem pro festival da Summer.

Kian Ishida
É hoje?

Dylan Donovan
Ah, merda, tô enrolado.

Cole Carter
Quando você não tá enrolado é a verdadeira questão.

Sebastian Hayes
Falando nisso, eu gostaria de me mudar pro quarto antigo do Eli.

Kian Ishida
Não estamos falando nisso.

Dylan Donovan
Para de reclamar, Seb. A parede que a gente divide não é tão fina assim.

Sebastian Hayes
Acredite, é sim.

Eli Westbrook
Fica com o meu quarto.

Kian Ishida
De jeito nenhum! Não ouse tocar nele. Retire o que disse, Eli!

Sebastian Hayes

Cuzão sentimental. 

Kian Ishida


Aiden Crawford
Oieee? O festival da Summer. Não percam, caralho.

Kian Ishida
Sim, senhor, Capitão.

Dylan Donovan
Estamos ligados. Ela já ameaçou empregar violência física se a gente esquecesse.

— Você nunca foi em um encontro antes? — pergunta Sierra.

Eu a ajudo a sair do carro.

— Nunca.

— Eu também não — responde ela, e lanço um olhar. — Quer dizer, um desses encontros "clássicos". Um festival é perfeito. Eu até ganho um dos bichos de pelúcia pra você.

— Acho que eu que tenho que ganhar pra você — digo.

— Não se eu te vencer. — Então, Sierra aponta para a roda-gigante. — Temos que ir lá.

— Eu apoio — diz Summer, caminhando até nós. — A roda-gigante dá sorte.

Kian passa o braço pelos ombros de Summer.

— Cara, adoro esses festivais. A barraca do beijo semestre passado foi ótima — diz ele.

— Não tivemos barraca do beijo ano passado. Aliás, nunca tivemos — Summer aponta.

— Ah, é? — Ele coça a cabeça. — Hã.

Quando entramos, a primeira coisa que vemos é Tyler Sampson no tanque de mergulho. Solto uma gargalhada.

— Como você conseguiu isso? — pergunto a Summer. É meados de novembro, então ninguém se voluntaria para o tanque.

— Bem que ele merece, mas, por incrível que pareça, foi por vontade própria.

Imagino que ela descobriu sobre Amara e Sampson. Ele parece estar arrependido de ter ficado com a melhor amiga dela.

Seu olhar está tão fixo em algum lugar distante que ele mal se intimida com o frio. Então, Amara aparece com uma dúzia de bolas de beisebol em um balde, e tudo faz sentido.

Ela joga e erra. Oito vezes.

— É marmelada essa porra! — reclama ela.

Summer ri e tenta uma vez, mas também erra. Amara geme de frustração.

— Parece que você vai ter que me ver molhado outra hora, meu bem — provoca Sampson.

— Você não tá lançando firme, Amara — ofereço umas dicas. — Levanta o cotovelo e contrai mais o abdômen.

Sampson me mostra o dedo do meio. E assim que retribuo o gesto, Amara acerta o alvo em cheio, e ele cai na água. Ela comemora, e logo um Sampson encharcado se iça do tanque, parecendo puto. Amara ofega antes de sair correndo. Sampson a persegue com o sorriso mais largo que eu já vi nele.

— Acho que esses dois vão se matar — comenta Sierra.

— Assim que é bom — respondo, e ela segura meu braço. Caminhamos até um jogo de cesta de basquete. Jogamos três rodadas e empatamos todas. Em outra barraca, brincamos de caça ao pato, usando rifles de pressão para atirar no alvo em movimento. Ficamos tão competitivos que o calouro que trabalha na barraca implora para a gente só pegar um bicho de pelúcia e ir embora, para dar vez à longa fila de pessoas esperando.

Sierra ri em toda a caminhada até a roda-gigante, dividindo seu churro comigo. Então, quando sentamos na gôndola e subimos até o topo, ela brinca com as tiras do cachecol, evitando contato visual.

— Não me diga que tem medo de brinquedos de parque de diversões.

Ela ri, seus lindos olhos verdes brilhando.

— Não. Bem, tecnicamente, eu tinha medo de altura até você aparecer.

— Então por que tá tão quietinha? Gosto de ouvir sua voz.

Ela segura meu braço com força, dando o suspiro mais profundo e satisfeito do mundo.

— Tô feliz. Não quero que isso acabe nunca.

Passo a palma da mão no rosto dela.

— Posso realizar esse desejo. Dou uma gorjeta pro operador, e a gente fica aqui o tempo que você quiser, meu amor.

Sierra balança a cabeça com um sorriso divertido.

— Quero dizer, com você.

— Vou ficar do seu lado pra sempre, Sierra. Não precisa se preocupar com isso. — Entrelaço nossos dedos e beijo seus nós dos dedos. Então, seus olhos lacrimejam. — Não chora, amor.

Ela funga:

— Desc… quer dizer, é que eu nunca senti isso antes. Parece que meu peito vai explodir.

— Parece uma emergência médica, Romanova — observo.

Sierra dá um tapa no meu braço — bem forte, por sinal.

— Tô tentando dizer que te amo, idiota.

Nunca pensei em como seria minha reação quando ouvisse essas palavras, mas com certeza não esperava perder minhas funções motoras. Não consigo falar, não consigo me mexer, mal consigo me lembrar de piscar.

Ela me *ama*.

Engulo o nó na garganta.

— Ah, é?

— Tanto que tô até meio puta contigo, por me deixar assim toda brega. Só preciso pensar em você, no tanto que se dedica aos outros sem esperar nada em troca. Aprendi a me amar com você, porque você faz parecer tão fácil. Quero te amar o mesmo tanto. Quero que saiba que não precisa ser complicado, nem bagunçado, ou sei lá o que seus pais te fizeram achar. Pode ser isso aqui, só você e eu, um do lado do outro todos os dias. Pro que der e vier.

Minha garganta está apertada quando finalmente falo:

— Sei que não tenho muitas primeiras vezes pra te dar, mas quero que você seja a minha última. Pro que der e vier. Também te amo, Sierra.

Ela se vira para me beijar, e me entrego profundamente ao beijo.

Eu a beijo o tempo todo, tempo suficiente para que o operador não diga uma palavra. Não sei quantas voltas damos na roda-gigante, mas, quando saímos, Sierra estaca de repente. Quase a derrubo. Ela atende o celular e, com um "tá bom" rápido, desliga e fica encarando a tela. Passam-se três minutos inteiros até suas mãos começarem a tremer e ela colocar o camaleão de pelúcia debaixo do braço.

— Que foi? — pergunto, tentando ver quem ligou.

— Era Lidia. — Ela se vira para mim lentamente. — Justin e Julia foram desclassificados — diz ela. — A gente acabou de entrar de última hora pro Grand Prix da União Internacional de Patinação.

Talvez Summer esteja certa, e a roda-gigante dê sorte, afinal.

46

SIERRA

É meia-noite quando cutuco meu namorado adormecido com uma tesoura na mão.

Dylan vira para o lado, tateia meu lado vazio da cama e vira a cabeça na minha direção. Ele pisca.

Passamos a última semana treinando para o Grand Prix. Mal tenho dormido desde que descobrimos que somos a nova escolha do anfitrião. Acontece que Julia e Justin estavam usando uma substância chamada trimetazidina. Sei lá como, eles conseguiram disfarçar a temporada inteira, mas quanto mais perto do campeonato, maior o desespero. Justin ficou se achando desde que me juntei a Dylan depois da suspensão e todo o escândalo do antidoping, mas agora meu ex-parceiro arruinou sua carreira de vez. Eles estão sumidos desde que a notícia saiu, mas nada disso importa, porque agora somos eu e Dylan no lugar deles, e não vamos estragar essa chance.

Na reunião com Lidia, ficamos surpresos ao vê-la tão animada traçando a estratégia para o Grand Prix. Vamos de Rapunzel e Flynn, mas ajustando o último levantamento para subir o grau de dificuldade. Fiz Dylan praticar comigo em um colchão, em casa. Não deu muito certo, porque ele me imobilizou rapidinho.

— Amo quando você aponta coisas afiadas pra mim — Dylan fala devagar, com a voz rouca de sono. — Mas achei que você só queria conchinha hoje? — A luz do banheiro ilumina o sorriso preguiçoso dele, o calor das pálpebras pesadas em seus olhos e o jeito como ele me observa como se eu fosse a única coisa que vale a pena olhar.

Como tive tanta sorte de ele ter me encontrado?

Reviro os olhos.

— Você só pensa *nisso*, é?

— Difícil pensar em outra coisa quando você me olha assim. — O olhar de Dylan vagueia por mim, lento e descarado, enquanto cruza os braços atrás da cabeça. — Mas poderia explicar qual é dessa tesoura? Ou é melhor eu forrar o chão com jornal e deixar você fazer o que quiser comigo?

— Quero que você corte meu cabelo — explico.

Dylan se senta, o edredom se acumulando em sua cintura enquanto ele me puxa para a frente. Me preparo para vê-lo hesitar, fazer piada, perguntar se tenho certeza. Talvez até reclamar que gosta dele longo ou que eu deveria pensar melhor.

Em vez disso, ele responde:

— Beleza.

Sem hesitação. Sem perguntas. Apenas "beleza". Dylan pega a tesoura e me leva ao banheiro. Meu olhar percorre as linhas largas de suas costas nuas, a forma como a cueca pende em seus quadris e os músculos de suas coxas.

O banheiro ainda está fumegando do nosso banho. Dylan limpa o espelho e me coloca na frente dele. Já ficamos nessa mesma posição inúmeras vezes antes, mas agora uma sensação de ansiedade me invade o estômago. Suas mãos repousam sobre a bancada de mármore, me abraçando. Sua respiração roça meu pescoço, então ele trilha três beijos lentos ao longo do meu queixo.

— Curto? — pergunta, seu peito quente pressionando suavemente contra minhas costas.

A tesoura de metal no balcão reflete a luz, seu brilho frio fazendo meus dedos tremerem ao lado do corpo, a dúvida se enroscando na certeza. Uma parte de mim esperava que ele tentasse me convencer a desistir, como todo mundo. Da última vez que pensei em cortar o cabelo, meu parceiro disse que não ia ficar apresentável para os jurados.

Lá fora, um vinil de Kian toca uma canção de amor melancólica. Encaro meu reflexo, o comprimento do meu cabelo. Parece um peso morto agora. Respiro fundo, me preparando.

— Você já fez isso antes?

Dylan apoia o queixo no meu ombro.

— De vez em quando aparava o cabelo da Ada, porque ela odiava ir em salão. Ela dizia que eu era péssimo, mas pra você? Vou garantir que fique perfeito. Prometo.

— Só as pontinhas — decido.

Dylan assente.

— Você que sabe, amor.

— Não acha que é demais? — A insegurança transparece na minha voz quando encontro seu olhar no espelho.

— Se você gosta, eu gosto — diz ele, com a voz baixa e rouca. — Além disso, não ligo se ficar bem curto, contanto que eu ainda consiga puxar. — Ele agarra meu cabelo e dá um leve puxão. Dou um olhar fuzilante. Ele sorri.

Quando ele tira o elástico do meu cabelo, percebo que faria isso sem pensar duas vezes. Simplesmente porque eu pedi.

Giro para segurar seu pulso antes de ele fazer o primeiro corte.

— É sério que você não vai tentar me impedir? — pergunto, pegando a tesoura. — Pode muito bem ser… sei lá, um sinal de psicose ou algo assim.

Dylan se aproxima, totalmente imperturbável.

— Ainda bem que eu gosto de mulher maluca.

Empurro seu peito. Ele mal se move, só segura meu punho para me puxar para si. Seu olhar se suaviza, derretendo como gelo em um dia quente de verão.

— Você não toma decisões impulsivas. Se está pedindo, sei que é algo que já quer há algum tempo. E mesmo que fosse impulsivo, estou aqui de prova de que nem todo impulso é ruim. Você me beijou, e olha só no que deu. — Seu sorriso se alarga. — Confie em si mesma, Sierra.

Dylan coloca a mão sobre meu coração descompassado. Como se já soubesse. Pressiono a minha contra seu peito, sincronizando com a estabilidade que ele me passa, me regulando nele.

Uma inspiração profunda. Um último olhar. Me viro para o espelho.

— Curto. Aqui. — Toco logo acima dos meus ombros, antes de começar a pensar demais e arriscar mudar de ideia.

Dylan escova as mechas, separando-as com cuidado, ligeiramente tortas, e então corta exatamente onde apontei. Quando ele me entrega o chumaço de cabelo, meus olhos ardem e sinto um pouco de orgulho tomar

conta do meu peito. Sou eu, uma nova eu. Amo ainda mais quando Dylan levanta meu queixo, seus olhos suaves e brilhantes, e sussurra contra meus lábios:

— Linda.

Estou superconfortável na cama de Dylan, com o novo filhote de Kian no colo — o pobre gatinho de rua que ele encontrou do lado de fora do Restaurante da Lola, graças aos poderes do sistema de distribuição de gatos — quando Dylan volta de uma aula noturna.

Até voltei ao dormitório para ver Scarlett, mas ela não estava. Quando mandei mensagem, ela prometeu voltar para jantarmos juntas mais tarde.

Agora, estou estudando no quarto de Dylan, a luz difusa do abajur iluminando meu livro. Eu me aconchego com Sr. Bigodes, mas no segundo em que meu namorado entra, o descarado corre para a beira da cama. Dylan o pega no colo, carregando contra o peito. Sr. Bigodes ronrona e lambe seu rosto. Não posso culpá-lo. Mas desde que Kian descobriu essa intimidade, tem tentado reconquistar o afeto do felino.

— Tentando roubar minha namorada, é, Bigodes?

O gato mia em resposta, e Dylan sai do quarto. Ouço um alto:

— Meu bebê! Ele te machucou?

E depois Dylan volta, trancando a porta atrás de si.

Ele vem até mim, tirando cuidadosamente meu livro da cama antes de envolver todo o meu corpo com o dele, como um casulo protetor, e soltar um murmúrio no meu pescoço. Ele não anda mais tão exausto fisicamente quanto algumas semanas atrás, mas dá para notar que está mentalmente esgotado. Tem se preocupado muito com a mãe nos últimos dias. Quando enfim deu o braço a torcer e decidiu ligar, ela não atendeu. Ele está nervoso desde então.

— Momento de silêncio? — sussurro.

— Momento de silêncio — diz ele.

Permanecemos assim por um bom tempo. Fico sob seu peso confortável, e ele se ajeita para não me esmagar. Quando nos vira, fico em cima dele. Ele coloca uma mecha do meu cabelo recém-cortado atrás da minha orelha.

— Oi, amor.

Sorrio como uma idiota.

— Quanto ia custar pra você estar aqui, na minha cama, toda vez que eu chegasse em casa? — pergunta ele.

— É um preço alto.

— Tô disposto a pagar.

— Não é muito bom de barganha, hein? — comento. — E olha que é você quem cursa Administração.

O olhar que ele me lança, o mesmo que eu vi momentos depois de ele me beijar, abre um buraco no meu peito.

— Parece que perco a cabeça perto de você.

— Compreensível. Vou pedir para meus advogados entrarem em contato, então.

Dylan brinca com as pontas do meu cabelo.

— Notou algo diferente?

— Em você? — Eu o observo por um momento. — Seu braço tá maior, e você me levanta com ainda mais facilidade.

Um sorrisinho sarcástico surge nos cantos de seus lábios, claramente satisfeito.

— Bom saber que você repara tanto no meu corpo, Romanova — diz ele. — Mas, não, notou alguma coisa aqui no quarto?

Levanto a cabeça para olhar ao redor. O mesmo livro ainda está aberto na escrivaninha, embora agora virado em uma página diferente. A foto dele e da irmã está no lugar de sempre, enquanto a outra foto, a nossa, está emoldurada e pendurada na parede.

— Nada? — insiste ele.

Balanço a cabeça, e Dylan se inclina, seu braço passando por mim para apagar a luminária, mergulhando o quarto nas sombras. Embora haja uma pequena faísca de medo que arde sob minhas costelas, tê-lo tão perto a faz se dissipar quase instantaneamente.

Então, um brilho fraco surge na escuridão, intensificando aos pouquinhos. Olho ao redor. A cortina está fechada, e nem sei onde estão nossos celulares.

— O que é isso? — sussurro, quebrando o silêncio.

Dylan se deita, o colchão afundando sob seu peso, e projeta o queixo em direção ao teto. Sigo seu olhar e perco o fôlego.

Acima de nós, o teto está coberto de carinhas felizes. Muitas, provavelmente centenas, brilhando suavemente em um tom amarelo-esverdeado quente, criando um mundo tranquilo só para nós.

— Por que você fez isso? — pergunto.

— Por que você acha, Sierra?

Engulo em seco. Estar nesta cama, em seus braços, com a lembrança de seus pensamentos quando não estou muito em mim, parece o peso do sol. Porque percebi uma coisa sobre cicatrizes: elas sempre estarão visíveis, mas não quer dizer que não estejam curadas.

Dylan se senta, tirando o moletom e a camisa por baixo em um movimento fluido. Levanto o edredom, e ele se enfia debaixo. Sua perna pesada enrosca na minha, prendendo-me em seu abraço.

— Obrigada — sussurro, olhando para os adesivos fluorescentes.

Ele me aperta um pouco mais forte do que o normal. Como se soubesse que não vou mais escapar, mas ainda assim, me quisesse perto. A mão calejada de Dylan desliza pelas minhas costas e sob a bainha da camiseta.

— Tá usando minha cueca? — pergunta ele, enganchando o dedo sob o cós elástico e soltando de vez.

— Por quê? Quer de volta?

Ele ri baixinho perto do meu ouvido.

— Você é encrenca.

Ouço o ritmo de sua respiração desacelerar, cada vez mais suave. Mas quando olho para cima, ele ainda está perdido em pensamentos. Pego sua mão.

— Tudo bem? — pergunto.

— Uhum. Só pensando.

— No quê?

— Dia de Ação de Graças — diz ele.

Inclino a cabeça.

— É o feriado que você mais gosta?

— O que mais detesto.

Concordo com a cabeça.

— Também sou mais fã de Halloween.

Dylan finalmente olha para mim, com seus olhos cor de âmbar calorosos. Ele não sorri, e endireito as costas.

— O Dia de Ação de Graças é um grande evento na sua família?

— Não é isso. É a primeira vez desde que me mudei que minha mãe ficou tanto tempo sem ligar ou mandar mensagem. Ela adora o Dia de Ação de Graças, mas não falou nada, nem me convidou.

Brinco com a correntinha em volta do pescoço dele.

— Por que não liga pra ela de novo?

— É, acho que vou — diz ele.

Pelo visto, não vai nada, mas finjo que acredito na resposta evasiva.

— Ou você podia ligar pra sua irmã. Certeza que ela deve ir pra casa no recesso. — Ele não responde. — Ou… — Faço uma pausa, dando um beijo em seu queixo. — Você podia ir lá pra casa comigo.

Isso chama sua atenção.

— Já quer que eu conheça seus pais, assim?

Reviro os olhos.

— Você já conheceu minha mãe quando se convidou aquela vez — digo. — Mas, desta vez, estou convidando você.

— Isso é muito gentil da sua parte. Caridoso, até.

— Qualquer coisa por uma boa causa, e meus pais estavam mesmo perguntando se você ia — digo, observando seu sorriso florescer. — Então, você vai?

— Vou sim, amor.

Quando ele me chama assim, parece que está tudo certo no mundo.

47

DYLAN

O Dia de Ação de Graças é muito mais agradável sem sua família.

Tinha um culto na nossa igreja local que meu pai fazia questão de ir todo ano, com todos nós. Ou seja, ele esperava nos ver prontos, de trajes formais, pontualmente às sete da manhã de uma quinta-feira. Era exaustivo naquela época, mas nunca vou esquecer que a família passava o dia inteiro junta. Não havia um momento, da manhã até a noite, em que estivéssemos separados. Quando paro e me lembro, percebo que era um dos únicos momentos em que estávamos juntos e felizes.

Hoje, não estou com meus pais, mas me sinto muito mais feliz do que com eles.

Em vez de peru, o pai de Sierra fez pato assado. Ele chamou de tradição russa, mas acho que só foi ao supermercado tarde demais. Sierra disse que eles nunca fazem um Dia de Ação de Graças tradicional, mas como descobriram que eu viria, quiseram me impressionar.

Nem achava que eles gostavam tanto assim de mim, muito menos que iam querer causar uma boa impressão.

— Sabe, você é o primeiro namorado que a Sierra convida pra vir em casa — diz a mãe dela depois de nos reunirmos na sala, para assistir aos melhores momentos do último Grand Prix.

Sierra geme.

— Mãe, por favor…

— E o primeiro garoto que consegue deixá-la corada — acrescenta o pai.

— Ah, é mesmo? — Olho para Sierra, que está com o rosto vermelho. Ela revira os olhos e agarra meus braços para me puxar junto.

— Vamos lá em cima — diz ela. Lanço um olhar de desculpas para os pais dela, mas não parecem se importar.

— Amor, acho que a gente não devia ficar aqui em cima, sendo que eles fizeram um jantar inteiro — digo.

— Eles não ligam. — Ela acena com a mão. — Agora, me diz por que você tá todo esquisito.

Eu a encaro.

— Achei que você tinha me trazido aqui pra gente se pegar.

— Para de tentar me distrair. Você tá calado; dá para ver que está pensando em alguma coisa. É sua mãe?

Me assusta quando ela faz isso, às vezes. Ninguém nunca conseguiu me ler tão facilmente.

— Ela não atendeu? Tenta de novo — diz ela, séria. — Posso ficar aqui com você.

Estou prestes a recusar, negar que estou pensando nela, mas não consigo. Sierra está certa.

— Acho que tenho que fazer isso sozinho.

Decido ligar para o meu pai, e não quero que ela ouça nenhuma das merdas que ele possa dizer. Ela assente e sai do quarto antes de encostar a porta atrás de si.

Meu pai atende no primeiro toque, o que me surpreende por um segundo.

— Desculpe pela minha reação naquela noite — disparo, antes de sequer pensar que não vou conseguir falar, que vou cair em mim. A última coisa que ele merece é um pedido de desculpas, mas isso não é por ele. É pela minha mãe. Simplesmente não aguento mais essa hostilidade. Estou tão cansado, puta merda. — Tenho minha opinião sobre o relacionamento de vocês, mas isso não resolveu nada. Não sou mais assim.

O outro lado faz silêncio absoluto, e preciso verificar se a chamada ainda está ativa.

— Obrigado — diz meu pai após um longo minuto. — Mas… — Ele faz uma pausa, como se as palavras saíssem com grande dificuldade. — Você estava certo.

— Como assim?

— Eu estraguei tudo. Tínhamos uma família linda, e eu estraguei tudo. — Se não o conhecesse, diria até que estava chorando. Por uma fração de

segundo, me pergunto se ele realmente mudou, se minha mãe estava certa, mas suas próximas palavras destroem tudo isso: — Sua mãe foi embora, Dylan. Ela pediu o divórcio e disse que já que eu não conseguia respeitá-la, ela precisava se respeitar. Pelos filhos. Ela foi embora na noite da renovação dos votos.

Eu me levanto da cama, agarrando o celular com força.

— Como assim, foi embora? — pergunto. — Foi pra onde?

— Não sei, só sei que ela se foi. Não tem mais nenhum traço dela nesta casa.

— E você só me diz isso agora? — grito. — Cadê ela, porra?

— Em um hotel? Não sei, filho, eu só… Me desculpe. Eu…

Desligo na cara dele e ligo para minha mãe. Não me importo nem um pouco com o que ele tem a me dizer. Se estiver falando a verdade, então ele não é problema meu; não é problema nosso.

— Onde você tá? — pergunto assim que a ligação se completa.

— Dyl. — É minha irmã. — Que bom que você ligou.

— Ada, por que você atendeu o telefone da mamãe? Cadê ela?

— Tá comigo. Estamos em um hotel em West Hartford. Eu ia te ligar, mas ela não quis. Disse que você finalmente tinha se afastado da bagunça e que não queria te arrastar de volta.

Foi por isso que ela não ligou. Achou que eu tinha chegado no meu limite.

— Vou buscar vocês — digo quando Sierra volta na ponta dos pés com um olhar curioso. Ela deve ter me ouvido gritando no telefone.

Ouço um barulho, e depois Ada falando em turco antes de minha mãe pegar o telefone:

— Dylan, estou bem. Não estrague seu Dia de Ação de Graças por minha causa.

— Não vai estragar nada, mãe. Quero te ver. Vou te buscar.

Sierra me cutuca.

— Elas podem vir pra cá. Meus pais não vão se incomodar — sussurra ela. Antes que eu sequer pense em recusar, Sierra me lança seu olhar mais sério. Aquele que me diz para não desafiá-la.

— Sierra disse que vocês são bem-vindas aqui na casa dos pais dela.

Minha mãe fala em turco, recusando novamente, dizendo algo sobre não querer estragar meu dia com minha namorada. Ada pega o celular da

mão dela.

— A gente vai, mas não precisa nos buscar. Vamos pegar um Uber.

— Mando pra vocês — digo, e desligo antes que elas possam dizer não.

Ada me manda o endereço por mensagem, e em minutos peço um carro para elas.

— Ela foi embora — digo a Sierra. — Ela realmente largou meu pai, e não me contou.

— Acho que ela sabia o quanto a coisa toda te machucou — responde Sierra. — Ela te ama, Dylan, mas lembre-se também que ela fez isso por si mesma, no próprio tempo. Às vezes, demora um pouco pra pessoa finalmente se amar o suficiente. Vai ver era isso que ela estava tentando fazer esse tempo todo.

Fico parado, absorvendo suas palavras. Quando meu telefone vibra com uma notificação, descemos para contar aos pais de Sierra. Eles ficam mais do que felizes em conhecer minha mãe e provocam Sierra, dizendo que é sua futura *svekrov*.

Quando elas chegam, a visão da minha mãe me dá um nó na garganta. Abraço as duas, e minha mãe tenta não chorar. Ela acabou de deixar para trás sua vida inteira, a que tentou consertar por tanto tempo. Sierra e seus pais levam Ada para conhecer a casa, deixando-me a sós com minha mãe.

— Por que agora? — pergunto.

Ela olha para mim e, pela primeira vez em anos, não vejo a exaustão pesando sobre ela. Apesar das lágrimas em seus olhos, há algo mais, uma determinação.

— Eu estava com medo, *kuzum* — diz ela, a voz suave. — Sempre me ensinaram a manter a família unida, a enfrentar qualquer tempestade, e me esforcei muito na esperança de que um dia isso mudasse. Que ele se arrependesse e voltasse para mim, mas aí vi a expressão no seu rosto na renovação dos votos e fiquei com muita raiva quando você bateu nele.

— Me desc…

— Com raiva por ele ter te levado a isso. Por você se sentir tão impotente que teve que recorrer à violência física. Assisti seus jogos, Dylan. Sei que você brigava no gelo, mas sempre fiz vista grossa. Você nunca mereceu isso, *aşkim*. — Sua voz falha e ela desvia o olhar, tentando se recompor. — Você e sua irmã são minha força, mas eu precisava encontrar a minha própria. Sinto muito ter demorado tanto.

Expiro, e parece que estou prendendo a respiração desde que eu era criança.

— Mesmo assim, você não precisava passar por isso sozinha.

— Eu sei — sussurra ela. — Mas acho que você passou a vida inteira tentando consertar as coisas. Foi bom te ver deixando outra pessoa cuidar de você. — Por um momento, ficamos ali parados, os anos de tensão e silêncio entre nós se rompendo.

— Tô orgulhoso de você — digo por fim.

Seu lábio treme, e percebo do quanto ela realmente teve que abrir mão. Ela ainda o ama, dá para ver, mas só de olhar ela já parece mais forte. Minha mãe me puxa para um abraço, pressionando o rosto no meu ombro como em todas as vezes que me abraçou depois do meu estirão da adolescência.

— Eu também.

Quando ela me solta, olho para a cozinha, de onde as risadas de Sierra e Ada ecoam. Minha mãe segue meu olhar, sua expressão suavizando.

— Ela te faz bem — comenta, com a voz mais firme agora.

Sorrio.

— Faz sim.

Pela primeira vez em anos, sinto que as sombras não persistem. Talvez essa seja a sensação de recomeçar.

48

DYLAN

Perguntar à minha namorada se posso sair com meus amigos é algo que eu jamais imaginei fazer. Nem tenho certeza se preciso, mas acho que é a coisa certa. O motivo de estar tão hesitante, porém, é que preferia mil vezes ficar em casa com ela.

Depois do Dia de Ação de Graças, minha mãe insistiu para que eu não perdesse nenhuma aula. Ela alugou o próprio canto em Hartford, no nosso antigo bairro, e Ada e eu a visitamos no início da semana. Ontem, Sierra já estava lá quando passei depois da aula, e vê-la ali fez meu coração dar aquele aperto quase fatal.

Agora, Sierra está de bruços, digitando no notebook enquanto me encosto na cabeceira da cama, massageando seus pés no meu colo, apreciando os pequenos suspiros de prazer que ela solta. A prova final da aula de perícia é amanhã de manhã, poucas horas antes da nossa apresentação. Ela está estressada, e percebo, porque não colocou a TV no Canal do Tempo hoje.

Depois de nosso ensaio da tarde, voltamos para casa e tiramos um cochilo. Agora, os caras estão mandando mensagem, dizendo que querem jogar hóquei no lago congelado nos arredores de Hartford.

Abro o grupo novamente.

PATRULHA COELHA

Dylan Donovan
E se eu furar?

Kian Ishida
Não falo mais com você.

Dylan Donovan
Voto de silêncio? Fechou. Vou ficar em casa então. Divirtam-se.

Aiden Crawford
Já saí do dormitório da Summer. Você vai sim, porra.

Sebastian Hayes
Cole e eu temos prova amanhã de manhã. Sinto que este é um daqueles momentos de repensar todas as escolhas.

Cole Carter
Somos ótimos nisso. Enfim, até daqui a pouco.

Com um aperto no pé de Sierra, eu o solto e fico pairando sobre ela. Ela fica desconfiada imediatamente, e quando beijo sua nuca, ela me vira tão rápido que mal tenho tempo de reagir. Ela monta em mim, segurando meus braços acima da cabeça com aquele olhar ardente em seus olhos verdes, o de quando está tentando ler minha mente.

Meu olhar cai sobre seu short de malha que sobe alto em suas coxas grossas. Fico sonhando com essa posição a qualquer hora do dia. Inclusive agora, quando deveria estar me arrumando para sair.

Levanto meus quadris por instinto, e ela revira os olhos.

— O que você quer? — pergunta. Sua voz suave não ajuda a dissipar a névoa na minha mente. Só há uma coisa que quero agora, e não é sair com meus amigos.

— Esqueci, mas fique à vontade para refrescar minha memória do jeito que quiser.

— Do jeito que eu quiser?

Desta vez, quando encontro seus olhos, não há como confundir o que vejo. Um desejo ardente, transbordando, como orvalho da manhã. Ela se aproxima até seu hálito cair nos meus lábios, suas mãos nos meus punhos. Estou prestes a beijá-la quando ela me dá um peteleco na testa.

Tomo um susto. Ela faz de novo. Ela real me deu um maldito peteleco.

Sierra pisca inocentemente.

— Ajudou?

— Sierra — aviso, com a voz baixa, fazendo-a me apertar entre as pernas com mais força.

— Que foi? Você disse pra eu tentar do jeito que quisesse.

— É, pra me beijar, não dar um peteleco na minha cabeça.

— Você é lindo, mas não é a Bela Adormecida. — Ela dá um tapinha no meu peito e se afasta, voltando ao notebook.

Deslizo as mãos pelo seu corpo, por baixo do suéter largo. Ela finge não notar, mas consigo sentir a barriga dela se contrair e arrepios irromperem pela pele dela conforme eu subo. Dou um beijo no meio das suas costas.

— Lembra que você queria ficar em casa e assistir a um filme hoje?

— Na verdade, *você* queria ficar em casa e assistir a um filme — brinca ela.

Ah, é, fui eu quem sugeri. A garota me colocou para assistir até comédia romântica. Eu me aproximo e enterro meu rosto em seu pescoço.

— Bom, os caras mandaram mensagem — digo, arrastando meus lábios em sua orelha. — Eles querem jogar um pouco.

Seus olhos continuam fixos na tela.

— Tá bom?

— E querem que eu vá — esclareço.

Ela finalmente olha para mim, com a sobrancelha arqueada.

— Que legal, amor. Estou feliz que te convidaram?

Franzo as sobrancelhas.

— Por que você disse isso como uma pergunta?

— Porque não sei o que você quer que eu diga.

— Sierra, os caras querem jogar hóquei agora, então não posso ficar para assistir a um filme.

— Ah — ela solta, subindo para se recostar na cabeceira. — Você tá me pedindo pra ir brincar lá fora com seus amigos? — Ela tenta conter um sorriso, mas depois cai na gargalhada. Sierra aperta a barriga e enxuga lágrimas inexistentes dos olhos.

— Para jogar *hóquei* com os *caras* — corrijo.

— Sim, mesma coisa. — Ela morde o lábio para conter um sorriso. — Volte antes do jantar. E leva um casaco pra não se resfriar, meu bem. — Aperto a lateral de seu corpo, e ela grita de tanto rir. — Tá, tá bom — diz ela, ainda gargalhando. — Desculpa. É que é fofo, mas vou parar.

Paro de fazer cócegas, e ela finalmente se acalma. Então, antes de rir novamente, ela me puxa pela blusa e me beija. Seu sorriso é largo contra meus lábios, e sei que ela só está me beijando para escondê-lo.

— Tô sentindo você rindo — digo entre beijos.

— Não tô… — Beijo. Risada. — … rindo.

É quando deslizo minha língua entre seus lábios e deixo minhas mãos explorarem por baixo de sua camiseta. A respiração de Sierra falha, e ela relaxa sob meu toque.

— Assim vai se atrasar.

— Não ligo — murmuro.

— Dylan.

— Você quer que eu vá? — pergunto de novo, só para ter certeza. Odiaria deixá-la sozinha, caso me quisesse aqui. Ficaria em casa com ela para sempre, se ela quisesse.

Ela passa a ponta dos polegares sob meus olhos.

— Não sabia que sua rédea estava tão curta.

— Assim que eu gosto. — Eu a beijo novamente, puxando seu lábio entre meus dentes até ela me empurrar.

— Vai logo! Tenho que estudar. E, sério, usa aquele suéter que eu tricotei pra você.

Quando chego, estaciono e abro meu porta-malas para calçar os patins. Os caras entram no estacionamento logo depois. As luzes dos postes são quase ofuscantes, refletindo no gelo imaculado. É quando eu vejo Kian, já todo paramentado e armando as redes, cada uma adornada com luzinhas pisca-pisca. Aiden vem para perto do meu porta-malas aberto assim que Sebastian e Cole chegam.

— O que é isso que você tá vestindo? — Sebastian me pergunta.

O suéter que Sierra tricotou para mim tem várias estampas aleatórias de Natal e nossos nomes bordados na manga. Amei demais.

— Um suéter — respondo.

— Foi sua vó que fez? — Sebastian ri sozinho, mas Cole dá um tapa na cabeça dele.

Aiden está olhando para mim, e já sabe na mesma hora que foi Sierra que fez, e que eu provavelmente gostaria de ser enterrado com ele.

— A namorada dele tricotou — revela.

Sebastian murcha.

— Sortudo.

Estamos todos observando Kian montar a pista improvisada. Ele testa a firmeza ao patinar, então joga um disco no meio do lago congelado e olha para cima, levantando os dois braços.

— Bem-vindos ao rinque das maravilhas do Kian!

Todos pegamos nossos tacos e o encontramos no meio.

— Qual é a das decorações? — pergunto.

Ele sorri e dá de ombros.

— Esta pode ser nossa última vez jogando hóquei todos juntos. Queria que fosse especial.

Seb e Cole patinam até Kian e compartilham um abraço constrangedor. Lentamente, eles vêm cambaleando para perto, e Aiden e eu somos puxados para um estranho abraço a cinco.

Finalmente, quando Kian bate no gelo com seu taco, a partida começa. A gente joga de um jeito violento. Roubo o disco do Cole e corto o gelo mais rápido do que nunca, provavelmente graças à resistência adquirida na patinação artística.

É quando preparo o arremesso e lanço o disco bem na rede, onde Sebastian faz as vezes de goleiro, que a merda acontece. Não percebo Kian na minha visão periférica, e ele não consegue frear antes de trombar em mim. A pancada é forte, nada que eu não tenha sentido antes, mas a lâmina dos patins prende em uma borda áspera e viro o tornozelo. Me espatifo no chão totalmente sem jeito. Uma onda de calor irrompe no meu tornozelo na mesma hora, subindo pela perna. Cerro os dentes, contendo um palavrão.

— Que foi? — Aiden pergunta, se aproximando.

Estou rangendo com tanta força que minha resposta sai fraca:

— Nada.

— Não aguenta o rojão? — provoca Kian, me circulando. — Tá ficando frouxo, Dydy. — Ele ainda está rindo quando me oferece a mão.

A dor é tão intensa que não consigo pensar. Não consigo rebater com uma resposta, não consigo levantar a mão para pegar a dele, não consigo me mexer. Olho para os caras de novo, mas minha expressão faz a deles desabar de preocupação.

— Você tá pálido — eles dizem.

Puta merda.

O cheiro de antisséptico paira no ar, e as fortes lâmpadas fluorescentes iluminam o piso xadrez, azul-claro e branco. Só ouço um *nhec-nhec-nhec* das solas de borracha contra o piso de vinil.

— Dá pra parar? — pergunto entredentes.

Kian para abruptamente, com as mãos enfiadas fundo nos bolsos do casaco, antes de soltar o ar e continuar a andar de um lado para o outro no pronto-socorro apertado. Como se *eu* fosse o chato.

Os caras estão na sala de espera, mas Kian insistiu que precisava vir comigo. Foi ele quem me levou para a triagem, na cadeira de rodas. Depois de me examinarem e levarem para tirar um raio-X, estamos em uma salinha pequena, cercada de cortinas azuis desbotadas que pendem frouxamente de trilhos de metal acima.

Estou empoleirado na beirada da maca, o papel embaixo de mim enrugando a cada movimento, meu tornozelo latejando.

Os passos de Kian continuam em um ritmo nervoso, o som amplificado no espaço silencioso demais. Ele olha rapidamente na minha direção e depois desvia.

— Não é culpa sua — lembro a ele. Eu disse a mesma coisa no carro a caminho do pronto-socorro do Hospital Universitário. Ele não respondeu antes e não responde agora.

Kian olha para o relógio.

— Qual foi dessa demora toda?

É quando a médica entra.

— Sabe, pra um jogador de hóquei, até que o raio-X podia ter saído bem pior — diz ela. — Fiquei até com medo quando disseram que era um dos rapazes de Dalton.

— Sério? — pergunta Kian.

Ela assente.

— Você teve uma torção de tornozelo grau dois, não é caso de cirurgia. Mas tem um rompimento parcial no ligamento aqui, que complica as coisas. Não foi total, mas é o suficiente pra você precisar de repouso. Bastante. Dessa forma, evitamos qualquer dano a longo prazo.

— Por quanto tempo? — interrompe Kian.

— Hóquei tá proibido — esclarece ela. — Aliás, qualquer tipo de atividade física. Por pelo menos seis semanas.

Mal ouço suas palavras, abafadas por um zumbido agudo nos meus ouvidos. A final do Grand Prix é amanhã e, se não nos apresentarmos, não teremos chance de nos classificar para o Mundial em março. Tudo estará acabado. E vai ser tudo culpa minha. Sierra pode perder a última chance de retornar para o esporte. Ela quer muito isso, e prometi que a ajudaria a conseguir.

— Posso tomar alguma coisa pra dor? — pergunto à médica.

— Vou te passar analgésicos, um paracetamol já dá conta do recado, mas se estiver muito forte, podemos entrar com tramal.

— Tá bem forte agora — respondo. — Vou precisar desse aí.

Sinto o olhar questionador de Kian. Já tivemos lesões piores, e nenhum de nós jamais precisou de algo forte para a dor, mas agora não é por mim.

Ela hesita, olhando para a tala no meu tornozelo.

— Não é necessário, se ficar de repouso. É só seguir aquele protocolo básico: repouso, gelo, compressão e elevação.

Balanço a cabeça, resoluto.

— Tá muito pior do que qualquer outra lesão. Não queria sentir dor bem na semana de provas.

— Você tá proibido de patinar. — A médica se vira para Kian. — Ele tá *proibido* de patinar.

— Não vou — digo.

— É, não vai — interrompe Kian, hesitante. — Nosso treinador não vai deixar.

Seu olhar pousa no meu tornozelo inchado e depois se volta para mim. Eu lhe lanço meu olhar mais inocente, e ela suspira antes de dizer que volta logo.

— O que foi isso? — pergunta Kian no momento em que ela se afasta o bastante para não ouvir. — Conheço sua tolerância à dor, você seria a última pessoa a tomar um remédio forte pra uma torção.

Dou de ombros.

— Preciso.

Kian começa a andar de um lado para o outro novamente.

— Sierra vai me matar — resmunga, e então se joga em uma cadeira.

— Sierra não vai descobrir.

Ele vira a cabeça bruscamente para mim.

— Como assim? Ela vai saber no segundo que te vir. — Ele aponta para a tala no meu pé.

— Não vai, não — respondo, sério. — Vou competir amanhã mesmo assim. Com ou sem os remédios.

— Você pirou? Não pode patinar com uma torção de grau dois.

— Vou ficar bem com o analgésico. Agora, você vai me ajudar a enfaixar meu tornozelo o mais apertado possível e depois vai ficar de boca fechada.

— Mas…

— Prometa.

— Dylan…

— Prometa que não vai contar a ninguém, Kian. Nem mesmo à Summer.

Ele abre e fecha a boca, até enfim se resignar.

— Eu prometo.

Relaxo um pouco. As coisas que eu faria só para ver o sorriso de Sierra… Chega a ser patético. Não esperava ser o tipo de cara que pularia cegamente de um penhasco atrás da namorada, mas credo, que delícia. Não há nada que eu não faria para garantir sua vitória, comigo do lado, sempre.

49

SIERRA

Quando acordei com uma mensagem de bom dia do meu namorado, fiquei preocupada. Dylan geralmente manda uma *selfie* — ele na cama, no chuveiro ou abraçando o gatinho de Kian. Mas hoje foi uma mensagem de texto, desejando boa sorte na prova, e mandou entregar um buquê de lírios amarelos no meu dormitório. O bilhete dizia simplesmente: Eu te amo. O que me surpreendeu foi que ele *encomendou*. As flores foram entregues por um calouro que parecia ter sido forçado a isso. Conheço Dylan, e ele nunca deixaria passar a chance de colher imediatamente os benefícios do seu gesto romântico.

Então, depois da prova de Ciência Forense, subo a escada da frente da casa deles, com duas porções das minhas refeições pré-apresentação favoritas, ricas em carboidratos. Mas, ao sacar minha chave para entrar na casa, a porta se abre com tudo, levando minha chave junto. É quando vejo Summer. Ela sorri, me dá um abraço rápido e murmura um:

— Tão orgulhosa de você! — Depois, desce os degraus e corre até a caminhonete.

Aiden irrompe pela porta da frente segundos depois.

— Summer! — grita ele. Ainda está de cueca boxer e descalço, e não parece se importar com o frio intenso ou com a geada. O motor da caminhonete ronca, e meu olhar oscila entre o olhar penetrante de Summer e o sorriso de Aiden.

— Ela acabou de roubar seu carro? — pergunto, observando-a sair da garagem.

— É praticamente dela agora. — Essa parece ser a única reação dele. — Veio ver o Dylan?

— Sim. Hoje é o grande dia.

— Parabéns por tudo. E boa sorte hoje à noite, vamos torcer por vocês dois na arquibancada — diz Aiden com um sorriso estranhamente tenso.

Entro no quarto do Dylan e acabo pisando em um homem estatelado no chão.

— Ai! Você tá de chuteiras, por acaso? — reclama Kian, então se levanta com Sr. Bigodes nos braços, se espreguiçando com um bocejo alto.

— Estou de meias. — Coloco a comida na mesa de Dylan. — Por que você tá dormindo aqui?

— Só tô preocupado com o Dy… — Kian para abruptamente. Ele olha para a cama vazia de Dylan, depois ao redor do quarto, até ouvir o chuveiro. Então suspira. — P-preocupado com… pesadelos — ele corrige.

— Você tem pesadelos?

Ele faz que sim.

— Assistimos *O Chamado* ontem à noite. É pesadelo garantido.

Quando noto um par de muletas encostadas na parede ao lado do banheiro, meu coração dispara. Só de vê-las me remete ao meu período pós-cirúrgico, quando usei por uma semana. Vê-las de novo me faz lembrar do ar frio na minha pele em carne viva, a camisola do hospital voando ao meu redor.

— De quem são essas muletas? — pergunto, com a voz trêmula.

O colchão range quando Kian se joga nele.

— Minhas!

— Suas?

— Sim, pode me passar? Meu tornozelo tá doendo de tanto ficar em pé.

Entrego as muletas a ele, o metal frio como uma lembrança distante sob meus dedos.

— Machuquei o pé no jogo de ontem à noite, mas não foi nada grave. — Kian pisca tão rápido que me assusta um pouco. — É só uma torção. A médica disse que ele… *eu*… vou melhorar depois de um tempo de repouso. Mas ele… hã, eu… tô proibido de jogar — gagueja Kian, tropeçando nas palavras.

A porta do banheiro se abre e ele solta um suspiro audível. Dylan já está pronto, com uma camisa de manga comprida e moletom, meias e tudo. É a primeira vez que o vejo completamente vestido antes de sair do

banheiro; ele geralmente vasculha o armário de toalha ou completamente nu.

— Oi, amor. — Dylan se aproxima e me dá um beijinho na testa.

— Você não me disse que Kian tinha se machucado ontem — constato.

Dylan lança um olhar sério para o melhor amigo.

— É, desculpa, a gente voltou tarde do pronto-socorro. Não queria te preocupar.

Olho para Kian.

— Você acha que vai dar pra ver nossa apresentação hoje à noite?

— Não perderia. — Ele sorri. — Por nada nesse mundo, aparentemente.

Ele lança um olhar furioso para Dylan. Os dois parecem conversar telepaticamente, mas não tento decifrar. Às vezes, é melhor só sorrir e acenar com esses dois. Então, enquanto Sr. Bigodes tenta fugir dos braços de Kian para ir até Dylan, me lembro do pacotinho que enfiei na bolsa. Pego o presente lá dentro e entrego a Kian.

— Fiz toucas combinando pra você e Sr. Bigodes. Achei que ia gostar.

Kian pisca e pega o tricô menor primeiro.

— Você fez orelhinhas de Shrek pra gente? — Há um tremor em sua voz. Ele olha para Dylan como se estivesse suplicando, mas Dylan o encara sem expressão. Kian engole em seco. — Obrigado, Sierra. Me desculpa.

Franzo a testa.

— Desculpa pelo quê?

— Vamos lá comer — interrompe Dylan. — Lidia mandou mensagem pra gente se encontrar bem cedo.

Olho para eles por mais um segundo, mas me afasto para pegar nossa comida.

— Comprei bastante. Vou pegar uns pratos pra gente.

E quando estou saindo pela porta, ouço o estalo de um tapa, e um resmungo de Kian.

Dirigimos duas horas até o local. Meus pais já estavam na plateia, e a irmã e a mãe de Dylan também vieram, porque as convidei. Não pude deixar de notar que Dylan não estava agindo como sempre. Parecia distraído.

— Não importa o que aconteça lá no gelo, sei que é aqui que devo estar, e com quem eu devo estar — digo, mais como um lembrete. Não sei bem por que ele está tão incomodado, mas quero que saiba o que está passando pela minha cabeça.

Dylan ergue as sobrancelhas.

— Isso é bem importante, vindo de você.

— Porque tô falando sério. Pro que der e vier.

— Na vitória ou na derrota, Romanova, tô do seu lado.

Estamos assistindo aos patinadores terminarem a coreografia ao som de uma música do Coldplay, quando noto um homem falando em frente à luz de uma câmera.

— Dylan — chamo. — Me diz que não é quem eu tô achando que é.

Ele segue meu olhar, enquanto eu encaro boquiaberta o homem de terno e gravata, arrumadíssimo. O cara que eu assisto na TV há meses. Dylan ri, um pouco rouco.

— Ah, é. Surpresa!

— Surpresa? — Dou um tapão no braço dele. — Você contratou o moço do tempo pra apresentar a competição?

Dale Thunderman fala ao microfone com uma equipe de filmagem à sua frente. Ele gesticula para um grupo de fãs e, em seguida, puxa uma criança da multidão para entrevistar. Algumas mulheres no canto começam a se abanar, como se não estivéssemos perto de uma enorme placa de gelo, mas eu entendo; no lugar delas, também daria ataque de fã.

— Honestamente, não foi tão difícil — diz Dylan. — Meteorologistas não são lá muito disputados, meu amor.

— Aff. Aposto que ele consegue pegar mais gente que você — provoco.

Dylan dá um meio sorrisinho.

— Ah, é? E essa gente toda inclui você?

— Depende. — Dou de ombros.

— Do quê? — Ele estreita os olhos.

— Se essa garota já for comprometida.

Agora ele sorri abertamente, e relaxo ao vê-lo de volta ao normal.

— Meu amor, só tem uma garota que quero conquistar, e depois que ela passar os próximos quatro minutos em todos os ângulos imagináveis, quero repetir tudo de novo no meu quarto.

A boca suja deste homem.

— Pelados?

— Peladíssimos.

Levanto uma sobrancelha.

— Você parece ter tanta certeza.

— Tenho mesmo. Você tá comigo e só comigo, Sierra. Não tem mais ninguém com quem quero estar, no gelo ou fora dele. Somos parceiros. Pra sempre.

— Parece assustador — brinco.

— Parece a gente. — Ele entrelaça nossos dedos. Eu sorrio.

— Lembra quando você perguntou o que me puxa pro presente?

— Lembro.

— É você.

Encosto meus lábios nos dele e seguro seu rosto, e é quando sinto — sua pele está fria e úmida, um suor nervoso. Ele está do jeito que eu ficava antes de uma apresentação, ansioso e inseguro. Mas desde a nossa última competição, meu nervosismo diminuiu bastante. Com ele, patinar virou mais um barato do que fonte de ansiedade.

— Tá tudo bem? — pergunto baixinho, me sentando ao lado dele no banco, esperando nossa vez. Ele levanta nossas mãos entrelaçadas e dá um beijo suave no dorso da minha.

— Tudo perfeito.

— Beleza — diz Lidia, agachando-se à nossa frente. — A gente treinou, a gente brigou, a gente me deu uma enxaqueca mais forte a cada dia, mas cá estamos. Vocês dois foram a dupla mais difícil que já treinei, mas por isso mesmo que valeu a pena. Aconteça o que acontecer, estou orgulhosa da equipe fenomenal que vocês se tornaram em tão pouco tempo. Agora, mostrem a eles o quanto se esforçaram.

Dylan e eu nos entreolhamos. Este pode ser o discurso mais fofo que ela já fez.

— Se a gente te abraçar, você vai nos matar? — pergunto.

— Claro que não, Sierra — responde Dylan. — Ela vai nos obrigar a repassar a coreografia dezenove vezes.

Lidia revira os olhos e nos puxa em um abraço apertado. Então, quando chamam nossos nomes, ela se afasta, e juro que a ouço fungar.

Deslizamos até o centro do gelo, eu como Rapunzel e Dylan como Flynn, nos mínimos detalhes: o cacho caindo sobre a testa dele e meu

cabelo curtinho. Ele pousa a mão sobre meu coração firme, e eu coloco a minha sobre o dele. Para minha surpresa, sinto seu ritmo acelerado. Antes de começarmos, ele sussurra:

— Eu te amo.

A música começa, e cada movimento é intenso, mas quando fazemos um giro sincronizado, meu sorriso vacila porque Dylan estremece. Tento descobrir se tem algo errado, mas ele esconde tudo sob seu sorriso perfeito. Nossa técnica é impecável por fora, mas noto o menor, o mais minúsculo tremor em sua mão. Pelos próximos três minutos, tento afastar os pensamentos intrusivos, mas uma parte de mim quer parar só para garantir que ele está bem. Sei que ele nem ia dar a mínima se a gente perdesse, mas me pergunto se ele sabe que eu faria o mesmo. Estou nessa 100% porque ele está comigo, mas a patinação nunca viria antes dele. Nunca.

Seu sorriso vacila quando ele encontra meus olhos, e meu coração afunda. Apesar disso, ele retoma o foco rapidamente e, quando me levanta na posição exata em que caí há tanto tempo, não sinto um pingo de medo. A multidão parece prender a respiração, e Dylan me levanta em um laço invertido com um braço executado com perfeição. De volta ao gelo, iniciamos nossa sequência de encerramento e, quando paramos de costas em nossa posição final, ambos respiramos com dificuldade.

Saímos da pista e, quando nos sentamos para esperar as notas, nem me dou ao trabalho de olhar. Mas ficamos em primeiro lugar, e uma onda de alívio me atinge, porque Dylan sorri. Ele me abraça forte e, por um momento, quero ficar assim para sempre. Então ele se afasta e me diz que já volta.

Fico lá sentada, inquieta. Então, desisto e simplesmente sigo Dylan pelas portas duplas. É quando vejo Kian correndo até ele, carregando as muletas na mão. *Mas que porra?*

— Você precisa disso? — pergunta ele, em pânico. — Porra, mano, você tá branco. Eu tremia toda vez que você pulava.

Dylan murmura algo baixinho, e ele assente com a cabeça. Mas então Kian me vê e, pela cara, parece prestes a sair correndo.

— Nem se atreva — aviso.

Os dois ficam completamente imóveis.

— Por que você não tá de muleta? Você disse que se machucou ontem à noite — pergunto.

Os olhos de Kian se arregalam, então ele ri sem jeito.

— É um milagre! O Senhor me abençoou…

— Parou — Dylan o interrompe e finalmente se vira para mim. Kian está certo. Dylan está pálido, um suor frio cobrindo sua testa. Ele nunca ficou assim depois de uma apresentação.

— O que tá acontecendo? — pergunto baixinho, pegando suas mãos. — Você tá me assustando.

— Eu me lesionei — confessa ele, enfim. — Ontem à noite, não foi Kian que torceu o pé. Fui eu.

Meu coração para.

Ele está machucado. Dylan está machucado e ainda assim fez uma coreografia inteira de patinação artística. *Por minha causa*. Um turbilhão de emoções me atinge, e meus olhos ardem tanto que tenho que piscar.

— Estou bem — ele se defende na mesma hora.

— Você tá bem? — Eu me afasto, puxando minhas mãos das dele. — Parece que vai se estatelar no chão!

Ele segura meu rosto.

— Sierra, escuta…

— Não — respondo. — Por que não me contou? Era pra você estar de repouso agora. — Então, me viro lentamente e estreito os olhos para Kian. — Você também não me contou. Que sacanagem, Kian!

— Desculpa! — exclama ele. — Eu queria! Pergunta a ele. Eu não queria mentir. Ele me fez prometer…

Dylan me vira para encará-lo.

— Sierra, eu poderia estar com uma maldita fratura exposta e ainda assim iria lá me apresentar com você. Você merece.

— Isso não é justo. Foda-se a apresentação! Você é mais importante. — Minha voz treme, à beira de um soluço.

— Essa parece uma conversa bem íntima — interrompe Kian. Nós dois o fuzilamos com o olhar. Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Tô indo! — E desaparece pelo corredor.

Dylan se vira para mim.

— Não ia deixar você perder essa chance depois do tanto que se esforçou.

— Você também! É a gente ou nada, lembra? Não deixei isso claro? — Nem percebo que estou chorando até que ele enxuga uma lágrima antes de escorrer pelo meu rosto.

— Isso é importante pra você, e você é importante pra mim — diz ele. — Sempre pensei que coisas boas nunca duram, mas não acredito mais nisso, Sierra. Você é essa coisa boa, e quero fazer tudo que puder pra todo mundo ver o quanto você é incrível.

Balanço a cabeça.

— Você não devia ter feito isso. Pode causar uma lesão mais séria.

— A sua carinha depois de saírem as notas… Faço qualquer coisa pra ver isso.

— O que vocês dois estão fazendo? — A voz de Lidia ecoa no corredor vazio. — Estão te chamando. Vocês venceram!

Fico em choque, e Dylan só sorri, como se já soubesse. É tão brilhante e genuíno que quase esqueço que ele está em cima do tornozelo torcido.

— A gente não vai — digo a ela.

— Como é?! — grita Lidia. Dylan balança a cabeça.

— A gente *já vai*.

Lidia ainda está perplexa, mas recua lentamente, incerta.

— Vamos embora. Pra casa — digo, tentando puxá-lo, mas ele nem se mexe.

— Eu te amo, Sierra, e você sabe que eu faria de bom grado qualquer coisa que você mandasse, mas essa não é uma delas. Você chegou até aqui pelo seu talento, e vou garantir que todos saibam disso quando te virem naquele pódio.

Meus olhos ficam turvos.

— Não preciso subir lá.

Ele sorri. O sorriso que ele reserva só para mim.

— Eu sei, mas quero que a gente vá. Pode brigar comigo à vontade depois.

Desisto só porque conheço Dylan. Se não for lá, toda a dor que ele passou terá sido em vão. Ele não vai embora até me ver com aquela medalha no pescoço.

Então vamos, e todos assistem quando ele me levanta no pódio do primeiro lugar. Meu delineador está borrado e ele está ficando mais pálido a cada segundo, mas no momento em que anunciam nossos nomes juntos,

Dylan se aproxima e me beija com tanta intensidade que quase entro em combustão espontânea.

— Tô muito puta com você, mas eu te amo — sussurro. — Acho que não te digo isso o suficiente.

— Quarenta e sete — sussurra ele de volta.

— O quê?

— Você já disse que me ama quarenta e sete vezes hoje.

Eu me viro para olhá-lo.

— Ah, foi?

— De várias maneiras diferentes. — Ele sorri, como se contar meus "eu te amo" fosse um segredo que ele guarda. — Tipo quando você me beija e se demora pra beijar a cicatriz perto do meu lábio. Ou quando você refaz a carinha feliz em nossas mãos. Ou quando você pega os dedos… — Ele pega minhas mãos e as coloca sob seus olhos; eu corro os polegares por instinto e ele suspira, feliz. — … e faz isso. Ou quando você diz que me ama, e depois me *mostra* exatamente o quanto.

Fico vermelha e olho para ele como se fosse explodir.

— E quando você me olha assim — acrescenta ele. — Eu também te amo, Sierra. E espero te dizer o suficiente.

Então ele dá um beijo suave no meu cabelo e, de repente, tudo parece certo no mundo. Sinto como se tivesse encontrado um lugar onde posso pousar em segurança. Para sempre.

50

DYLAN

Sierra não deixa eu me mexer há quatro dias. Hoje, chegou a me algemar à cama. Em qualquer outra situação, seria meu sonho, mas agora minha namorada está se trocando na minha frente, e estou preso aqui.

Puxo as algemas cor-de-rosa e felpudas novamente. Ela me pegou no flagra fazendo um queijo-quente (para ela!) depois de voltar de um mergulho na hidro com Summer e Scarlett — e Kian, porque ele não tem nada melhor para fazer do que jogar na minha cara que ele pode, e eu não. Sierra me arrastou de volta para a cama com falsas promessas que com certeza vou cobrar mais tarde.

— Não me olhe assim, são as consequências dos seus atos — diz Sierra, logo antes de desamarrar o biquíni. Não consigo não sentir orgulho de como ela está confiante com seu próprio corpo. Nem esconde mais as cicatrizes. Depois do Grand Prix, ela se sentou comigo com a perna para cima e fez compras online. De vez em quando, perguntava se eu gostava de um vestido ou saia, mas então ficava quieta, e eu percebia que ela estava de olho nos tops curtos. Comprei todos os que ela gostou.

— O que você disse? Não consigo ouvir daí de longe. Chega mais perto — arrisco.

Ela cruza os braços, e isso não ajuda em nada a situação difícil na minha calça.

— Você acha mesmo que vou cair nessa de novo?

— Sim. — Dou um sorriso descarado, e ela faz uma daquelas caras de ódio que amo beijar. — Desculpe — digo pela oitava vez hoje.

Me deram uma daquelas botas para imobilizar o tornozelo. Depois que patinei mesmo com a lesão, atrasei a recuperação em algumas semanas,

então não estou muito feliz. Sierra leva seu papel de enfermeira muito a sério. O que seria um tesão, se ela tivesse topado se fantasiar. Em vez disso, só levo bronca.

— Fico até de joelhos. Você gosta, que eu sei.

— Não no meio do consultório. Eles devem ter achado que eu te torturo.

Minha cabeça cai na cabeceira da cama.

— Isso que é tortura.

— Ótimo — diz ela. — Se esconder algo assim de mim de novo, eu te corto com meus patins. É uma promessa.

— É pra eu ficar com medo? Você pode até arrancar meu coração, e eu ia voltar rastejando. — Seus olhos se estreitam em fendas. — Prometo que nunca mais vou esconder nada. Você sabe disso.

Ela assente, depois se vira e veste o short mais minúsculo que eu já vi.

— Você vai mesmo me largar aqui trancado e ficar desfilando por aí nisso?

— Qual o problema da minha roupa? — Ela avalia o reflexo.

— Abre essas algemas e te mostro exatamente o problema.

— Ah, tá bom — ela diz. — Encare isso como seu castig…

Puxo a mão com tudo, e as algemas arranham a cabeceira até quebrar a corrente. O sorriso no meu rosto se torna malicioso, e Sierra fica boquiaberta. Pulo da cama, na direção dela, que ainda está embasbacada, encarando a algema quebrada pendurada no meu pulso.

— Que foi que você falou sobre castigo?

— Como você…? Summer vai me matar por quebrar o negócio dela.

Dou risada.

— Vamos jogar a culpa no Kian. — Beijo seu peito, do jeito que ela gosta. Quando a pego no colo, ela ofega.

— Seu pé! Me põe no chão agora mesmo, Dylan!

— Tá bom. — Eu a jogo na cama, e ela faz cara de ódio.

— Era pra você estar de repouso — reclama ela. — Lidia não vai gostar nada disso.

— Lidia não vai gostar de nada que a gente faça aqui no quarto.

Ela ri, e meu coração parece sair do peito e flutuar. Quando desço pelo seu torso e seguro o cós do seu short entre os dentes, alguém bate na porta.

Por que colegas de casa existem? Na mesma hora, pego um travesseiro e cubro Sierra, esperando que simplesmente entrem. Mas esperamos, e nada acontece.

— *Kuzum?* Você está aí?

Sierra toma um susto, me empurrando forte e vestindo um dos meus moletons. Ela ajeita o cabelo e vai abrir a porta.

— Leyla. Ada. Oi! — Minha mãe e minha irmã dão um abraço apertado em Sierra. — Que surpresa agradável.

— Viemos só dar um pulo. Fiz uma bandeja de *börek*, um pouco de *pide* com *sucuk* e *köfte*. Kian já está comendo, mas tem o suficiente para todo mundo.

Meus pratos favoritos.

— Mãe, não precisava.

— A gente viu sua geladeira. Tenho quase certeza de que aquele pão de forma desenvolveu seu próprio ecossistema a essa altura — acrescenta Ada. — Além disso, você inventou de torcer o tornozelo, e a mamãe só pensa nisso agora.

— Quanto tempo de repouso? Quero ir em todas as suas apresentações quando estiver melhor — pergunta minha mãe a Sierra. Em vez de me pedir atualizações, ela decidiu mandar mensagem para minha namorada, e, em troca, a mãe dela escreve para mim.

Mamãe e Ada não ficam muito tempo, porque estão esperando uma entrega de móveis novos. Me ofereci para ajudar, mas as três me rejeitaram com um olhar de ódio sincronizado.

— Vai pra cama — ordena Sierra, batendo as mãos duas vezes. Imediatamente, nós dois estremecemos com uma careta. As palmas de Lidia são gatilho a essa altura.

— Gente, a hidro tá pegando fogo! — Kian grita do quintal.

Reviro os olhos. O cara tinha *uma* função.

Sierra suspira e me conduz gentilmente até a varanda dos fundos. O ar está mais frio esta noite, mas o brilho do quintal faz com que pareça quente. Cobertores e travesseiros estão espalhados pelo deque em frente a um lençol branco, o projetor apontado para ele. Aiden está ao lado de Summer, Cole e Seb estão agarrando travesseiros, e Scarlett está com Sr. Bigodes no colo, jogando pipoca na boca de Kian.

O olhar de Sierra se fixa no meu.

— O que é isso?

— A gente acabou nunca vendo o filme. — Eu a guio em direção às muitas almofadas e me afundo nelas. Sem hesitar, Sierra pega um travesseiro para apoiar sob minha perna, mas não se senta. — Vem cá, Sierra — digo, puxando seu pulso.

— Mas seu pé…

— Tá de boa. Agora, senta. — Eu a puxo para baixo, e ela cai bem no meu colo.

Kian pede silêncio a todos e liga o projetor. A tela acende e exibe o título *Shrek: A Edição Definitiva*.

— Ah, qual é! — grita Sebastian.

— Quem deixou ele escolher? — reclama Cole. — Devia ser banido, a gente já viu umas doze vezes.

— Desculpe ser portador de más notícias, mas alguns de nós têm padrões elevados — diz Kian.

— Você acabou de comer pipoca do chão. Que padrões são esses? — interrompe Summer.

— Estava no chão? — Kian encara Scarlett, que dá um sorriso tímido.

— Foi mal, não queria desperdiçar comida.

Kian começa a cuspir. Aiden pega o controle remoto e dá play no filme. Ficamos vendo nossos amigos discutindo, e cada vez que Sierra ri, acalma meu coração. Ela se aconchega ainda mais em mim, puxando o ar profundamente antes de encontrar meu olhar.

— Ainda tô puta com você.

— Claro, amor. — Eu sorrio, deixando seu corpo encaixar no meu abraço.

— É sério. Mas obrigada — diz ela, franzindo o nariz.

— Qualquer coisa por você. — Coloco o cobertor sobre nós dois, envolvendo meus braços em volta dela. Quando enterro minha cabeça na curva do seu pescoço, me deixo respirar seu aroma de cereja.

E isso, bem aqui, é meu lar.

EPÍLOGO

SIERRA

Sete anos depois

— Fecha isso! — sibilo quando a luz do sol bate direto nos meus olhos cansados.

Dylan não obedece. Em vez disso, arranca o edredom que estou usando de casulo. O ar frio da manhã atinge minha pele, me fazendo ofegar, pouco antes de ele me cobrir com seus quase dois metros de altura.

— Bom dia, princesa — murmura ele no meu cabelo com aquela voz grave e rouca.

A única razão pela qual ele desenterrou esse apelido depois de anos é porque a enorme TV na parede do nosso quarto está pausada no meio do filme, presa naquela tela de "Você Ainda Está Assistindo?". Chegamos em casa de um longo voo ontem, e o plano genial de Dylan para combater o jet lag era ficar acordados até a hora de dormir habitual. Ou seja, assistir a quatro filmes seguidos — um deles sendo *Enrolados*.

Quando se afasta, não consigo deixar de notar que ele não mudou nada desde a faculdade. Ainda tem aquele cabelo ondulado de jogador de hóquei, aquele brilho juvenil nos olhos e o corpo enorme e musculoso que só vi crescer com o tempo. Às vezes, quando estamos na academia, fico só olhando ele se exercitar com aquele shortinho minúsculo e esqueço de fazer minhas séries — embora o monitor de frequência cardíaca do meu relógio pense o contrário.

Agora, com o cabelo amassado e os óculos, ele está sem camisa, só de cueca boxer e, claro, nossas duas medalhas de ouro penduradas no pescoço.

Eu achava que vencer o Grand Prix alguns meses atrás seria o auge, mas aí vieram as Olimpíadas, e levamos o ouro juntos. Quando subimos ao topo do pódio e recebemos nossas medalhas e flores, ele se virou para mim e deu um beijo carinhoso no meu cabelo. Então, tirou a medalha e a colocou em volta do meu pescoço.

— Ambas são suas — sussurrou.

As câmeras dispararam alucinadas, e aquela foto causou um frenesi.

Dylan já era queridinho dos fãs, especialmente depois que alguém postou um vídeo dele jogando hóquei em uma partida informal em Toronto, no fim de semana de Ação de Graças. Os fãs desenterraram os antigos vídeos da época de Dalton e juntaram com os nossos de patinação. De repente, ganhamos todo um novo público.

Eu estava pronta para cortar umas cabeças com uma lâmina de patins enferrujada se ficassem olhando muito para meu namorado. Ele era meu, eu sabia, mas precisava que todos soubessem também. O que realmente me deixou perplexa, no entanto, foi uma garota no torneio da Federação de Patinação Artística em Las Vegas, segurando uma placa que dizia "Casa comigo". Dylan se aproveitou da minha raiva — *ciúme*, segundo ele — porque, quando voltamos para o quarto de hotel, eu disse:

— Sabe, se você me amasse mesmo, já teria botado um anel no meu dedo.

Uma hora depois, um celebrante vestido de Elvis nos casou em uma capela no Boulevard, com tatuagens de rostinhos felizes combinando em nossos dedos anelares. Dylan também tatuou meu nome sobre o coração, no mesmo lugar onde coloco a palma da mão antes de cada apresentação. Nem pensou duas vezes. Era como se estivesse só me esperando pacientemente. Como sempre.

— Como está a cabeça? — pergunta ele, pressionando a mão na minha testa.

Por mais que seja uma merda ficar doente depois de uma competição, não me importo de deixar meu marido cuidar de mim até eu me recuperar. Ele não comenta, mas também adora. É a única vez que o deixo cuidar de tudo sem reclamar.

— Latejando.

— Vem cá, amor — sussurra ele, me puxando para seus braços grandes.

Ele deixa beijos leves no meu cabelo, sussurrando que já vai passar e que está aqui comigo. Sinto o leve roçar da lã na minha bochecha — seu anel improvisado. Ele comprou uma aliança de verdade para eu usar quando não estivesse no gelo, dourada e delicada, mas tricotei uma de brincadeira até poder comprar a dele. Só uma faixa de lã preta, com os pontos perfeitos e pequeninos. Ele olhou como se fosse feita de diamantes. Ainda olha.

Passo meus polegares abaixo dos seus olhos.

— Onde você estava mais cedo que não estava na cama?

— Fui resolver um negócio — diz ele, vagamente. Dylan está escondendo alguma coisa desde que chegamos em casa. Todo mundo vem hoje para ver como ficou a reforma, e já estou planejando encurralar Kian em um canto para extrair a informação.

Há três anos, passávamos tanto tempo viajando para competir que queríamos uma base. O apartamento pequeno que alugamos depois que me formei não estava dando conta, mas nós dois sabíamos que não queríamos sair de Connecticut. Nossas famílias estão aqui. Nossos amigos. Todas as lembranças.

Então, quando a mãe dele mencionou casualmente que viu uma placa de "Vende-se" na antiga casa deles, mandamos uma proposta no dia seguinte. A família que morou lá não tinha pintado nenhuma parede. As alturas de Dylan, Kian e Ada ainda estão marcadas no batente da porta do banheiro. Quando parei ali para admirar as doces memórias que um pequeno Dylan construiu naquele lugar, ele me jogou por cima do ombro e me carregou para o quarto de infância, para estrear. Tenho certeza de que estreamos todos os cômodos antes mesmo de termos mobília.

— Você tá todo cheio de segredinho. Juro, se tiver comprado aquele carro esporte pra combinar com Aiden e Kian…

— Não, mas podemos falar disso outro dia — diz ele, e estreito os olhos. — Quero te mostrar uma coisa, mas você vai ter que se vestir.

— Pra onde vamos?

— Deixa que eu me preocupo com isso.

Ele passa os próximos minutos me agasalhando — meias grossas, o gorro que tricotei, um casaco — antes de vestir o próprio. A animação de Dylan é o único motivo de eu subir em suas costas, minhas coxas doendo

ao enrolar minhas pernas em volta dele. Ele me joga para cima, e descemos as escadas.

Pego as medalhas de ouro penduradas em seu pescoço, passando os dedos pela fita que diz "Alpes Franceses 2030", com os cinco anéis das Olimpíadas. Levo uma até sua boca e ele morde. Sorrio.

Meu corpo reclama a cada passo que ele dá escada abaixo.

— Como você não está dolorido?

— Porque saí pra correr ontem à noite. Se você não tivesse pedido pra eu te carregar em cinco minutos, também estaria com menos dor.

— Você poderia ter dito não — murmuro. Ele me olha.

— Sou incapaz de te dizer não.

Passamos pela cozinha, os lírios amarelos que ele mandou entregar antes de chegarmos se espalhando pela ilha, e ele continua andando, passando pelas portas corrediças de vidro, onde a neve cobre nosso quintal de branco. Dylan calça minhas botas e me carrega de novo antes de sairmos para o frio. Minha boca se abre em um suspiro.

— Você sempre disse que sentia falta de alguma coisa — diz ele. — Acho que era isso.

É uma pista de gelo. Perfeita, com laterais brancas, linhas de hóquei e marcações. Nossas iniciais pintadas sob o centro do gelo. Meu coração dispara quando Dylan abre o portão e me coloca no chão. Minhas botas tocam o gelo fresco. Tinha dito a ele o quanto sentia falta do lago congelado que meus pais tinham no quintal. Faz anos desde aquela conversa.

Meus olhos começam a arder.

— Quando você aprontou isso?

— Mandei construir enquanto a gente estava na França. Queria fazer uma surpresa.

Pisco para meus olhos castanho-âmbar favoritos.

— É pra gente?

— É pra você. Sempre pra você — sussurra ele, pressionando os lábios nos meus. Digo que não estou mais doente e peço para ele me levar lá para cima. Ou podemos começar aqui mesmo no gelo. Não me importo nadinha.

Antes de ele responder o "sim, amor" que estou pescando, o sistema de alarme de segurança começa a tocar.

— O papai chegou! — uma voz alta ecoa pela casa.

Congelamos sob as luzes do rinque, nossas testas encostadas uma na outra.

— Vou matar esse arrombado — murmura Dylan. Contenho uma risada.

— Você que deu uma chave pra ele.

— *Perdi* a chave em uma aposta. Nunca mais.

Kian nos chama assim que nos vê pela porta de correr. O resto dos nossos amigos chega logo depois, com as crianças a reboque, correndo para a pista. Nossa pista.

Risadas ecoam, pequenos deitam no gelo, alguém tromba na lateral e uiva de alegria. A mão de Dylan encontra a minha. E é aí que me dou conta: o calor que estávamos sentindo falta nos recobre, como a luz do sol através de uma janela aberta. De repente, tudo parece completo. Como se não fosse só uma casa.

Finalmente, é um lar.

AGRADECIMENTOS

No episódio de hoje de vida de autora: a garota que não teria conseguido sem suas melhores amigas de apoio emocional. Dylan (e [censurado] — mas essa é uma história para outro dia) é o personagem sobre o qual mais me perguntam. Então, era ainda mais importante para mim escrever a história dele e de Sierra da melhor maneira possível. Há algo neles que tocou as partes mais profundas de quem eu sou, tornando esta experiência de escrita inesperadamente terapêutica. Nunca escrevi mais do que com esses dois — tenho quase certeza de que as cenas deletadas encheriam um segundo livro.

Aos meus leitores, pensar em vocês me enche com uma felicidade incrível. Acho que nunca vou conseguir agradecer o suficiente, mas "obrigada" é o que temos para hoje, até que eu encontre maneiras melhores de mostrar o quanto o apoio de vocês significa para mim.

Minha irmã, por compartilhar seu conhecimento inestimável sobre psicoterapia e farmacologia, e por tratar esses personagens como pacientes de verdade.

Nina, minha primeira leitora para sempre. Não sei quantas vezes direi isso, mas sei que não teria chegado ao final deste livro sem você. Às vezes, tudo o que preciso é de um simples "você consegue" seu. Obrigada por me salvar constantemente, sobretudo depois que meu MacBook pré-histórico apagou milhares de palavras. Ou quando derramei chá quente no teclado. Seu desejo foi atendido.

Peyton, minha especialista em angústia de plantão e fã número um de Dylan e Sierra (leia-se: Peyton). Obrigada por me motivar sempre que pedi e por me dar os melhores conselhos quando pensei que tinha me perdido na trama. Eu realmente não teria sobrevivido ao Grande Colapso da Mesa da Ikea sem você. Tenho muita sorte de poder te chamar de amiga.

Shayla, pelo apoio inabalável nos últimos quinze anos.

Carlyn, feliz? Já sei quais partes você vai reler e me enviar suas reações. Divirta-se! É isso que Dylan quer.

Leigh, Erica e meus leitores beta, obrigada pela leitura rápida quando o prazo chegou no meu pescoço. Joelle, por ser literalmente uma dádiva divina e ajudar a refinar esta história. Aos adoráveis patinadores artísticos que conduziram este livro exatamente para onde eu precisava. Leni, pela capa deslumbrante! Agradeço a todos vocês infinitamente.

Kristine, Mary e toda a equipe da Berkley, por me deixarem mudar um milhão de coisas e ainda assim terminar tudo no prazo. Darcy e a equipe da Bloomsbury, que sempre me lembram de como ficam animadas com estes livros. E a todos que trabalham duro nos bastidores para levar esses personagens a tantos leitores. Obrigada.

Por fim, para a versão de mim que lerá isto algum dia: estou orgulhosa de você.

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

editoraAlt

editoraalt

editoraalt

editoraalt

Editora Alt

Copyright 2025 by Bal Khabra
Copyright da tradução © 2026 by Editora Globo S.A.

Publicado originalmente por Bloomsbury Publishing.

Direitos de tradução arranjados por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Revolve*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora de produção **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação de texto **Manoela Alves**
Revisão **Ana Sara Holandino**
Diagramação **Guilherme Peres**
Adaptação de capa **Carolinne de Oliveira**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Ilustração de capa original **Leni Kauffman**
Design de capa original **Lila Selle**
Editora de livros digitais **Anastacia Cabo**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K56c

Khabra, Bal
No compasso do coração / Bal Khabra ; tradução Letícia Zumaeta. - 1. ed. - Rio de Janeiro [RJ] : Globo Alt, 2026.
440 p.

Tradução de: Revolve
ISBN impresso: 978-65-5226-133-5
ISBN digital: 978-65-5226-145-8

1. Ficção canadense. I. Zumaeta, Letícia. II. Título.

25-102554.0

CDD: 819.13
CDU: 82-3(71)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 2026

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br